

# GÁVEA-BROWN

volume XLII, 2020

REVISTA BILINGUE  
A BILINGUAL JOURNAL  
DE LETRAS E ESTUDOS  
OF PORTUGUESE-AMERICAN  
LUSO-AMERICANOS  
LETTERS AND STUDIES



**BROWN**  
Department of Portuguese  
and Brazilian Studies



A Bilingual Journal of  
Portuguese-American  
Letters and Studies

*Revista Bilingue  
de Letras e Estudos  
Luso-Americanos*

CONSELHO CONSULTIVO/ADVISORY BOARD

Teresa Alves  
*University of Lisbon*

Irene Blayer  
*Brock University*

Diniz Borges  
*California State University, Fresno*

Teresa Cid  
*University of Lisbon*

Ana Paula Coutinho  
*University of Porto*

Manuel da Costa Fontes  
*Kent State University*

Maria João Dodman  
*York University, Toronto*

Vamberto Freitas  
*University of the Azores*

Frank Gaspar  
*Long Beach City College*

Manuela Marujo  
*University of Toronto*

Leonor Simas-Almeida  
*Brown University*

Carlos Teixeira  
*University of British Columbia Okanagan*

DIRECTORES/EDITORS

Onésimo Teotónio Almeida  
*Brown University*

Francisco Cota Fagundes  
*University of Massachusetts, Amherst*

COORDENADOR DE RECENSÕES/  
BOOK REVIEW EDITOR

Luís Gonçalves  
*Princeton University*

EDITOR ADJUNTO/MANAGING EDITOR

Jenny Currier  
*Brown University*

ASSISTENTE DOS DIRECTORES/  
ASSISTANT TO THE EDITORS

Jordan B. Jones  
*Brown University*

EDITORES EMERITI/EDITORS EMERITI

George Monteiro †  
Alice R. Clemente

*Gávea-Brown* is published annually by Gávea-Brown Publications, sponsored by the Department of Portuguese and Brazilian Studies, Brown University, and made possible with support from FLAD (*Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento*).

Manuscripts on Portuguese-American letters and/or studies are welcome, as well as original creative writing. All work submitted for publication should adhere APA guidelines and the style guide found on our website. Please send submissions as a Microsoft Word document to [Jennifer\\_Currier\\_1@brown.edu](mailto:Jennifer_Currier_1@brown.edu).

Cover by Jesse Kercheval/Design by Jenny Currier

VOL. XLII, 2020  
ISSN 02767910

## SUMÁRIO / CONTENTS

### ARTIGOS / ARTICLES

- 1 *Vozes da décima ilba: Notas para a história da rádio em língua portuguesa na Califórnia*  
DINIZ BORGES

- 8 *Visions of Festivities Thinking*  
PAUL J. MEDEIROS

### DOCUMENTO / DOCUMENT

- 31 *Registo de luso-americanismos na escrita açoriana do século XIX*  
URBANO BETTENCOURT

### DIÁRIO / DIARY

- 33 *“Jornal de viagem,” de Dutra Faria: Um olhar sobre o Brasil e os Estados Unidos em 1958*  
DUARTE M. B. MENDONÇA
- 139 *Diário da epidemia, Parte I*  
JOÃO BENDITO

### NONFICTION / NÃO-FICÇÃO

- 158 *Los Angeles – Um monólogo*  
HELDER ARAUJO
- 162 *The Stones of Yesterday*  
PAULO DA COSTA
- 167 *Alberto de Lacerda em Longes Terras*  
LUÍS AMORIM DE SOUSA
- 173 *Remembrances of My American Experience*  
FERNANDO AIDOS
- 188 *From Soup to Nuts: How a Family Recipe Drove Me Crazy Searching for My Azorean Roots*  
KATHARINE F. BAKER

### POESIA / POETRY

- 197 *4 Poems*  
IRENE MARQUES

### TRADUÇÕES / TRANSLATIONS

- 201 *A Poetry Collection*  
MICHAEL GARCIA SPRING  
TRANSLATED BY MARIA JOÃO MARQUES

### ENTREVISTAS / INTERVIEWS

- 206 *Uma entrevista com Manuel Calado*  
MANUEL ADELINO FERREIRA

*Vozes da décima ilha:*

*Notas para a história da rádio em língua portuguesa na Califórnia*

Diniz Borges\*

*Quando o coração dita...*

*Quadras ao microfone.*

Arthur V. Ávila

*Rimas de Imigrante* (versos para a rádio)

**T**inha eu 10 anos de idade, estávamos no último domingo do mês de outubro de 1968, havia chegado à Califórnia, com os meus pais e irmão, há 2 dias. Eram seis horas da tarde. Meus tios ligaram a rádio e tínhamos de nos sentar na sala, porque iria para o ar o programa do Senhor Joaquim e da Dona Amélia: “Ecos do vale”. Tinha sido este casal, segundo nos informara meu tio, que nos tinha ajudado com a documentação para chegarmos à Terra Prometida. Meu pai tinha-lhes trazido uma oferta dos Açores. E iam falar de nós. Recordo-me, vivamente, de ficar encantado com o programa de rádio do casal Morrison. Num português puro, com uma dicção perfeita, falavam de negócios que serviam a comunidade, de festas que iam acontecer, de “leitarias” que precisavam de ordenhadores de vacas, de portugueses que festejavam os seus aniversários, e a meio do programa, fizeram uma saudação (com direito a música exclusiva) à família Borges que tinha acabado de chegar da Praia da Vitória, ilha Terceira, para tentar a sua sorte na grande América. Éramos nós. Dois dias depois de chegar aos Estados Unidos, na inocência dos meus 10 anos, apaixonei-me pela rádio em língua portuguesa na Califórnia. Nem tão pouco sabia que em 1968, a rádio em língua portuguesa já tinha 48 anos de existência. Uma história que acompanha a vida da própria comunidade ao longo do século XX e XXI. Um trajeto que envolve dezenas de homens e mulheres, figuras iconográficas das vivências portuguesas e luso-americanas em terras do Eldorado.

A história da presença portuguesa na rádio da Califórnia não pode ser contada num mero texto. Merece um livro, ou dois. Porém, é injusto que se passe esta data histórica sem nos debruçarmos sobre um dos mais importantes elos que a comunidade da Califórnia teve durante os últimos 100 anos. A pesquisa de Eduardo Mayone Dias, a quem devemos a história da comunidade portuguesa na Califórnia e no Havaí, publicada em livros e ensaios, certifica-nos que o primeiro programa de rádio em língua portuguesa na Califórnia aconteceu a 10 de junho de 1920.<sup>1</sup> Estamos a comemorar o centenário do órgão da comunicação social mais popular na nossa comunidade, o qual tem uma riquíssima história e é responsável, em grande parte, pela comunidade que somos hoje. Há 100 anos, na segunda quinta-feira do mês de junho, na estação de rádio KGBM, de Modesto/Stockton, no Vale de São Joaquim, nascia pela mão de José Vitorino, emigrante da ilha Terceira, o programa semanal “Vasco da Gama”. Esta estação, documentada em vários livros de Mayone Dias, não estaria oficializada e seria o que hoje referimos como rádios piratas. Em 1909, Charles Herrold começou a transmitir informação e entretenimento em São José, Califórnia. Entre 1912 e 1917, Herrold e os seus

---

\* Portuguese Beyond Borders Institute, California State University, Fresno

<sup>1</sup> P. 99 do livro *Miscelânea LUS.Alandesa*, Eduardo Mayone Dias.

alunos transmitiam diariamente informação e música, no que seria uma das primeiras experiências na rica tradição americana das estações universitárias.<sup>2</sup> Existiam várias experiências semelhantes em outras partes da Califórnia e daí a entrada num desses projetos de José Vitorino na zona de Stockton.

A rádio em língua portuguesa na Califórnia dava os seus primeiros passos nos Estados Unidos antes de se começar os passos significativos da rádio em Portugal, ou seja três anos antes de 1923, quando foi criada em Lisboa a Sociedade Portuguesa de Amadores de Telefonia Sem Fios, e cinco anos antes de a 25 de outubro de 1925 começar pelas mãos de Nunes dos Santos a CTI-AA, dada como a primeira estação de rádio em Portugal. José Vitorino, que não sabia ler ou escrever, segundo uma entrevista de Frank Mendonça (um radialista muito popular durante várias décadas, também no Vale de São Joaquim) a Euclides Álvares, programa “Voz dos Açores”, dada há 42 anos, começou o primeiro programa de rádio em língua portuguesa na Califórnia, e que se saiba, nos Estados Unidos. É praticamente uma década antes das primeiras experiências com a rádio nos Açores, que ocorrem em 1928–29, em Ponta Delgada, e em 1933, na Terceira, segundo as informações dadas num excelente artigo escrito por José Andrade, há uns anos, sobre os 75 anos da rádio no arquipélago.<sup>3</sup>

Em 1930, mais concretamente a 17 de julho, tal como nos relata o professor Emérito da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), aparece outro pioneiro, Arthur Vieira Ávila, natural das Lajes do Pico. Havia emigrado em 1909 e já tinha fundado o primeiro jornal português no Vale de São Joaquim, que chegou a ser sediado na cidade irmã de Angra do Heroísmo, Tulare (a mais velha geminação portuguesa com uma cidade americana), o *Lavrador português*. Nesse ano, cinco anos antes do estabelecimento da atual RDP (antiga Emissora Nacional) e uma década depois do começo do programa de José Vitorino, coadjuvado pela sua esposa, Celeste (Rosinha) Ávila, Arthur Ávila começou o primeiro programa de rádio diário (de segunda a sexta-feira) na Califórnia, “Castelos Românticos”, emitido a partir da cidade de Oakland.<sup>4</sup> Para além de radialista, com imensa popularidade na comunidade da Califórnia, Arthur Ávila publicou, em 1961, um ano antes da sua morte, dois livros: *Desafio radiofónico* e *Rimas de um imigrante (Versos para a rádio)*. Estes dois livros ilustram-nos alguns dos temas que o casal Ávila abordava no seu programa. Há, nesses livros, uma poesia íntima, um olhar sobre a comunidade, o saudosismo da terra natal, uma reflexão sobre religião e sobre o mundo. Os versos reunidos nestes dois livros foram o culminar de três décadas de rádio, em que Arthur Ávila semanalmente mantinha espaços de poesia, sua ou de outros. Na nota explicativa do livro *Rimas de um imigrante*, o autor conta-nos: “os serviços que este programa da rádio tem prestado a Portugal, à língua portuguesa, às nossas tradições e religião, durante estas três décadas, são sobejamente conhecidos pelos portugueses da Califórnia e pelas entidades do Governo Português que nos têm visitado.”<sup>5</sup>

A influência e a popularidade de Arthur e Celeste (Rosinha) Ávila na comunidade portuguesa na Califórnia fez com que outros desejassem seguir o mesmo caminho. Indicativo da origem geográfica da comunidade da Califórnia, maioritariamente açoriana, mais de 95% dos locutores dos 150 programas de rádio em língua portuguesa na Califórnia têm sido de iniciativa de açorianos, como nos narram Fernando M. Soares da Silva e José do Couto Rodrigues num excelente texto publicado no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies*, coordenado por Tony Goulart:

Contagiados pelo entusiasmo gerado por este novo e muito desejado meio de comunicação social, quase imediatamente outros imigrantes, quase todos açorianos, decidiram enveredar pelo mesmo caminho, e assim outros programas similares começaram a surgir por todas as regiões do vasto Estado da Califórnia. Paralelamente à contínua expansão numérica e

<sup>2</sup> <https://californiahistoricalradio.com/radio-history/100years/>

<sup>3</sup> [http://diariodosacores.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6777](http://diariodosacores.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=6777)

<sup>4</sup> P. 99, *Miscelânea LUSAlandesa*, Eduardo Mayone Dias.

<sup>5</sup> P. 13.

económica das comunidades de língua portuguesa em toda a Califórnia, e à sua sempre crescente importância social e política, o advento da radiodifusão portuguesa no Eldorado norte-americano abriu novos horizontes aos respetivos agregados lusíadas. Perante a verificada utilidade dos variados programas radiofónicos, a radiodifusão portuguesa tornou-se sumamente popular devido aos seus noticiários que incluíam não só as novidades das comunidades californianas e americanas, como também de diversos territórios portugueses.<sup>6</sup>

A década de 1930 foi fértil para a rádio portuguesa na Califórnia com o aparecimento de outros programas, alguns com vida efémera, como o programa “Voz dos Açores”, também diário, começado em Tulare por Gus (Gustavo) Simas, luso-americano com raízes na ilha do Pico. Segundo depoimento de George Lemon, açor-descendente com 94 anos de idade, registado pelo recém-criado projeto de história oral no Portuguese Beyond Borders Institute da Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, com o apoio da FLAD (Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento), o programa de Gus Simas era transmitido diariamente durante meia-hora, pelas 7 da manhã. Ainda no começo da década de 1930, Leonel Soares de Azevedo começou em Oakland o programa “Ecos de Portugal”. Mais tarde, em 1937, Inácio e Margarida dos Santos (ele, de Portugal continental, e ela, de São Miguel) lançaram o programa “Portugal”, o qual continuou com transmissão ininterrupta (em 1975 transferido para Joe Silva) durante 60 anos. Miguel Canto e Castro, a 2 de julho de 1961, começou o programa “Saudades da nossa terra”, que ainda hoje é transmitido semanalmente (aos sábados das 10h00 às 12h00, na [www.radioportugalusa.com](http://www.radioportugalusa.com)). É neste momento o mais antigo programa de rádio em língua portuguesa existente na América do Norte, com transmissão regular há 59 anos. Tal como nos recorda Fernando Silva: “nenhum dos primeiros diretores ou locutores da radiodifusão em língua portuguesa na Califórnia era experiente em matéria de radiodifusão, mas todos eles haviam reconhecido a necessidade imperiosa de oferecer às suas comunidades esse indispensável serviço, e não hesitaram em o implementar.”<sup>7</sup> A audácia, a coragem e a tenacidade dos pioneiros da rádio em língua portuguesa na Califórnia foi de extrema importância para o desenvolvimento comunitário. José Rodrigues, coautor do texto já referido, salienta essa importância para a vida comunitária:

O advento destes programas da Rádio deu a muitos indivíduos da nova diáspora oportunidade de se servirem dos seus serviços para mais projetarem os seus negócios, tais como mercados e lojas, agências de viagens e turismo, oficinas de fotografia profissional, companhias de pinturas residenciais e industriais, padarias, vendas e compras de imobiliários, etc. A nova radiodifusão luso-californiana incrementou o crescimento e a expansão de muitas pequenas empresas dispersas pelas diversas comunidades de língua portuguesa.... Esses programas emitiam anúncios de empregos todos os dias.... [S]olicitavam dos seus ouvintes mobiliário usado, mas em boas condições, para famílias imigrantes que, carentes, continuavam a chegar à Califórnia; em uníssono com os programas “veteranos”, eles associavam-se aos peditórios e às campanhas de angariação de fundos para muitas causas caritativas em várias partes do mundo, e sobretudo em Portugal.<sup>8</sup>

Durante as décadas de 1960 e 1970 (particularmente com a emigração pós-Capelinhos) foram inúmeros os programas de rádio em língua portuguesa que viram a luz do dia na Califórnia. Há nomes que, apesar da distância no tempo, ainda são sonantes na comunidade, particularmente na faixa etária com mais de 50 anos de idade, porque, ou foram criados com alguns destes nomes, ou os pais falaram-

---

<sup>6</sup> Pp. 173–74.

<sup>7</sup> P.174, *Capelinhos: A Volcano of Synergies*, (org. Tony Goulart).

<sup>8</sup> P. 175, *idem*.

lhês deles: Agnelo Clementino, Frank Mendonça, Arnaldo Gonçalves, Higino Costa, Camilo Melo, Inácio dos Santos, Francisco e Josefina Canto e Castro, Joaquim e Amélia Morrison, Mimi Dias, Ana Calado, António Carvalho, George Ázera, Maria Cabral, Frank Dias, Idalina Mello, Joaquim Correia Sr., Aires Medeiros, Paulo Goulart, Tony Freitas, Casey Santos, e o célebre Joaquim Esteves, entre vários outros. Há outros nomes que ainda continuam a fazer rádio, ou que há anos a deixaram, mas são iconográficos na nossa comunidade: Lúcia Noia, Joe Silva, Euclides Álvares, Osvaldo Palhinha, João Manuel Dias, Eduardo Paim, Vital Marcelino, João Cardadeiro, João e Ana Maria Morrison, Maria Fernanda Simões, Paulo Silva, José Dias, Vital Marcelino, Frank Serpa, Manuel Pires, entre muitos outros (ver lista em anexo). A rádio ligava os locutores à comunidade, era o contacto privilegiado para aqueles que tinham negócios e os queriam promover, porta de entrada para muitos talentos comunitários e realização de sonhos para alguns utópicos. Em 1977, ainda com 18 anos, e depois de substituir um amigo meu numas emissões (quando este foi a Portugal) também me aventurei. Com toda a ingenuidade dos 18 anos, comecei um programa de rádio em língua portuguesa, que se chamava “A voz do emigrante português”. Confesso publicamente que, quando terminei a primeira emissão, que teve direito à bênção de um padre, fiquei com a sensação de que talvez tivesse cometido o pior pecado da minha, até então, curta vida. Daí ter sido muito bom receber um telefonema do veterano Joaquim Morrison a fazer-me um elogio imerecido e a encorajar-me a continuar.

Aliás, os nomes dos programas de rádio, hoje quase todos inexistentes, continham uma grande dose de romantismo. Vejamos: “Aurora de Portugal”, “Portugal de hoje”, “Sonhos de Portugal”, “Saudade de Portugal”, “Memórias de Portugal e Açores”, “Portugal terra de fé”, “Amor da pátria”, “Lembrando Portugal”, “Jardim dos Açores”, “Pérolas do Atlântico”, “Sonhos de Portugal”, “Ecos açorianos”, “Ecos portugueses”, “Ecos dos Açores”, “Ecos do vale”, “Programa Portugal”, “Melodias de Portugal”, “Portugal na Califórnia”, “Recordações de Portugal”, “Recordar é viver”, “Saudades dos Açores”, “Voz da saudade”, “Voz da Lusitânia”, “Sol de Portugal”, “Portugal novo”, “Saudades na minha terra” e “Hora portuguesa”. Estes e outros são alguns exemplos das centenas de programas de rádio (alguns com nomes repetidos) que fizeram parte desta história. Em 1979, há 42 anos, existiam 29 programas de rádio no Vale de San Joaquim, mais de uma dúzia na zona da baía de São Francisco/São José e cerca de meia-dúzia no sul da Califórnia e na zona a norte de São Francisco. Ao todo, perto de meia-centena de programas de rádio em todo o estado que nos davam uma multiplicidade de vozes e que foram, em grande parte, os grandes responsáveis pela comunidade que se construiu. O testemunho de José Rodrigues, certifica-nos a importância destes locutores na vida comunitária:

Esses programas radiofónicos promoveram a organização de várias equipas de futebol e de diversos clubes sociais e folclóricos, etc., que surgiram em muitas áreas juntamente com variados eventos e festividades sócio-religiosas, tais como as celebradas Festas ao Divino Espírito Santo, e outras, programadas anualmente em todos os pontos da Califórnia.... Seguindo as tradições de antigos programas, vários dos novos programas radiofónicos tornaram-se tão populares que atraíram a organização e o apoio de largos e numerosos clubes de simpatizantes espalhados pelas muitas cidades e regiões onde os programas eram ouvidos com grande interesse.<sup>9</sup>

Em 1974 foi inaugurada a KRVE, projeto de três emigrantes: José Rosa, do Faial; Batista Vieira, de São Jorge; e o lendário Joaquim Esteves, da Terceira. Tínhamos pela primeira vez uma estação de rádio propriedade de emigrantes e dedicada primordialmente à programação em língua portuguesa. Na década de 1980, quando Joaquim Esteves abandonou a empresa, Batista Vieira, empresário de

<sup>9</sup> P. 176, *Capelinhos: A Volcano of Synergies*, Tony Goulart (org.)

sucesso, dono de várias estações (duas das quais ainda hoje transmitem em português) contratou dois locutores profissionais, José João Encarnação e Mário Vargas e, mais tarde, Tito Rebelo, seguindo-se vários outros profissionais tais como Alfredo Cunha, Maria de Lourdes das Vacas e Filomena Rocha, entre outros. Ainda hoje, a KSQQ em São José (zona da baía de São Francisco) transmite algumas horas por dia em português (com uma onda fechada a transmitir português 24 horas por dia) e a KLBS, em Los Banos (Vale de São Joaquim), transmite em português 24 horas por dia. O empenho e a dedicação do empresário Batista Vieira na radiodifusão portuguesa, ao longo dos últimos 45 anos, tem tido um grande impacto na comunidade. Numa recente entrevista para o *Portuguese Oral History Project* do Portuguese Beyond Borders Institute da Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, Davide Vieira, filho de Batista Vieira e membro ativo da comunidade portuguesa na zona de São José, indicou claramente que a rádio em língua portuguesa na Califórnia, com uma comunidade envelhecida (no que concerne à comunidade que ainda fala português), terá mudanças significativas nos próximos anos.<sup>10</sup> Outro empresário açoriano e membro da tripla que comprou a KRVE, Joe Rosa, natural da ilha do Faial, também continuou com os seus investimentos na rádio portuguesa, nomeadamente na área da baía de São Francisco, onde até há pouco tempo residia a maior comunidade de origem portuguesa na Califórnia. A KATD – Rádio Clube do Ouvinte e Rádio Clube Português também foram projetos inovadores numa época em que a comunidade estava em efervescência com a emigração pós-Capelinhos a posicionar-se no mundo americano, particularmente no mundo empresarial. Já em 2008, Fernando Silva falava da evolução da rádio e da inevitável mudança que Davide Vieira traçou na citada entrevista.

Subordinadas aos princípios e às normas de mais pragmático e rendoso “marketing”, todas estas estações assumiram moldes de programação internacional, em vários idiomas estrangeiros. Assim, o formato e a programação em português têm sido reduzidos gradualmente.<sup>11</sup>

Em 1982, tive oportunidade de formar na cidade de Visalia (perto de Tulare, no sul do Vale de São Joaquim), com Joaquim Correia Jr. e a presença do locutor recentemente emigrado dos Açores, Henrique Dédalo, a primeira estação de rádio em língua portuguesa a transmitir 24 horas por dia no estado da Califórnia, que Eduardo Mayone Dias, generosamente, descreveu nos seguintes termos: “a novidade do seu caráter técnico – o circuito fechado – a amplitude e variedade da sua programação, o dinamismo dos seus locutores e o seu alto nível linguístico que passou a oferecer fazem verdadeiramente honra a uma rádio moderna e às capacidades criativas dos três homens que a lançaram.”<sup>12</sup> Foi um projeto inovador, o de utilizar uma frequência adjunta da frequência modulada, apenas escutada através de um recetor especial. O Rádio Clube Comunidade existiu durante meia-dúzia de anos (estive com o projeto um ano) e deu lugar a outro semelhante, a Kings-Tulare Portuguese Broadcasting (KTPB) que em novembro de 1988 uniu os 15 programas de rádio que havia nesta zona da Califórnia. Um ano e meio mais tarde (1990) a estação de rádio KNGS, na cidade de Hanford (cidade do sul do Vale de São Joaquim), foi comprada por um casal emigrante de São Jorge, João e Idelta Pereira, que pouco a pouco transformaram a estação numa rádio também totalmente em português, existindo nesse formato até 2014. Todos estes projetos contribuíram para a continuidade da língua portuguesa na Califórnia e para um maior envolvimento comunitário. O sul da Califórnia foi marcado, poucos anos depois do 25 de abril de 1974, por uma rádio pioneira que utilizou uma estação de serviço público e introduziu uma nova frontalidade. Começava assim a rádio de ativismo político

<sup>10</sup> Entrevista arquivada na YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=SH5bCXg-rU4&t=4s>

<sup>11</sup> P. 176, *Capelinhos: A Volcano of Synergies*, Tony Goulart (org.)

<sup>12</sup> P. 101, *Miscelânea LUS Alandesa*, Eduardo Mayone Dias.

e com um novo dinamismo cultural, inspirada na recente revolução portuguesa dos cravos. A Rádio L(USA)lândia, da responsabilidade de Osvaldo Palhinha, Pedro Valadão Costa, Vamberto Freitas e Alfredo Silveira, entre outros, revolucionou o pensamento comunitário: “éramos jovens e com ideias diferentes sobre a comunidade e o mundo”, afirmou Osvaldo Palhinha numa entrevista para o arquivo do projeto de história oral em Fresno.<sup>13</sup>

Hoje a rádio em língua portuguesa é muito diferente. Com as rádios *online* e os *podcasts*, assim como uma comunidade que fala português bastante envelhecida, como se disse, a rádio já não é a mesma, o que se entende, perfeitamente. Há uma reflexão a fazer-se sobre o futuro da rádio ao serviço da comunidade da Califórnia. Será em inglês? Terá outra dinâmica? Estará somente nas novas tecnologias? Debater estas e outras questões, enquanto se regista a história deste centenário, é um dos objetivos do Portuguese Beyond Borders Institute (PBBI) da Universidade Estadual da Califórnia em Fresno. É que este centenário precisa, com urgência, de ser comemorado como forma de se registar o passado, de se celebrar no presente os feitos destes pioneiros e os seus persecutórios e de se projetar o futuro.

Num momento em que as novas gerações começam – e ainda bem – a gerir a nossa vida comunitária na Califórnia, é imperativo que conheçam o seu passado em que a rádio teve um papel predominante na sua construção. Parafraseando um antigo autor, estamos aqui sobre os ombros de alguém. Na realidade, a comunidade portuguesa na Califórnia, quase toda de origem açoriana, só é a mesma comunidade graças ao pioneirismo da rádio em língua portuguesa. No livro *Miscelânea LUSAlandesa*, Mayone Dias, ao dissertar sobre a rádio portuguesa da Califórnia, escreve: “são eles dignos da nossa admiração pelo muito que têm oferecido e pelo seu gigantesco esforço no sentido de fazer reencontrar o emigrante com as suas raízes e de o auxiliar a articular a sua vida longe da sua terra natal.”<sup>14</sup>

Conscientes que a comunidade descrita por Mayone Dias em 1997 não é a comunidade de hoje, há, entretanto, que registar esse passado. Essa comunidade de ontem tem de ser reconhecida, comemorada e compreendida. Só assim se construirá a comunidade de amanhã. Com outras tecnologias e formatos, o que não mudou ao longo destes 100 anos foi o facto de a comunidade de origem portuguesa na Califórnia, apesar de estar mais americana e menos portuguesa, como seria de esperar, continuar a necessitar da sua própria voz – a voz que a rádio vem dando à comunidade ao longo de um século.

---

<sup>13</sup> Entrevista arquivada na YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aQOUQkOdRgg&t=2s>

<sup>14</sup> P. 101.

**Bibliografia**

- Ávila, Arthur V. *Rimas de um imigrante*. Oakland: Edição de Autor, 1961.
- Ávila, Arthur V. *Desafio radiofónico*. Oakland: Edição de Autor, 1961.
- Almeida, Onésimo Teotónio. *L(USA)lândia: A décima ilha*. Angra do Heroísmo: Direção dos Serviços de Emigração, 1987.
- Borges, Diniz. *O outro lado da saudade*. Tulare: Institute for Azorean-American Studies, 2009.
- Borges, Diniz. *À sombra da saudade: Vivências portuguesas na Califórnia*. Ponta Delgada, 2019.
- Dias, Eduardo Mayone. *Miscelânea LUSAlandesa*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.
- Dias, Eduardo Mayone. *A presença portuguesa na Califórnia*. Rumford: Peregrinação Publications, 2002.
- Goulart, Tony (coordinator). *Capelinhos: A Volcano of Synergies*. Portuguese Heritage Publications of California, 2008.

## *Visions of Festivities Thinking*

Paul J. Medeiros

### **Abstract:**

For social sciences, festivities of Portuguese-American communities in New England work to solve questions of identity and community. But observable discordances arise between tradition and innovation. As it happens, appraising the *arraial* suits Madeiran feast traditions. Provided are three creative appraisals, which are informed by authorities and arguments in the history of philosophy. This article demonstrates remarkable interchanges between philosophy and world feast traditions. For philosophy, *arraiais* exhibit human flourishing with commitments to wise and knowledgeable expertise, observant thinking, and intellectual exchange.

### **Keywords:**

Intellect, Feasts, *Arraial*, Observance, Disputation

### **Resumo:**

Para ciências sociais, festividades de comunidades luso-americanas na Nova Inglaterra servem para resolver questões de identidade e comunidade. Mas discordâncias observáveis formam entre a tradição e a inovação. Acontece que avaliar o arraial convém tradições de festas Madeirenses. Aqui se propõe três avaliações criativas, informadas por autoridades e argumentos na história de filosofia. Intercâmbios notáveis entre a filosofia e tradições de festas mundiais se formam. Para a filosofia, arraiais florescem com compromissos à perícia sábia e versada, ao pensamento observador, e à troca intelectual.<sup>1</sup>

### **Palavras-chave:**

Intelecto, Festas, Arraial, Observância, Disputação

---

<sup>1</sup> Abstract translated by Pedro Lopes de Almeida

## Opening

One Portuguese-American celebration in New England has attained centennial honors: the Feast of the Blessed Sacrament in New Bedford, Massachusetts. A long, unbroken record of annual feasts imparts to anyone who hears the report the sense that this tradition is flourishing. Similarly, newspaper reports of large crowds and rows of empty wine casks indicate unwavering approval (“Largest Crowd”). All this success is inspiring, given the modest setting: working-class neighborhoods in New Bedford’s North End. Even more inspiring, this beloved feast honors profound spiritual commitments brought by groups of immigrants from the Island of Madeira early in the twentieth century (Cabral 40–42). For this reason, the celebration is known to some as “the Madeira Feast.” In allusion to its large attendance, it is known as “the Big Feast.” Immaculate Conception Church, adjacent to Madeira Field, maintains the official title: “Annual Feast in Honor of the Blessed Sacrament” (Catholic Church, “Nineteenth”). Like ethnic celebrations everywhere, the Madeira Feast showcases traditional cuisine, cultural performances, popular music, and carnival. The Madeira Feast also accompanies aforementioned spiritual commitments: the outside of the church building is decorated, and the four-day gathering culminates with a Roman Catholic Mass and a Sunday parade. Diverse connotations and affiliations are also signs of human flourishing.

One insight distinguishing the history of philosophy in Europe is about human flourishing (*eudaimonia*). Ancient and medieval intellectuals saw flourishing as an attainment beyond fame and worldly success: flourishing belongs to higher activities and aims (Aristotle 1095b–1096a, 1097b; Aquinas, *Summa* I–II, Q. 2–3). The insight from philosophy may be brought to the appraisal of Portuguese-American celebrations. What I explore are missions of festivities like the Madeira Feast and fresh, philosophical insights about good conduct of the *arraial* for future generations. Among compositions and authors called to service are *Politeia* by the philosopher Plato, two 20th-century discourses from Martin Heidegger, St. Thomas Aquinas’s *Summa Theologiae*, and Professor S. Cabral’s *Tradition and Transformation*, published in 1989. Also included are compositions of importance to the Roman Catholic sponsor and to all citizens who cherish the Madeira Feast: Pope Francis’s *Laudato Si’*, Pope St. John’s *Pacem in Terris*, and Pope Urban IV’s 1264 *Transiturus* document. What missions to commemorate and host outside visitors envision are commitments to intellectual activity, without which feast traditions may not flourish.

## Conducted Festivities

Questions of festivals and feasts emerge in Sacred and classical texts. In the Book of Job, a family committed to an elaborate feast tradition suffer catastrophe (*CEV*, 1:13–19). In Luke, Jesus is separated from Joseph and Mary on the occasion of the Feast of the Passover (2:41–52). The Last Supper, also during Passover, completes the gathering of the Apostles and harbors betrayal (22:1–13). Festivities then and now distribute benefits to adults, children, and guests alike. But the reader discerns in tradition’s powerful narratives a moral aside: festivities gather but also disperse us. In short, festivities invite danger.

In classical philosophy, the intellectual exploits of Plato’s Socrates entwine with local festivities.<sup>2</sup> The book-length dialogue *Politeia* offers arguments justifying the conclusion that festivities require guidance of persons committed to wisdom and justice. This conclusion may be brought to 21st-century feasts celebrating ethnicity and community. Remarkably, the festival with which *Politeia* opens has features in common with the Madeira Feast, which has been hosted and celebrated in the North

<sup>2</sup> Cf. *Symposium*, *Phaedo*, and *Politeia* (*Republic*)

End of the City of New Bedford for the past century (“About Us”). Let us observe the similarities and also discover what any contemporary Plato might say about feast philosophy for the 21st century.

*Politeia* opens with Socrates departing the port municipality adjacent to Athens known as Piraeus, where we find maritime and public works, and on this occasion a new festival. Plato informs us about the nature of the festival: neighboring city-states have sent troops of emissaries to showcase talents and dress. It is therefore a regional festival celebrating ethnicity. Furthermore, it must be a festival that is conducted and hosted. Otherwise, distinct municipalities could not be gathered in this way. Plato informs us that *conduct* is one of two reasons for the philosopher’s visit:

I went down to the Piraeus yesterday ... to offer a prayer to the goddess. Also, I wanted to watch the festival, to see how they would conduct it, since this was the first time it was being celebrated. The parade of Athenians struck me as excellent, and the show put on by the Thracians was every bit as impressive.... (327a)

All features noted are components of the Madeira Feast, populated with ethnic communities who parade in costumes and situated in New Bedford, with its maritime port and hurricane barrier. Moreover, the Madeira Feast carries an essential affiliation to the Roman Catholic Church, in this case the Immaculate Conception Church (Catholic Church, “Nineteenth”). Like Plato’s Socrates, some persons who attend the Feast also participate in Sunday Mass.

There are further similarities: Plato lets us know through banter that, after dark, the festival in Piraeus will be filled with many young persons and an all-night ceremony is to take place (328b). Again, the Madeira Feast is just the same. After dark, the area known as Madeira Field teems with humanity, shoulder to shoulder, conversing above the din and holding plastic cups of Madeira wine; on the grand stage are flashing, colorful spotlights and super-amplified music performances. For celebrants, the night feast is the showcase event, possibly the essence of the festivities. For others, the night feast is a surprising, alarming contrast to daylight commitments. This is similar to Socrates’s response in *Politeia*.

“Haven’t you heard about the torch race?” Adeimantus added. “This evening, on horseback, in honour of the goddess?”

“On horseback?” I said. “That’s something new. Do you mean a relay race on horseback, passing torches from one to another?” (328a)

Socrates then agrees to stay. For the reader the point of departure—a new festival honoring the goddess—is irrelevant to all that follows: intellectual conversation on questions of true justice (367e). But one purpose of Socrates (i.e., to observe the conduct of diverse people) is at the heart of the whole inquiry (369, 373b). Moreover, Plato’s conversation at points refers to festivals and feast items.<sup>3</sup> First, there is the argument that luxuries, exoticism, outdoing others, and pulsing crowds function contrary to justice and human flourishing (373, 434b, 492b); second, there is the redeeming argument that all these things may populate human life so long as human life is conducted by wise guides (428d, 473d). The basic philosophy of *Politeia* provides the intellectual nuts and bolts. Consider first the reasoning that resembles disquiet about festivities like the Madeira Feast.

For anyone thinking like Plato, all beings are themselves natures disposed and called to specific or elaborate tasks, the fulfillment of which is in theory happiness (370b-d, 421c). Given that none are wholly self-sufficient, Plato concludes that happiness must be shared, and shared happiness requires

---

<sup>3</sup> Cf. 329a; 364c; 421b; 459e.

community conduct; persons may pursue given tasks in concert and in exchange with others pursuing their given tasks (369c; 421a). Objections form about Plato's vision, though some may be answered. What is important in *Politeia* is the claim that products, activities, and services that confound or multiply tasks constitute habitual injustice (374a-e, 434a-c). The discussion identifies as troublesome luxuries and spectacles, such as pastries, animal meats, wild performers, money-makers presiding as authorities, unruly music, decorations, and provocative books (372d–399e). For Plato, these are all items that escalate life. To this list we may add intoxicants; in short, products, acts, and personalities of festivities.

Consider the redeeming argument. The newcomer to Plato concludes that the stuff of festivities is contrary to goodness and happiness. Yes, Socrates and friends deliberate to ban from the ideal community items deemed inherently disorderly—e.g., unruly music (377b, 398a). But most may be allowed. For Plato, this is possible only by prior commitment to the intellects of persons who by nature are qualified to be experts and officials (428d). It is Plato's contribution that the persons most expert are either men or women empowered to discern hidden natures (i.e., persons empowered to examine complex luxuries and spectacles). Thus, we are brought to Plato's remarkable statement, "Only when kings are philosophers, philosophers kings" may communities flourish and luxuriate (473d). Again, only with wise leadership may people keep the delights allied to ethnicity and festivity. In *Politeia* Book V, Socrates and his friends are depicted envisioning a city festival conducted by expert guides who, knowing each citizen, form lasting marriages and offspring (459e).

There is substantial humor in *Politeia* about measures hypothesized (cf., 372, 432, 460). Moreover, Plato's idealism is often doubted (Aristotle 1096a–b). Nonetheless, the claim about the conduct of festivities is, for Plato and for us, reasonable and suited for contemporary translation. Consider a sample of platonic reasoning about what may belong to community gatherings and what may not. Start with Plato's example: performers riding on horseback and carrying blazing torches at dusk (328a). Now, this feat may in fact recreate public utilities in the ancient world: distributing light among country estates. So far it is defined and valuable. But added to one set of skills (i.e., managing one's horse and negotiating horses in competition) is a second skill set (i.e., holding aloft and maintaining a fiery object alight). According to Plato's interlocutors, "no individual is capable of practicing several arts or skills properly" (374a). Moreover for Plato, in order for jockeys to be true jockeys, they must pursue "what is good for horses" (342c). So, for anyone thinking like Plato, fulfilling the horseracing task is not at all identical with fulfilling the torch-bearing task. In the first instance, the torch may be a useful item to ward off competitors. In the second, the torch of light is a precious item more important than horses who, accordingly, are put at risk. In sum, the portrait given to Socrates at the start of *Politeia* envisions multiple crises. It is plausible that the most brazen, reckless performer may do all tasks at once. For anyone thinking like Plato, though, this is not virtue but injustice; injustice is not something to showcase as representative of culture. Nor does injustice honor Bendis, to whom the festival is dedicated.

For the modern Plato, community leadership of festivities must be skilled to think as proposed: leaders must be able to discern crises for whichever servers and visitors are unprepared and ignorant (520c). Leaders like physicians and mechanics should be qualified to direct repairs. As today's Portuguese-American celebrations mature and technological innovation enhances activity, the need for expert guidance flies fast ahead of ordinary reasoning. It may be that items and personalities that were formerly integral are now in conflict with new, promising commitments. It may be that some areas of custom, taken for granted by generations, need refreshing and revising. Let us consider Plato's philosophy in light of some particulars about the Madeira Feast in the 20th century.

## Minding the *Arraial*

Suppose persons who are experts discover benefits from privileges accompanying expertise. Deliberate pursuit of benefits in time competes with commitments to discovery and truth; consequently, expertise retreats. That is how Plato sees things—that is how people today see things. Moreover, Plato's Socrates argues that for an expert to be truly expert he or she must pursue the good of what and who are dependent (342–346). For example, a hostess, to truly be a hostess, must pursue the happiness of servers and guests, otherwise (for anyone thinking like Plato) she is not a hostess. Again, Plato and Socrates are unique in insisting that expertise is intellectual: persons must have what in *Politeia* he calls wisdom (376c, 428d). Plato's *wisdom* includes several areas of intellectual activity, i.e., identifying, knowing, judging, and deciding (376b, 428b–e). Moreover, Plato's usual examples are in areas of perceptive knowing (*episteme*) like medicine, navigation, and culinary arts (342). In sum, expertise (i.e., perceptive knowing) is, for Plato, concerned with discovering and pursuing the good, or happiness, of whatever and whoever is under study. Let us inventory traditional experts and expertise in 20th-century Madeira Feasts and justify the discord anthropologist S. Cabral documents in the 1970s in light of Plato's concept. Let us also hear cogent argument for one unopened area of expertise for the 21st-century, i.e., environmental expertise.

With the Madeira Feast, it is the outdoor *arraial* calling for expertise. In Portuguese, *arraial* names the location of festivities devoted to cuisine, socializing, and spectacles, apart from the church (Cabral 30). According to Cabral's *Tradition and Transformation*, on the Island of Madeira *arraiais* are traditionally conducted by four males (*festeiros*) who form spiritual promises called *promessas* and who each win permission from the local parish to conduct a given feast (27, 30). Together, these four are responsible for collecting donations, erecting poles and arches for the street procession, and decorating the front of the church building (28–30). For the Sunday evening feast, *festeiros* host the conduct of food, beverages, music, and auctions for the congregation and out-of-town visitors (30). In short, *festeiros* become expert hosts who manage myriad concerns, some of which are decided by custom and some of which require specific expertise, such as electrical wiring. Musicians bring their own expertise, but *festeiros* must choose and hire the musicians. Individual cooks and domestic artisans also bring what is expertise. According to Cabral's field work, above all hosts and experts is the supernatural host, i.e., the patron saint embodying Divine commitments and virtues, to whom any feast is dedicated (39). Also, Cabral claims that guests bring expertise insofar as they participate in assessing *arraial* success (30).

Cabral explores island feast traditions, early New Bedford feasts, and mid-20th Century feasts (28–52). Cabral's research shows that, by mid-century, the autonomous four-host model gives way in North America to a nonprofit social club model called the *Clube Madeirense S. S. Sacramento*, with hundreds of members, a feast committee whose roster changes from year to year, and an annual corps of volunteer servers (44–52). Also, temporary structures give way to permanent feast grounds and buildings (46); pre-feast donations from congregation members give way to food, beverage, and craft sales efficiently converted to sizeable funds for church donation (50). According to Cabral, the commitments of the Island of Madeira and early New Bedford to Mass and Procession change to accommodate the diverse public attracted to the *arraial* (45–46). For anyone thinking like Plato, there are also changes in expertise (50–52).

The inventory of expertise for post-traditional feasts is similar to the inventory for any large public venue hosting hundreds of thousands of people: carpenters, plumbers, electricians, fire inspectors, food inspectors, security officers, choreographers, videographers, sound and stage engineers, fado singers, museum archivists, vintners, importers, marketers, lawyers, accountants, investors, and gift officers. Members of the *Clube Madeirense* (and specifically the feast committee) conduct the hired experts, volunteers, food preparation in *barracas*, the maintenance of facilities, committee meetings,

and feast setup and cleanup—in short, the tasks traditionally reserved for *festeiros*. Adjacent to the expert core are municipal agencies, nonprofit groups, church leadership, and private businesses, all bringing expert contributions (“Feast”; Cabral 78). In attendance during the actual four days of festivities are also guest experts and officials (77, 91). In the centennial year 2014, for example, among those attending was Madeira’s expert on Tourism, Culture, and Transportation. The official urges New Bedford’s feast to invite women to leadership appointments (“Madeiran Tourism”).

Diversity, cooperation, and complicating expertise appear promising. But in the 1970s Cabral documents discord between descendants of early Madeiran immigrants and late-20<sup>th</sup>-century immigrants (25) and between commitments to traditional worship and to what was and is now billed as “the largest Portuguese feast in the world” (52, 60; “About Us”). Moreover, in fieldwork Cabral documents leadership deficits (61–73). He claims that deliberate efforts to invite women to serve among hosts begin in the 1950s, but efforts fall short of leadership (47). Besides Cabral, there are impressions of anyone visiting evening and nighttime feasts of the 21st-century: shoulder-to-shoulder crowds after dark, hopeless queues, and blocked egress. Some descendants of early 20th-century migrants and some lifelong New Bedford residents refuse to attend. In short, today’s disquiet belongs to the cluster of discordances Cabral records. Given the growing community of expertise and participation, discord and disquiet should be solvable.

For Cabral, the influx of novel, American values among Madeiran descendants in the middle of the century and the halt in immigration explain the unsolved troubles (25, 47–52). Corporate structure, hosting very large crowds, and technological spectacle are, for some American-Portuguese descendants, social accomplishments—even if these detract from tradition (52). But after the millennium, Cabral’s sociological explanation appears preferential to 20th-century drama: waves of innovation continue to arrive, early New Bedford feasts embrace pyrotechnics and “large numbers of outsiders” (Endnote), and ancient Greeks express the exact same commitments. “There’ll be lots of young people there,” exclaims Polemarchus to philosopher Socrates (328b). Moreover, after the millennium, elaborations of the feast blueprint (such as the Museum of Madeiran Heritage and the Courtyard Café) alleviate some crowd issues and refresh some commitments to custom, even as the newest visual and solar technologies are appropriated. In short, there exist efforts to balance discordant commitments; all these efforts are conducted by experts. A new cogent explanation of unresolved troubles alights on the rationality at work and on the scene, i.e., habits of decision-making and expertise.

Let us focus on expertise. Coming from Plato’s *Politeia*, troubles unsolved among community are in truth unjust habits, e.g., assuming too many tasks (434). Given what we and Plato know about expertise, a first explanation is already given: pursuit of benefits on the part of experts outpaces service to dependents, i.e., visitors, so that service falls short. For example, belonging to the feast committee brings me a job offer and family recognition to the extent I no longer do good work as *festeiro* in the weeks prior to the feast. For his part, Cabral documents benefits of “prestige” and strengthened family relations among *Clube Madeirense* members and *festeiros* (40, 86). But all hosts and volunteers are duly informed of the charitable mission of the Madeira Feast. Some temporary experts may be less informed. For example, hired photographers who capture feast photos without permission of visitors do not pursue good journalism. In sum, benefits may counter service on the part of experts in specific cases. But this explanation is insufficient for the whole community of experts across the decades.

A second explanation: given what Plato and we believe, commitment to expertise assumes commitment to discovery, truth, and new ideas. If areas of feast expertise are habitually assumed from year to year and work becomes efficient, then true expertise may retreat. Shortcuts become habitual; visitor demand entrenches efficiency. In time, there is no openness among experts to new approaches. This is a plausible explanation for unresolved, ordinary issues across decades, e.g., languishing commitments to female leadership (Cabral 47). Despite the mid-century changes Cabral documents,

the Madeira Feast is loyal to particular feast items and preparations. Feast items inventoried by Cabral in the 1970s are among menu items for sale after the millennium (82; “Food and Drink”). But some organizations of ethnic minority groups carry exaggerated pride (Catholic Church, *Pacem* 10, 39–41). It may be menu items celebrated as food icons of Madeira are in truth particular to certain segments of an overall population. It may be that some overlooked items do a better job representing, for example, cuisine of the North End. Including the same menu items from year to year justifies an unsought consequence: men and women who are otherwise creative, expert cooks become highly efficient food preparators. To conclude, loyalty to certain items and practices works against intellectual commitments.

Third: given that expertise requires a commitment to discovery, truth, and new ideas, there is also the assumed commitment shared among scientists, artists, and builders to explore areas of ignorance, e.g., unsolved, persisting problems. But some persons are reluctant to pursue matters deemed out of bounds or beyond their expertise; accordingly, areas of ignorance remain unexplored. This explains large, long-term feast issues for which experts do not have solutions at hand. For example, Acushnet River, close to the site of Madeira Field, holds deposits of organic sewage and toxic chemicals accumulating in time with 20th-century feast history (Pesch et. al. 15–16, 19–20). Other areas of ignorance are, in truth, solvable. Transportation and parking for hundreds of thousands of visitors over four days, for example, is a solvable problem.

In sum, discord is unresolved because, in areas of expertise, local conflicts of interest and close-mindedness preclude expert solutions. Moreover, some experts are to be excused because they are assigned to specific areas or because they exchange work with other experts. But some experts work in general areas of the *arraial*; some serve as experts of experts. These experts have opportunities to incorporate new ideas or to identify areas for further study. In 20th-century feasts, among the last group are the hosts proper (i.e. members of the feast committee) and *Clube Madeirense* who together own feast properties, work months and weeks in advance, and conduct joint decision-making (Cabral 61–62). Some difficult, expert hosting issues are determined by the head *festeiro* who qualifies by prior experience, family, and elections (“2019 Feast President”). But issues from electrical wiring all the way to hurricane activity exceed the ordinary reasoning of human persons. Accordingly, civil laws and policies provide useful guidance. Similarly, professions and trades provide background information, good practices, and model equipment.

What I claim is the following: if 21st-century Madeira Feasts are to be festivities thinking, then perceptive knowing (i.e., expertise) is among the feast accomplishments. Laws, customs, and professions are reliable guides. However, the reasoning informing reliable guides may be obscure and unproven; laws, customs, and codes conflate. In short, we are not yet thinking even as we conform to rational guidance. But philosophical reasoning flourishes at the headwaters. One activity of philosophy, demonstrated in Plato’s dialogues, is the recovery of lost assumptions and justifications. For festivities and nonprofit organizations, the most important ideas are given in the mission statement; to be philosophical about festivities we first of all recover our understanding of the mission. We converse about what the statement tells us, what act or activity (*ergon*) defines the whole affair, what reasonings are given, we ask ourselves if we in practice adhere, and whether the mission may be improved or revised. In the recovery effort, we may look over historical statements and authoritative texts just as constitutional experts do. The goal is a philosophical sense of what the festivities are all about; on this basis, laws, customs, and codes are truly applicable. Experts form good insights. In short, a fresh sense of mission is a fruitful departure for expert thinking.

Let us practice philosophical inquiry about a nuts-and-bolts matter like parking. After the millennium, the Madeira Feast offers no public parking for hundreds of thousands of visitors arriving in private vehicles; nor does City of New Bedford designate feast parking areas (“FAQ”). As in all

neighborhoods of New Bedford, on-street parking near Madeira Field is occupied by residents' vehicles. At feast time, two alternatives are pursued: one may park in one of a handful of unimproved lots with undisclosed ownership who, on Feast occasions, post "PARKING \$10" signs and agents to collect money for parking spots, or one may cruise the arrowy North End streets for unoccupied, on-street parking and walk ("FAQ"). Either way, dangers are apparent. Vacant lot owners and their agents may or may not be affiliated with the *Clube Madeirense* and the Madeira Feast. Moreover, the vacant lot owners may or may not be licensed, insured, and expert in parking. On-street parking by visitors competes with resident parking, and visitors assume unknown risks driving around the North End. One traditional item of the Feast is Madeira wine. Some visitors enjoy Madeira wine during their stay on Madeira Field, and any given feast day hosts tens of thousands doing about the same thing. In short, ordinary parking and driving issues escalate in tandem.

To approach what are matters of transportation and parking expertise, we first ask: *What is the mission of the festivities?* Plausibly, the mission offers a clue about commitments to parking. At least three statements are available ("About Us;" Endnote; Catholic Church, *Transiturus*). A concise but complete mission statement is given in the 2015 feast title used by the Immaculate Conception Church: "Annual Feast in Honor of the Blessed Sacrament" ("Nineteenth"). This statement accords with the detailed mission given in the 1919 *Avorada Diária* newspaper announcement including the statement "...os festejos em honra do Santíssimo Sacramento" (Endnote). Paraphrasing the 1919 mission statement: *To honor Blessed Sacrament with solemn Mass and procession, and to gather in orderly fashion all persons including out of town persons for hours of socializing and conducted music.* This statement captures the two-part mission of the Madeira Feast, similar to the two-part mission of the Piraeus celebration honoring the goddess.

Without knowing particulars, we infer, as *festeiros* explain in 1919 and as Cabral finds through fieldwork in the 1970s, that the first goal is by tradition prioritized over the second (26–28, 79); also, commitment to a two-part mission assumes commitment to orderliness and "good order,"—e.g., visitors are to be empowered by hosts to negotiate without obstacle nor risk from the crowded *arraial* to the occasion of worship, from worship to the *arraial* celebration, and by the same token from their vehicles to feast grounds. The dual mission is not as clearly heard in the condensed title *Feast of the Blessed Sacrament*, also given in the 1919 statement and in all official Madeira Feast literature (Endnote; "Feast"); for persons of Roman Catholic faith this title may refer poetically and only to communion, an inheritance of the Last Supper (cf., Mann 45). What Cabral and what any expert tourist inspecting the *arraial*, the website, and local journalism infers is the secular mission: *To gather all peoples to commemorate the safe arrival of Madeirans in the 20th Century* (93; "Let the Feast Begin"; "About Us"). But Cabral's fieldwork shows that the secular mission becomes embellished (41–42). In 2014, the centennial year, New Bedford's mayor announces that the Madeira Feast abounds with love ("All About Love"). Disagreement within the mission statement, or multiple competing statements call for repairs on the part of expert hosts. Plausibly, some conflicts and close-mindedness have a source in issues related to the mission.

Given that the Madeira Feast is according to its mission a temporary annual gathering, it may be that nonprofit hosts and City of New Bedford hosts carry no civil responsibility for visitor parking. On the other hand, historical and Church mission statements carry an assumed commitment to orderliness. The secular rendering with its accompanying, embellished legend expresses a unique historic background: commitment to shared, safe transportation across the Atlantic. Plausibly, transportation or visitor parking are among items the Madeira Feast must provide as an approach to fulfilling its overall mission and ensuring the happiness of visitors. Now civil authorities and private corporations bring expertise to construct and staff large parking lots. But expensive measures compete with the charitable goal of raising funds. Another area of expertise also pursues and creatively solves issues of public transportation: environmental expertise, including alternative transportation and

urban sustainability. This emerging area of expertise is suited to the mission of the Madeira Feast for several reasons.

Like all public venues, Madeira Feast raises some environmental issues. First, there is the noise and garbage generated during four days of celebration. Second, there are the aforementioned hundreds of thousands of visitors, traveling from all quarters to park vehicles in working-class neighborhoods occupied by three-story tenements, mid-20<sup>th</sup>-century gas stations, and deserted mills. Third, there is the troubling environmental history: textile mills and electronics manufacturers who employed Madeirans and Azoreans (among others) and who, for decades, released pollution into the Acushnet River (Pesch et. al. 28). Fourth, there is the new invitation in 2015 from the Roman Catholic Church to all peoples to begin conversations about the world environment and to solve environmental disasters with expertise, dialogue, and ecological faith (*Laudato* 42, 109-132, 143). Moreover, there is the claim among social justice environmentalists that solving environmental issues solves issues encountered by children, by women, and by minority groups (35). For example, festivities with city avenues cordoned off for visitor parking are also festivities that are safe for children. In sum, the following areas of environmental expertise are promising for festivities: persons expert in lived environments, in recycling and restoration, and in alternate transportation—in short, we are talking about “green” Roman Catholic feasts. Nonprofit organizations may envision transportation alternatives that also pursue peaceable gatherings and neighborhood renewal. For his part, Plato’s Socrates walked to Piraeus, a distance of miles.

Following Plato, far ahead of commitments to sweets, meats, and unruly music are commitments to intellect and truth. What is now argued is the following: festivities in service to future generations are to be led by intellect in the form of expertise. For the most part, community and leadership bring needed expertise; everyone brings heart. For philosophy, visitors are themselves endowed with the power of intellect. Suppose hosted festivities conduct the intellects of participants prior to their sentiments and palates. One champion for this proposal lives in 20th-century Europe.

### **#Observant #Contemplating @festivities**

In the period in which Azoreans and Madeirans depart for prosperity in America, one among the rising European intellectuals is Martin Heidegger (Safranski 3). If a philosophy for the times exists, for some it is Heidegger’s existentialism and phenomenology. The international *Being and Time* (1927) champions fresh, perplexing approaches to classic questions of philosophy. Heidegger’s celebrity is accordingly complex: he offers new language and insights, and he expresses what appears to be intellectual nostalgia. Like communities of Azorean and Madeiran immigrants, the innovator leans to tradition. For example, throughout his academic life Heidegger kept close to the mountains (“Why Do I Stay”); he compares intellectual activity to farming and forestry (123; “Memorial” 47). One intellectual concern for Heidegger is that 20th-century humanity is uprooted from its essence, homeland, and customs (45, 48; “Messkirch” 45). *Being and Time* is complex even in translation, but Heidegger also prepares compositions for local audiences and town festivities. These texts give insight into the larger compositions. Moreover, two orations speak about festivities. Let us explore how Heidegger’s insight regarding “festivities thinking” solves issues of technology and of homelessness, and then bring this to the Madeira Feast.

“Memorial Address” (1955) and “Messkirch’s Seventh Centennial” (1961) argue that festivities invite commitments to thinking (“Memorial” 44-45; “Messkirch” 41). Above all, claims Heidegger, this is because festivities carry missions to commemorate and recognize historical truths; such actions and truths require thinking (“Memorial” 44). Clearly everyone thinks. But Heidegger claims that historical truths evade ordinary efforts: in Messkirch, as in New Bedford, festivities invite commemorating persons in past centuries (“Memorial” 43), and in Messkirch, as in New Bedford,

festivities invoke the Medieval world (“Messkirch” 41; Cabral 26-28). Heidegger’s celebrated study of time informs us that the retrieval of what and who is past does not admit of obvious procedures; for ordinary thinking, the distant past is in oblivion (*Concept* 19E). To Messkirch, Heidegger points out a second difficulty: the introduction of technology challenges people to care for what is innovative and novel (“Memorial” 50–52; “Messkirch” 43–45). In embracing technology, he thinks, we abandon home, tradition, and past. Social scientists who study Portuguese-American festivities observe what are similar discordances at work (Cabral 52; Leal 133–136). Heidegger concludes that humanity, even if committed by essence to thinking, is nonetheless thought-poor and thought-relentless (“Memorial” 44–45, 53). Accordingly, for him, “keeping meditative thinking alive” is a priority and, what is more, thinking can be accomplished among people attending festivities (56). For him, thinking may counterbalance the claim of technology and recover the beginnings of home (“Messkirch” 45).

In the philosophy and theology inherited from Europe, different areas of intellectual activity are defined (Aristotle 1138b–1141a; Aquinas, *Summa* I–II, Q.57). Loftiest of these is contemplating (Q.66, a.5). Surprisingly, Heidegger’s thinking is not identical with contemplating. On his part, Heidegger uses the terms *denken* and *besinnen*, translated by North American scholars as *thinking* and *meditating* (“Memorial” 47). For example: “Thinking is indeed a serious matter, but at the same time a festive one” (“Messkirch” 55). In his orations, Heidegger provides insights about his vision: thinking may be pursued by anyone, thinking requires intention and practice, what is thought about are meanings not subject to perception, and what is to be thought about at festivities are realities that are near but not quite belonging to our lives (“Memorial” 46–47). Two items Heidegger proposes for festivities thinking are modern technology and the lost homeland (47, 53; “Messkirch” 45). The latter, Heidegger’s Messkirch (like the Madeira Feast) would recover, and the former, mid-20th-century citizens wish to curb. Again, Heidegger describes festive thinking as an “openness” which allows realities near to us to appear of their own accord (“Memorial” 55). By this non-perceptive approach to knowing, he thinks we begin to understand technology and homeland.

As noted, Heidegger is both innovative and traditional. For some, Heidegger’s “meditative thinking” repeats areas of European, Christian tradition (“Memorial” 54fn). But the concept is already known in ancient philosophy as an area of moral virtue. In ancient Greek, the term is *dikaïos*, translated as *law-abiding* and *observant* (Aristotle 1129b). Above all, the observant person is one who habitually obeys civil laws, customs, and church rituals (Plato 339b; Aquinas, *Summa* I–II, Q.60. a.3). So, a person like Socrates who prays and watches the new Piraeus festival pursues what is observance and observing (*dikaïosune*). What is important for the observant is authority, i.e., meaningful to me but also beyond me. Heidegger innovates by pointing out what Aristotle could not: a special form of thinking takes place alongside observance. For Heidegger, it is open-minded awaiting for what authority invites and promulgates: the influx of technology or the call of the homeland. Close study of Heidegger’s compositions shows that, for him, modern technology is something like authority, but that it is false (“Memorial” 51; “Messkirch” 47). For him, we have to think observantly to sense technology; festivities thinking are a “good occasion” to do this (“Messkirch” 45).

Heidegger’s *meditating* is close to the European tradition’s *contemplating*. Whereas *meditating* explores authority approaching ordinary life, *contemplating*, for the European tradition, is about authority beyond life and the condition of life (Aquinas, *Summa* I–II, Q.3, a.6 a.8). The argument Heidegger provides about observant thinking may be brought to contemplating, i.e., to thinking special to worship and wonder. For the European tradition, culminating with *Summa Theologiae* in the 13th century, to contemplate is to gaze (*theorein*) without perceiving upon Divine signs (I–II, Q.3, a.6–8). If Heidegger’s observance is the recovery of home on Earth, then it is plausible that tradition’s contemplating prepares one for home under Heaven.

For ancient and contemporary festivities, there is one difficulty. Given the un-perceiving, non-deliberative nature of higher forms of thinking, visitors must be truly free to think. If acts of

observance are demanded or if procedures for contemplating are coded in a set of rules, neither observant thinking nor contemplating is pursued. In the 1919 published statement, for example, *festeiros* exhort what constitutes observance: “...no single person of the Island of Madeira, being appointed by the members composing the commission, would refuse to contribute generously for such an end” (Endnote). Demands for observance fall short because an obscure authority forms. The Island of Madeira, commission members, and the anonymous author of the 1919 statement—all, or some, serve as my authority. For anyone thinking like Heidegger, persons who would be observant to obscure authority are endangered by thoughtless submission (“Memorial” 54).

Similarly, visitors thinking must be free to act as their consciences and backgrounds direct. Some persons are disposed to observe the City of New Bedford, some the Madeira homeland, and others the Immaculate Conception Church community. Approaches to contemplating also vary among persons and cultures. The Madeira Feast, after all, is open to all persons (“About Us”); for some, the *Feast of the Blessed Sacrament* expresses above all an invitation to worship. In short, what is wanted for festivities thinking are conditions of unfettered observance and free worship. On the creative side, what is needed are invitations to observe and contemplate. To conclude, Heidegger offers the hopeful insight that there exists in all of us the power to truly think (“Memorial” 47). For Heidegger, observant thinking is like walking silently upon forest paths (“Pathway” 33–37). Among authorities who, like Heidegger, champion what are intellectual approaches to recovering home are North American environmental authors advocating open spaces and pedestrian walks (Thoreau; Weston). Let us float a blueprint for festivities providing conditions for higher thinking and also inventory those invitations accomplished by the Madeira Feast after the millennium.

## Festival Blueprint

The Madeira Feast’s mission invoking solemn worship, exhorting commemoration, and inviting all peoples into the vicinity of one world culture invokes, exhorts, and invites intellectual activity. Either the proposals are genuine, or there exists a hidden, unspoken mission. A free and public feast, the Madeira Feast’s mission as put into practice may be inferred by all visitors and any expert tourist; so, there can be no powerful, hidden mission. The conditions and invitations to think are the utmost feast luxuries and items, respectively. A *condition*, as a philosophical concept, is one condition or set of conditions that is sufficient to produce an event. Experts are qualified to know what these conditions are. For example, the master chef knows the inventory of conditions of good cooking for hundreds of thousands in four days: water, fuel, deliveries of food supplies, cooks, servers, dishwashers, and more. The same is true for higher forms of thinking.

First condition: the *arraial* should be spacious enough for unfettered physical movement. To observe, some visitors must stroll about, others stand back. Others are to be seated in the very middle. In any given area, there should always be places for people to sit. There should be sufficient egress, i.e., no certainty visitors will be trapped in crowds, or in any way threatened. Heidegger’s observant thinking requires people to be self-collected (“Memorial” 46–47). The 1919 statement exhorts visitors to “carry themselves with proper respect and deference” (Endnote). Nonetheless, habitually-thinking people, who possess the time-honored virtues of observance and wisdom, may do so even in adverse circumstances. Plausibly, some visitors are not so practiced and want the first condition fulfilled.

Second condition: The *arraial* should consist of diverse areas and occasions in both time and place. This condition enhances the freedom people wish for to observe or contemplate. Madeira feasts bifurcate *arraial* and church: people who are contemplating want to be independent of noisy celebrations. Open door policies enable families and individuals to contemplate according to arrival, departure, and custom. The 1919 statement, for example, announces, “The church is to be opened tomorrow all day” (Endnote). Similarly, different feast areas and occasions allow for a variety of forms

of authority to be observed: in the visitor parking area it is the City of New Bedford at work, in the main stage area in the afternoon it is the *Grupo Folclórico Madeirense* demonstrating traditional dance and song, and in the Courtyard Café at dusk it is the fado singer and accompanying guitarists invoking Lisbon with its fabled hills.

Third: Heidegger's intellectual concern about technology justifies commitment to genuine authorities as a condition. Genuine authorities are participants like Island of Madeira officials, the Church, the City of New Bedford, the *Clube Madeirense*, local universities and schools, and nonprofit organizations—in short, entities with a history and mission that justify deference and in some cases humility. Now, for anyone thinking like Heidegger, there exist entities that appear to be authorities but actually are not. For him, modern technology is among these false authorities; at the mid-century, it is nuclear power and weaponry (“Memorial” 51–52). For him, there are also mundane examples, such as antennae on the roofs of homes (“Messkirch” 43). At the Madeira Feast, a colossal video screen hung over the main stage offers, to some visitors, an authoritative perspective on folkloric dancers and performers. But obscurity coalesces; either technology is in authority or it is the Madeira homeland. According to Heidegger, technology for observant thinking cannot provide a home for us on Earth (“Messkirch” 51). So, falsely authoritative items like *technology* call for “proper use” (“Memorial” 54); at times any item ought to be shut off, and some items, like video screens and cameras, are to be identified and explained.

Enough about conditions. What is needed on the blueprint are focal things, persons, and moments around which visitors may orient and gather in order to observe and to contemplate. Invitations serve those visitors who are not yet habitual thinkers. For Messkirch, the world-famous Heidegger speaking eloquently provides the focus; in the orations, the intellectual defers to the performance of 18th-century musical compositions (“Memorial” 43). For the Madeira Feast, it may be the time-worn toboggan from the Island of Madeira, or the opening ceremony with the mayor and distinguished guests speaking, or Roman Catholic Mass. For intellectuals thinking like Heidegger, focal items situate persons as physical and sentient beings; it is not the artwork nor the person speaking per se, but the unperceived lifeworld inviting observance or contemplation. According to Heidegger (speaking to Messkirch), observant thinking carries a feeling of “gladsomeness” and belonging (“Messkirch” 53, 55). According to St. Thomas Aquinas, contemplating Divine signs carries a sense of intellectual wonder (*Summa* I–II, Q.3, a.8).

Festivities in New England encourage visitors to observe and contemplate. Let us inventory samples of success. Consider first what *arraiais* have always done. Cabral reports that island feast tradition constructs an out-of-doors “sacred experience” (29). New Bedford's Madeira Feast likewise decorates the outer church's alcoves, electric lights, and flag poles with fragrant branches of greenery, all of which, in the warm summer night, may call to mind an arboreal paradise. Opening and closing ceremonies, guest diplomats and clergy speaking, and folkloric performances are additional ways the traditional *arraial* invites higher thought. The Madeira Feast, a descendent of Europe's Feast of Corpus Christi, is distinguished by a street parade of nonprofit organizations and officials. Walking silently in the parade and observing from the sidelines are paradigms of observant conduct.

In recent decades the *Clube Madeirense* has wrought changes refreshing invitations to think. There is the new Museum of Madeiran Heritage, open to the public at all hours during feast days (“Museum”). The museum holds the aforementioned toboggan, once used to transport men and women down the steep slopes of Madeira; observing this particular artifact the lifeworld of Madeira draws near. There is new, ample seating under grape arbors (*latadas*) and additional seating under tented areas allowing for intimate settings and bilingual conversation. For first-time visitors, the legend of the community of immigrants launching the first celebrations may invite observance. One account is given in Madeira Feast literature (“Founding Fathers”). Scholarly research like Cabral's *Tradition and Transformation* shows the earliest feast, Sunday, August 1, 1915 (40–44). New Bedford newspapers

show the world picture: the year prior, hostilities formally begin in Europe. On July 31, Pope Benedict issues the worldwide “fatherly cry for peace.” The *New Bedford Evening Standard* carries the letter on the front-page (“Pope”). One day later, thousands gather in *Nossa Senhora da Conceição*. For the faithful, the *Festa do Santíssimo Sacramento* coinciding with the loving guidance of the Roman Catholic Church may have been miraculous; the people, most solemn. But facts and conjectures are not themselves contemplating; facts and conjectures are matters for experts.

The Madeira Feast arrives in early August. By island tradition, Mass is to take place on the first Sunday of the month (Cabral 1). Some years, feast days are met by storms public science tells us originate from the interplay of thunderstorms, warm ocean waters, and vast columns of heat and moisture rising off the Atlantic at least 5° North of the equator (Holweg 4–6). Multi-colored flags crisscrossed high over Madeira Field flutter in time with ominous urgency. Some realities may be approached by ordinary perceiving; for example, I may look at the bars of clouds and infer that they signal an Atlantic hurricane. For the tradition of philosophy and theology North America inherits from Europe, ordinary knowing is not open to the greater reality. What the Madeira Feast in high summer opens for thinkers is the possibility of observing and contemplating powerful nature. One year and later another, visitors of all ages thinking discover what the global earth is. Higher truths deserve lifelong observing and contemplation. For tradition, contemplating is the heart of flourishing human life (Aquinas, *Summa* I–II, Q.3, a.5).

### Learning and Deliberating Festivities

According to Heidegger, some 20th-century visitors observe Messkirch festivities to locate the lost homeland. Independently, Cabral employs concepts of “observance” and “homeland” to answer questions of the Madeira Feast (1, 60–114). Conclusions of Cabral’s field work in New Bedford and Madeira support what the intellectual Heidegger proposed in the 1960s. One objection rises: some visitors attend festivities without an explicit mission to observe the homeland. The goal of course is to have fun and enjoyments. To this objection, the tradition of philosophy helpfully identifies areas of ordinary intellectual activity, i.e., thinking fun and engaging. Ordinary feast activities include meeting new acquaintances, practicing bilinguality, and selecting what area of the *arraial* to visit next. Let us examine the areas of ordinary feast thinking, i.e., learning and deliberating.

Feast learning pursues practical knowledge, such as cooking and embroidery, customs and rituals, identity of persons and organizations, and language learning. We learn by information and directions, by observing models in action, and by hands-on practice. If Aristotle is right, good learning has to be intentional and willing (1105a). At the Madeira Feast, diverse areas of practical knowledge are demonstrated by experts. But any visitor would have to inquire of experts in order to commence learning. For example, it is possible to approach *Grupo Folclórico* performers to inquire about costumes or the meaning of dances, e.g., whether a particular dance represents courtship exercises or an interpretation of human life. But some visitors are reluctant to make inquiries, and the busy *arraial* works against meeting experts. In truth, events designated for learning are needed for learning on the part of visitors. Again, acquiring knowledge must often be hands-on, personal, and fun.

Establishing the Museum of Madeiran Heritage adjacent to Madeira Field in 1999 is a windfall toward visitor learning (“Museum”). The quiet space offers refuge during bright feast days; artifacts, topographical models, and photographs document Madeirans and the 20th-century North End. Docents are on hand to offer interpretations. A published compilation provides family recipes for dishes served in the *arraial* and in Madeiran households. Shared knowledge is new to the four days of the Madeira Feast but customary in other forms of Portuguese-American festivities. Holy Ghost Festivities studied by J. Leal, for example, are conducted in households among persons known to one another (139); the meal sharing Leal describes includes appraisal (133). Similarly, since the millennium

some large festivities conducted by Azorean communities feature booths displaying documents, books, and images of the islands. Nonprofit agents and government officials are on hand to answer inquiries. An intellectual gap is bridged with curious, non-Portuguese visitors and with equally curious descendants.

Feast deliberating is an intellectual activity carried out by expert hosts. Host decision-making may be done well, or excessively, or inadequately. According to Aristotle, deliberating is an intellectual activity about what actions to do in light of what truly fulfills us (1141b, 1142b). For Aquinas, as for Aristotle, deliberating well is an important habit for ethics and morals (1140a–1142b; *Summa*, I–II Q.57, a.5). Given that ordinary, working life pursues deliberative thinking, among the tasks of hosts is to soften decision-making at feast time; this area of thinking is to be enjoyable and available to all persons. For example, good hosts offer a generous *arraial* layout and simple menu choices. One reason supporting the aforementioned argument for appointed parking areas is to diminish hasty decision-making on the part of arriving visitors; with expertise, feast parking could, in time, be fun. On the other hand, if festivities are too planned and plans entrenched, then visitor thinking dissipates into the spectatorship of consumers. In short, what festivities thinking conducts are forms of visitor deliberating between the extremes of hard work and soft consumerism. Not just fun, but good, deliberate fun.

There are promising invitations for good deliberating. The Madeira Feast offers a four-day entertainment schedule and at least ten areas of the *arraial*. Kitchens for different forms of Madeiran cuisine are designated: the outdoor, hands-on grill, the indoor cafeteria of game meats, and *barracas* selling Portuguese feast icons (“Food and Drink”). Contrary to island feast tradition, in which any given feast is to be “distinctive and memorable,” New Bedford pursues *arraial* permanence across the years (Cabral 30). Deliberating about unchanging schedules, *arraial* maps, and menus on the part of visitors dilutes in time to soft consumer decisions. The good deliberating all visitors wish for in festivities requires annual bouts of creativity. For example, entirely new *arraial* configurations are possible in each year. Relocating stages, erecting new structures, and launching *arraial* pilot projects prepare conditions for loyal visitors to deliberate festivities anew. Expert hosts, for their part, renew commitments to discovery. Moreover, festivities reconfiguring themselves offer role models for recalcitrant areas of civil life.

But intellectual activities displace one another. For example, learning about the Azores through video footage is not complementary with observance of the Azores homeland envisioned by intellectuals like Heidegger. To commit to one is often not to commit to the other. For its part, learning allows insights that are partial; if the realities studied are greater than ourselves, the approach invites error. In the decade Madeirans and Azoreans restarted immigration to North America, Pope St. John issued worldwide the encyclical letter *Pacem in Terris*, or *Peace on Earth* (1963), exhorting social organizations for ethnic groups and also cautioning about erroneous pride (Catholic Church 9–10; 40). Among the causes of pride is an error specific to perception: groups like Madeirans and Azoreans, as everywhere, identify themselves by physical appearance and visible customs. But who Azoreans are and what humanity is are, for philosophy and theology, truths leaping boundaries of ordinary and expert knowing (Catholic Church, *Laudato* 130). So, Heidegger’s observant thinking is by comparison the prudent approach to knowing. On some occasions, compatibility forms among intellectual areas. Let us unfurl one vision of compatibility for festivities thinking: an occasion where areas of intellectual activity may interchange. Remarkably, the Madeira Feast approaches a millennial anniversary shared with an intellectual forum, i.e., scholarly disputation. Moving toward my conclusion, what I argue is the following: improvised, conducted intellectual exchange resolves feast discordances between tradition and innovation. First, let us justify what disputation produces: shared intellectual activity and powerful truth.

## Disputation and Festivities

Medieval intellectuals entertained visions of festivities thinking. Seven hundred years before Heidegger's post-war orations, universities in France, Portugal, and elsewhere celebrated Church feasts alongside disputations (Chang 133). The flourishing of *disputatio*, i.e., university disputation, forms with the 13th-century Université de Paris faculty, among whom is St. Thomas Aquinas (Novikoff 134, 164). The star of Aquinas shines across the millennium to Portuguese-American celebrations in New England: the 1264 service composed by Aquinas and the August proclamation of the Pope in Spain launch to all Roman Catholic parishes including Lisbon what is *Festum Eucharistiae*, which became the *Feast of Corpus Christi* (O'Neill 25–44; O'Conner 193); for 15th-century Madeirans, it became the *Festa do Santissimo Sacramento*, and for 20th-century New Bedford, the Feast of the Blessed Sacrament (Cabral 26–27). Some contemporary scholars are uncertain about the authorship of the service ("Corpus" 346). The document composed by Pope Urban IV provides a powerful mission statement (Catholic Church, *Transiturus*). Cabral's *festeiros*, for their part, express disinterest about centuries of feast history (89). What is certain: *quodlibet* disputations, for which Aquinas is remembered, interchange with celebrations of the Feast of Corpus Christi (Edwards 5–6). Let us explore what university disputations add to festive occasions.

Plato's interlocutors in *Politeia* offer intriguing remarks about public disputation (411d, 492–3, 498–9). According to medieval historians, a simple form of university disputation begins in Europe, first as an exercise of law schools; using question and answer procedures, students in forums train for court (Novikoff 91–92; Chang 132). As the story goes, theology faculty adopt a complete form of disputation (132). For them, disputation is used among students and experts to explore intellectual questions of Sacred Scripture in conjunction with non-theological authorities. By the 13th century, all European universities dispute in all areas of learning and for distinguishing scholarly accomplishment (Novikoff 100, 134). Clearly, practices with ancient precedents conducted among nations, institutions, and disciplines vary. Moreover, medieval historians distinguish between various gradations: disputation in classrooms, or *disputatio privata*; those among faculty and advancing students, or *disputatio ordinaria*; and those before large university audiences, or *disputatio quodlibet* (141; Chang 141–143). What is universal throughout medieval higher education is fluent use of Latin: all disputations are spoken in Latin (Chang 137–138).

For us, the appellation *disputation* signifies passionate argument. But what the Latin commitment indicates about the academic exercise is formality: all disputation carries form, and participation by persons is to be formal. Commitments to form diminish quarrel. Moreover, if Plato is right, some formality in intellectual exchanges like disputation precipitates among beginners, experts, and authorities what is truth (499a, 534d). With university disputation, there are four or five moments: an intellectual question is posed, one respondent, or *respondens*, offers an answer informed by study of authority, one or more opponent, the *opponens*, expresses doubts or counter-arguments, and the respondent defends his or her answer in light of objections. All this is conducted by the presiding master, or *praeses*, who afterwards offers the determination, i.e., a summary of arguments and assessment of the response (Chang 132). Again, variations are possible: either the question is given in advance or not, either who is to be respondent is chosen beforehand or on the spot, and either respondent is by rules committed to defending her answer or she may revise in light of objections. In short, there exist variations between scheduled formal disputation and improvised disputation. The distinction I propose clarifies what is thought-worthy about *de quodlibet*, i.e., on any subject (Edwards 3).

In medieval classrooms and degree ordeals, the process is scheduled among a select audience (2; Novikoff 143). Plausibly, in the scheduled version there are few surprises intellectually; questions, objections, and answers are all anticipated. Like contemporaries, medieval students shared preparatory

aids for the usual lot of questions (Chang 146). But among expert faculty with genuine commitments to discovery, i.e., innovative, teaching faculty like Aquinas, improvised approaches promise more (Turrell 146; Edwards 3–4). For medieval scholars, improvising culminates with *quodlibet* (4). In *quodlibet*, the greater university population is invited to ask questions on any subject; faculty and advanced students of the host university serve as respondents and opponents (Novikoff 143). Also, the *quodlibet* in Paris is held off-campus in the city cathedral; again, concurrent with annual feasts (Chang 133–134). In sum, the university population entering off-campus forums on holidays and inviting into its own exercise persons outside the university (themselves willing and ready to participate intellectually) is a remarkable demonstration of collaboration (134; Novikoff 143). *Quodlibetal Questions 1 and 2* of Aquinas show questions asked and improvised responses in the year 1269 (Edwards 5–8). Plausibly, collaboration is empowered by the formality of disputation itself; formality creates conditions for the discovery of truth among persons learning, deliberating, observing, and also perceptively knowing. For some exposed to 20th-century doubts about intellectual formalities, the claim must be justified.

People bring diverse insights and background authorities. For us to pursue intellectual exchange, e.g., for me to learn something from you and for us to accomplish exchange with voluntary consent, it is suitable to allocate roles and distinguish authority sufficiently among us so that what truth we each bring ends up being viewed as truth shared. In short, conclusions formed are not wholly the result of one person's aims; my question brings something to what you provide. Disputations of Aquinas distinguish *praeses*, *respondens*, and *opponens*. As shown in all questions and articles of *Summa Theologiae*, medieval participants invoke compositions of ancient philosophy, of Old and New Testaments, of Church fathers, and of non-European intellectuals. To negotiate across great divergences, participants assuming roles must pursue what are good, scholarly manners, e.g., citations, complete propositions, and restating prior arguments (Pieper 82–85). Accordingly, truth produced is collaborative, nuanced, and unique, i.e., powerful. *Quodlibet* carries power distinctions to the limit: on one side, the university population posing with sincerity any sort of question; on the other, masters representing the summit of learning; at tangents, faculty, advanced students, and beginners; at tangents, diplomats of foreign powers, Church clergy, and society (Novikoff 134). What is puzzling today about the disputation is not as much commitment to formality as the combination of sophisticated, intellectual exchange with Church festivities, e.g., the Feast of Corpus Christi.

According to the 1264 mission statement, *cunctis honorandum studiis*, “all kinds of study” are among fulsome ways Roman Catholic persons may honor the gift of the Savior (Catholic Church, *Transiturus* 195).<sup>4</sup> Historical examples given in compositions support the insight that the remarkable bond of feast and intellect is not specific to apostolic tradition. When Plato's Socrates is diverted from evening festivities, he joins intellectual conversation in a local estate (328d–e). According to Luke, when Jesus is separated on the occasion of the Passover, the Son of God participates in intellectual conversation in the Synagogue (CEV, 2:46). Again, at the Last Supper, the Apostles engage in philosophical argument about who is the greatest (22:24–27). In medieval universities, disputation's early, secular mission is preparation for law. Plausibly, disputation practices a flourishing, hospitable form of work, i.e., the intellectual work of courts and legislatures. According to Novikoff, intellectual performance contributes to the appeal of disputation (141–144). In short, participants enjoy displays of learning, wit, and intellectual humor. In sum, commitment to intellectual work, the flourish of formal disputation, and moreover the diverse gathering of participants and outside visitors, justify putting on feasts alongside disputations.

---

<sup>4</sup> The Spanish version of *Transiturus* inserts “por las más íntimas fibras del alma” in place of the Latin version's “cuncti honorandum studiis” (Catholic Church).

## Intellectual Feasts

*Quodlibet* shows unanticipated kinships with the medieval feast inherited by 20th-century Madeirans: both precipitate in 13th-century Europe alongside European universities, and both commemorate history, observe human authority, and contemplate Divine authority. They practice an identical insight: to go out and bring formal occasions to the public. *Quodlibet* departs the university and enters city cathedrals (Chang 133); *quodlibeta* air practical and intellectual questions affecting the greater community (Edwards 4). Feast procession departs the church building and carries sacred objects in public view (Monks 82). According to the *New Catholic Encyclopedia*, in some localities the Feast of Corpus Christi procession “wended its way through the town and even into the open country” (347). The 1264 statement for what becomes Corpus Christi does not envision processions but does urge that “both clergy and people might rise up and rejoice in songs of praise” (O’Conner 196). Plausibly, creative, 13th-century practices bridge disparate worlds in what are virtuous acts of hospitality, i.e., displaying, inviting, hosting, and being hosted. Given that Cabral and Leal report 20th-century Portuguese-American celebrations carry unsolved discordances, and given the retreat of intellectual exchanges like disputation, acts of hospitality are promising. Transforming *arraiais* and refreshing higher learning are to be accomplished together in one flourish. Let us examine the argument.

Some medieval historians claim the priority of disputation retreats in 18th-century Europe in deference to scientific approaches and printed dissertations; what remains of disputation is its vestige, i.e., the basic defense (Chang 170, 173). But 21st-century academics host conferences and gatherings approaching forms of complex disputation. As in the medieval era, visiting experts and students gather from afar to meet in conference facilities, on campus or off. As before, conference organizers deliberate and calculate ahead of realization: questions, topics, and guests are selected in advance. Participants craft thoughts on paper. At any given conference in any discipline, intellectual exchange is conducted with a view to written text. As with disputation, possibilities of genuine, shared discovery on the part of experts and beginners retreat; observant thinking retreats. North American philosopher A. Rorty argues that late 20th-century intellectual exchange is hindered by abstruse commitments and bad habits (303). Again, Rorty’s claims are not novel to 20th-century higher learning: certain medieval universities with active disputation and feast calendars acquire alarming intellectual habits (Chang 139, 160). Add to the inventory of laments the fact that customs for intellectual exchange are today engineered and fragmented, not universal nor transparent. So, improvised approaches are encouraging—promising new commitments to formality. Aims of intellectual discovery justify fresh efforts in areas of learning and testing (Medeiros “Introducing”).

Cabral’s research on the Madeira Feast explores a similar concern about the retreat of valued tradition; in this case, solemn procession retreats in favor of civic parade (45–46) and the improvised autonomy of *festeiros* gives way to powerful nonprofit leadership, expert in planning and accounting (47–50). Cabral documents retreats with precise facts and dates. Cabral attends *Clube Madeirense* meetings where policies are formally aired (62–68, 117–119); he joins lunch breaks among *festeiros* in which intellectual questions are debated (74). For Cabral, Madeira Feast intellectual exchanges are sincere but inconclusive (119). Like all problems Cabral explores, 20th-century traditions and innovations, for him (as for Heidegger), are tragic, i.e., forms of discordance and, plausibly, crises of mission (90–93, 52). But all discordances Cabral notes are to be explained in light of expertise in the area of hosting, i.e., hospitality. Fieldwork by Cabral shows that hospitality characterizes traditional feasts: the Church parish honoring the patron saint sponsors volunteers who in turn host the *arraial*, which in turn is open to families who conduct *barracas* for outside visitors. For some, commitment to the populous *arraial* is the sore thumb of the 20th century. But the 1919 statement already anticipates “large numbers of outsiders” (Endnote). The 1264 statement envisions *devotas muchedumbres de fieles*, “devout throngs of the faithful” (196; Catholic Church, *Transiturus*).

Remarkably, the history of philosophy carries insights and contributions for what hospitality is (Plato 327–331). Hospitality, I propose, is passed over by intellectuals because in universities and in public forums it is the expertise in assumption. Let us risk a glance to approach solving both higher learning and Madeira Feasts. Late in the 20th century, J. Derrida explored dilemmas of unconditional and conditional hospitality (76–77). For anyone thinking like Derrida, early *festeiros* and the *Clube Madeirense* express unflagging commitments to the unconditional, i.e., hosting everyone and anyone in the *arraial* (“FAQ”). But the mission of festivities is thereby challenged. In New Bedford, visitors enter the *arraial* who also happen to be uninterested in Madeiran immigration or unobserving of solemn worship (Cabral 44–45). Arguments form for what Derrida calls conditional hospitality, e.g., formulating rules, requiring identification, patrolling grounds, surveilling celebrants, and restricting access in order to limit who the visitors are. All aforementioned methods were used by secular hosts of the centennial Madeira Feast (“Venue Safety”). The other horn of the dilemma menaces: methods of conditional hospitality also challenge the mission. For example, some persons who think in *arraiais* observe powerful video technology and security personnel; new prohibitions of large shoulder bags discourage visitors from escorting elderly persons who want portable seating (“Bag Policy”). In philosophy, solving dilemmas like solving discordances first requires locating balance points and areas of duty. For Derrida, the thinking “straddling” divergences of hospitality constitutes hospitality ethics (136).

Duties of any host: ample seating, open entrances and accessible exits, accommodation for dependents, visible guides, hydration and toilets, a differentiated *arraial*, and a well-appointed schedule. Prudent, creative deliberating about host duties may approach conditional hospitality balanced with unconditional hospitality. In short, I ask myself what arrangements offer conditional hospitality without imposing fallible rules and unconditional hospitality without inviting crises? North American philosopher A. Weston, author of *Creativity for Critical Thinkers*, offers guidance in the area of creative, philosophical problem-solving. For example, take well-appointed scheduling. Late-20th-century Madeira Feast performances are scheduled and published far in advance (“Entertainment”). Advance scheduling facilitates coordination among various parties, but scheduling also generates coincidental choices, i.e., blockages and competition, in large crowds. According to Weston, one approach to solving problems is by treating the cause (56). For example, the prudent host sees it is not a host duty to publish the feast schedule in advance and accordingly refrains; as a consequence, visitor arrivals are better distributed over four days. Take excessive drinking. A fallible rule states that visitors may purchase only two alcoholic beverages at once (“Venue Safety”). According to Weston, another creative approach is to implement how other cultures solve the problem (25–26). In this case, scholarly hosts discover how Madeirans serve alcoholic beverages. “Madeiran Rules” are instituted; drinking fulfills the feast’s mission. Similarly, take the *arraial* map. Allocating new areas, forums, and pilot projects serves to diversify what is possible at the Madeira Feast. Unconditional hospitality is pursued because visitors thinking may deliberate and choose, and crowds disperse. But *arraial* enlargements are expensive and require new areas of expertise. According to Weston, difficult problems may be reframed, e.g., one problem is brought to solve another (57). The University of Massachusetts in New Bedford and Dartmouth, with commitments to language learning and the humanities, needs to reach out to communities of Madeirans and Azoreans, among others (“Portuguese”). The Madeira Feast, for its part, needs to conduct informed, fruitful conversations about inclusion and diversity; the *Clube Madeirense*, for its part, wishes to be a good, upstanding neighbor.

Creative solutions recreate hospitality characteristic of the 13th-century and world feast traditions. *Quodlibet* explores questions on any subject whatever. The Feast of the Blessed Sacrament welcomes all outsiders. Inviting is the starting point. One promising project reaching young and old, empowering beginners and experts, are Madeira Feast forums for book readings conducted by universities, colleges, and schools. These may be rigorously scheduled, like the New Bedford Whaling Museum’s *Moby-Dick*

reading marathon, or loosely scheduled (“Annual Moby-Dick”). For example, a title is selected, books are made available at local stores and schools, and for feast days readings are conducted formally by experts and visitors, discussed among groups at leisure, and interpreted by artists. University faculty are persons qualified to locate international literature and stories. Plausibly, better titles offer a background by which to think about festivities, the Island of Madeira, and the City of New Bedford.

## Closing

Some conclusions are now elaborated about future festivities. All conclusions point in the direction of festivities thinking. If Plato is right, community gatherings must be hosted and conducted by experts who think in view of the happiness of dependents and who reason in light of the mission. If Professor Heidegger is right, hosted celebrations whose missions are to commemorate and worship must accommodate observant thinking and contemplation, respectively. To Heidegger’s proposal we may add that there are fun, promising areas of feast learning and deliberating that are at times incompatible with higher thinking. If teachers like Aquinas are right, festivities may be embedded with forms of intellectual exchange for which universities and colleges bring hosting and expertise. An intellectual occasion like community book reading enacts commitments to improvising and formality sufficient for intellectual discovery among festive people.

This direction illuminated points beyond thinking to the nature of festivities, i.e., festivities are things of power. Just as city institutions are things of power, so too are hosted celebrations. What this insight means may be interpreted from various approaches: power is immanent in offices and privileges, and power is defined as the resource for diverse actions. To speak philosophically, things of power are ontologically greater than ordinary things. For example, festivities are ontologically more than hosts and groups conducting visitors. What is cherished about festivities by young and old is negotiating depth and complexity, appraising one area of the *arraial* in light of another.

Festivities are things of power. Given that power exceeds anyone of us, for persons to initiate new community projects is to assume approaches that are, in truth, woefully inadequate. One approach to power comes not from philosophy but from theology and religion. According to Pope St. John, writing to citizens worldwide, power carried by organizations is in every case given by God (Catholic Church, *Pacem* 19–21). For Madeirans conducting traditional feasts, the power to host begins with spiritual promises and sponsorship on the part of the Church parish (Cabral 29–30). One approach to carrying Portuguese-American celebrations to future generations is to carry what is a suitable attitude—i.e., that feasts are powerful things, beginning with Divine dispensation.

For some, complicating any sort of powerful thing seems to pursue its destruction. But complexity is characteristic of things of power, like medieval disputation. Tasks, roles, and authority are carved up, allocated. Variants form. Disputation itself propagates throughout Europe. The same is true for festivities. In the 13th century, *Festum Eucharistiae* shoots forth roots and blossoms in many localities as the Feast of Corpus Christi; by the 15th century, the feast as *Santissimo Sacramento* populates parishes of remote Madeira (Cabral 26–28, 133). Immigrants who endure transatlantic crossings bring the feast tradition to New Bedford’s North End. In sum, transforming and complicating things of power pursues flourishing. Moreover, some powerful things flourish only as partitioned, circulated, relinquished, and drawn anew. I propose that this is true of festivals and feasts.

If the argument is cogent, structures of power shaping community gatherings are not to be carried as rigid somethings, enduring as impervious objects. They are to be carried as things of precious life, flexible and revisable. To conclude are proposals for creativity in localities like New Bedford’s Madeira Feast. Some holidays to gather people are not overly scheduled. Better that festivities are tethered to stars, looped to moons. Similarly, feasts may embellish the good habit of stretching the feet and walking—pitch tents in uncelebrated fields. They need not be stored in the very same locality, as

clothing is stored in closets. The possibility of any mission is, first of all, a sincere wish for its fulfillment. What fulfillment is, experts guide us. Each may have his or her own fulfillment. For philosophy, one key (among others) is intellectual activity.

## Endnote

“Noticiário” (*Avorada Diária*, Sexta-Feira, 1 de Agosto de 1919)

“FESTA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO. Como preparação para a festa do Santíssimo Sacramento que se realiza proximo domingo na igreja de Nossa Senhora da Conceição desta cidade, principia hoje pelas 8 horas da noite o arraial com vistosa iluminação no largo e ruas adjacentes àquela igreja. O concerto musical, pelas filarmonicas ‘Nacional Portuguesa’ desta cidade e outra de Plymouth-tambem portuguesa, durará até às 11 horas da noite. As ruas estão ornamentadas com arcos de verdura e com as bandeiras das duas nações amigas. Amanhã pelas duas horas da tarde as mesmas bandas postadas nos seus côretos darão novo concerto até às 11 horas da noite com alguns intervalos. A igreja estará aberta amanhã todo o dia e às 7,30 da noite subirá à tribuna sagrada o rev. sr. padre Manual de Sousa Travassos, pastor da igreja do Espirito Santo de Fall River. A festa no domingo começará as 10,45 com missa cantada a grande orquestra, prégando ao Evangelho o rev. sr. padre João de Fontes Ferraz, pastor da igreja de S. Miguel de Fall River. Às 4 horas da tarde sairá a procissão que dará o giro do costume e na qual se encorporarão as confrarias da paróquia com os seus pendões, creanças da primeira comunhão, meninos do côro, clero, Conselho ‘João Gonçalves Zarco’ da Associação Protetora União Madeirense do Estado de California e a respectiva comissão promotora da festa e as filarmonicas. Ao recolher da procissão prégará o rev. sr. padre Francisco Correia Betencourt, cura coadjutor da igreja de S. João desta cidade. Depois do sermão haverá concerto pelas duas filarmonicas até às 10,30 da noite. Como se sabe, os festejos em honra do Santíssimo Sacramento são feitos a expensas do povo madeirense que amavelmente contribue com a sua quota para a realização de tão importantes solenidades. E não nos consta que haja um unico filho da ilha da Madeira que, ao ser entrevistado pelos membros que compõem a comissão, se recuse a contribuir generosamente para tal fim. Oxalá que os festejos corram na melhor ordem e que todos se portem com o devido respeito e acatamento para honra e brio do nome portuguez. A’ ULTIMA HORA. Pelo telefone fomos agora informados de que haverá fogo de artifício amanhã à noite e no domingo, no largo da igreja, esperando-se grande numero de forasteiros de fóra da cidade.”

“News” (*Avorada Diária*, Friday, August 1, 1919)<sup>5</sup>

“FEAST OF THE BLESSED SACRAMENT. In preparation for the Feast of the Blessed Sacrament that shall take place this Sunday in the Church of Our Lady of Conception of this city, the *arraial* begins today at 8 o’clock at night with eye-catching illumination in the square and streets adjacent to that church. The musical performance, offered by the philharmonic “National Portuguese” of this city and by one other philharmonic from Plymouth, also Portuguese, lasts until 11 at night. The streets are ornamented with arches of greenery and with the flags of the two sister nations. Tomorrow by 2 in the afternoon the same bands positioned in their bandstands are to give a new concert that will last until 11 o’clock at night, with some intermissions. The church will be opened tomorrow all day, and at 7:30 o’clock at night, Rev. Sr. Father M. de L. T., pastor of the Church of the Holy Spirit in Fall River will address the community from the sacred pulpit. The Feast on Sunday is scheduled to commence at 10:45 AM with a sung mass accompanied by a full orchestra. Rev. Sr. Father João de

<sup>5</sup> Translated by Paul Medeiros, with editing by Pedro Lopes de Almeida.

Fontes Ferraz, pastor of the Church of St. Michael of Fall River will be preaching the Gospel. At 4 o'clock in the afternoon the procession will depart taking the customary route, with the presence of the fraternities of the parish with their pennants, children of the first communion, choir boys, clergy, Counselor J. G. Z. of *A. P. U. Madeirense* of the State of California and the commission in charge of the festivities, as well as the philharmonics. To culminate the procession, the Rev. Sr. Father F. C. B., priest of the Church of St. John of this city, is to preach. After the sermon, there will be concerts by two philharmonics until 10:30 PM. As it is well known, the festivities in honor of the Blessed Sacrament are supported by the Madeiran community, who kindly contributes their share to the realization of such important solemnities. It goes without saying that no single person of the Island of Madeira, being appointed by the members composing the commission, would refuse to contribute generously for such an end. Let us hope that the festivities may run in good order and that all may carry themselves with proper respect and the deference suited to honor and dignify the name of the Portuguese community. AT THE LAST HOUR. By telephone, we are now informed that there will be fireworks tomorrow at night and on Sunday, in the square of the church, and that a large number of visitors from other cities is expected."

## References

- “About Us.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us).
- “All About Love.” *Standard-Times*, 1 August 2014, p. A1.
- “Annual Moby-Dick Marathon.” New Bedford Whaling Museum, 2020,  
[www.whalingmuseum.org/programs/annual-events/annual-moby-dick-marathon](http://www.whalingmuseum.org/programs/annual-events/annual-moby-dick-marathon).
- Aquinas, St. Thomas. *Quodlibetal Questions 1 and 2*. Translated by Sandra Edwards. Pontifical Institute of Mediaeval S, 1983.
- . *Summa Theologiae*. Translated by Fathers of Dominican Province. Benziger B, 1947.
- Aristotle. *Nicomachean Ethics*. Translated by Terence Irwin. Hackett P, 1999.
- “Bag Policy.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us).
- Burnet, Ioannes. *Platonis Opera*. Oxonii, 19xx.
- Cabral, Stephen. *Tradition and Transformation: Portuguese Feasting in New Bedford*. AMS P, 1989.
- Catholic Church. “Nineteenth Sunday in Ordinary Time.” *Immaculate Conception Church*, 7 August 2016, p. 2.
- . Pope (2012– : Francis)., and Pope Francis. *Laudato Si’: On Care for Our Common Home*. Our Sunday Visitor, 2015.
- . Pope (1958–1963: John XXIII)., and Pope John XXIII. *Pacem in Terris: Encyclical Letter of Pope John XIII On Peace on Earth*. 1963. USCCB, 2003.
- . Pope (12XX – 13XX: Urban IV)., and Pope Urban IV. “Transiturus de Mundo.” Libreria Editrice Vaticana, 2020, [w2.vatican.va/content/urbanus-iv/lt/documents/bulla-transiturus-de-mundo-11-aug-1264.html](http://w2.vatican.va/content/urbanus-iv/lt/documents/bulla-transiturus-de-mundo-11-aug-1264.html).
- Chang, K. “From Oral Disputation to Written Text.” *History of University*, vol. 19, no. 2, Oxford UP, 2004, pp. 129–187.
- “Corpus Christi.” *New Catholic Encyclopedia*, vol. 4, McGraw-Hill Books C, 1967, pp. 345–47.
- Derrida, Jacques. *Of Hospitality*. Translated by Rachel Bowlby. Stanford UP, 2000.
- Edwards, Sandra. Introduction. In *Quodlibetal Questions 1 and 2*, by St. Thomas Aquinas, translated by S Edwards, 1983, Pontifical Institute of Mediaeval S, pp. 1–25.
- “Entertainment.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/Entertainment](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/Entertainment).
- “FAQ.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020, [www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/FAQ](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/FAQ).
- “Feast Closes with Joy, Praise for Organizers.” *Standard-Times*, 4 August 2014, p. A1.
- “Feast of the Blessed Sacrament.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com).
- “2019 Feast President.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/Welcome\\_from\\_the\\_2019\\_Feast\\_President\\_Carlos\\_Nunes](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/Welcome_from_the_2019_Feast_President_Carlos_Nunes).
- “Food and Drink.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/food-drink](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/food-drink).
- “Founding Fathers.” Feast of the Blessed Sacrament, 2020,  
[www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/founders](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/founders).
- Heidegger, Martin. *Concept of Time*. 1924. Translated by William McNeil. Blackwell, 1992.
- . “Messkirch’s Seventh Centennial (1962),” translated by Thomas Sheehan. *Listening*, vol. 7, no. 1–3, 1973, pp. 41–57.
- . *Discourse on Thinking*. 1955. Translated by John M. Anderson and E. Hans Freund, Harper and Row, 1966.

- . "The Pathway (1949)," translated by Thomas F. O'Meara, *Listening*, vol. 8, 1973, pp. 32–39.
- . "Why Do I Stay in the Provinces? (1934)," translated by Thomas J. Sheehan. *Listening*, vol. 12, no. 3, 1977, pp. 122–125.
- Holweg, Eric J. "Mariner's Guide for Hurricane Awareness in the North Atlantic Basin." National Oceanic and Atmospheric Administration, August 2000, [www.nhc.noaa.gov/marinersguide.pdf](http://www.nhc.noaa.gov/marinersguide.pdf).
- "Largest Crowd in Feast History." *Standard-Times*, 3 August 2015, p. A1 (A4).
- Leal, João. "Traveling Rituals: Azorean Holy Ghost Festivities in Southeast New England." *Community, Culture, and the Makings of Identity*, edited by Kimberly Decosta Holton and Andrea Klimt, UMASS Dartmouth, 2009, pp. 127–44.
- "Let the Feast Begin." *Standard-Times*, 1 August 2014, p. A2.
- "Madeiran Tourism Secretary Visits City for Feast." *Standard-Times*, 1 August 2014, p. A2.
- Mann, Patricia M. *Sent Forth in the Spirit*. Leonine, 2012.
- Medeiros, Paul J. "Introducing *The Spoken Exam!*" *Teaching Philosophy*, vol. 40, no. 1, 2017, pp. 35–53.
- Monks, James L. *Great Catholic Festivals*. Schuman, 1951.
- "Museum of Madeiran Heritage." Museum of Madeiran Heritage, 2020, [museumofmadeiranheritage.ning.com](http://museumofmadeiranheritage.ning.com).
- "Noticiário." *Alvorada Diária*, 1 August 1919, p. 3.
- Novikoff, Alex. *Medieval Culture of Disputation*. U Penn P, 2014.
- O'Conner, James T. *The Hidden Manna: A Theology of the Eucharist*. Ignatius P, 2005.
- O'Neill, H. C., translator. *New Things and Old in Saint Thomas Aquinas*. Dent and C, 1909.
- Pesch, Carol E., Richard A. Voyer, and James S. Latimer. "Imprint of the Past: Ecological History of New Bedford Harbor." U. S. Environmental Protection Agency, 2011, [semspub.epa.gov/work/01/505063.pdf](http://semspub.epa.gov/work/01/505063.pdf)
- "Pope Benedict XV." *New Bedford Evening Times*, 1 August 1915, p. 1.
- "Center Portuguese for Studies and Culture." Board of Trustees of the University of Massachusetts, 2020, [www.umassd.edu/portuguese-studies-center](http://www.umassd.edu/portuguese-studies-center).
- Pieper, Josef. *Guide to Thomas Aquinas*. Translated by Richard and Clara Winston, Pantheon Books, 1962.
- Plato. *The Republic*. Edited by G. R. F Ferrari, translated by Tom Griffith, Cambridge UP, 2000.
- Rorty, A. "From Exasperating Virtues to Civic Virtues." *American Philosophical Quarterly*, vol. 33, no. 3, 1996, pp. 303–11.
- Safranski, Rüdiger. *Martin Heidegger*. Translated by Ewald Osers, Harvard UP, 1998.
- Seek Find: The Bible for All People*. Contemporary English Version, Putnam and Sons, 2006.
- Thoreau, Henry. *Walden; or, Life in the Woods*. Ticknor and Fields, 1854.
- Turrell, Jean-Pierre. *Saint Thomas: The Person and His Work*, vol. 1. Translated by Robert Royal, Catholic UP, 1996.
- "Venue Safety." Feast of the Blessed Sacrament, 2020, [www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us](http://www.feastoftheblessedsacramentcom.ning.com/about-us).
- Weston, Anthony. *Creativity for Critical Thinkers*. Oxford UP, 2007.
- . *Back to Earth: Tomorrow's Environmentalism*. Temple UP, 1994.

*Registo de luso-americanismos na escrita açoriana do século XIX*

Urbano Bettencourt

No dia 10 de abril de 1887, o jornal *O Açoriano* (ilha do Faial, Açores), publicava mais uma das habituais crónicas de Manuel Zerbone. Refira-se, de passagem, que jornal *O Açoriano* foi fundado em 1883 pelo jovem poeta Manuel Garcia Monteiro, que no ano seguinte emigraria para os Estados Unidos, onde se formou em Medicina e publicou o seu livro *Rimas de ironia alegre* (1896), cuja impressão “foi feita na residência do autor (186 Webster Street, East Boston, Mass.)”, como ele mesmo teve o cuidado de deixar registado em jeito de cólofon. Nesse jornal, Manuel Zerbone publicou um conjunto de 128 crónicas, entre 23 de novembro de 1884 e 17 de junho de 1888, inicialmente designadas por “Crónicas alegres” e depois reduzidas a “Crónicas”, mas sem que isso afetasse o registo irónico e satírico com que, frequentemente, o quotidiano faialense é observado.

Essa crónica de 10-abr-1887 é integralmente dedicada à emigração, numa sequência tripartida, cuja primeira parte se reporta ao momento da partida e da despedida; o segundo momento ocupa-se dos sentimentos dos emigrantes durante a viagem, entre a expectativa e a incerteza quanto ao futuro e a nostalgia do mundo que deixaram para trás. A terceira parte, que abaixo se reproduz, tem a particularidade de descrever a vida do emigrante (alguma, pelo menos) nos Estados Unidos, numa perspetiva bem menos eufórica do que aquela que ocorre nalguns textos açorianos da época; mas o seu interesse resulta também do facto de antecipar o regresso, com alguns traços comuns à descrição de outros autores, e sobretudo do registo dos quatro luso-americanismos sinalizados graficamente pelo próprio autor. Fruto do contacto entre os sistemas linguísticos português e inglês, o seu uso literário conheceu desenvolvimentos significativos, em Nunes da Rosa (*Gente das ilhas*, 1925) e posteriormente em escritores como Vitorino Nemésio, Onésimo Teotónio Almeida, Cristóvão de Aguiar e Marcolino Candeias, para citar alguns casos. Em termos meramente cronológicos, a crónica de Zerbone constitui, até ao presente e de acordo com a minha informação, o mais antigo registo escrito dessa linguagem oral popular.

Manuel Zerbone nasceu na então Vila da Horta a 7 novembro de 1855 e faleceu em 1905. Estudou em Lisboa e no Porto, tendo convivido nesta cidade com homens de letras como Manuel Teixeira Gomes, Luís Botelho e Queirós Veloso. Na Horta foi professor eventual do liceu e jornalista e pertenceu àquele grupo de intelectuais e escritores que marcaram a transição de século nos Açores: Garcia Monteiro, Florêncio Terra, Rodrigo Guerra e Roberto de Mesquita, entre outros.

\* \* \*

## CRÓNICA

Manuel Zerbone\*

(…)

Chegam finalmente ao termo da viagem.

Os rapazes metem-se a pescadores, ou então seguem para a Califórnia lavar os grandes terrenos, cortar o trigo, semear os milhos; as raparigas vão servir ou então casam logo com o primeiro que lhes aparece, porque geralmente não têm grandes razões para ser muito escrupulosas. É quase sempre um pescador de cavala, o marido, que vive à custa delas durante os meses de inverno, maltratando-as com pancadas, passando as noites frias nos “chapes”, em bebedeiras ignóbeis.

Muitas morrem ao cabo de poucos meses: o trabalho fragoso e aturado, e o frio intenso ceifam desapidadamente aquelas existências infelizes.

As que conseguem escapar voltam quase sempre ao fim de dois anos. É então curioso vê-las entrar na alfândega de chapéu e xaile, marchando orgulhosamente adiante dos seus homens, pedindo com voz esganiçada, e grandes movimentos sacudidos, que fazem agitar o grosso cordão de oiro baixo que trazem ao pescoço, um “boques” e um “basquete” que devia ter vindo de bordo, juntamente com uns sapatos de “ginjarrôba”.

Dão vontade de rir, e todavia são eles que foram por esse mundo de Deus – à custa de mil trabalhos, de mil privações, de muita doença, de muito frio – ganhar as belas águias com que nós mandamos comprar a seda dos seus corpetes, leitora, e o chá que tomas nos bailes, enquanto descansas duma valsa e recordas as últimas palavras de amor que te segredaram...

Vale bem a pena ter muita estima por aqueles valentes trabalhadores.

---

\* Transcrita por Carlos Lobão, em Manuel Zerbone (2005). *Crónicas alegres*, (Vol. II). Horta: Câmara Municipal, p. 210.

*“Jornal de viagem” de Dutra Faria:  
Um olhar sobre o Brasil e os Estados Unidos em 1958*

Duarte M. B. Mendonça\*

## INTRODUÇÃO

No decurso duma investigação na antiga imprensa madeirense para um trabalho que tínhamos entre mãos, deparámo-nos, no *Jornal da Madeira*, com as crónicas da autoria do jornalista terceirense Francisco de Paula Dutra Faria (1910–1978), antigo Diretor Executivo da ANI (Agência Nacional de Informação), relatando o seu périplo por quatro países da América do Sul e do Norte, realizado no último trimestre de 1958, juntamente com a sua esposa, Noémia Gil Dutra Faria, também ela jornalista adstrita a este organismo. Intituladas “Jornal de viagem”, referiam que eram um “Exclusivo ANI do *Jornal da Madeira* em Funchal” e relatavam a sua passagem pelo Brasil, Venezuela, México e Estados Unidos. O móbil desta viagem foi o de estabelecer uma rede de contactos com diversos jornais estrangeiros com o intuito de melhor divulgar as notícias emanadas de Portugal.

Movidos pela curiosidade pesquisámos igualmente o *Diário de Notícias* de New Bedford (DNNB) para averiguar o que este antigo órgão informativo luso-americano havia referido acerca da sua passagem pelos Estados Unidos e, para nossa surpresa, constatámos que todas estas crónicas de viagem também foram ali divulgadas, sob o mesmo título e subtítulos, acompanhados da foto do seu autor e acrescentando que o mesmo era o Diretor Executivo da ANI, sigla da antiga Agência Nacional de Informação, criada durante o Estado Novo. Com efeito, na edição de 30 de dezembro o DNNB divulgou que iria dar início, em breve, à publicação destes textos, através da seguinte notícia, ilustrada com a foto do seu autor, que também acompanharia cada um deles:

**O “Diário de Notícias” vai publicar 48 crónicas de viagem  
de Dutra Faria**

A partir de sexta-feira, 2 de Janeiro, principiarão a ser publicadas por este jornal, em regime de exclusividade para a costa leste dos Estados Unidos, 48 crónicas de viagem do jornalista Dutra Faria, director executivo da agência ANI e redactor principal do jornal “A Voz,” de Lisboa, que acaba de regressar a Lisboa de uma viagem de 48 dias pelo Brasil, Venezuela, México e Estados Unidos da América do Norte.

Trata-se de um DIÁRIO e, como tal – declara Dutra Faria – regista por vezes factos mais de interesse particular para o jornalista do que, na verdade, de interesse público. Por outro lado, o jornalista preocupou-se mais com as colónias portuguesas e seus problemas do que verdadeiramente com os países em que estas vivem e trabalham.




---

\* Biblioteca Municipal do Funchal

“O mérito destas 48 crónicas é sobretudo o da sinceridade com que foram escritas, dia a dia, por vezes sobre o joelho,” diz o ilustre escritor, que termina: “Valem, como um depoimento pessoal.”

Recolhemos, de ambas as fontes, estes textos esquecidos de Dutra Faria, que nunca foram publicados em livro, dado que os mesmos nos oferecem um olhar *à vol d’oiseau* das diversas comunidades portuguesas estabelecidas nestes países, de modo a dá-los a conhecer a uma nova geração de leitores.

Seguidamente apresentamos as referidas crónicas, identificando, em nota de rodapé, as datas em que foram publicadas quer na cidade baleeira quer no Funchal, através das quais se verificará que foram divulgadas quase em simultâneo em ambos os lados do Atlântico.

## I. CRÓNICAS DE DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 1 QUATRO VISTOS NO PASSAPORTE<sup>1</sup>

NO AVIÃO, ALGURES POR SOBRE O ATLÂNTICO, 28 de Outubro. – Dois jornalistas, marido e mulher, partiram para uma viagem de 45 dias pelo Novo Mundo. No seu itinerário, uma dúzia de cidades: Rio, S. Paulo, Caracas, México, San Francisco, Oakland, Hanford, Washington, Nova York, Nova Bedford, Fall River, Providence. No seu passaporte, quatro vistos, quatro carimbos de página.

\* \* \*

O visto do Brasil demorou três dias. Não pôde ser pedido sem uma visita prévia aos Serviços de Saúde do Consulado, onde fomos sumariamente examinados por dois médicos e pagámos cento e oitenta escudos. Depois, no Consulado, pagámos mais setenta.

Características do visto brasileiro:

“Temporário – Turista – Permanência por 90 dias – Não pode exercer qualquer actividade remunerada no país.”

\* \* \*

Ao visto do México, obtivemo-lo em duas horas. Pagámos duzentos e noventa escudos.

Características: Este visto por si só não implica a obrigação de ser admitido o interessado pelas Autoridades da Migração. – Se estas encontrarem qualquer motivo legal para fazê-lo, podem invalidá-lo.

\* \* \*

No Consulado da Venezuela tivemos de apresentar cada um de nós uma certidão passada em meia folha de papel selado pelo nosso médico, garantindo que não sofremos de qualquer doença contagiosa,

---

<sup>1</sup> *Diário de Notícias* de New Bedford (DNNB), 2 de janeiro de 1959; *Jornal da Madeira* (JM), 4 de janeiro de 1959.

“particularmente tuberculose evolutiva e progressiva.” Assinatura do médico reconhecida pelo notário.

Demora na concessão do visto: vinte e quatro horas. Custo: cento e oitenta escudos.

Características:

“Turístico – Válido por oito dias.”

\* \* \*

Chegamos, por último, ao Consulado dos Estados Unidos, onde entregamos a carta em que expomos – como fizemos também para o Consulado do Brasil – os motivos principais da nossa viagem: estudar com os correspondentes da ANI nos países a que nos dirigimos a expansão, aí, dos serviços da nossa agência.

– Mas o senhor é jornalista – observa o funcionário que me atende.

– É verdade que sou.

– E durante a sua viagem não tenciona escrever crónicas, fazer entrevistas, reportagens?

– É verdade que tenciono.

– E sua esposa é também jornalista, segundo creio.

– Também.

– E não tenciona ela escrever também as suas impressões de viagem?

– Tenciona.

– Muito bem. Nesse caso, o visto que lhe devo passar não é o de “viagem de negócios,” é outro, que lhe dará maiores facilidades, é o visto “T” de “jornalista em missão.”

Depois, é o cônsul em pessoa – a sra. Jean Jerolaman – quem nos recebe:

– Levantem a mão direita, por favor.

Levantamos.

– Juram que são verdadeiras todas as declarações que prestaram?

– Juramos.

Aperto de mão:

– E que façam muito boa viagem...

Características do visto:

“Grátis – Válido por um número ilimitado de entradas nos Estados Unidos até 21 de Outubro de 1962.”

\* \* \*

Demora no Consulado dos Estados Unidos: uma hora.

\* \* \*

Agora, dois jornalistas, marido e mulher, voam para o Novo Mundo, com quatro vistos no seu passaporte.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 2  
**ESCALA NO RECIFE: MOCAMBOS E ARRANHA-CÉUS<sup>2</sup>**

RECIFE, 29 DE OUTUBRO. – Sobrevoámos a ilha cabo-verdiana de Santiago. É ainda Portugal. Depois, nada mais – oceano e nuvens, nuvens e oceano – até que passamos sobre outra ilha, agora a de Fernando de Noronha. Estamos a uma hora de voo da costa do Brasil, mas é já Brasil. E a mim mesmo pergunto:

– Quem foi que disse que os dois países não têm fronteiras comuns?

\* \* \*

Por sobre o Recife, antes de aterrar no aeródromo dos Guararapes, o avião descreve largo círculo. É uma cidade conquistada ao mangal, como a Beira – edificada no que foi o mangal. É o mesmo milagre do esforço humano, a mesma extraordinária, portentosa demonstração do que o homem é capaz, na luta contra a natureza.

Ora vemos núcleos de arranha-céus, ora aglomerações humílimas de “mocambos” – “mocambos” caiados de amarelo ou de azul, que parecem nascer do pântano e que o pântano cerca ainda. Depois, outra vez os arranha-céus e outra vez os “mocambos”; chaminés de fábricas e jangadas de pescadores que saem para o mar; avenidas desenhadas geometricamente no areal e retalhos ainda, num barranco, de floresta primitiva. Contrastes. E, sentado a meu lado, espreitando pela mesma janelinha do Convair a mesma paisagem, um brasileiro cordial diz-me:

– Terra de contrastes. E todo o Brasil é isto, meu amigo. Maravilhosa terra de contrastes.

\* \* \*

Estive aqui em 1954. A aerogare era ainda um barracão. Agora, quatro anos depois, é um soberbo conjunto de moderníssimos edifícios, inaugurados já este ano, em Janeiro. Custo: setenta e oito milhões de cruzeiros.

\* \* \*

No restaurante, o criado pergunta se queremos abacaxi. Eu digo que sim, minha mulher diz que não, com algum espanto meu. Depois, compreendo. Ela não sabia ainda. que abacaxi é ananás...

\* \* \*

O Estado de Pernambuco (capital: Recife – dizem os compêndios e os guias de viagem) tem exactamente a mesma extensão, em quilómetros quadrados, do Portugal continental, mas uma população que é sensivelmente a metade e da qual uma quarta parte vive aglomerada aqui nesta cidade e nas que, ao redor, constituem “o grande Recife.”

É a terceira cidade do Brasil em população, depois de S. Paulo, que é a primeira, e do Rio, este “grande Recife,” onde se publicam dez jornais diários: cinco matutinos, outros tantos vespertinos.

Dos matutinos, o de maior tiragem – o “Diário de Pernambuco,” fundado em 1825 e hoje da cadeia dos Diários Associados – é, por sinal, o mais antigo da América do Sul. Em antiguidade, segue-se-lhe “El Mercurio,” de Valparaíso.

---

<sup>2</sup> DNNB, 3 de janeiro de 1959; JM, 6 de janeiro de 1959.

\* \* \*

Compro o “Diário de Pernambuco,” leio uma crónica de Assis Chateaubriand, enviada de Praga: “De todos os lados, e por todos os lados, só encontramos homens de negócios... e todos falando português e espanhol na perfeição.”

Perfeição talvez suspeita...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 3  
**MARAVILHA DE DEUS, CAPITAL DO BRASIL, CIDADE PORTUGUESA<sup>3</sup>**

RIO DE JANEIRO, 30 OUTUBRO. – Há cidades que nos enternecem, cidades que nos empolam, cidades que nos esmagam, cidades que nos entontecem... Há cidades que nos conquistam e cidades que se deixam conquistar... Cidades que nos penetram no sangue e no espírito; outras que são apenas como que uma carícia à flor da pele. Cidades que têm o perfume e o sabor de um vinho raro; outras que guardam ainda a ingenuidade e a graça do que é jovem.

Nova York, por exemplo, esmaga-nos, Londres entontece-nos, Paris deixa-se conquistar, mas entra-nos como um veneno subtil, no sangue e na alma.

Com o Rio de Janeiro, porém, algo bem diferente se passa. Cidade toda em contrastes, não cabe num verbo, nem sequer em meia dúzia de verbos. Do alto do Corcovado, Cristo abre misericordioso os braços em cruz, enquanto na praia de Copacabana o sol bronzeia estas lindas brasileiras morenas (e loiras) que não se envergonham da sua nudez, mas também – lá isso é verdade – não a exibem como um troféu.

Onde acabam, luxuriantes, os jardins do palacete rococó do milionário, começa logo o morro e no morro, misérrima, a favela com os barracos em presépio. Defronte de igrejas jesuíticas do século XVIII, em largos que mantêm uma fisionomia de província, erguem-se arranha-céus.

Ao longo das ruas estreitas do centro, que cheiram a café torrado e a canela, o velho botequim abre as suas portas junto do “snack-bar” reluzente de cromados ou das montras da sucursal de alguma das casas francesas de alta-costura.

E debaixo do reclamo luminoso do restaurante de luxo, em cuja carta de vinhos ainda podemos escolher um Tokay de antes da guerra, dorme, podre de bêbado, com a garrafa da cachaça, ao lado, vazia, um preto coberto de farrapos...

Tudo isto é o Rio e, no entanto, são apenas imagens soltas, todas estas de uma cidade que não se pode reduzir a imagens.

“Deus criou o mundo em sete dias e consagrou dois desses dias a criar a baía do Rio de Janeiro” – escreveu Monteiro Lobato. Ora o Rio, mais do que a cidade, é a baía, com o seu conjunto de enseadas e de praias, com as suas ilhas, com os morros que a circundam, negros ou revestidos de arvoredo.

Depois, não há no Rio, como noutras capitais, uma cidade moderna e uma cidade antiga; uma entra pela outra, abraçam-se, confundem-se, amalgamam-se uma à outra. Finalmente, o Rio deve ser, no mundo, a única grande cidade que tem uma floresta, não a poucos quilómetros do centro, mas de tal modo no centro que a floresta é como que uma ilha, envolvida de todos os lados pelo casario.

Não se trata, porém, de um parque. Não é o Hyde Park, nem o Central Park, nem o Bois de Boulogne. Não. A Tijuca é mesmo floresta, é mesmo selva – selva impetuosa, densa, impenetrável, escura. Um pedaço de selva virgem, esquecido no coração de uma cidade onde vivem, trabalham, se

<sup>3</sup> DNNB, 5 de janeiro de 1959; JM, 9 de janeiro de 1959.

agitam, lêem jornais, tomam de pé e apressados um “cafezinho,” correm a apanhar o “bonde,” enchem os cinemas, amam e discutem política três milhões de pessoas.

E desses três milhões umas quinhentas mil, pelo menos, são portugueses e filhos de portugueses. Por isso se diz hoje ainda – a um brasileiro o ouvi – que o Rio, além de capital do Brasil, é também uma das maiores cidades portuguesas.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 4  
“TÁXI EM DIA DI CHUVA É LOTAÇÃO”<sup>4</sup>

RIO DE JANEIRO, 31 DE OUTUBRO. – O senhô é chileno? – perguntou-me o motorista do táxi, um jovem daquela cor a que chamam aqui, o pardo.

– Não. Sou português.

– Português. É curioso. Estou compreendendo bem o senhô.

– Nem admira. Falamos ambos a mesma língua.

Ele não está perfeitamente de acordo – replica, sorridente.

– Sim. Com português culto (*sinto-me desvanecido*) a coisa vai sempre assim fácil. Mas olhe o senhô que outros parece mesmo que falam outra língua...

E acrescenta, amável:

– Que lá a língua, como disse o senhô, é a mesma: brasileiro é filho de português.

Vem, depois, as confidências:

– Meu “team” favorito é até o do português cá do Rio. Sabe o senhô, é que eu fui marinheiro. E todo o pessoal da Armada torce pelo Vasco. Chamamos-lhe “O Almirante.” Porque Vasco da Gama foi Almirante mesmo, não sei se o senhô sabe?

– Sei. E descobriu o caminho marítimo para a Índia.

– Pois descobriu... – Mas vê-se que a História o interessa menos do que o futebol. Não insisto. Mudo de conversa – e serve de pretexto uma loirinha sensacional, que atravessa a rua. É uma jovem deslumbrante – flor da Alemanha, talvez, mas desabrochada ao calor dos Trópicos. Extasio-me, depois de pedir vénia aos meus quase cinquenta anos:

– Que brotinho!

Ele, cujo olhar, evidentemente, não seguiu o mesmo rumo, comenta:

– É uma moreninha jeitosa, lá isso é. Uma rica garota.

E pergunta:

– O senhô gosta de morena?

Um pouco embaraçado, respondo que sim, que gosto muito de morena.

– Eu também – diz. – De branca é que não gosto mesmo nada. – E desdenhoso: Mulher cor di leite...

Penso que é chegado o momento de mudarmos uma vez mais de conversa:

– Que tal, este negócio de táxis?

– É negócio de português, negócio de patrício do senhô (*setenta por cento dos táxis do Rio pertencem a portugueses – diz-me, depois, um amigo estatístico*). Este automóvel por exemplo, é de português, que tem mais quatro. Pagamos-lhe, os condutores, seis cruzeiros por quilómetro, entrando ele com a gasolina e com o óleo.

– Você, para si, quanto é que tira, então?

<sup>4</sup> DNNB, 6 de janeiro de 1959. Esta foi a única, desta série de crónicas, que não foi divulgada no *Jornal da Madeira*, o órgão oficial da Diocese do Funchal, porventura devido às alusões às mulheres...

– Depende. Uns dias 400, outros dias 800 cruzeiros, umas vezes mais, outras vezes menos.

E repete:

– Depende.

– Não é muito – observo.

A resposta vem rápida, terminante:

– Sempre é melhor que paga de funcionário público. Porque eu sou mesmo funcionário público, sabe o senhô. Dactilógrafo do Ministério da Marinha. Ganho ali 6.000 cruzeiros. Mas estou agora de licença ilimitada.

Começou, entretanto, a chover – e ao fundo da Presidente Vargas a igreja da Candelária lembra o Sacré Coeur, leva-nos a pensar em Paris.

Senhoras e raparigas, acossadas pelo aguaceiro, acenam, desesperadas, para o táxi, mandam-no parar, apesar de verem que vai ocupado.

– Em dia di chuva – explica o motorista – todo o táxi é lotação\*.<sup>5</sup>

E pergunta:

– Quer o senhô meter mocinha bonita? Às vezes, sabe o senhô, a conversinha pega

– Obrigado. Sou casado e estou aqui no Rio com minha mulher.

– Ah, veio com a patroa? Tem que andar na linha, como bonde?

Ri. – Com cuidadinho, hein? – Suplicante: – Mas deixa que eu meta mocinha, deixa?

– Com certeza.

Ele, porém, dá-se ao luxo de escolher:

– Estas, não; táxi em dia di chuva é oiro, é só para moça bonita.

Até que se lhe deparam três que lhe agradam:

– Para onde querem ir? Para Copacabana?

– Para o Catete.

– Também serve. Podem embarcar. Este senhô aqui dá licença. Fica mesmo no caminho.

E como que numa apresentação:

– É português, aqui, este senhô e veio com a patroa. Está num hotel da Senadô Dantas, com a patroa. Vamos deixá-lo ali...

O olhar que, entretanto, me deita de esguelha é de troça.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 5 SONHO COR DE CAFÉ<sup>6</sup>

RIO DE JANEIRO, 1 DE NOVEMBRO – Converso com Luís Glauco Torres, estudante universitário e, simultaneamente, um dos redactores diplomáticos do «Jornal».

Jovem, os seus ideais são os da maioria da juventude brasileira.

Jornalista, os corredores e os gabinetes de Itamaraty não têm segredos para ele.

Fala-me, com entusiasmo, do que se entende por aqui por nacionalismo – uma política de afirmação do Brasil no mundo, por intermédio de uma convivência internacional tão larga quanto possível. Glauco pensa, por consequência, que se devem intensificar as relações entre o Brasil e os países situados para além das Cortinas de Ferro e de Bambu. O Brasil – afirma – poderá trocar café por máquinas na Polónia e sobretudo na Checoslováquia; mas não é de excluir – acrescenta – a

<sup>5</sup> (\*) “Lotação” é o automóvel de aluguer que traz colocado no pára-brisas um letreiro com a indicação do destino que leva. Os passageiros vão entrando para o carro até se esgotar a lotação do carro.

<sup>6</sup> DNNB, 7 de janeiro de 1959; JM, 11 de janeiro de 1959.

hipótese de que também a Rússia e a China venham a comprar café no mercado brasileiro em quantidades de ano para ano crescentes.

Estou a escutá-lo com atenção, sem o interromper, sem o contradizer. Não vim aqui para discutir. O que eu quero é informar-me acerca do que ele pensa e do que pensam, no Brasil, os jovens da sua idade e da sua formação. O que desejo é que ele se abra comigo. Mas não posso deixar de sorrir, ao recordar que determinada remessa de café brasileiro, enviada para além da Cortina de Ferro, foi mais tarde, na Suíça, vendida pelos comunistas a preços inferiores aos do mercado internacional. Também não posso esquecer que os chineses – não obstante continuarem a ser bebedores de chá já plantaram, nas regiões do seu imenso país que mais se prestam a essa cultura, cinco milhões de cafeeiros. O que significa não só que os chineses preparam o seu auto-abastecimento em café, mas que se aprestam, além disso, a concorrer nos mercados com os produtores americanos e africanos, no desenvolvimento de nova campanha contra os chamados «países capitalistas». Glauco, porém, está seguro de que o Brasil conquistará, para o seu café, o grande mercado chinês.

\* \* \*

Agora, formulo outra pergunta: se a Operação Panamericana, ao fazer do Brasil – como já o reconheceu, em editorial, o «Times» de Londres – nada menos do que o leader das outras Repúblicas latinas do Novo Mundo, não contribuirá para «continentalizar» em excesso, levando-o a desinteressar-se da sua tradicional política de potência atlântica e lusíada.

Glauco responde que a criação do Banco Interamericano de Investimentos, previsto no plano da Operação lançada pelo Presidente Kubitschek, fará, pelo contrário, com que o Brasil se aproxime dos mercados abastecedores europeus – de que o mantinha afastado, e às outras Repúblicas latinas da América, o sistema norte-americano de empréstimos. Empréstimos em dólares, mas dólares de que nunca esses países viam sequer a cor. Dólares que só eram enviados sob a forma de mercadorias de consumo norte-americanas.

– Mas agora – diz – com o Banco Interamericano já poderemos aceitar as propostas dos que se disponham a executar por melhor preço as nossas obras de fomento. A Rússia, por exemplo, ofereceu-se para construir o túnel Rio-Niterói, sob a baía de Guanabara, por um preço em 50 por cento inferior ao dos Estados Unidos.

– Maneira de conseguir – observo – que os Estados Unidos façam o trabalho por um terço da proposta inicial...

\* \* \*

Fala-se, seguidamente, de Portugal. A noção que tem Glauco e a de tantos outros brasileiros, é a de um «Portugal à moda do Minho», colorido, pitoresco, folclórico. E surpreende-o quanto lhe digo de Angola – «onde o livro brasileiro tem o seu maior mercado, fora do Brasil»; e de Moçambique – «onde a revista *Cruzeiro* vende mais exemplares do que em toda a Europa»; e de Goa – «onde um povo indo europeu e cristão quer continuar a ser livre e português num subcontinente racista e hostil aos cristãos.»

Há, no entanto, uma palavra que Glauco gosta de proferir com desdém – «colonialismo.» Palavra igualmente da antipatia de quase todos os jovens brasileiros da sua idade e da sua formação. Sob este aspecto, o diálogo luso-brasileiro ainda mal começou...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 6  
**DEMOCRACIA ÉTNICA E LUSO-TROPICALISMO<sup>7</sup>**

RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO. – No seu altar, entre as bandeiras do Brasil e de Portugal, Nossa Senhora da Penha – no quarto e último domingo da sua romaria – sorri aos fiéis, mais graciosa do que nunca.

Ergue-se o seu santuário num cerro e para chegar até o templozinho levantado no mais alto do morro sobem-se mais de trezentos degraus. Pois há quem, no cumprimento de promessas, os suba de joelhos, um a um, penosamente.

Bem merecem, na verdade, o sorriso da Virgem estes fiéis que sobem os trezentos e não sei quantos degraus – mesmo os que não o fazem de joelhos.

\* \* \*

Em baixo, no sopé do morro, é a festa, é a romaria propriamente dita, com as barracas de tiro ao alvo e as de comes-e-bebes, com os pretos que vendem gelados e as pretas que vendem bolos e outras guloseimas, com o circo de feira e o teatrinho de fantoches. E sobretudo com a multidão, que se acotovela, que se interpela, que ri, que grita, que se diverte. Multidão em que se vêem numerosos portugueses com as suas “patroas” ou com as suas namoradas – portugueses dos mais humildes, portugueses sem gravata, em mangas de camisa – mas em que predominam os pretos, como sempre que no Rio nos afastamos do coração da cidade, como sempre que vamos para os subúrbios. Pode mesmo dizer-se que a população do Rio escurece gradualmente, do centro para a periferia.

\* \* \*

É uma verdade, no entanto, a completa ausência de discriminações raciais, no Brasil. Não há, aqui, o menor vislumbre, o menor indício de segregação étnica. O que há, sim, é, de certo modo, uma segregação social, mas determinada apenas por motivos de ordem económica.

– Abolimos cedo demais a escravatura – diz-me um jovem intelectual brasileiro, que milita em arraiais vizinhos do comunismo. Fizemos do escravo um homem livre antes de fazermos dele um trabalhador consciente. O resultado é que o preto, no Brasil, continua a ser, na generalidade, como o era quando escravo, um mau trabalhador, um trabalhador de fraco rendimento económico.

Por isso é que, hoje ainda, os trabalhos mais mal remunerados ou os mais repugnantes são, em regra, desempenhados por pretos. E também por isso é que o preto habita, de preferência, as favelas e os subúrbios das grandes cidades.

\* \* \*

Nas ruas, é frequente vermos um branco com uma preta, um mestiço com uma branca, um preto com uma mestiça; o que, porém, só muito raramente vi – tão raramente como em Lisboa – foi o preto com uma branca.

\* \* \*

Aqui no Brasil, quando um preto sobe de condição social, os outros pretos dizem: – “Está a branquear.”

---

<sup>7</sup> DNNB, 8 de janeiro de 1959; JM, 12 de janeiro de 1959.

\* \* \*

De acordo com a monografia sobre o Brasil, editada pelo Itamaraty, a percentagem de pretos, na população do Brasil, é superior a 10%: em 1.000 habitantes há 110 pretos, para 618 brancos, 266 pardos (designação que inclui, por igual, os índios puros e todos os mestiços: os de branco e preta como os de branco e índia ou os de índio e preta) e, ainda, 6 asiáticos de raça amarela.

O número total de índios ainda não em contacto directo com a civilização calcula-se em cerca de quinhentos mil.

\* \* \*

No barco que me levou ontem a Niterói, seguiam três cadetes da Academia Militar.

Cabelo loiro, cortado à escovinha; olhos de um azul de faiança; cabeça quadrada; ombros largos; tez branca, leitosa – era, sem a menor dúvida, filho de germanos um dos três cadetes.

Baixo, tez amarela, cabeça em forma de pêro, olhos em amêndoa, óculos de míope, sorriso perpétuo à flor dos lábios finos, movimentos cerimoniosos – com certeza era filho de japoneses outro dos três.

Enfim, era um mulato o terceiro cadete.

E os três juntos, ali no barco em que seguíamos todos para Niterói, constituíam, na verdade, imagem eloquente do que é uma democracia étnica – aquilo, afinal, a que Gilberto Freire chama, com absoluta propriedade, o luso-tropicalismo.

\* \* \*

Tornemos, todavia, a Nossa Senhora da Penha. A confraria é luso-brasileira, mas da multidão que acorreu à romaria eu diria antes que é afro-portuguesa — e a tal ponto que chego a perguntar-me se por acaso não estarei antes na romaria de Nossa Senhora da Muxima, a que mira as águas quietas do Cuanza como a Virgem da Penha olha as do Guanabara...

A África, aliás, está quase sempre, aqui no Brasil, presente: uma das revistas no Rio agora em cena chama-se por exemplo, “Rainha de Moçambiques” – e um dos capins que crescem nos morros, à volta dos barracos das favelas, quando há um pouco de terra e um pouquinho de humidade, é o capim-angola.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 7 “O GLOBO” E “O COMETA”<sup>8</sup>

RIO DE JANEIRO, 3 DE NOVEMBRO. – Como “O Século,” em Lisboa, “O Globo” é o jornal (e a empresa) de uma família – uma família de jornalistas.

O jornal é o vespertino de maior tiragem no Brasil e maior venda no Rio.

A empresa abrange um total de trinta e seis publicações – entre revistas desportivas, revistas de modas femininas, revistas humorísticas, “magazines” de actualidades, “magazines” de teatro e de cinema.

Fundou “O Globo,” há trinta e quatro anos, o grande jornalista Irineu Marinho, que foi mestre de jornalistas. E são os seus três filhos – filhos e discípulos – que dirigem hoje o jornal e a empresa, no

<sup>8</sup> DNNB, 9 de janeiro de 1959; JM, 13 de janeiro de 1959.

imenso edifício de sete andares em que há ainda os estúdios da Rádio Globo e um “auditorium” com capacidade para mais de 400 espectadores.

Roberto Marinho, o mais velho dos três irmãos, é o director-redactor-chefe; Ricardo, o director-secretário; Rogério, o director substituto.

Há um quarto director, o director-tesoureiro. Trata-se de Herbert Moses, o glorioso presidente da Associação Brasileira da Imprensa, o jornalista brasileiro que mais amigos conta em Portugal. Não é da família Marinho, mas afigura-se-me que, se o fosse, não falariam dele com mais amizade e mais ternura os três filhos de Irineu Marinho. Uma espécie de tio.

\* \* \*

Almoço com o dr. Ricardo Marinho numa das cantinas do “Globo.” Na mesa ao lado o dr. Roberto Marinho almoça com outros convidados. Noutras mesas, jornalistas, secretárias, gente da Rádio, funcionários da administração do jornal. Indistintamente.

O dr. Ricardo Marinho lamenta que há muito não venham ao Brasil companhias de teatro portuguesas:

– A última que esteve aqui foi a de Amélia Rey Colaço, ainda antes da guerra.

E tem palavras de elogio para Amélia Rey Colaço, assim como para Maria Lalande no papel de “Maria” do “Frei Luís de Sousa.”

– Há nomes novos, agora, no teatro português? – pergunta.

Cito alguns. Destaco os de Eunice Muñoz e de Ribeirinho. Aludo ao Teatro Experimental do Porto, de António Pedro.

Ricardo Marinho admira-se:

– Mas porque não vêm ao Brasil? Porquê?

Falamos depois do teatro brasileiro. Pouco é ainda, porém, o que vi: no Serrador, a encantadora Eva contracenando com um Jardel Filho demasiado rígido e demasiado solene para o seu papel de homem irresistível e fatal; no Mesbla, o excelente conjunto dirigido por Adolfo Celi e em que Tónia Carrero demonstra, numa comédia de Louis Verneuil, escrita para a Broadway e de crítica à vida norte-americana, a boa actriz que é já e a actriz ainda melhor que há-de vir a ser, quando alcançar um pouquinho mais de sobriedade.

\* \* \*

Tenho uma notícia má – má para os linotipistas:

Na tipografia do “Globo,” um dispositivo, chamado Cometa, foi adaptado a algumas máquinas de compor, enquanto não o é a todas, por igual.

O sistema é idêntico ao de teletipo: a fita perfurada corre, impulsionando electricamente o teclado.

Uma simples dactilógrafa substitui, assim, o linotipista.

A economia, calculo, deve ser da ordem dos 75 por cento.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 8 EM NOITE DE FLA-FLU<sup>9</sup>

RIO DE JANEIRO, 4 DE NOVEMBRO. – É como que uma tradição: quem quer que chegue de Lisboa ao Rio dá pelo menos uma entrevista e traz no bolso pelo menos uma conferência. Não quis romper com a tradição: dei cinco entrevistas (à “Última Hora,” ao “Jornal do Brasil,” ao “Globo,” à “Voz de Portugal,” ao “Mundo Português”) e a conferência que trouxe, “Os Açorianos em Angola,” proferi-a, hoje, na Casa dos Açores, por sinal em noite de Fla-Flu – isto é: enquanto no Maracanã jogava o Flamengo contra o Fluminense.

Escusado será dizer que não tive propriamente uma casa à cunha. Muitos mesmo dos que não foram assistir ao sensacional desafio (e um Fla-Flu entorna sobre as bancadas e as imediações do Maracanã o grosso da população do Rio) não puderam descobrir táxi que os trouxesse até à sossegada avenida, situada para os lados da Tijuca, onde os açorianos têm a sua sede.

\* \* \*

São talvez uns vinte mil, os açorianos residentes no Rio. Mas viviam dispersos. A ideia de que deviam reunir-se, de que deviam promover também a fundação de uma casa regional, a exemplo das que já possuem os minhotos, os transmontanos, os poveiros, partiu de um terceirense, o prof. Vitorino Nemésio, quando este veio ao Brasil na viagem inaugural do “Vera Cruz.” A ideia deu-lhe imediata execução outro terceirense, João Soares de Medeiros, homem enérgico e abnegado que é uma espécie de “cônsul dos Açores” no Rio. Isto passava-se em 1952. E logo nesse ano os açorianos compraram em hasta pública, por 1.010 contos, o palacete em que tem a sua sede a Casa dos Açores. Assim nasceu, no Rio de Janeiro, mais uma casa regional portuguesa.

É João Soares de Medeiros quem me dá as boas-vindas e me entrega o diploma de sócio honorário da Casa dos Açores. É outro terceirense, o jornalista e poeta Raimundo do Canto e Castro, quem me saúda em nome dos açorianos presentes. E defronte de mim, na primeira fila de cadeiras, está outro terceirense, Marino Pamblona, descendente daqueles Corte-Reais que possivelmente foram os descobridores e de certeza foram os povoadores da América do Norte. Depois, lá para o fundo da sala, descubro outro patricio meu, outro filho da mesma ilha – Armando Borges Pires, do Porto Judeu.

Raimundo do Canto e Castro fala de meu pai, que ele conheceu gerente de uma casa bancária em Angra e mais tarde, em Lisboa, director de um banco – o “Continente e Ilhas.” Aproveito o ensejo para contar que meu pai, filho de um carpinteiro, começou por marçano, em S. Jorge, na vila da Calheta. E, como o que ganhava não lhe permitia que comprasse todas as noites uma vela, ele comprava-a de dois em dois dias e partia-a, cuidadosamente, ao meio. Assim, todas as noites, enquanto a meia vela não se consumia por completo, estudava.

Foi, pois, como que alumiado por aquela vacilante chamazinha de metade de uma vela que meu pai caminhou até director de banco – e, não fosse também a luzinha que bruxuleava nas noites da Calheta de há quase um século, eu agora decerto não seria jornalista. Luzinha que tenho hoje aqui diante de mim, enquanto falo, esquecido de que estou no Rio de Janeiro em noite de Fla-Flu – e não entre as brumas do Atlântico, naquela Ilha Terceira em que fui “menino de fato de veludo,” tal como o recordou, de maneira a comover-me, o Raimundo do Canto e Castro.

\* \* \*

---

<sup>9</sup> DNNB, 12 de janeiro de 1959; JM, 19 de janeiro de 1959.

Com o dr. Pizarro Loureiro, que me saúda, em nome dos jornalistas brasileiros, regresso, porém, ao Rio – e aos problemas que me trouxeram ao Brasil.

O dr. Pizarro Loureiro acha que é tempo de “acabar com o lirismo nas relações luso-brasileiras” e de aproximar, efectivamente, os dois povos. Ora “não são os poetas, nem os diplomatas, nem os professores, nem os homens da ciência quem aproxima os povos: são os jornalistas.” Por isso, enquanto os jornalistas brasileiros não conhecerem melhor o caminho de Portugal, o povo brasileiro não aprenderá também a conhecer e a estimar a nossa terra. Pessoalmente, enquanto os jornalistas portugueses não se familiarizarem com o Brasil, também o povo português não terá uma noção actualizada e verdadeira do que é este portentoso país. E o dr. Pizarro Loureiro tem uma frase que magoa, que fere, mas que deve exprimir uma realidade, tanto mais que a afirmação vem de um brasileiro, não de um português:

– O Brasil está a desportugalizar-se. Ora nem nós, os brasileiros conscientes, queremos desligar-nos do que nos confere um passado, uma tradição, um património de glórias que vem do fundo dos séculos, nem aos portugueses conscientes pode agradar essa perspectiva. Portugal sem o Brasil e o Brasil sem Portugal seriam dois países irremediavelmente mutilados. Mas, para que isso não aconteça, temos de agir depressa. Já se perdeu tempo demais.

Também assim penso. E, se assim penso, assim o digo. Nos programas de intercâmbio luso-brasileiro, os jornalistas têm sido, de facto, os grandes esquecidos. Talvez por isso é que na maioria dos jornais brasileiros mal se dá pela existência de Portugal. E alguns há mesmo que só falam de nós, quando nos batem...

Sim, não há dúvida. O dr. Pizarro Loureiro tem, infelizmente, razão.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 9 O PRODÍGIO PAULISTA<sup>10</sup>

SÃO PAULO, 5 DE NOVEMBRO. – Em população, é a primeira cidade do Brasil; é a segunda, na América do Sul; é a quarta, em todo o continente americano. Maior do que o Rio. Maior do que a cidade do México. Maior do que Filadélfia. Maior do que Detroit. Maior do que Montevideu. Maior do que Montreal. Pouco inferior a Chicago e a Buenos Aires. Apenas batida de longe por Nova York com os seus oito milhões de habitantes. Oito milhões, enquanto São Paulo tem uns três milhões e trezentos mil...

Mas São Paulo é a cidade de crescimento mais rápido: em dez anos (de 1940 a 1950) o aumento da sua população foi de 67,95 por cento, para 31 em Los Angeles, 27 no Rio, 26 em Buenos Aires, 7,28 em Filadélfia, 6,62 em Chicago, 5,86 em Nova York.

O ritmo de moradias e apartamentos que em São Paulo se concluem é de seis por hora. É, portanto, de 150 o número de famílias que se instalam, por dia, nesta portentosa cidade. Todos os meses se inaugura no centro da cidade – centro que se alarga de ano para ano – um novo arranha-céus, enquanto na periferia os bairros formam-se tão rapidamente que os há ainda sem ruas pavimentadas, outros sem iluminação pública, outros sem esgotos. A cidade cresce, assim, em superfície e em altura, ao mesmo tempo.

Nos bairros residenciais, derruba-se uma casa de dois ou de três pisos, para erguer um prédio de dez ou quinze andares. No centro, deita-se abaixo um prédio de dez andares, para levantar um edifício de vinte ou vinte e cinco pisos. O restaurante do meu hotel é no vigésimo terceiro andar. Um restaurante por sinal já bem americano, apesar do “maître d’hotel” italiano, do cozinheiro francês, dos

<sup>10</sup> DNNB, 13 de janeiro de 1959; JM, 20 de janeiro de 1959.

criados espanhóis; cinquenta pratos frios à escolha, mas apenas quatro pratos quentes, dois dos quais prontos a servir e dois que demoram dez minutos. Exactamente dez minutos, controlados por mim com os olhos no relógio. Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Eficiência já também caracteristicamente ianque.

\* \* \*

Há ainda, porém, como que no prolongamento de São Paulo, os três municípios ABC: Santo André, São Bernardo e São Caetano. Outras três colmeias, outros três formigueiros.

É o “grande São Paulo,” onde os bairros operários, de modestas casas de rés-do-chão, cercam as fábricas que brilham durante a noite com todas as suas lâmpadas acesas – como um gigantesco Luna Park – e de cujas chaminés se soltam os rolos de fumo que tornam menos límpido este céu, menos pura esta luz que tudo transforma em alegria, quando o sol fulgura e aquece.

Mais três colmeias. E somada a população dos quatros municípios já temos então para cima de quatro milhões de almas...

Será, pois, esta a segunda cidade de todo o continente americano, logo depois de Nova York. Por consequência, maior também do que Chicago, maior do que Buenos Aires...

\* \* \*

Alguns números mais – estes agora relativos ao Estado, não apenas à cidade:

- 40 por cento das fábricas que existem no Brasil é em São Paulo que se erguem;
- trabalham no Estado de São Paulo 40 por cento dos operários brasileiros;
- os salários pagos no Estado de São Paulo representam 55 por cento dos salários pagos em todo o Brasil;
- a percentagem, em valor, da produção industrial de São Paulo é de 60, relativamente aos totais da produção industrial brasileira;
- o Estado de São Paulo detém e utiliza 40 por cento da energia eléctrica gerada em todo o Brasil;
- em 1956, São Paulo contribuiu para o comércio externo do Brasil com 46 por cento das exportações e 48 por cento das importações;
- finalmente, dos capitais depositados em todo o Brasil, 40 por cento estão confiados aos bancos de São Paulo.

\* \* \*

Eu quisera dizer da beleza dos arranha-céus de São Paulo, ao entardecer, quando, umas após outras, as janelas começam a brilhar, estas com uma luz azul, aquelas com uma luz amarela, ou branca, ou verde.

Mas desisto. O espectáculo não é para um jornalista o descrever. É para um poeta.

Desconsolado, o jornalista que chegou esta manhã ao aeroporto de Congonhas fecha-se no seu quarto do décimo sexto andar do hotel. E de novo se apossa dele o demónio dos números, demónio de que não sei com segurança a nacionalidade de origem, mas que viaja de certeza com passaporte norte-americano.

O Estado de São Paulo ocupa apenas 2,90 por cento da superfície total do Brasil e é duas vezes e meia maior do que a área de Portugal na Europa.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 10 NA UNIVERSIDADE DO CAFÉ<sup>11</sup>

CAMPINAS, 6 DE NOVEMBRO. – Visito o Instituto Agronómico de São Paulo, a que chamam, aqui, a Universidade do Café. Recebe-me no seu gabinete o director geral do Instituto, que é o dr. Paiva Neto. Sob as suas ordens trabalham nada menos de 120 investigadores e 1.700 funcionários. São cinco as divisões que constituem o Instituto e só uma delas abrange quinze secções, entre as quais precisamente a do café. Dezoito estações experimentais mantêm o Instituto em todo o Estado.

Verdadeiramente, não há em S. Paulo cultura de algum interesse económico que não seja estudado pelos investigadores de Campinas. Enquanto uns se consagram à viticultura (e o Brasil já exporta vinho para a França) outros dedicam-se ao algodão. Há os que prestam todas as atenções à aclimação da oliveira e os que tratam apenas da cana-de-açúcar ou do sisal. As frutas tropicais ocupam uma equipa de investigadores, as frutas dos climas temperados outra. A cultura da menta japonesa – de que se extrai o mentol – tem os seus especialistas, como os tem o sassafrás, de onde se isola o safrol, para se obter depois a heliotropina, indispensável na indústria de perfumaria...

– Toma um cafezinho? – pergunta-me, porém, o dr. Paiva Neto. E logo me lembro de que foi o café que me trouxe hoje aqui a Campinas e a este Instituto.

\* \* \*

Acompanham-me na visita, além de um jornalista de Campinas, Odemar Teizem, três investigadores: os engenheiros agrónomos Célio Novais Antunes, Élio José Scaranari e Heli Camargo Mendes, filho de português, este último. E é um deles quem me diz:

– O solo e a planta foram exaustivamente estudados e, embora esses estudos ainda prossigam, já chegámos à conclusão de que não há terras mortas e de que, por consequência, não se necessita de novas terras para a cultura cafeícola. Desde que se obedeça às novas técnicas, a planta floresce e frutifica em qualquer terra. E o rendimento que se obtém graças a essas novas técnicas é logo no terceiro ano de trinta sacas por hectare.

\* \* \*

– Cultura sombreada ou cultura ao sol?

A resposta é categórica:

– Quanto ao Arábica (com o Robusta não se efectuam em Campinas experiências em grande escala) o cafeeiro, na estação experimental anexa ao Instituto, produz ao sol três vezes mais do que à sombra; no Ribeirão Preto, vinte e cinco vezes mais; no Pindorama, trinta e cinco vezes mais. Os resultados são, no entanto, menos significativos em solos ricos de água e onde, portanto, é menor a concorrência da árvore sombreadora ao cafeeiro na captura da humidade do solo.

\* \* \*

Percorro as plantações da estação experimental de Campinas. E a terra vermelha parece-me a mesma de Angola...

A variedade principalmente adoptada para estas plantações de Arábica é a Mundo Novo, com que se obtém um rendimento em 240 por cento superior ao da tradicional variedade Típica.

---

<sup>11</sup> DNNB, 14 de janeiro de 1959; JM, 21 de janeiro de 1959.

As covas são abertas, em filas paralelas, à distância, entre cova e cova, de dois metros e meio. Uma distância de três metros e meio a quatro metros separa, por sua vez, as filas de arbustos, o que permite em qualquer momento (mesmo durante a floração – florada, dizem os brasileiros) a capinagem mecânica. Cada cova recebe três ou quatro plantas.

Também se alcançam – dizem-me – óptimos resultados com a variedade Caturra, já introduzida aliás – crêem os técnicos que me acompanham – em Angola. Com a vantagem de que a planta de Mundo Novo precisa de uma área de sete metros quadrados, enquanto a de Caturra se satisfaz com uma área de quatro, o que, afinal, compensa a sua produção levemente inferior.

Além disso, a variedade Caturra – de porte menos imponente do que a de Mundo Novo – recomenda-se ainda pela sua maior precocidade.

\* \* \*

Descoberta recente: para o cafeeiro o adubo orgânico mais recomendável, e muito superior, sob todos os aspectos, ao estrume de curral, é o estrume de galinheiro. Por isso possuem hoje grandes aviários quase todas as fazendas, ao redor de Campinas. A de Itatiba, por exemplo, tem sessenta mil galinhas num aviário coberto, em dois andares. O estrume, misturado com serradura de madeira, aquilo a que também se chama farelo de serra, retira-se de oito ou de dez em dez meses e vale de 2.000 a 2.200 cruzeiros a tonelada. Soma-se a isto, evidentemente, a receita, bem apreciável, obtida com os ovos e com as aves abatidas aos efectivos do galinheiro.

\* \* \*

Mostram-me, agora, fotografias, com cenas da apanha do café-cereja. São principalmente mulheres e raparigas que procedem a esta apanha. Predominam, na mão desta obra utilizada pelos fazendeiros, os italianos e, depois, os espanhóis.

(Quanto aos japoneses, alugam estes de preferência pequenos lotes – um por família – aos fazendeiros; e cada núcleo nipónico de colonos traz já consigo o seu orientador técnico, o seu agrónomo especializado, o qual, frequentemente, é de todos eles o único que sabe algumas palavras de português...)

O trabalho da apanha ou colheita é pago à razão de um cruzeiro por litro de café-cereja. E um trabalhador colhe, por dia, de 70 a 100 litros. Os trabalhadores efectivos das fazendas ganham, por sua vez, 90 cruzeiros diários, sem dormida nem comida. Mas um quilo de carne custa de 40 a 120 cruzeiros; um litro de leite, 12 cruzeiros; um quilo de feijão, 15; um quilo de arroz, 28; uma dúzia de bananas, 8 e mais.

\* \* \*

– Outro cafezinho? – pergunta o dr. Paiva Neto, uma vez terminada a rápida visita a este magnífico Instituto que o Imperador Pedro II fundou em 1887.

– E sabe o senhor quem foi o segundo director do Instituto, logo depois do insigne Dafert? – pergunta, por seu turno, o eng. Célio Antunes.

– Eu, não.

– Pois foi, em 1897, um baiano chamado Gustavo Dutra.

Intervém, depois, o jornalista Odemar Teixem, que me quer entrevistar:

– Acredita que a guerra fria não aquecerá?

– Acredito antes – respondo – na guerra quente entre os países que bebem café e os que bebem chá. No dia que os países comunistas, sobretudo a Rússia e a China, beberem também café, a paz estará, porém, assegurada e com largo proveito para o Brasil.

– E para Angola, também – acrescenta, com um sorriso, o dr. Paiva Neto.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 11 O MILAGRE DO IDIOMA<sup>12</sup>

SÃO PAULO, 7 DE NOVEMBRO. – Entro numa livraria. Peço um livro sobre São Paulo que me dê, em imagens, uma ideia tão aproximada quanto possível da realidade. A jovem que me atende não me percebe. É francesa e ainda não fala o português suficiente para me compreender.

O dr. Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o historiador Tito Lívio Ferreira e o escritor Mário Gracioti levam-me a almoçar no que há de mais típico em restaurantes na cidade – uma “cantina” num bairro popular. O proprietário é italiano.

Chego ao hotel, penetro no ascensor. O ascensorista (termo que os brasileiros usam e que me parece de adoptar também entre nós) é português.

Entro no quarto, levanto o auscultador do telefone, peço à telefonista (brasileira e com voz de mel) que me mande uma criada. A criada é espanhola e ninguém a convence de que minha mulher não seja também espanhola e da Catalunha.

Vou com minha mulher a uma ourivesaria. A empregada é inglesa. Vamos depois a uma drogaria. A empregada é grega. Regressamos ao hotel, num táxi. O motorista é português. Mas é alemão o agigantado porteiro que, uma vez chegados ao hotel, corre a abrir-nos a porta do táxi.

Seguidamente, no “hall,” cruzo-me com dois japoneses.

\* \* \*

A um vendedor de jornais peço que me dê todas as publicações que noutros idiomas vêm a lume em São Paulo.

– Todas não tenho – responde-me.

– Pois dê-me então as que tiver...

Dá-me o “Fanfulla,” diário italiano fundado em 1893; a “Tribuna Italiana,” semanário fascista, que insere uma reportagem do que foram em São Paulo, este ano, as comemorações da marcha sobre Roma; um diário alemão – “Deutsche Nachrichten,” um semanário alemão – “Brasil-Post”; um semanário espanhol moderado – “Prensa Hispânica”; “La Democracia Española” – órgão dos anti-franquistas; um hebdomadário húngaro – “Magyar Hirlai,” outro, polaco. Até uma nação que desapareceu está aqui representada na Imprensa de São Paulo: o semanário “Músu Lietuva” é o órgão da colónia lituana.

– E que outras publicações faltam? – pergunto.

– O semanário dos japoneses, o dos libaneses, a revista dos sírios, a dos arménios...

Na capa de uma revista, o olhar dramático de Amália Rodrigues atrai-me. É a revista “Alma Lusíada,” dirigida por Ducey e Alberto Andrade. Uma das três revistas portuguesas que se publicam em São Paulo. Boa doutrina: “pretendemos, na medida das nossas forças, servir a Portugal e aos

---

<sup>12</sup> DNNB, 15 de janeiro de 1959; JM, 23 de janeiro de 1959.

portugueses sem nos esquecermos, contudo, de que, para atingirmos esta sublime finalidade, temos igualmente de servir ao Brasil e aos brasileiros.” Boa gramática. Bom papel. Boas e bonitas gravuras.

As outras duas revistas portuguesas, que saem parece que irregularmente e de que não consegui ver nenhum exemplar, intitulam-se “Portugal Ilustrado” e “Prisma.”

Em São Paulo, também alguns portugueses que voluntariamente se expatriaram mas que a si próprios se designam como exilados políticos editam um quinzenário. Intitula-se “Portugal Democrático,” empareceira com a “Democracia Española” e estabelece contraste curioso com o semanário fascista italiano...

\* \* \*

Assim como há lugar em São Paulo para todas as políticas, também o há, naturalmente, para todas as religiões: lado a lado com as igrejas católicas, erguem-se capelas protestantes, sinagogas, mesquitas, a igreja dos russos, a dos gregos, a dos maronitas a par de lojas maçónicas e de centros teosóficos e espíritas. Há até mesmo templos de religiões novas, desconhecidas, misteriosas – inventadas ou trazidas pelos homens que de todos os pontos do globo afluem a esta cidade magnética tendo como única bagagem os seus sonhos ou as suas ambições.

\* \* \*

Em 1950, data do último recenseamento completo da população, viviam no Brasil 1.065.287 estrangeiros, dos quais 627.433 (mais de 50 por cento) habitavam no Estado de São Paulo.

Desses 627.433 estrangeiros, uns 250.000 (talvez mais) são portugueses; seguem-se-lhe, evidentemente, os italianos e depois, por ordem decrescente, os japoneses, os espanhóis, os libaneses, os israelitas, os arménios, os sírios, os polacos, os lituanos...

Mas para São Paulo não se emigra apenas do estrangeiro, também se emigra de todos os outros pontos do Brasil. Em 1950, dos 10.487.567 brasileiros natos ou naturalizados que viviam no Estado de São Paulo, 1.064.009 eram oriundos dos outros Estados.

Não teremos, no entanto, uma ideia do que é a população do Estado de São Paulo se não tivermos presente que, durante um século, entre 1851 e 1950, foi aqui precisamente que se fixaram quase todos os italianos entrados no Brasil – e que foram 1.540.000; todos os japoneses – 190.000; talvez 50 por cento dos 600.000 espanhóis – e uns 40 por cento, pelo menos, dos 230.000 alemães.

Enfim, nada sei quanto ao número de imigrantes chineses em São Paulo. Mas o que sei é que são de chineses quase todas as pastelarias da cidade, como são de portugueses quase todos os talhos e mercearias, como são de italianos quase todos os restaurantes, como são de espanhóis muitos dos “bars” e botequins, como são de judeus as lojas de malhas, de brinquedos e de bugigangas. O que é extraordinário, porém, é que toda esta gente – com a única excepção da francesinha que me atendeu na livraria – fala a mesma língua (mesmo quando lê jornais redigidos noutros idiomas) e o que é emocionante para nós, portugueses, é ser o português precisamente esta língua em que discutem preços o judeu e o arménio; a língua em que trocam palavras de amor a filha de italianos e o filho de japoneses; esta mesma língua em que escreve os seus ensaios científicos o descendente de alemães ou em que discursa nos comícios políticos o neto de sírios ou de libaneses.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 12  
COM OS “PORTUGUESES BONS” DE SÃO PAULO<sup>13</sup>

SÃO PAULO, 7 de NOVEMBRO. – O presidente da direcção da Casa de Portugal em São Paulo, comendador Pereira Queiroz, quis reunir comigo num jantar alguns dos muitos “portugueses bons” que vivem aqui e aqui triunfaram à força de honestidade e de trabalho. É um jantar de 40 talheres, que se realiza mesmo na Casa de Portugal e a que preside o nosso cônsul em São Paulo, dr. Adriano de Carvalho.

Quase todas as associações portuguesas da cidade estão representadas – o Clube Português, o Centro do Douro, o Centro Transmontano, a Sociedade Beneficente Vasco da Gama. Também me apresentam o representante da Tertúlia Académica – agremiação constituída por todos os antigos estudantes (brasileiros e portugueses) da Universidade de Coimbra residentes em São Paulo – e o da poderosa Associação Portuguesa de Desportos.

O comendador Joaquim Monteiro, tesoureiro da Beneficente Portuguesa e uma das figuras mais respeitadas da colónia, representa aquela instituição, que ergueu e possui o maior e mais moderno hospital de iniciativa particular em toda a América latina – um hospital com cerca de 700 camas. Também não foram esquecidas a Imprensa, a Rádio e a Televisão: vejo aqui o infatigável Alexandre Amaral, correspondente da ANI; os correspondentes em São Paulo dos semanários portugueses do Rio “Voz de Portugal” e “Mundo Português”; os directores de alguns dos nove programas radiofónicos mantidos pelos portugueses e Santos Mendes, director de um bem orientado programa semanal de Televisão – “Portugal no Mundo.” Vejo ainda o moço jornalista Fernando Ribeiro de Melo, que conheço dos meus tempos do Palácio da Independência – quando Marcelo Caetano era Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa – e que dirige agora, no diário “O Tempo,” a secção de notícias de Portugal e dos portugueses, a que nem sequer falta, sempre a abrir, um pequeno editorial. Finalmente, algumas senhoras quiseram comparecer, mais em homenagem a minha mulher – cujas crónicas de modas elas lêem na Imprensa brasileira – do que propriamente a mim.

\* \* \*

Tenho à minha esquerda, na mesa, o comendador Pereira Queiroz. Conversamos. E consigo levá-lo a falar de si. Nasceu na Batalha, veio para o Brasil em 1911, com 21 anos, começou por empregado de balcão, já no comércio de tecidos, com o ordenado mensal de 100 cruzeiros. Hoje, o seu armazém – um edifício de cinco andares, moderno, numa das ruas mais centrais de São Paulo – tem 5.000 metros quadrados de pavimentos e os caixeiros-viajantes da sua casa percorrem todo o Brasil, desde o Rio Grande do Sul às florestas do Amapá e desde o litoral da Baía às fronteiras com o Peru e com a Bolívia, utilizando todos os meios de transporte, desde a jangada até ao avião. É a maior organização do género, em todo o continente americano.

\* \* \*

Aos brindes, profere palavras de saudação o cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho. Destaca a importância desenvolvida pela ANI, com os seus noticiários, quer em Portugal para o Brasil, quer do Brasil para Portugal – e tem uma definição perfeita:

– “Sem conhecimento não há amizade. Só se estima verdadeiramente os povos que se conhecem.”

(Recordo, a propósito, o que ouvi ao historiador paulista Tito Lívio Ferreira, autor da tese – de tanto alcance para as relações luso-brasileiras – de que o Brasil nunca foi uma colónia de Portugal e

<sup>13</sup> DNNB, 16 de janeiro de 1959; JM, 24 de janeiro de 1959.

de que a noção de colónia os portugueses só a adquiriram com a implantação do constitucionalismo, por consequência depois do grito do Ipiranga:

– “Foi graças às notícias da ANI, graças aos seus telegramas, enviados aqui de São Paulo, que Portugal me descobriu e aos meus trabalhos.”)

\* \* \*

Respondo. E repito o que já disse na Casa dos Açores, do Rio. No plano intelectual e no plano político já os dois países aprenderam, efectivamente, a conhecer-se e a estimar-se. O que importa agora é estabelecer um contacto mais estreito entre os dois povos. E ninguém melhor do que os jornalistas o poderá estabelecer, porque ninguém está, de facto, mais perto do povo e em mais íntima comunicação com este. Temos, portanto, nós os jornalistas portugueses e brasileiros, pesadas responsabilidades. Cabe-nos mostrar em Portugal um Brasil que não é o samba apenas (porque, além disso, é já hoje uma grande potência mundial) e mostrar no Brasil um Portugal que não é apenas o fado nas vielas de Alfama (porque é, na realidade, uma nação segura da sua vocação e dos seus destinos no mundo). E concluo:

– É uma casa portuguesa... Os brasileiros já conhecem de cor esta canção. Mas temos de lhes explicar melhor que são igualmente casas portuguesas, com a toalha na mesa e o pão em cima da toalha, Angola, Moçambique, todas as nossas províncias ultramarinas, todas essas terras que por graça do mesmo génio estão a despertar para a civilização como despertou o portentoso Brasil e que, na medida em que se engrandecem na comunidade, o engrandecem também.

Entre as pessoas que me cercam há portugueses e há brasileiros. Todos, generosamente, me aplaudem – (falo mal, não sou, positivamente, um orador) – mas tenho a impressão de que os brasileiros o fazem um pouco surpreendidos, de habituados que estão ao lirismo luso-brasileiro do “solar dos nossos maiores.”..

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 13 UMA DÍVIDA EM ABERTO<sup>14</sup>

SÃO PAULO, 8 DE NOVEMBRO. – Não é filho, nem é neto de portugueses. Descende de italianos este intelectual brasileiro de nome italiano, Mário Graciotti, escritor que em 1950 a Academia Brasileira de Letras premiou pelo seu “Europa tranquila” (relato de uma viagem na Europa de 1930) e a quem os portugueses devem uma das obras mais vivas, mais espontâneas, mais vibrantes e mais persuasivas que sobre Portugal, em todo o mundo, se têm publicado.

É um grosso volume, numa edição quase luxuosa, muito ilustrada. Intitula-se “Portugal – Crónicas de viagem para Adultos e Crianças.” Não foi sermão que ninguém lhe encomendasse. Mário Graciotti desembarcou, por acaso, em Lisboa. O que viu logo de entrada parece que lhe agradou. Decidiu demorar-se por uns dias. Mas Lisboa abriu-lhe o apetite para o resto do país. E este escritor brasileiro descendente de italianos partiu alegremente à descoberta do país de onde haviam partido os descobridores do Brasil.

Tudo, porém, quanto Mário Graciotti aprendeu no que viu só fez com que se excitasse mais a sua curiosidade – e então começou a estudar, nas bibliotecas, nos arquivos, aquilo a que chama “o milagre português”: isto de um povo pequeno se meter ao mar em pequenos barcos e de ilha em ilha, de continente em continente, chegar ao cabo do mundo, abrindo aos outros povos novas rotas e novas

<sup>14</sup> DNNB, 19 de janeiro de 1959; JM, 26 de janeiro de 1959.

perspectivas. Pois tanto se interessou e tanto leu, que hoje os amigos lhe chamam, risonhamente, “o nosso doutor em caravelas”...

“Portugal – Crônicas de viagem para Adultos e Crianças” participa, assim, da reportagem vivida e da reportagem retrospectiva: é jornalismo do melhor e história da mais autêntica. Também por isso o aparecimento do livro foi acolhido por críticos de todos os quadrantes com o mesmo aplauso.

“Conseguiu ser um livro universal, para todos, para as crianças como para os sábios” – escreveu, por exemplo, na revista “Leitura,” do Rio, um crítico de tendência comunista, Afonso Schmidt. Por sua vez, o crítico do semanário integralista “A Marcha” assinalou:

“A nação portuguesa, pequenina mas grandiosa em suas realizações e em suas conquistas, é farto manancial para quem puder penetrar-lhe a profundidade da alma e dos sentimentos e o maravilhoso significado do seu desconcertante destino.

Mário Graciotti soube fazê-lo com especial carinho e singular devoção.”

Ribeiro Couto, por seu turno, afirmou:

“É um livro dos mais interessantes e úteis, desses que se guardam em lugar especial na estante, para posteriores leituras e consultas” – comentou, entretanto, o crítico do “Estado de S. Paulo,” Edgard Cavalheiro.

“Não conheço guia (de Portugal) mais lúcido, mais amoroso e mais vibrante do que este” – proclamou, por seu lado, outro grande amigo das nossas coisas, Manoelito de Ornelas.

Além de tudo isto, o “Diário Oficial” do Estado de S. Paulo inseriu um voto de louvor a Mário Graciotti pela publicação do seu livro, “uma das mais belas homenagens que poderiam ser prestadas ao povo português.”

Assinaram este voto de louvor quarenta e três deputados, à cabeça dos quais figura o nome do parlamentar Cid Franco, que nem sempre tem sido muito nosso amigo...

E em Portugal? Nós, que tantas vezes nos queixamos de que o Brasil nos ignora, não se interessa pelas coisas de Portugal, não procura conhecer-nos melhor, que atenção prestamos à obra de Mário Graciotti e ao gesto, que esta obra representa, de enternecida simpatia, de amizade calorosa, de viva admiração pelo nosso povo? Quem foi o crítico que a este livro consagrou um artigo em qualquer dos nossos jornais? Qual foi o escritor português que se lhe referiu?

Portugal tem, não há dúvida, uma dívida em aberto para com Mário Graciotti, “doutor em caravelas” pelo muito amor que vota às coisas portuguesas, brasileiro filho de italianos a quem o seu patriotismo brásílico trouxe aos caminhos da Lusitânia. Uma dívida – pois, como escreveu outro paulista também grande amigo de Portugal, o historiador Tito Lívio Ferreira, “portugueses e brasileiros ficámos a dever a Mário Graciotti um serviço inestimável, prestado à Comunidade Lusíada.”

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 14 UM ESPECTÁCULO NO MARACANÃZINHO<sup>15</sup>

RIO DE JANEIRO, 9 DE NOVEMBRO. – No Maracanãzinho, exibem-se, esta noite, quatro ranchos folclóricos portugueses. São os da Casa do Minho, da Casa da Póvoa de Varzim, da Casa da Madeira e da Casa do Porto. Ranchos vestidos a rigor – ricamente, mesmo, o da Casa do Minho – e que bailam e cantam admiravelmente. Na sua maioria, porém, e isto é ainda o mais extraordinário, estes rapazes e estas raparigas – por sinal que bem lindas quase todas, já nasceram no Brasil – nunca foram a Portugal: são tripeiros, poveiros, madeirenses, minhotos do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> DNNB, 20 de janeiro de 1959; JM, 27 de janeiro de 1959.

\* \* \*

O público, nas bancadas, é constituído numa grande parte (em cinquenta por cento, talvez) por brasileiros.

À medida que os ranchos entram no palco, aplaude-os a todos, mas ovaciona com mais entusiasmo o dos poveiros, que traz à frente, desfraldadas, a bandeira do Brasil e a de Portugal.

\* \* \*

O êxito da noite cabe, porém, aos quatro pares – “vilões” e “viloas” – do rancho da Casa da Madeira. Conhecidos do público através de discos (os do Max) que têm tido no Brasil uma larga venda, o “bailinho da Madeira” e o “bailinho da Camacha” são acompanhados por todos os espectadores com palmas batidas a compasso.

Alguém me diz que os dois “bailinhos” são tão populares no Brasil como alguns sambas – em Portugal: intercâmbio musical espontâneo, não promovido, não procurado, não patrocinado, entre os dois povos.

\* \* \*

Estas competições entre as casas regionais, há, no entanto, quem aqui as critique, mesmo quem as condene. Há quem pense e diga que os portugueses não deviam dispersar esforços – deviam manter-se reunidos numa só e poderosa agremiação, quando muito em duas ou três, não mais.

Desconheço o meio, ignoro o problema, para me pronunciar a este respeito – mas o espectáculo a que assisto esta noite, este colorido e movimentado desfile de trajos e danças tradicionais, não seria possível sem a emulação entre as pequenas associações portuguesas, as casas regionais que nos últimos anos se têm multiplicado no Rio. Emulação, dispersiva, desastrosa – pensam e dizem alguns. Emulação fecunda, porém, direi eu, se os resultados são estes que tenho aqui diante dos olhos, no Maracanãzinho.

Mas, por outro lado, como não aderir ao sonho que alguém – figura da maior projecção na colónia – me expôs, há dias, enquanto, depois do almoço, nos serviam café no esplêndido Clube Comercial do Rio de Janeiro:

– Um arranha-céus, o arranha-céus “Portugal.” Nas salas do rés-do-chão, o Centro Português de Turismo, estabelecimentos para venda ao público de produtos portugueses e um “bar” de luxo onde os brasileiros se familiarizassem com o nosso Porto, o nosso Madeira, os nossos “brandies.”

No primeiro andar, o Consulado de Portugal, um auditório para concertos e conferências, uma grande sala de baile, a Câmara Portuguesa de Comércio, a sede da Federação das Associações Portuguesas no Brasil. Nos outros andares, as sedes de todas as agremiações hoje dispersas, as redacções dos dois semanários portugueses que se publicam no Rio, a delegação da ANI, escritórios de firmas comerciais portuguesas. Por último, no terraço envidraçado, de onde se vissem bons trechos da cidade e do Guanabara, um restaurante português de grande luxo.

Por enquanto, é um sonho, apenas. Mas o homem que tranquilamente o expõe já transformou em vitoriosas realidades, outros sonhos de execução talvez mais difícil.

Pela minha parte, creio desde já que há-de erguer-se no Rio o arranha-céus “Portugal,” sobre o qual brilhará, todas as noites, enorme globo luminoso – o Farol da Lusitanidade.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 15  
AS INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS<sup>16</sup>

RIO DE JANEIRO, 10 DE NOVEMBRO – 80 mil sócios tem a Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro e mais de 100 médicos ao seu serviço: um hospital no Rio com cerca de 500 leitos; depois, no Jacarepaguá, dois asilos para velhos, dois sanatórios para tuberculosos, um manicómio para homens, outro para mulheres.

Rapidamente, na companhia do dr. Armando Cruz, um dos administradores, percorro algumas das enfermarias do hospital, alguns dos serviços. Vou ser apresentado, anunciam-me, a um dos cirurgiões mais famosos do Brasil – o dr. Pedro Teixeira. É um homem alto, magro, encanecido, que encontro de bata e a quem outros médicos, que o cercam, chamam, respeitosamente, mestre.

Digo-lhe do prazer que tenho em conhecer uma das glórias da cirurgia brasileira.

– O meu nome completo – diz-me ele, à guisa de resposta – é Pedro Teixeira da Costa Alemão. Era estudante da Universidade de Coimbra, em 1917. Tive que deixar o nosso país com o curso incompleto. Acabei de me formar aqui.

Relaciono datas: 1917, Monsanto, a Monarquia do Norte. Sim. Deve ser isso...

O médico, aliás, como que adivinha o meu pensamento, tem um sorriso cúmplice, recomenda-me:

– Olhe, quando chegar a Lisboa dê um grande abraço, da minha parte, ao meu cunhado.

E perante uma interrogação que nem chego a formular:

– Sim. Eu sei que conhece. É o dr. João do Amaral.

\* \* \*

Apresentam-me, depois, outro médico – brasileiro, este. É o dr. Paulo Braz. Fala-me com entusiasmo do Hospital Escolar de Santa Maria e da medicina em Portugal:

– Na Europa – afirma – só há um país, em matéria de medicina, tão adiantado como Portugal: é a Suécia. Só a Suécia. Nenhum outro.

Acrescenta:

– Nós, os médicos brasileiros, temos muito que aprender e temos aprendido muito com os nossos colegas portugueses.

Fala-se de Salazar:

– Eu sou talvez o mais salazarista dos brasileiros – diz o dr. Paulo Braz.

\* \* \*

Na visita, que faço em seguida, ao Liceu Literário Português, acompanham-me o respectivo presidente – que é um dos patriarcas da colónia, o comendador Rainho – e seu filho, o dr. Ostalício Rainho, director do Liceu.

Nota a registar: foi no Liceu Literário Português que funcionou, durante o reinado de D. Pedro II, a primeira escola de pilotagem que o Brasil teve. Alguns dos actuais almirantes brasileiros – entre outros, o almirante Mota Porto e o almirante Guilhobel, antigo ministro da Marinha – foram ainda alunos dessa escola.

Hoje, pensa-se em fazer do Liceu uma universidade popular livre.

\* \* \*

---

<sup>16</sup> DNNB, 21 de janeiro de 1959; JM, 28 de janeiro de 1959.

Vem, depois, o Real Gabinete Português de Leitura – outra das grandes instituições lusitanas do Rio: mais de 150.000 volumes catalogados; uma frequência diária nunca inferior a 60 leitores; um exemplar da primeira edição dos “Lusiadas” e o manuscrito do “Amor de Perdição,” entre outras raridades bibliográficas.

\* \* \*

Das grandes instituições portuguesas do Rio, a Casa de Portugal, fundada em 1928, é a mais moderna. Já tem, no entanto, 9.000 sócios portugueses e 1.200 brasileiros, estes últimos na categoria de sócios protectores.

O seu hospital, hoje com 148 camas, está a ser ampliado e em breve terá 250 leitos. Frequentam o seu jardim-de-infância 70 crianças de 4 a 5 anos. A sua escola de instrução primária (oficializada pelo Governo português e que tem sete professores) é frequentada por 200 crianças. Há também um curso nocturno para adultos de qualquer nacionalidade ou raça, curso que o ano passado levou a exame 47 alunos. Além disso, vai criar-se agora um curso livre de história de Portugal.

Acompanham-me na visita os srs. Horácio Gomes Salvador, presidente da direcção da Casa de Portugal, Armando Ribeiro Machado, vice-presidente, Pedro Augusto Azevedo Júnior e Carlos da Silva Leite, directores. Pergunto-lhes se recebem de Lisboa, enviadas pelos organismos oficiais, muitas publicações para os alunos da sua escola. Respondem que até agora receberam apenas um exemplar de cada uma das edições da Campanha Nacional de Educação de Adultos. É pouco, na verdade. Onde quer que haja uma escola portuguesa no estrangeiro, os alunos dessa escola têm que ser os “meninos bonitos” das entidades oficiais portuguesas.

\* \* \*

Encerro a manhã, almoçando, no Clube Ginástico Português, uma opípara feijoada. Não direi, porém, que visitei as instituições portuguesas do Rio. Nem fui a todas, nem me demorei suficientemente naquelas em que estive. Mas o que vi bastou para me deixar a impressão de que a obra levada a cabo por todas estas instituições e pelos homens abnegados – e quantas vezes incompreendidos! – que as dirigem não se mede, não se pesa e muito menos se pode descrever; é imensa. Obra que honra uma colónia hoje constituída talvez por mais de 300.000 portugueses.

*DUTRA FARIA*

#### JORNAL DE VIAGEM – 16 **ESTE PROBLEMA DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL<sup>17</sup>**

RIO DE JANEIRO, 11 DE NOVEMBRO – «Vão longe os tempos de João do Rio» – assinalava, no outro dia, o dr. Pizarro Loureiro, jornalista brasileiro e grande amigo de Portugal.

Queria ele dizer que as relações entre Portugal e o Brasil têm que sair do plano da literatura e do lirismo, em que mais ou menos se têm mantido, para o plano do positivo e do concreto.

Com efeito, o que hoje ainda sucede é que trocamos declarações de amor, portugueses e brasileiros, sem, na realidade, nos conhecermos melhor do que os portugueses e os brasileiros de há cinquenta anos – e sem fazermos de parte a parte verdadeiro esforço para nos compreendermos melhor.

---

<sup>17</sup> DNNB, 22 de janeiro de 1959; JM, 4 de fevereiro de 1959.

Não raro, damo-nos mesmo ao luxo, nós, os portugueses, de tomarmos, para com os brasileiros, uma atitude paternal – o que é simplesmente ridículo: pelas suas riquezas, pela sua extensão territorial, pela sua população, pelo facto de ser hoje, praticamente, o “leader” (posto em que sucedeu à Argentina) das Repúblicas americanas de origem ibérica – o Brasil é já, indiscutivelmente, uma grande potência. As nossas relações não podem, pois, continuar a situar-se no plano – em que, evidentemente, gostaríamos de persistir, nós, os portugueses – de pai para filho. Somos, sim, duas nações irmãs que saíram, como dois ramos, da mesma árvore – e que tiveram, até determinado momento, a mesma história.

Que falam, além disso, com as inevitáveis diferenciações que o tempo e a separação introduziram, a mesma língua. Enfim, que têm, como património comum, uma cultura a preservar e a defender no mundo – e, talvez até mais do que uma cultura, uma concepção de vida.

O que está errado – são as bases em que teimamos, uns e outros, em manter o diálogo. Não basta o facto de sermos povos irmãos. Há, mesmo, exemplos, na história, de irmãos inimigos, quanto mais de irmãos que voluntariamente se ignoram, que voltam as costas um ao outro. O que temos é que definir o interesse que haverá para uns e outros em ligarmos mais estreitamente entre si as nossas duas nações. Ora, falando francamente, o que sucede, nesse aspecto, é que gaguejamos...

Regista-se, no entanto, algo que nos últimos tempos veio de Portugal e que constituiu, a este respeito, auspiciosa excepção: foi a carta em que Salazar, como Chefe do Governo português, felicitava o Presidente Kubetschek de Oliveira pela sua iniciativa da Operação Panamericana. Porventura pela primeira vez na história, Portugal mostrou haver-se apercebido de que no quadro das relações internacionais o Brasil tem uma missão a desempenhar também nas Américas.

Aliás, deu bem conta a Imprensa carioca do que significava de novo, no diálogo luso-brasileiro, essa mensagem do nosso Presidente do Conselho: todos os jornais a publicaram com relevo, alguns sob títulos ao alto e a toda a largura da primeira página; e muitos, em editoriais, a comentaram com entusiasmo.

Agora, o que há a fazer é persistir no esforço de não continuarmos a repetir as mesmas frases que se dizem há cinquenta anos, de um lado para o outro do Atlântico.

Vão longe, não há dúvida, os tempos de João do Rio.

Sejamos gratos aos escritores e aos poetas que souberam redescobrir a rota de Álvares Cabral, que souberam reencontrar o caminho entre as duas nações. Agora, porém, que tenham a palavra os homens capazes de apontarem o interesse real do Brasil em coincidir com Portugal no mundo e o de Portugal em não se desinteressar do destino do Brasil e em não amuar por o irmão nem sempre ter os mesmos gostos, as mesmas predilecções, as mesmas atitudes...

Este Brasil, quer o queiram, quer não, fala a linguagem de uma grande potência – nada lá o detém na estrada por onde segue. Por seu lado, Portugal, com Angola e com Moçambique não é um país pequeno. A linha que se desenha no Atlântico, ligando Lisboa ao Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro a Luanda e Luanda a Lisboa, forma um triângulo onde cabe toda uma política.

O mal tem sido os portugueses considerarem o Brasil como um país ainda muito jovem – talvez jovem demais – e os brasileiros olharem para Portugal como para um país sem dúvida, muito glorioso, mas muito velho, também – excessivamente velho, mesmo – quando, no fim de contas, a diferença de idade entre os dois irmãos não é assim tão grande.

– No Brasil, hoje ainda, nascem cidades – disse-me, com orgulho, um jovem intelectual brasileiro.

– Em Angola também – respondi-lhe, naturalmente.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 17  
**POR SOBRE BARCELOS, NO AMAZONAS<sup>18</sup>**

NO AR, POR SOBRE O BRASIL, 12 DE NOVEMBRO – Do Rio de Janeiro a Caracas, o avião traça, por sobre a América do Sul, uma linha recta. Esta linha como que corta em diagonal o Brasil. O voo efectua-se de noite. De longe em longe brilham na escuridão as luzes de uma cidade. Talvez Barcelos, talvez Moura, no Amazonas...

Só ao romper da manhã é que deixamos de sobrevoar o Brasil e, no entanto, partimos do Rio logo em seguida ao jantar. Tem-se assim, melhor do que nos mapas, a noção de como é grande este Brasil – tão grande que não coube num só hemisfério: efectivamente, cortado pelo Equador, o Brasil divide-se pelos dois hemisférios, com cerca de 600.000 quilómetros quadrados de território no hemisfério Norte e 7.900.000 no hemisfério Sul.

Em superfície, é o quarto país do mundo, depois da Rússia, do Canadá e da China. Os Estados Unidos ocupam, na lista, o quinto lugar, com menos 86.244 quilómetros quadrados do que o Brasil.

Quanto à população, com cerca de 60 milhões, situa-se em nono lugar, entre a Alemanha e a Itália. Há mais 14.500.000 brasileiros do que italianos; mais dezasseis milhões de brasileiros do que ingleses.

Em crescimento da população, figurou o Brasil, de 1850 a 1950, entre o Canadá e os Estados Unidos, no terceiro lugar da lista, com 618 por cento, mais 66 por cento do que os Estados Unidos; mas o contributo da imigração para o aumento demográfico foi menor no Brasil do que nos dois países norte-americanos.

Dos países latinos é o Brasil o mais populoso, seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, a Itália, a França, a Espanha, Portugal (incluindo a população das províncias ultramarinas) e o México. Em 1850, no entanto, os brasileiros eram apenas 7.200.000.

É também o Brasil, em todo o globo, a nação onde há maior número de católicos: cerca de 55 milhões. Tem, depois, cerca de dois milhões de protestantes (estrangeiros, na sua maioria) e, seguidamente, uns 850.000 espíritas; mas há, ainda, cristãos ortodoxos, israelitas, maometanos e budistas em número considerável.

O Brasil – que no momento conta três Cardeais, os Arcebispos do Rio, de S. Paulo e da Baía, pelo que é de cinco o número de Cardeais que falam o português, ou de seis, se incluirmos o Arcebispo de Bombaim, Monsenhor Gracias... – está dividido em 20 arquidioceses, 68 dioceses e 29 prelazias “nullius in aëre”.

Cerca de noventa milhões de pessoas falam, em todo o mundo, o português. E, como membro da comunidade luso-brasileira, proclamada agora por um tratado, mas que nunca deixou de existir no sangue e no espírito dos dois povos, o Brasil (que, por outro lado, é hoje, sem a menor dúvida, o “leader” de todas as nações americanas de origem ibérica) prolonga a sua influência política e cultural até à Europa, à África, à Ásia e aos mares da Austrália.

Entretanto, o Brasil, que tem ainda espaço para mais duas ou três centenas de milhões de habitantes, mantém abertas de par em par as portas à imigração, sendo os portugueses, evidentemente, os imigrantes que mais lhe convém, vindo, depois, por ordem decrescente de preferência, os italianos e os espanhóis. Os alemães e os holandeses oferecem dificuldades de assimilação. Maiores dificuldades oferecem ainda, porém, os japoneses, que são, todavia, bem acolhidos, por não se concentrarem nas cidades preferindo os trabalhos da agricultura a quaisquer outros.

Durante e depois da guerra, entraram também no Brasil milhares de israelitas e de escravos – só russos, em 1948, foram 1.342. O eslavo é, aliás, como o português e como o italiano, um imigrante depressa assimilado, o que sucede igualmente com sírios e libaneses.

---

<sup>18</sup> DNNB, 23 de janeiro de 1959; JM, 7 de fevereiro de 1959.

Até agora, a imigração mais numerosa foi a portuguesa. Dada, porém, a necessidade crescente de colonos que têm Angola e Moçambique (estamos perante um dilema: ou colonizamos, ou desistimos) será de recear que esta posição se modifique, dentro de alguns anos. É tão forte, no entanto, o poder de assimilação exercido pelo brasileiro, que, por muito poucos que sejam no futuro os imigrantes portugueses e por mais numerosos que sejam os imigrantes de outras origens, o Brasil continuará fiel ao seu idioma, às suas tradições, à sua cultura – e à sua vocação de grande potência mundial, não simplesmente americana e atlântica.

Brilham na escuridão, outra vez, as luzes de uma cidade. Interrogo o comandante do avião. Agora, sim, é que é Barcelos – Barcelos, no Amazonas...

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 18 NA CIDADE MAIS CARA DO CONTINENTE AMERICANO<sup>19</sup>

CARACAS, 13 DE NOVEMBRO – Se a colónia portuguesa em Caracas tem praticamente doze anos, a Caracas actual poucos mais anos tem de idade – uns vinte, não mais.

A população é hoje de um milhão e 100.000 almas, mas em 1936 era apenas de 200.000.

Aqui vivem, agora, além de 30.000 portugueses, 120.000 italianos, mais de 100.000 espanhóis e cerca de 30.000 norte-americanos. Mas em 1936 os estrangeiros não davam para encher dois hotéis.

Em 1936 eram de seis andares os dois arranha-céus do Centro Simão Bolívar.

Onde, em 1936, havia umas colinas revestidas de mato rasteiro erguem-se hoje os moderníssimos edifícios da Cidade Universitária, em pátios e praças escultores abstractos levantaram monumentos a que não faltam, apesar do seu arrojo, harmonia e beleza.

Enfim, nas terras incultas por onde serpenteava, melancólico, um rio de pouca água vêem-se agora – pintados de cores vivas, álares, tropicais – os prédios de quinze andares da Cidade Operária, onde habitam 60.000 pessoas.

Foram estas pessoas transferidas para estes prédios dos cerros ao redor de Caracas, onde habitavam miseráveis barracas de madeira – os “ranchos.” A verdade, porém, é que outras famílias chegaram, entretanto, do interior do país, de novo ocuparam os cerros, de novo os cobriram de barracas paupérrimas, que em cascata descem quase até ao centro da cidade, num contraste violento, gritante, com o luxo dos grandes hotéis, dos escritórios de grandes firmas norte-americanas, dos automóveis também pintados de cores vivas – vermelhos, amarelos, azuis – que atravacam as ruas, dos “bars” e “night-clubs” que à noite inundam Caracas de música, enquanto centenas de pestanejantes reclusos luminosos em todas as cores a transformam como que numa fantasmagórica fogueira.

\* \* \*

Caracas ainda não cessou de crescer – concluem-se por ano mais de dois mil prédios – e os venezuelanos proclamam, com orgulho, que a sua capital é a cidade mais moderna da América hispânica. Mas é também, por desgraça, a cidade mais cara de todo o continente americano – a única, decerto, em que um pequeno-almoço de papaia, pão, manteiga e café com leite custa o equivalente a quarenta escudos.

---

<sup>19</sup> DNNB, 26 de janeiro de 1959; JM, 9 de fevereiro de 1959.

Uma criada de fora ganha por mês 300 bolívares; uma cozinheira, 350; um criado de mesa, 400; um motorista, 600 – e todos, além do ordenado, com direito a cama e mesa. Resta acrescentar que o bolívar equivale aproximadamente a oito escudos e cinquenta centavos.

\* \* \*

Ponho como condição a três amigos que me convidam para almoçar: “Tem que ser num restaurante venezuelano típico.”

É, efectivamente, um restaurante diferente dos outros – um bungaló de bambu, metido já pela selva. Os criados, porém, são espanhóis.

– De que parte da Espanha? – pergunto ao que me serve.

– Da Galiza.

Quanto ao proprietário, é alemão e de Munique.

Na carta, vinhos espanhóis, franceses, italianos, gregos...

– E vinhos portugueses? – pergunta, patrioticamente indignado, um dos meus amigos.

– Não temos.

– Mas porquê?

– Não sei. A verdade é que não temos...

Em sinal de protesto, decidimos, colectivamente, beber cerveja alemã – regar de cerveja alemã a sopa de tartaruga, o churrasco venezuelano, as “hallaquitas” (bolos de farinha de milho branco, cozidos em água e sal) e as “arepas” (bolos de mesma farinha, assados nas brasas) que acompanham uma deliciosa “parrilla.”

O cozinheiro, não há dúvida é venezuelano, este, ao menos – e venezuelano é também um molho que nos traz, infernalmente picante.

\* \* \*

Corridas de toiros, corridas de cavalos, corridas de cães, luta de galos, combates de “box,” desafios de futebol e de basebol – tais são, em tempos normais, os espectáculos predilectos dos venezuelanos. Chego, porém, a Caracas em vésperas de eleições e, portanto, com um espectáculo que domina, que esfuma, que faz desaparecer todos os outros – o da política.

Nota à margem:

Ao contra-almirante Larrabazal os seus amigos chamam apenas, com respeitosa familiaridade, “el almirante”; em compensação, os seus adversários, quando se lhe referem, dizem: simplesmente, “el contra.”

*DUTRA FARIA*

#### JORNAL DE VIAGEM – 19

#### **EM 1938, OITO PORTUGUESES NA VENEZUELA; AGORA 40.000<sup>20</sup>**

CARACAS, 13 DE NOVEMBRO – «Quando aqui cheguei, em Dezembro de 1938, ainda só havia em Caracas, pelo menos registados no consulado, sete portugueses» – diz-me o Sr. João Rodrigues Aguiar, que foi o fundador da Casa da Madeira.

– E como veio? E porquê?

<sup>20</sup> DNNB, 27 de janeiro de 1959; JM, 10 de fevereiro de 1959.

– Estava no Curaçao. Um dia olhei para o mapa e vi como a Venezuela, ali mesmo ao lado, era grande. Filho de uma ilha pequena, pensei então que um país tão grande era necessariamente um país rico. Por isso vim. E juro-lhe que não me arrependi.

Nem tinha de se arrepender. João Rodrigues de Aguiar é hoje proprietário de um supermercado no bairro aristocrático de Las Delicias e de uma fazenda a trinta e poucos quilómetros de Caracas.

– Veio, pois, há vinte anos. E os outros?

– Nos fins de 1939, começaram a chegar os madeirenses, que vinham como eu viera, do Curaçao. Depois, em princípios de 1940, chegaram os primeiros continentais.

O grosso da imigração portuguesa veio, porém, nos últimos doze anos – e hoje os portugueses, em número de 40.000, ocupam o quarto lugar entre as colónias estrangeiras, depois dos italianos, que são 110.000, dos espanhóis, que são 120.000, e dos colombianos, que são 60.000.

Dos portugueses, 30.000 (três quartos do total) vivem aqui mesmo em Caracas. Entre os 40.000, são madeirenses 22.000, sendo continentais, na sua quase totalidade, os outros 18.000.

Os continentais dedicam-se principalmente à construção civil. Dos madeirenses, 30 por cento consagram-se à horticultura, nos arredores de Caracas, em terras que alugam; 30 por cento são comerciantes ou empregados do comércio e os outros trabalham sobretudo como condutores de autocarros, de camiões e de táxis.

As cinco primeiras linhas de autocarros para transporte colectivo de passageiros que funcionaram em Caracas foram fundadas por outros tantos portugueses e hoje ainda lhes pertencem.

Numerosos cafés e botequins pertencem igualmente a portugueses, enquanto os donos de restaurantes são quase todos italianos e na frequência dos “night-clubs” predominam os jovens de origem colombiana. Pertencem também a portugueses muitos dos super-mercados – grandes estabelecimentos que são, ao mesmo tempo, mercearia, pastelaria, farmácia, talho e peixaria. Por exemplo, um dos raros milionários da colónia, o sr. Corte de Abreu, é proprietário de uma rede de supermercados. Mas as melhores fortunas fizeram-se na construção civil.

Para esse efeito, os portugueses (dez, quinze) agrupam-se como que em pequenas cooperativas de trabalhadores. São pedreiros, carpinteiros, estucadores, pintores... Vivem amontoados num ou em dois quartos; comem pão seco de manhã e à noite, uma sopa, por vezes, a meio do dia; vinho ou “rhum” (bebida nacional da Venezuela) não os provam – e assim amealham colectivamente quase tudo quanto ganham.

Quando têm, enfim, uns 20.000 bolívares, empregam-nos na compra de um terreno, que imediatamente hipotecam. Com o dinheiro do empréstimo, compram então os primeiros materiais de construção; depois, novos materiais, estes, agora, porém, a crédito. Nova hipoteca mais tarde quando a obra vai já adiantada. Novos pedidos de crédito aos fornecedores de materiais de construção. E como todos – a começar pelo Banco Nacional – fiam aos portugueses, que têm merecida fama de honestidade, os dez ou quinze operários acabam por construir pelas suas próprias mãos um prédio que em terreno e juros não lhes custou mais de 60.000 bolívares, mas que vendem por 150.000 ou 200.000.

Associações portuguesas há cinco, além de um Conselho da Colónia eleito há cerca de um ano por sufrágio directo dos imigrantes, sob o patrocínio do ministro de Portugal, dr. Manuel Branquinho.

São, por ordem de antiguidade, estas associações a Casa da Madeira, a União Ciclista Portugal, o Clube Desportivo Português, o Portugal Hóquei Club e o Centro Português, fundado, este, em Junho de 1957 e que tem já esplêndida sede.

A equipa de futebol do Desportivo Português ganhou, este ano, o Campeonato da Venezuela. Por sua vez, os ciclistas da União coleccionaram durante a última temporada 150 taças individuais e 13 colectivas. A União – em cuja equipa corre Moreira de Sá, que os entusiastas da Volta a Portugal ainda com certeza não esqueceram – venceu, este ano, mais provas, na Venezuela, do que todos os outros clubes da especialidade juntos.

A colónia já também possui a sua Imprensa – três semanários: “Ecos de Portugal,” cujo director, Daniel de Morais, é uma das figuras de maior prestígio entre os imigrantes; “Madeira,” dirigido pelo sr. José António Cangueiro, também actual presidente do Conselho da Colónia; e “O Lusitano,” presentemente dirigido pelos srs. Cabral Franco e M. Carvalho.

Programas radiofónicos em português há, por igual, três: “Ecos de Portugal,” da mesma organização proprietária do semanário que tem este título; “Voz da Madeira,” dirigido por Gabriel Ferreira de Gouveia – e “Recordar é viver,” propriedade de uma empresa italiana, mas que tem como locutora uma portuguesa, Leonor de Bassan. Um desses programas, o dos “Ecos de Portugal,” está a ser, porém, emitido duas vezes ao dia – e a respectiva organização prepara também o lançamento de um programa em português na TV da Venezuela.

O capelão da colónia é um sacerdote abnegado, o rev. padre Joaquim Ferreira. Pergunto-lhe se os rapazes portugueses se casam muito fora da colónia. Responde-me: “Sim, com espanholas, principalmente com raparigas oriundas da Galiza.”

Escola para as crianças filhas de portugueses é que ainda não há. E teremos de pô-la de pé quanto antes. Carteiras já as comprou o Centro Português. Professores também não faltam: vivem aqui nada menos de doze senhoras portuguesas com o diploma de professora, passado pelas nossas escolas de magistério primário. O que se aguarda agora é o apoio do Ministério da Educação Nacional português. Apoio que decerto não tardará a concretizar-se. Os portugueses de Caracas querem que seja uma escola oficial portuguesa a sua. Oficial ou oficializada, como a da Casa de Portugal no Rio de Janeiro e, como uma, pelo menos, nos Estados Unidos – em New Bedford.

De todas as colónias portuguesas a da Venezuela creio que é a mais nova. Defeitos que se lhe possam apontar – evidentemente que os possui. Mas são os defeitos da juventude, aqueles defeitos que o tempo vai todos os dias corrigindo. O que importa é o que afirmam as próprias autoridades venezuelanas: entre os portugueses não há “gangsters” no cárcere em cumprimento da pena, nem prostitutas no fadário dos “night clubs.” São gente séria, gente honrada, gente respeitadora e trabalhadora, os portugueses da Venezuela. E, se há excepções, estas excepções, como sempre, só confirmam a regra.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 20 SOBREVOANDO RUÍNAS DA CIVILIZAÇÃO MAIA<sup>21</sup>

NO AR, ENTRE CARACAS E MÉXICO, 15 DE NOVEMBRO – O avião holandês que nos leva da Venezuela traz-nos ao Curaçao, ilha holandesa, encruzilhada de raças e de rotas, onde tomamos outro avião, em que seguiremos para o México.

Cores violentas, exageradas, sem bilhetes-postais de mau gosto – o azul do mar sem ondas, o amarelo da terra, o verde dos cactos que revestem a encosta, por detrás da aerogare.

Um holandezinho de nove anos, muito branco e muito louro, que acaba de chegar da Europa, arregala os olhos, de espantado, para um gigantesco preto que ri não sei de quê, mostrando belos dentes de neto de canibais.

\* \* \*

De Curaçao voamos para Barranquilla, na Colômbia – e por cerca de meia hora temos, à nossa esquerda, os contrafortes da serra de Santa Marta, na cordilheira do Andes.

<sup>21</sup> DNNB, 28 de janeiro de 1959; JM, 18 de fevereiro de 1959.

A floresta sobe até onde pode; depois, é a rocha nua e negra; finalmente, nos píncaros, neves eternas, que brilham como cristais, quando batidas pelo sol.

\* \* \*

De Barranquilla – bonitas raparigas, as colombianas – o avião, em salto de gafanhoto, vai ao Panamá, onde o aeroporto, o de Tocuman, nada tem que o distinga dos aeródromos norte-americanos: mete-se uma moeda – e sai uma sanduíche; outra moeda – e sai um “ice-cream”; outra – e sai um café a ferver...

Ainda não estamos, porém, na fronteira entre o reino do homem e o país do autómato.

\* \* \*

Um vale carinhosamente cultivado entre montanhas revestidas de arvoredos escuros e decapitados pelas nuvens; uma cidade de casas de rés-do-chão – na maioria pintadas de azul – com algumas belas igrejas da época colonial; um aeroporto novinho em folha, que ainda cheira a tinta; um PM (polícia militar) cor de chocolate, que parece general, com agulhas brancas, uma borla enorme, branca, no “casco-tête” de borracha, luvas brancas que lhe chegam até ao cotovelo e um estojo também branco para o pistão – tudo isto é San José, capital da Costa Rica.

O nosso avião trouxe alguns imigrantes espanhóis. Há outros que os esperam no aeroporto – famílias inteiras. São eles que amorosamente cultivam as terras ao redor da cidade, enquanto os PM costarriquenhos passeiam pomposamente as suas borlas e as suas agulhetas.

\* \* \*

O frio espera-nos no aeroporto de La Aurora, que serve a cidade de Guatemala. Os mais friorentos dos nossos companheiros da viagem vestem o sobretudo. A altitude é de mais de 1.500 metros.

\* \* \*

Sobrevoamos agora, ainda em território guatemalteco, Tikal, Uaxatun, Sayxohé, ruínas de templos e de cidades maias, submergidas, devoradas pela floresta.

Entretanto, os últimos descendentes dos maias – raça que foi poderosa, que criou um sistema de escrita e cujos cronistas nos disseram tudo quanto sabemos hoje da história dos povos da América antes da chegada dos europeus – erram semi-nus por estas mesmas florestas, fogem como de locais enfeitados das ruínas do que ergueram os seus antepassados e por vezes, ao avistarem entre as nuvens este insolente pássaro cor de prata em que viajamos, apontam-lhe os seus arcos, disparam as suas flechas. Mas estas mesmas flechas que, disparadas pelos antigos maias, foram a arma secreta com que venceram e dominaram povos mais primitivos, que não conheciam o uso do arco, agora não chegam sequer a atingir o avião, esta ave reluzente que prossegue imperturbavelmente no seu voo por sobre os restos do que foi uma gloriosa civilização.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 21  
POR TERRAS DA NOVA ESPANHA<sup>22</sup>

CIDADE DO MÉXICO, 16 DE NOVEMBRO – No Palácio Nacional do México («al Zócalo») os guias param obrigatoriamente defronte do grande tríptico mural de Diego Rivera que representa, na concepção do que foi sem dúvida o maior (mas também o mais discutível) pintor mexicano, a pré-história, a história e o futuro do seu povo.

O fresco que vemos à nossa direita mostra as populações indígenas entregues aos seus trabalhos pacíficos – a agricultura, a tecelagem, a cerâmica. Antes, evidentemente, da chegada dos espanhóis. É a pré-história do México.

Toda a história está, depois, resumida nas imagens – quase sempre violentas e polemistas – do fresco central: Hernan Cortez chega com os seus cavalos, os seus soldados cobertos de ferro, os seus canhões, que vomitam fogo; auxiliados pelos missionários, leva os indígenas a converterem-se, apodera-se das suas riquezas, põe a tormentos os que as escondem; seguem-se cenas da Inquisição, imagens de um auto-de-fé; e as lutas pela independência, e as guerras contra os Estados Unidos, e o desembarque dos soldados franceses de Napoleão III, e a execução do Imperador Maximiliano, e a revolução contra a ditadura do general Diaz, e as principais personagens desse agitado período – apóstolos como Francisco Madero, bandidos como Pancho Villa...

O guia explica:

– Esta é a história do México durante o período em que fomos dominados pelos espanhóis (trezentos anos, em números redondos) e desde que retomámos a independência até o momento em que o pintor concluiu o seu trabalho.

Quanto ao fresco que temos à nossa esquerda, o guia mostra-se evasivo:

– São imagens de como Diego Rivera imaginava que seria o futuro do nosso país. É um sonho de artista, apenas. O que aí está não corresponde nem à realidade nem ao pensamento do actual Governo do México. Por isso pedem-nos a nós, os guias, que não expliquemos este fresco...

– Nem precisa que o expliquem – comento. – Julgo que por si só é bem eloquente...

Liberto do Evangelho, que tem aos pés, rasgado, o trabalhador mexicano recebe – com o rosto aberto num largo riso – das mãos de outro trabalhador um exemplar de “O Capital,” de Karl Marx. Seguem-se cenas do que Rivera imaginava que seria a sociedade criada pelo comunismo. Eis o fresco que o Governo mexicano pede aos guias que não expliquem aos turistas...

Quer como obra de conjunto, quer no pormenor, o tríptico de Rivera é, no entanto, do mais notável, do mais empolgante, mesmo, que temos visto. Enferma, todavia, dos mesmos males que se encontram noutro grande pintor mexicano, Siqueiros – a retórica marxista, e preconceito cego contra o europeu, a incompreensão total perante o que foi, no México, a acção criadora do espanhol, a tendência para apresentar os tempos anteriores à chegada de Cortez como uma espécie de paraíso terrestre, de que o espanhol, brutalmente, expulsaria o índio, “el índio triste.”

Hoje, porém, já os próprios historiadores mexicanos têm outra noção do passado. Noção que destrói por completo o mito faccioso do paraíso terrestre invadido pelos soldados de Hernan Cortez...

O povo que ergue, em Teotihuacan, essas extraordinárias pirâmides do Sol e da Lua, rivais às pirâmides egípcias; que traçou, numa audaciosa concepção urbanística, a grande Avenida dos Mortos; que desenhou o imenso quadrilátero – de uma geometria perfeita – daquilo a que se chama hoje a Cidade e que parece um estádio moderno; esse povo, senhor de uma alta civilização, a que se devem, sobretudo, as soberbas, espantosas cabeças de serpente do templo de Quetzalcóatl, trabalhadas em granito, teve o seu apogeu entre os séculos IV e X da nossa Era, mas foi, depois, dominado pelos toltecas, cujo império seria aniquilado, dois séculos mais tarde, pelos chichimecas, os quais foram, por

<sup>22</sup> DNNB, 29 de janeiro de 1959; JM, 23 de fevereiro de 1959.

sua vez, no século XIV, vencidos e escravizados pelos aztecas, a cujo domínio os espanhóis puseram termo – com o auxílio das tribos que os aztecas haviam reduzido a uma escravizadora vassalagem – no século XVI.

Os espanhóis foram, portanto, senhores do México por mais um século do que os próprios aztecas. E tudo aqui revela, na verdade, a influência espanhola. Não foi só a língua que eles impuseram aos indígenas. Não foi só a fé que os espanhóis lhes trouxeram – e a que se mantêm admiravelmente fiéis. Tudo, aqui, por muito que pese a alguns mexicanos, nos fala da Espanha, lembra a Espanha, evoca a Espanha. Percorro as salas do Museu de Artes Populares, instalado no que foi uma bela igreja do século XVII, que do templo conserva, hoje, a fachada, apenas. E é como se percorresse uma exposição de artesanato peninsular, com influências, também, não há dúvida, do Oriente, como, por exemplo, nas faianças de Puebla e nas formosas lacas do Michoacán. Mas influências que também se fizeram sentir na Península Ibérica. E é verdadeiramente com emoção que na Catedral do México – a maior catedral de todas as Américas – nos detemos ante as monumentais grades do coro, para a fundição das quais se empregaram seis toneladas de ouro, outras tantas de prata, as mesmas de bronze e as mesmas de cobre, numa liga a que se chama “tumbaga.” Emoção que tem a sua origem no facto de haver sido em Macau que foram fundidas estas grades, segundo desenhos e planos daqui enviados, pela “Nau da China,” aos fundidores sino-portugueses, os mais famosos do mundo, nesse tempo.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 22 NO MÉXICO, JÁ A IGREJA GANHOU A BATALHA<sup>23</sup>

CIDADE DO MÉXICO, 17 DE NOVEMBRO – Em nenhuma outra nação aquém das Cortinas de Ferro e de Bambu foi a igreja mais maltratada e perseguida do que no México, de 1923 a 1940. Pois talvez nenhum outro povo nas Américas mantenha mais viva e mais ardente a sua fé do que o mexicano. Hoje, ainda e, por duas vezes, o verificámos: pela manhã, quando fomos à basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, onde se venera a imagem da Virgem que apareceu milagrosamente estampada no “zarape” de um índio; depois, à tarde, quando saíram os jornais anunciando, com títulos ao alto e a toda a largura das suas primeiras páginas, a designação, pelo Papa João XXIII, do primeiro Cardeal mexicano – o Arcebispo de Guadalajara, D. José Garibi y Ribera.

Pela manhã, fora um espectáculo de intenso fervor o que se nos deparara; de tarde, foi uma verdadeira vaga de regozijo popular aquilo a que assistimos. “O México já tem o seu Cardeal” – gritavam os vendedores e os jornais passavam de mão em mão, esgotavam-se num momento.

Para o México, era uma grande honra, o gesto de João XXIII. Mas para os católicos mexicanos era algo mais do que isso – era como que o comunicado final de uma guerra, como que a proclamação, “urbi et orbi,” de uma vitória alcançada a preço de sangue e de martírio, como que a consagração de um heroísmo que a nenhuma repressão se dobrou e que nenhuma violência conseguiu dominar.

Foi o Presidente Obregon quem deu início, em 1923, à perseguição contra a Igreja, ao expulsar do México o Delegado Apostólico. Simultaneamente, processava numerosos prelados, sacerdotes e fiéis “por terem celebrado um Congresso Eucarístico.” Mas foi o Presidente Plutarco Elias Callas, eleito em 1924, quem, a partir de 1926 intensificou a perseguição encerrando e confiscando só em Setembro desse ano, 73 conventos, 129 escolas católicas e 118 asilos, ao mesmo tempo que proibia todos os actos de culto públicos. Seguidamente, foram confiscados numerosos templos.

---

<sup>23</sup> DNNB, 30 de janeiro de 1959; JM, 24 de fevereiro de 1959.

Os católicos pegaram, então, em armas e a luta – a “guerra cristera” – durou de 1926 a 1929. Noventa e sete sacerdotes morreram fuzilados ou enforcados, centenas de católicos baquearam, o Padre jesuíta Miguel Pro – cujo processo de canonização está a correr – foi executado sem julgamento. Mas em 1929, depois de uma intervenção do embaixador dos Estados Unidos, o Presidente Portes Gil revogava as leis de Calles e prometia que seriam restituídos à Igreja todos os templos, seminários, paços episcopais e residências paroquiais. Também prometeu que seriam amnistiados os católicos presos com armas na mão.

Apesar dessas promessas, os templos e outros bens da Igreja continuaram, todavia, na posse dos que os tinham tomado; muitos dos que esperavam ser libertados foram assassinados no cárcere – e em 1931 (já com outro Presidente, Ortiz Rubio) recrudesceu a perseguição, tendo cada Estado mexicano estabelecido, nesse momento, o limite máximo, autorizado, de sacerdotes, relativamente ao número de fiéis: o Estado “mais tolerante” determinou então que não podia haver mais do que um sacerdote por 25.000 habitantes – e o menos tolerante (o de Chiapas) decretou que um padre “de qualquer religião” bastava para uma população de mais de 500.000 almas...

O Presidente que sucedeu a Ortiz, Rubio Cardonas, ordenou, depois, que todo o ensino fosse “socialista a desfanatizante” e de 11 de Novembro de 1931 a 28 de Abril de 1936, confiscou nada menos do que 480 propriedades da Igreja. Mas por todo o país o povo sublevava-se espontaneamente contra os que lhe queriam roubar a sua fé. Professores e professoras saídos em fornadas de escolas de magistério primário dirigidas por comunistas em vão se espalhavam pelos campos; uns foram mortos, outros desorelhados e sem orelhas expulsos, depois, das aldeias. Já nada podia deter a reacção popular.

O Presidente Ávila Camacho abre a sua campanha eleitoral, proclamando que “é, ele também, um crente” – e, uma vez eleito em 1940, faz com que na Constituição a palavra “socialista” seja substituída pela palavra “social”; cria depois, em 1946, o Partido Revolucionário Institucional, que desde então, há, portanto doze anos, detém o poder.

Finalmente, em 1952, Igreja e Estado reconciliaram-se, quando, na basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, perante a multidão imensa que enchia o templo, o Arcebispo do México e o Presidente Alemán simbolicamente se abraçaram. Quem saía vencido da luta era, porém, o Estado. Ao longo de todas as perseguições, aumentara no México o número de sacerdotes, aumentara o número de religiosos, aumentara o número de paróquias – e haviam sido criadas oito novas dioceses, assim como uma arquidiocese, a de Vera Cruz.

E também não diminuía o número de fiéis: 16.126.945, em 1930, para uma população de 16.552.722; 18.977.585, em 1940, para uma população de 19.653.552; 25.329.498, em 1950, para 25.791.017. Não foi, pois, em vão que derramaram o seu sangue, que sacrificaram a sua vida, os noventa sacerdotes executados – sem julgamento ou depois de comparecerem perante uma espécie de tribunal popular – no tempo de Calles.

Com o encerramento da luta anti-religiosa, entrou o México – outrora famoso pela frequência das suas revoluções – num período de paz. E hoje, ao contrário do que sucede noutras Repúblicas da América hispânica, tudo nos mostra no México que estamos aqui num país onde a estabilidade e a segurança efectivamente existem – não são palavras, apenas.

Estabilidade e segurança para as quais contribui, sem dúvida, o facto de estar no poder, desde há onze anos, ininterruptamente, o mesmo partido. Ou desde 1911, se – com a historiografia oficial – virmos no actual PRI o herdeiro directo do movimento que derrubou o regime do general Diaz e levou Madero à Presidência.

Sob este aspecto da continuidade, bom era que pusessem os olhos na democracia mexicana outras democracias hispano-americanas, mais jovens.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 23  
**O PROBLEMA DO INDIGENATO NO MÉXICO<sup>24</sup>**

CIDADE DO MÉXICO, 18 DE NOVEMBRO – É de 26 milhões, em números redondos, a população do México, segundo o último recenseamento, efectuado em 1950. Desses 26 milhões, 1 mexicano em cada 5 é indígena pela sua cultura e pela maneira como vive; 3 mexicanos em cada 20 falam, além do espanhol, um idioma indígena e cerca de três milhões falam exclusivamente idiomas indígenas, ignorando, por completo, o espanhol. Há, assim, no México, um problema indígena, tal como nos países que possuem, como Portugal, territórios na África ou noutros pontos do globo habitados por populações atrasadas: “o problema de três milhões de mexicanos que não falam o espanhol; que não sabem ler nem escrever; que produzem quase exclusivamente o que consomem e que consomem tão pouco que bem se pode dizer que as suas necessidades apenas se satisfazem no mínimo, de modo que se encontram em estado de crise permanente” (Alfonso Caso, “Indigenismo,” Ed. do Instituto Nacional Indigenista, México, 1958).

Poderão, pois, esses três milhões de mexicanos ser considerados, perante a lei, como iguais, em direitos e em deveres, aos seus compatriotas civilizados?

É esta a pergunta que corajosamente formula, na obra que acima citámos, o dr. Alfonso Caso, que foi reitor da Universidade Nacional do México e que dirige, desde 1949, o Instituto Nacional Indigenista, cujo objectivo é proceder à gradual e prudente integração, na comunidade mexicana, dessas populações de língua e costumes diferentes. Pergunta, aliás, a que ele próprio responde, dizendo que, onde quer que foi aplicada, a igualdade legal entre o indígena e o civilizado só levou, afinal, à exploração económica dos indígenas pelos civilizados. A solução estará, portanto, diremos, numa tutela paternal e vigilante.

“Nada mais perigoso – escreve o dr. Alfonso Caso – do que considerar iguais perante a lei os que pela sua situação social e económica não o são; nada mais perigoso, consequentemente, do que abster-se o Estado de intervir em conflitos entre particulares, considerando que os dois indivíduos em conflito possuem os mesmos direitos e obrigações, quando na realidade, não os possuem.

A igualdade perante a lei só é justa entre iguais. Daqui o erro fundamental do liberalismo, ao ditar leis limitativas e não leis protectoras. É evidente que, quando se trata do menor, da mulher ou do incapacitado, as leis não podem ser simplesmente limitativas, mas, sim, protectoras. Mas também “há desigualdades sociais e económicas que não podemos nem devemos desconhecer e que, enquanto se mantêm, têm que motivar leis protectoras e não simplesmente leis limitativas.”

A esses três milhões de indígenas há, portanto, que lhes dar “um tratamento especial,” como membros que são de comunidades à parte.

E o dr. Alfonso Caso, noutro capítulo do seu livro, depois de repetir que “a igualdade só é justa entre iguais,” vai ao ponto de escrever que “a máxima injustiça é declarar iguais perante a lei aqueles que o não são.” Mas, por outro lado, há que não tratar os indígenas “como se fossem delinquentes”: “o caminho – diz – não é obrigar, é persuadir; não é ordenar, é demonstrar; não é destruir, é transformar.” Por consequência, é reconhecer a comunidade indígena (ou seja: a tribo) como tal e procurar que esta evolucione como um todo, evitando, assim, que o indígena se desintegre e se disperse, o que o perde “como valor de uma cultura” e o submete, sem a preparação necessária para os enfrentar, a um número infinito de dificuldades e perigos numa sociedade que lhe parecerá irremediavelmente hostil e que, na realidade, o será, em certa medida.

Nada de novo, para nós, viemos encontrar – é evidente – no livro do dr. Alfonso Caso, na sua tese. Que esta seja, porém, a tese de um mexicano com as responsabilidades que ele tem e que o

---

<sup>24</sup> DNNB, 2 de fevereiro de 1959; JM, 27 de fevereiro de 1959.

problema do indigenato se ponha em tais termos num país como o México – eis o que nos pareceu, na verdade, digno de ser assinalado.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 24  
REGRESSO A SAN FRANCISCO<sup>25</sup>

SAN FRANCISCO, 19 DE NOVEMBRO – O «meu» San Francisco era, ainda, o de 1945, o da guerra entre o Pacífico e da Conferência Internacional de onde saíram a Carta e a Organização das Nações Unidas. Treze anos volvidos, o San Francisco de 1958 é aparentemente o mesmo, embora com menos soldados nas ruas e menos bandeiras nos mastros. Os mesmos automóveis de luxo continuam a parar à porta dos mesmos hotéis de luxo: O San Francis, que em 1945 foi o hotel de Molotov, e o Mark Hopkins, que foi o de Eden. Nos mesmos “bars,” lindas mulheres – que por certo já não são as mesmas – continuam a pedir os mesmos “cocktails.” No mesmo restaurante francês aonde uma vez, em 1945, veio cear um inquieto e pálido Bidault (já então principiava a desenhar-se a ofensiva geral russo-ianque contra os territórios ultramarinos da França) os norte-americanos continuam a beber o vinho antes das refeições e a acompanhar o bife com um copo de leite ou de água gelada, quando não – o que é ainda mais frequente – com um café aguado que parece dizer-nos do fundo da xícara imensa em que o trazem: “qualquer semelhança, com o líquido que tem este nome no Brasil e na Europa é pura coincidência.” Enfim, na Chinatown, onde à noite os reclamos luminosos são, mais do que nunca, uma festa para os olhos, os mesmos chineses já americanizados e os mesmos japoneses disfarçados de chineses continuam a vender as mesmas lacas, as mesmas porcelanas, os mesmos marfins, as mesmas sedas, os mesmos leques de papel...

Aparentemente, nada mudou. Contudo, este norte-americano que se cruza connosco na rua já não é precisamente o mesmo.

Ao jantar, em casa do cônsul de Portugal, dr. Futscher Pereira, encontro um banqueiro de Nova York que veio há dois ou três anos estabelecer-se em San Francisco – “onde (diz-me ele) se ganha menos dinheiro, mas o clima é melhor.”

O banqueiro quer saber o que se pensa na Europa da situação internacional. Estou, porém, mais interessado em saber, o que ele pensa a esse respeito. E, para medir a sua reacção, descrevo-lhe o que era San Francisco em 1945: sempre que Molotov saía do hotel, as raparigas norte-americanas rodeavam-no, pediam-lhe autógrafos como se ele fosse um actor de cinema, beijavam-no, ofereciam-lhe ramos de flores – e, nas ruas, sempre que passava um oficial soviético martelando o passo com as suas pesadas botas de mujique, os norte-americanos aclamavam-no, davam-lhe pancadinhas amigáveis nas costas, enchiam-lhe os bolsos de cigarros e de chocolates...

– Oh, não! – murmura, entre incrédulo e comprometido, o banqueiro que preferiu o clima de San Francisco ao de Nova York.

Oh, não! É justamente a reacção que eu esperava – a reacção do homem que vive com demasiada intensidade para poder ter boa memória. E está aqui, talvez, a origem de muitas dificuldades que surgem nas relações entre o europeu e o norte-americano. O europeu é um homem “histórico” – cada momento da sua vida lhe traz um ensinamento, de cada episódio da sua existência tira uma conclusão, nada esquece, tudo fixa – enquanto o norte-americano, pelo contrário, passa o dia de hoje a esquecer o que fez ontem e a recomeçar com o mesmo entusiasmo da véspera, persistindo muito embora nos mesmos erros. Se falha, nunca dirá: “Enganei-me.” Por uma questão de princípio, o norte-americano

<sup>25</sup> DNNB, 3 de fevereiro de 1959; JM, 3 de março de 1959.

jamais se engana. As razões do malogro, limita-se a atribuí-las, muito comodamente, ao acaso ou ao destino. O que não há é malogro que o desanime.

E eis uma das grandes virtudes do homem norte-americano. Ele como que nasce todos os dias: todas as manhãs, ao acordar, olha para a vida com o mesmo deslumbramento e com a mesma confiança, enquanto o europeu, pelo contrário, tem no fim de cada dia a sensação de que as vinte e quatro horas que acabam de correr foram vinte e quatro passos que deu no caminho que irremediavelmente nos leva a todos à sepultura. A diferença está em que o europeu pensa na morte e o norte-americano faz tudo para ignorá-la. Talvez por isso é que nos Estados Unidos o luto de uma viúva apenas dura, em regra, três dias. E talvez por isso também é que os cemitérios norte-americanos são os mais esquecidos, os mais abandonados cemitérios de todo o mundo.

Aliás, o norte-americano nunca diz de alguém – que morreu: usando um eufemismo, diz “que passou,” “que seguiu para a frente,” “que prosseguiu no seu caminho.”..

– Oh, não!

Mas, apesar de tudo, este norte-americano já não é o mesmo, exactamente o mesmo de 1945. Apesar de tudo, alguma coisa mudou na sua mentalidade. Apesar de tudo, algo ele aprendeu. Apesar de tudo, ele hoje seria incapaz de encher de cigarros e de chocolates os bolsos de qualquer oficial soviético...

Mas é com um certo sentimento de melancolia que percorro, esta noite, as mesmas ruas de San Francisco por onde andei há treze anos. Eu estava aqui no dia em que os “partigiani” comunistas assassinaram Mussolini, era aqui que eu estava quando Hitler desapareceu sob as ruínas do que fora o soberbo Terceiro Reich, foi daqui, de San Francisco, que assisti ao ruir de todo um mundo. Mas, por desgraça, ainda não foi aqui em San Francisco que os homens acharam a fórmula capaz de nos poupar a novas inquietações e a novas guerras. A estas horas, por estas mesmas ruas, devem andar também a passear os fantasmas de quantos já efectivamente “seguiram para a frente” ou simplesmente morreram para as responsabilidades na política internacional – Molotov, Anthony Eden, Bidault, Stettinius, Alger Hiss...

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 25 OS LUSO-AMERICANOS DA CALIFÓRNIA<sup>26</sup>

SAN FRANCISCO, 20 de NOVEMBRO – Quantos portugueses e luso-americanos vivem hoje na Califórnia? Há quem diga quinhentos mil. Mas o Governador Godwin Knight disse ainda há bem pouco tempo que são em todo o Estado nada menos do que um milhão as pessoas de sangue português. O que é um facto é que os Silvas na lista telefónica de Oakland são pelo menos tantos como na lista telefónica de Lisboa e que, enquanto nesta última há apenas dois Dutras, na de San Francisco há dezoito...

Também é um facto que os portugueses e luso-americanos da Califórnia souberam criar e têm sabido manter agremiações poderosas, das quais a maior – a Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel, organização só de senhoras – dispõe de fundos superiores a dois milhões de dólares, possui sede própria em Oakland e tem mais de 14.000 associados. Outra agremiação também exclusivamente de senhoras – a União Protectora do Estado da Califórnia – igualmente possui sede própria. Tem, esta cerca de 10.000 associados.

Tem, por sua vez, de 12.000 a 14.000 sócios a Federação Fraternal Luso-Americana, resultado (para efeitos culturais e recreativos) da fusão da Sociedade Beneficente da Califórnia com a União

<sup>26</sup> DNNB, 4 de fevereiro de 1959; JM, 5 de março de 1959.

Portuguesa Continental; têm mais de 8.000 sócios quer a União Portuguesa do Estado da Califórnia (com sede em San Leandro) quer a Irmandade do Divino Espírito Santo (com sede em Oakland). Outras grandes agremiações são, ainda, a Associação Protectora União Madeirense do Estado da Califórnia, a Sociedade do Divino Espírito Santo, a Sociedade de Socorros Mútuos Santo António, a Sociedade Santa Maria Madalena. Mas a lista está incompleta. O total das associações portuguesas é de cerca de vinte na Califórnia, incluindo uma de socorros mútuos dos cabo-verdianos, em San Francisco, com mais de 800 sócios.

Todas estas associações actuam como companhias de seguros em benefício dos seus associados (a fusão da União Portuguesa Continental com a Beneficente deu origem, para este efeito, à União Nacional ou United National) e, ao mesmo tempo, desenvolvem actividades de carácter social, tais como bailes, banquetes, “jogos de cartas” e jantares ao ar livre, outros tantos pretextos para se reunirem e conviverem os luso-americanos.

Há ainda os Clubes de Cabrilho (cujo objectivo é facilitar a integração do imigrante recém-chegado na vida norte-americana e dele fazer depressa um eleitor capaz de intervir com o seu voto na política dos Estados Unidos) e as associações locais, proprietárias dos “halls” portugueses, edifícios onde em cada uma das pequenas cidades da Califórnia as famílias luso-americanas se reúnem para as suas festas.

Traços de ligação entre os luso-americanos da Califórnia e Portugal, existem: um semanário de 16 páginas, o “Jornal Português,” hoje dirigido pelo sr. Alberto Lemos – que dedicadamente procura torná-lo digno da grande colónia que serve – e perto de trinta programas radiofónicos em português, que cobrem todo o Estado, menos (e é pena) ao Sul as áreas de Los Angeles e San Diego.

São diários onze desses programas, os quais dois emitidos pela emissora de Oakland, dois pela de Berkeley e os outros um por cada uma das seguintes emissoras: de Palo Alto, de San Rafael, de San José, de Napa, de Hanford, de Turlock e de Modesto.

O programa mais escutado (cerca de 200.000 radiouvintes) e também o emitido por uma estação mais potente é o do terceirense Joaquim Esteves, “Portugal de hoje,” em San José. A “Rosinha” (pseudónimo de Celeste Ávila) inteligentemente dirige, com seu marido, Artur Ávila, o programa “Castelos Românticos,” em Oakland – e é a locutora portuguesa mais popular e mais querida na Califórnia. Soares de Azevedo, veterano da Rádio portuguesa na costa do Pacífico, mantém o seu programa “Ecos de Portugal” em Palo Alto. Joaquim Correia, um algarvio dinâmico, dirige há sete anos na Emissora de Hanford um programa dividido por três períodos de tempo. Durante uma hora o picoense Frank Mendonça fala diariamente com toda a sua franqueza. “Frankly Speaking,” aos 5.000 luso-americanos da área de Turlock, por sinal o centro agrícola dos Estados Unidos onde – diz-me ele – mais perus se engordam e também a cidade norte-americana onde, relativamente ao número de habitantes, há mais igrejas.

Outros nomes a fixar, entre os directores dos programas radiofónicos diários em português, são, ainda, os de Paulo de Albuquerque, Azevedo Santos, Agnelo Clementino, Tomás Dias e John Thomas.

Dos directores dos programas semanais haveria também, que destacar alguns, com justiça. Só por desconhecimento de causa não o faço. Sempre assinalarei, em todo o caso, o casal faialense Morrison, que emite programas de carácter cultural, ao domingo, simultaneamente de Hanford e de Fresno; Inácio Santos, cujo programa me dizem ser dos mais ouvidos no Vale de San Joaquim – e Armando Santos, que possui, em Oakland, mais de 2.000 discos e bobinas com música portuguesa.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 26  
**VOLTAS DO MUNDO PORTUGUÊS<sup>27</sup>**

SAN FRANCISCO, 21 DE NOVEMBRO – Alguém me telefona: Lembra-se de mim? Sou a Áurea Baptista. Conheceu-me em Lourenço Marques.

– Lembro-me perfeitamente.

Áurea Baptista nasceu em Hong Kong, mas seus pais e toda a sua família eram de Macau e a língua que se falava em casa era, sempre, o português. Com a ocupação de Hong-Kong pelos japoneses, tiveram que regressar a Macau. Depois, terminada a guerra, uns volveram a Hong-Kong, Áurea e alguns outros vieram para Lourenço Marques, onde ela seria, sob o duplo patrocínio do Cardeal D. Clemente de Gouveia, e do Governador Gabriel Teixeira, a inigualável animadora de notável obra social – o Clube Feminino.

– Gostava de me encontrar consigo. Será possível?

– Há também uma amiga minha que lhe quer falar. É a Josefina do Canto e Castro. Recorda-se dela? A Josefina não nasceu em Hong Kong, como a Áurea; mas nasceu em Providence, no Estado norte-americano de Rhode Island. Seu avô paterno era da ilha do Corvo, sua avó da ilha de S. Jorge – ambos açorianos, portanto. Seu pai nascera, porém, no antigo San Francisco, o San Francisco da Barbary Coast, o San Francisco do tempo das casas de ópio, dos pesquisadores de ouro e dos “night-clubs” onde todas as noites se ajustavam contas a tiros de revólver.

Aos 27 anos, farto de aventuras, ele partiu para os Açores, no intuito de encontrar ali mulher com quem se casasse. Encontrou. Na ilha de S. Jorge uma rapariguinha de 16 anos, frágil demais e demasiado formosa para viver entre os rudes californianos daquele tempo. Por isso o casal, uma vez de regresso aos Estados Unidos, se fixou em Providence, na costa do Atlântico. Mas a vida em Providence e sobretudo o clima da Nova Inglaterra também não agradaram à açorianazinha e bem depressa – quando a filha, Josefina, ainda nem um ano tinha – embarcaram definitivamente para os Açores.

Foi em S. Jorge, na vila das Velas, que Josefina frequentou a escola de instrução primária; em Angra, na ilha Terceira, que frequentou o Liceu. Mais ou menos da minha idade, ali então a conheci, recitadora e poetisa. Casou, depois, em 1930, com um amigo meu também poeta e hoje redactor do “Jornal Português,” de Oakland.

Quando da viagem do marechal Carmona aos Açores, em 1941, encontrei-os na Horta e Josefina ofereceu-me um livro que acabava de publicar: “Naquele tempo...” – poemas bíblicos.

Quatro anos mais tarde, o casal – com quatro filhos: duas raparigas e dois rapazes – veio para os Estados Unidos. Aqui lhes nasceu, na Califórnia, mais um filho – outra rapariga.

– Então amanhã pela manhã iremos procurá-lo. Pode ser?

– Com certeza, Áurea. Aqui a espero.

O desejo de Áurea era tornar a reunir, algures no mundo, todos os seus, como em Hong-Kong, antes da guerra. Uma sobrinha, casada com um russo, veio para os Estados Unidos. Chamaram-na. Ela não resistiu ao apelo. E em San Francisco como professora de piano, começou a ganhar dinheiro – e, com o dinheiro que ia ganhando, a mandar vir os seus. A família é hoje constituída por dezoito pessoas e dessas dezoito pessoas, quinze, nada menos, já se encontram em San Francisco, incluindo uma ceguinha, irmã de Áurea.

– Sabe? É que estou a compor uma oratória sobre as Aparições de Fátima. A Josefina está a escrever o poema. E queríamos ouvir a sua opinião.

– Gostosamente a darei.

---

<sup>27</sup> DNNB, 5 de fevereiro de 1959; JM, 8 de março de 1959.

Das duas filhas de Josefina, uma casou com um russo, a outra com um austríaco, mas um dos filhos, Raimundo, piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, agora em Tóquio, seguiu o exemplo do avô materno – foi também casar aos Açores, com uma senhora do Faial.

– Posso também levar comigo uma amiga minha norte-americana. Miss Adelaide Smithers, que vai traduzir para o inglês o poema da nossa oratória?

– Quem você queira Áurea.

Miss Adelaide Smithers nasceu em New York. O pai era inglês: mexicana, a mãe. Consagrada à acção missionária, Miss Smithers foi durante largos anos secretária, na China, do Arcebispo de Fukian, Monsenhor Labrador, um espanhol. Depois, os comunistas expulsaram-no, com outros missionários.

– Sabe – prosseguiu a Áurea – quando me acudiu esta ideia de compor uma oratória acerca de Nossa Senhora e das suas Aparições na Cova da Iria? Quando os russos lançaram o primeiro Sputnik. Pareceu-me que a música era o melhor meio de que eu dispunha para contribuir, eu, também, para a difusão da Mensagem de Fátima. Tenho trabalhado, aliás, sob a orientação do Prof. Robert Morton, do City College, que se entusiasmou com a ideia, embora não seja católico.

E assim é que em San Francisco duas portuguesas – uma nascida em Hong-Kong, a outra nascida em Providence – estão a escrever uma a música e a outra a letra de uma oratória sobre as Aparições de Fátima, para a Rádio e talvez, depois, também para a Televisão e para a cena.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 27

#### NOTAS SOBRE A IMPRENSA NORTE-AMERICANA<sup>28</sup>

SAN FRANCISCO, 22 DE NOVEMBRO – Hoje, sábado, ao recolher ao hotel, compro no “hall” o jornal com a data de amanhã, domingo. É, aliás, o que faço todas as noites. Hoje, porém, com estas duas diferenças: o jornal pesa quatro ou cinco vezes mais do que nos outros dias – e custa o dobro do preço habitual.\*<sup>29</sup>

O meu diário, aqui, é o “San Francisco Examiner,” da cadeia Hearst: não me posso esquecer de que em 1945 era o único, durante a Conferência das Nações Unidas, que já não acreditava nos bons propósitos e boa fé dos russos. Por isso, ao regressar agora, volvidos treze anos, a esta cidade, regressei também, fielmente, ao “San Francisco Examiner.”

Ao domingo, propriamente o “San Francisco Examiner” tem 110 páginas de texto e publicidade, mais 12, coloridas, “The Comic Weekly”, com as intermináveis histórias de pequeno Rei, do “Prince Valiant in the days of King Arthur,” do “Coração de Julieta” – “The heart of Juliet Jones” – e da impagável Blondie. Mas, juntamente com o “San Francisco Examiner,” vêm, incluídas nos 20 cêntimos do preço do jornal, nada menos do que três revistas ilustradas: “Highlight,” de 32 páginas, com críticas do cinema, de teatro, de concertos, de discos, de livros, de exposições de arte; “Pictorial Living,” também de 32 páginas e que traz, além de outras colaborações, um “copyright” de John Steinbeck, “The Golden Handcuff,” sobre o “seu” San Francisco: “she is such a personal even subjective city”; e “American Living” – “magazine” de 20 páginas já um pouco sobre o sensacional e o escandaloso.

Título de um dos artigos do “American Living,” ilustrado com o retrato de Debra Paget, Lita Milan, Kim Novak e Zsa Zsa Gabor tão despidas quanto é possível nas páginas de um “magazine” ianque: “Cada escapada do filho de Trujillo custa um milhão de dólares.”

<sup>28</sup> JM, 9 de março de 1959; JM, 9 de março de 1959.

<sup>29</sup> \*São idênticos os números de domingo de todos os diários norte-americanos. A diferença é apenas de peso. Mas o diário que mais pesa aos domingos, nos Estados Unidos, é o *New York Times*.

\* \* \*

No jornal propriamente dito, o assunto que mereceu, na primeira página, título maior e maior gravura foi o julgamento de uma bonita rapariga de 15 anos, condenada a prisão perpétua por cumplicidade activa no assassinio de um rapaz de 17 anos por outro de 20.

Trata-se, aliás, de um tema que inquieta e apaixona os norte-americanos – a delinquência juvenil.

Indo, por sinal, ao encontro desse interesse e dessa inquietação, um redactor do “Telegram and Sun,” de Nova York, George Allen, acaba de levar a cabo uma reportagem assustadora – que foi discutida de um extremo ao outro dos Estados Unidos – depois de se haver apresentado como professor, durante dois meses, num liceu de Brooklyn.

Algumas das alarmantes conclusões a que chegou George Allen:

- Os estudantes dormem nas aulas porque, em regra, passam as noites fora de casa;
- Muitos chegam às aulas, pela manhã, ainda ébrios;
- Os professores calam-se, porque vivem no terror de serem agredidos pelos seus alunos;
- As alunas, sempre no receio de serem atacadas pelos seus colegas, não se atrevem a circular nos corredores do liceu senão duas a duas.

Os Estados Unidos estão assim, a pagar, e duramente, as consequências de quase um século de instabilidade familiar.

Deve notar-se, no entanto, que, mesmo nos Estados Unidos, o liceu de Brooklyn – zona onde as crianças, com o pai e a mãe na fábrica, vivem e crescem entregues a si próprias e em contacto diário com a pior vadiagem – é tido na conta de uma excepção.

\* \* \*

Notícias internacionais, quase não há: dois ou três telegramas sobre a situação em Berlim, uma crónica acerca da noiva do príncipe herdeiro do Japão, duas fotografias com aspectos da colhida de um novilheiro qualquer no México – e é tudo.

Aliás, todos os jornais, nos Estados Unidos, se parecem, a este respeito, com o “San Francisco Examiner.” Todos, menos os quatro que se lêem precisamente para se saber o que vai pelo mundo – o “New York Times,” o “New York Herald Tribune,” o “Washington Post” e o “Christian Science Monitor.” Para os outros, um choque entre dois automóveis na cidade em que se publicam – mesmo que não tenha havido mortos – importa mais do que um terramoto em que morreram 300 ou 400 pessoas, mas na Turquia ou na Pérsia.

\* \* \*

Passo, enfim, os olhos pelas páginas de pequenos anúncios.

Uma companhia de aviação – a American Airlines – pede “stewardesses” que não tenham menos de 20 nem mais de 26 anos; que não meçam menos de 1 metro e 55 nem mais de 1 metro e 76; e que não pesem mais de 60 quilos nem menos de 49.

Para uma “stewardess” ainda a exigência, todavia, se compreende. Mas a um amigo meu admitido como professor de Filosofia num colégio de nível universitário o reitor do colégio declarou:

- Saiu-se muito bem de todas as provas que prestou, menos na do peso. Não é uma prova eliminatória, mas, em todo o caso, aconselho-o a que nos mostre a sua boa vontade, emagrecendo, antes que abram as aulas, aí coisa de meio quilo, pelo menos. O ideal seria, porém, que pesasse 60 quilos, apenas.

No entanto, este filósofo meu amigo – que nasceu na Europa, que veio já professor para os Estados Unidos e que nunca imaginou ter de submeter-se a uma prova prévia de balança para o

exercício do magistério da sua especialidade – não é, positivamente obeso. Mas, pelo sim, pelo não, suprimiu já as omeletas, as sopas, o pão, o açúcar, o leite – e, quando vai ao restaurante, não pede, como qualquer de nós, este ou aquele prato, esta ou aquela sobremesa; diz simplesmente, para a criada: – Traga-me o almoço de 223 calorias.

Almoço, por sinal, que figura como tal na ementa e que se compõe de um pequeno ‘hamburger’ de duas ou três bolachas de dieta, de um pouco de requeijão e de fruta descascada.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 28

**“NÃO É UMA COLÓNIA CONDENADA, A NOSSA, NA CALIFÓRNIA”<sup>30</sup>**

MARCONI, (CALIFÓRNIA) – 23 DE NOVEMBRO – Sobranceiro à pitoresca aldeia de pescadores que se debruça para a baía de Tomales, ergue-se um conjunto imponente de edifícios, dos quais o maior é um hotel de dois andares com cerca de cinquenta quartos, que lembra um pouco, na arquitectura e no tamanho, o de Petrópolis.

É a Marconi. Foi aqui, com o apoio do Governo norte-americano, que Marconi realizou, a partir de 1912, as últimas experiências que levaram à descoberta da radiotelegrafia.

Só a construção do hotel custou ao Estado, no tempo, 226.000 dólares. Hoje, custaria pelo menos um milhão. Pois tudo isto é agora propriedade exclusiva de um português. Este hotel, estas moradias, numa das quais viveu Marconi, estes campos, a própria aldeia de pescadores, em baixo, junto às águas quietas da baía – tudo isto, que talvez represente, não sei, um capital de dois ou três milhões de dólares, pertence agora exclusivamente ao dr. Carlos Fernandes, médico em Oakland.

O hotel, por enquanto, está desocupado. Das moradias, apenas uma está habitada. Noutra passa o dr. Carlos Fernandes, com a família, os seus fins-de-semana. Mas é com um orgulho de proprietário que ele nos mostra o conjunto de edifícios, as enormes cozinhas do hotel, os seus vastos salões. E – não há dúvida – acabamos também por nos sentirmos orgulhosos. Orgulhosos por ser um português o dono de uma tal propriedade – e orgulhosos, ainda, por esse português ser um amigo nosso, mesmo já, de certo modo, um velho amigo.

Com efeito, em 1945, quando a Conferência das Nações Unidas nos trouxe a San Francisco, foi o dr. Carlos Fernandes um dos portugueses com que mais convivi. Ainda me lembro, por exemplo, do dia em que ele entrou pelo meu quarto do hotel com cinco garrafas de Porto debaixo de um braço, cinco garrafas de Madeira debaixo do outro:

– Tome, disse. – E dê de beber aos seus amigos jornalistas. Alcançam-se assim dois objectivos: destrava-se-lhes a língua e ficam a conhecer os nossos vinhos...

– Agora, inverteram-se os papéis: eu é que pretendo destravar-lhe a língua, levá-lo a falar – entrevistá-lo, enfim. O que não é fácil. E não porque o dr. Carlos Fernandes seja homem de poucas falas. Pelo contrário, fala tanto, e com tanta animação e tanto entusiasmo, que é difícil, quase impossível, mesmo, achar intervalo em que se lhe faça qualquer pergunta. Mas o seu tema predilecto – a Marconi e o que vai ser, nas suas mãos, o futuro desta propriedade – não é precisamente aquilo sobre que mais desejo ouvi-lo.

Finalmente, depara-se-me uma oportunidade – e pergunto-lhe à queima-roupa se ele acha que a colónia portuguesa na Califórnia é uma colónia condenada a dissolver-se na sociedade norte-americana.

<sup>30</sup> DNNB, 9 de fevereiro de 1959; JM, 14 de março de 1959.

– Não – responde, energicamente. – Acho que não. Acho que tem ainda potencialidades inexploradas. Acho que poderá ainda manter-se por largos anos com as suas características, as suas tradições, o seu carácter, a sua individualidade. A língua, sim, é que está em perigo. Em perigo, por um lado, porque, pelo outro, graças à importância crescente do Brasil, aumenta o interesse dos norte-americanos pelo ensino do português. E os filhos dos portugueses apercebem-se, assim, de que tem um valor a língua que herdaram (os que a herdaram) de seus pais. Além disso, começa-se também a falar intensamente, nos Estados Unidos, da nossa África: outro motivo para que se aprenda aqui o português.

E o dr. Carlos Fernandes, que em 1923 foi o secretário da comissão de inquérito que, chefiada pelo dr. Quirino de Jesus, visitou Angola, tem, então, uma frase que reproduzo textualmente:

– Portugal foi como o português da Califórnia: todos diziam que as suas terras nada valiam, mas ele soube mantê-las e hoje tem-nas valorizadíssimas. Agora, para Portugal, chegou o momento. O que é preciso é aproveitar a maré...

Mas não é positivamente sobre a África que eu quero ouvir o dr. Carlos Fernandes, cujo prestígio há muito o ergueu à posição dos “leaders” mais respeitados e mais ouvidos da colónia. E pergunto-lhe:

– Que será preciso, para manter os portugueses da Califórnia e os luso-americanos ligados a Portugal?

– Manter bem vivos e bem fortes, cada vez mais vivos e mais fortes, os nossos valores – responde. E prossegue: Para esse efeito é inestimável a contribuição prestada pelos nossos programas de Rádio, apesar de todas as suas deficiências. E também é absolutamente necessário o jornal. Um jornal, pelo menos. Mas do que sobretudo precisávamos na Califórnia era de mais sacerdotes que falassem a nossa língua, vindos de Portugal ou do Brasil. Os que temos (Monsenhor Silva e Monsenhor Martins; o rev. Mário Cordeiro, pároco da igreja portuguesa das Cinco Chagas; um sacerdote brasileiro, o rev. dr. Edgard Rocha) são óptimos; mas são tremendamente poucos.

E o dr. Carlos Fernandes, que veio para os Estados Unidos em 1924, mas de quem Ferreira de Castro, quando por aqui passou, escreveu que a distância criou nele um estado de permanente exaltação patriótica – abençoada exaltação, acrescentaremos – conclui:

– Enfim, mesmo com poucas igrejas e com poucos sacerdotes, não é uma colónia condenada, a nossa. Pode crê-lo.

Assim terminou a entrevista com um homem de quem um escritor brasileiro – parece-me que foi o Erico Veríssimo, mas não tenho a certeza – disse que era o mais brasileiro dos portugueses dos Estados Unidos e o mais português dos cônsules do Brasil. Porque, além de tudo o mais, o dr. Carlos Fernandes é, ainda, vice-cônsul honorário do Brasil em San Francisco.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 29 NO VALE DE SAN JOAQUIN<sup>31</sup>

HANFORD, CALIFÓRNIA, 24 DE NOVEMBRO. – São sete horas da manhã quando chego ao “rancho” de Frank Martins, onde acabam de ser mungidas – pelos processos mecânicos que todos os “ranchos” norte-americanos agora adoptam – as suas 280 vacas. Com um blusão de coiro e calças de caqui, o proprietário ajuda os seus homens na distribuição do feno ao gado – primeiro às vacas, depois aos bezerros. É um homem alto e forte de pouco mais de quarenta anos. Cabelo entre o loiro

<sup>31</sup> DNNB, 10 de fevereiro de 1959; JM, 17 de março de 1959.

e o branco, olhos claros, rosto que o frio da manhã avermelhou, parece ser um flamengo. Sei, porém, que é açoriano ou descende de açorianos: e pergunto-lhe qual é a sua ilha.

– A Terceira – responde. E acrescenta, com um sorriso:

– Nós, aqui no Vale de San Joaquim, para estes lados de Hanford e Tulare, somos quase todos “terceiras.”

– Também eu – digo. Mas insisto: – Onde nasceu? Em Angra ou no campo?

– Oh, não. Eu, lá nascer, já nasci aqui. Os meus pais é que nasceram na Terceira.

Tem outro “rancho” com outras 280 vacas e vastos campos onde cultiva o algodão (“o algodão – diz – dá agora mais do que o leite”) este luso-americano casado com uma senhora também luso-americana (cujos pais vieram de S. Jorge) é pai de três jovens, das quais a mais velha tem 16 anos.

Pescador e caçador, todos os anos o Frank passa umas férias, com a família, ou no golfo do México, ou nas Montanhas Rochosas. Fala sem esforço o português, mas nunca foi a Portugal – e as filhas quase já só falam o inglês.

\* \* \*

– Esta é a situação de quase todas as famílias luso-americanas do Vale de San Joaquim – diz-me, depois, o dr. Raul de Campos, médico português de grande prestígio em toda a região.

É também ele quem me conta que os primeiros portugueses chegaram a este vale, vindos de outros Estados, aí por volta de 1870. Eram pastores de ovelhas, oriundos, quase sempre, da ilha do Pico, nos Açores. Os primeiros que de Portugal chegaram, porém, directamente, vieram em 1880. Hoje, portanto, existem famílias luso-americanas estabelecidas aqui há quatro e há cinco gerações. E o que sucede no vale sucede, afinal, em toda a Califórnia. Não é, pois, de admirar que o “mayor” de Sacramento se chame Clarence Azevedo e não conheça nem uma só palavra de português, embora outro “mayor,” o de Artesia, Jack Bettencourt, em português tenha saudado o Embaixador de Portugal em Washington, dr. Esteves Fernandes, quando este há pouco veio à Califórnia.

Já havia por aqui portugueses quando foram assentes os “rails” do “Central Pacific Railroad,” já os havia quando se ergueram as primeiras casas de madeira do aglomerado de que surgiu, largos anos depois, a cidade de Fresno. Uma vez no vale, os pastores de ovelhas descidos das montanhas transformaram-se em criadores de gado vacuum – e ainda há 50 anos 95 por cento dos portugueses fixados na região se dedicavam exclusivamente à criação de gado. Mesmo hoje, embora muitos luso-americanos se dediquem agora à cultura do algodão (ou a outras) e muitos outros tenham preferido estabelecer-se nas cidades como comerciantes e pequenos industriais, 60 por cento do leite recolhido pela cooperativa de Tulare e 75 por cento do recolhido pela de Leemore vem de “ranchos” de luso-americanos.

Por outro lado, o valor do algodão produzido pelos luso-americanos só em três condados – Fresno, Kings e Tulare – foi, na última colheita, superior a 65 milhões de dólares e a receita líquida por esses mesmos luso-americanos obtida (do algodão, dos outros produtos agrícolas e dos lacticínios) situou-se na ordem dos 25 a 30 milhões.

– Creio – diz o dr. Raul de Campos – que isto lhe dará uma ideia do que valem e podem os luso-americanos do Vale de San Joaquim. Ricos, de ninguém precisam, nem politicamente, nem economicamente. Mas esta não é uma razão para que Portugal os esqueça, os abandone, tanto mais que, se os abandonar, dentro de 40 ou 50 anos já não haverá luso-americanos na Califórnia, apenas norte-americanos que talvez tenham ainda uma lembrança (mas vaga, muito vaga, mesmo) da sua origem portuguesa.

– Mas como se há-de proceder – pergunto – para que os luso-americanos da Califórnia não se sintam abandonados?

– Reconhecerem-lhes, em Portugal, o esforço, a obra que têm realizado...

E vem um dado impressionante:

Só para o nivelamento dos seus campos, nivelamento indispensável para efeitos de rega, removeram os portugueses e luso-americanos do Vale de San Joaquim mais terra do que a deslocada aquando da abertura do Canal do Panamá.

– Porque não se há-de organizar, por exemplo de três em três anos, o Congresso do Mundo Português? – pergunta, depois, o dr. Raul de Campos. E continua: – Reunir-se-iam, nesse congresso, portugueses dos Estados Unidos, do Brasil, do Canadá, da Venezuela, da Argentina, do Congo Belga, da África do Sul. Evidentemente, as figuras de maior relevo, de maior projecção, em cada colónia, convidadas pelo Governo português. E mais quantos quisessem ir espontaneamente participar nos trabalhos do congresso. Mas até mesmo os convidados pagariam gostosamente as suas passagens. Os luso-americanos por exemplo, nada pedem, nem querem que lhes paguem nada; apenas desejam que Portugal tenha, para com eles, um gesto de simpatia, mostre que os aprecia e que os estima.

Isto ouvi ao dr. Raul de Campos, médico português (nasceu no Fundão) cuja influência, entre os luso-americanos do Vale de San Joaquim, ninguém contesta.

O que o Frank Martins quer, o que desejam todos os Franks Martins espalhados por estes “ranchos” e por estas “farms” – é que Portugal mostre que os estima. Na verdade, estima-os. Resta, agora, demonstrá-lo – e um dos caminhos para o fazer é, parece-me, o que soube apontar o dr. Raul de Campos. Efectivamente, porque não se há-de organizar – com qualquer periodicidade – o Congresso do Mundo Português ou o Congresso do Português do Mundo?

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 30 UM ALMOÇO EM OAKLAND<sup>32</sup>

OAKLAND, CALIFÓRNIA, 25 DE NOVEMBRO. – Há em Oakland imigrantes de cinquenta e quatro nacionalidades diferentes. Cinquenta e quatro comissões de recepção foram, assim, criadas pelo “mayor” da cidade, mr. Clifford Rishell, as quais têm por encargo trazer a Oakland todas as individualidades de algum relevo nos seus respectivos países que venham à Califórnia.

Os portugueses, que só na cidade são cerca de 10.000, figuram numericamente, em terceiro lugar entre os núcleos de imigrantes, depois dos chineses (os mais numerosos) e dos italianos, mas antes dos próprios irlandeses. Não admira, portanto, que a respectiva comissão de recepção seja uma das mais activas – creio mesmo que a mais activa. Consituem-na o dr. Marcy (Marcelino) da Costa, luso-americano, o dr. Carlos Fernandes, madeirense, e os srs. Alfredo Gomes, também madeirense, John Valim, luso-americano, Artur Ávila, picoense. Todos, menos o dr. Fernandes, com suas esposas: “quatro casais e meio” – dizem eles.

O dr. Marcy da Costa é filho de açorianos e fala de Angola e de Moçambique – onde desempenhou cargos consulares, durante a guerra, ao serviço da sua pátria norte-americana – com um entusiasmo equivalente ao meu; o dr. Carlos Fernandes é um bom amigo desde que andei por estas mesmas paragens em 1945; Artur Ávila e sua mulher (Celeste Ávila, a “voz de oiro” da Rádio portuguesa da Califórnia) são também queridos amigos nossos.

Compreende-se, pois, que me tenham promovido a jornalista ilustre e convidado para um almoço com o “mayor” – e que, antes do almoço, mr. Rishell, no seu gabinete do City Hall, me tenha entregue, na presença de um repórter e de um fotógrafo do “Oakland Tribune,” nada menos do que a “chave da cidade.” Para mais, mr. Rishell, que já esteve, como convidado oficial do Governo português, em Lisboa, em Angola e em Moçambique, e que tem muitos amigos portugueses, entre os quais o

<sup>32</sup> DNNB, 11 de fevereiro de 1959; JM, 22 de março de 1959.

comodoro Sarmiento Rodrigues, o tenente-coronel Salvação Barreto, o capitão Agostinho Lourenço, torna generosamente extensivas a todos os portugueses que o visitam esta amizade e a sua admiração por quanto é lusitano.

O almoço realiza-se num típico restaurante do porto de Oakland – “The Sea Wolf.” Além do “mayor” e da comissão de recepção, vieram, ainda, o cônsul de Portugal em San Francisco, dr. Futscher Pereira; o redactor-chefe do “Oakland Tribune”; mr. Daniel Collins, secretário do “mayor”; e os srs. Alberto Lemos e Francisco do Canto e Castro, do “Jornal Português.”

Os camarões da baía estão deliciosos. O vinho é da Bairrada. Marcy da Costa traduz admiravelmente do inglês para o português e do português para o inglês, o brinde do “mayor” e o meu. O café não é dos piores que tenho bebido nos Estados Unidos. O “ice-cream” sustenta os seus créditos de maravilha n.º 2 da civilização norte-americana – uma vez que a maravilha n.º 1 é o leite. E, logo que damos por terminado o almoço, mr. Rishell, que me reservava esta surpresa, mete-me no seu automóvel, leva-me à mais antiga taberna da cidade – “First and last chance.”

É um velho barracão de tábuas mal ajustadas, sem electricidade, ainda alumiado por lampiões de acetilene e com as paredes interiores forradas de fotografias de bilhetes de visita. Mesas, cadeiras, o balcão do estabelecimento, três barris de cerveja, mesmo o proprietário, mr Reynold, um sorridente e rubicundo germano-americano – tudo é, por igual, velho, insolitamente velho neste país que vive na superstição do novinho em folha.

Simplemente, tem uma história esta taberna – e nos Estados Unidos tudo quanto tem uma história se respeita e se conserva. Aqui escreveu algumas das suas páginas Jack London, que nascera em San Francisco, mas que viveu em Oakland até embarcar como tripulante de um lugre e que, depois, sempre que chegava a este porto, vinha logo. À “First and last chance.”

Também Robert Louis Stevenson, veio aqui muitas vezes, durante uma escala de cinco semanas, na sua última viagem aos mares do Sul.

Outros frequentadores famosos da taberna foram ainda, o patriarcal poeta Joaquim Miller, Rex Beach, o comandante Alex McLean. Mas hoje este velho barracão de tábuas mal ajustadas, que cheira a cerveja e a “whiskey” barato, é frequentado principalmente pelos turistas com alguns fumos de literatura. Deve-se confessar, porém, que o local tem, na verdade, o seu encanto, a sua poesia – sobretudo quando em contraste com tudo quanto o cerca, com tudo quanto se vê de rutilantemente novo nos Estados Unidos.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 31 UM “MAYOR” QUE É UM GRANDE AMIGO DE PORTUGAL<sup>33</sup>

OAKLAND, CALIFÓRNIA, 26 DE NOVEMBRO – Aqui estou de novo com o “mayor” de Oakland, mr. Clifford Rishell, no seu austero gabinete do City Hall.

Chegamos de uma visita à redacção do “Oakland Tribune,” que em tiragem ultrapassa qualquer dos jornais de San Francisco, só havendo três diários, no país, com tiragem superior. Propriedade do pai do senador Knowland, o “Oakland Tribune,” que é um vespertino, lança diariamente cinco tiragens, três na área de Oakland, uma na área de Alameda, outra na área de Berkeley. O número de páginas inteiramente modificadas, de edição para edição, é, em regra, de oito.

Clifford Rishell continua a falar-me de Portugal. Nunca encontrei um norte-americano tão nosso amigo – com tanto entusiasmo pelas coisas portuguesas. E no entanto não há nas veias do “mayor”

<sup>33</sup> DNNB, 12 de fevereiro de 1959; JM, 25 de março de 1959.

de Oakland nem uma gota sequer de sangue português. É um norte-americano dos Estados do centro, um homem de ascendência irlandesa ou escocesa. Maior valor tem, portanto, o seu depoimento:

– Andei com os olhos bem abertos e por toda a parte, em Portugal; nunca vi que o povo português vivesse subjugado pela força ou dominado pelo medo, pelo terror ou pela ameaça; ao contrário, sempre aí encontrei, nas relações entre os homens, amizade, respeito mútuo, mútuo entendimento. E prossegue:

– Depois de anos que foram praticamente de nenhum progresso para Portugal e para o povo português, é evidente que se alcançaram vantagens que ainda há relativamente pouco tempo deveriam parecer impossíveis, aos olhos dos portugueses.

Outra afirmação de mr. Rishell:

– Em resumo, trata-se de um pequeno grande país que está a lutar com os seus próprios meios e recursos, para conseguir o seu lugar ao sol. E que está a realizar vastos planos, cuidadosamente elaborados.

E acrescenta:

– Planos que não se limitam à parte europeia de Portugal, pois fomos também encontrá-los, em plena execução, quer em Angola, quer em Moçambique.

Da sua viagem por terras portuguesas da Europa e da África trouxe, aliás, o “mayor” de Oakland provas de tudo quanto afirma: centenas de fotografias, alguns filmes e cerca de 250 “transparências” em que soube surpreender, para além dos aspectos de um evidente progresso material, momentos flagrantes da vida quotidiana de um povo “que ama a paz e o trabalho.” Pois tudo isso tem sido projectado e explicado repetidas vezes por mr. Rishell a milhares de pessoas, em salas apinhadas, nas sedes de agremiações norte-americanas. Foram, assim, alguns milhares os norte-americanos que, graças aos filmes e às “transparências” do “mayor” de Oakland, travaram conhecimento com Portugal, com os seus monumentos, com as suas cidades, com os costumes típicos do seu povo, com as suas paisagens das escarpas do Douro e da ria de Aveiro – mas sobretudo com a obra que os portugueses erguem na África, dia a dia, pacientemente; barragens, pontes, caminhos-de-ferro, cais, experiências e colonização europeia em grande escala. Tudo isto o “mayor” vai mostrando, tudo isto o “mayor” explica, com esta simplicidade de linguagem que é um segredo dos norte-americanos:

– “After leaving Nova Lisboa, we journeyed by DC-5 to Cala, which is a village in the middle of Angola being developed by Portuguese farmers. This is our reception party at the airport.”

Despeço-me, enfim, do “mayor,” com um abraço e, ao reparar na pequena chave que lhe segura a gravata, digo-lhe, a rir, numa alusão à “chave da cidade” que ontem recebi das suas mãos:

– Também tenho uma, mas é maior...

Imediatamente me entrega a que lhe segurava a gravata:

– Gosta? Tome lá.

É em vão que protesto, que não quero aceitar...

– Um dia – conta – disseram-me que eu trazia uma bonita gravata. Dei-a imediatamente a quem a achara bonita. É o meu feitio.

Saio. Na antecâmara do gabinete do “mayor” há umas seis ou oito molduras, pelas paredes. Uma é o diploma que confere a mr. Clifford Rishell a comenda da Ordem Militar de Cristo. Outra é o diploma que declara mr. Clifford Rishell cidadão honorário de Lisboa. Outra, enfim, é uma esplêndida gravura do século XVIII, que nos mostra Lisboa antes do terramoto. Como se vê, Portugal não está, aqui, mal representado.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 32  
CEDER, PARA VENCER<sup>34</sup>

SAN FRANCISCO, 27 DE NOVEMBRO. – As perguntas que fiz ao dr. Carlos Fernandes em Marconi e ao dr. Raul de Campos em Hanford, essas mesmas perguntas fi-las também, e por mais de uma vez, a mim próprio, desde que cheguei aqui à Califórnia:

– Por quanto tempo será ainda possível manter espiritualmente ligados a Portugal os luso-americanos da costa do Pacífico? E que se poderá fazer, como se deverá proceder, para que se evite ou pelo menos (do mal, o menor) se retarde o momento em que se perca, entre estes luso-americanos, mesmo a memória, o nome de Portugal?

É um facto incontestável que a integração na vida norte-americana se efectua, se opera, hoje, muito mais rapidamente do que até agora; os netos dos portugueses que vieram há meio século quase que já falam só o inglês, mas o que é de admirar (e talvez de censurar) é que também desconheçam já o português os filhos dos portugueses que vieram há meio quarto de século apenas ou há menos tempo ainda.

Para o facto há, no entanto, uma explicação – e a explicação está em que as famílias luso-americanas, ou simplesmente se dispersaram, ou constituem hoje núcleos muito menos homogêneos e muito menos herméticos do que os de há cinquenta anos. Está em que, mais do que o Cinema e muito mais do que a Rádio, a Televisão actua como um poderoso factor a favor da integração na vida norte-americana. Está em que todos os filhos e netos de portugueses frequentam, hoje, a escola e o liceu norte-americanos, o que outrora, sem automóvel que encurtasse a distância entre o “rancho” e a cidade, nem sempre acontecia. E está, ainda, em que os próprios “leaders” da colónia nem sempre dão o exemplo que se impunha, ensinando aos filhos o português, obrigando-os, pelo menos em casa, à prática do português. Como se poderá, pois, estranhar que apenas conheçam aí uma dúzia de palavras portuguesas tantos dos filhos do criador de gado ou do lavrador do Vale de San Joaquim, quando já nem os pais nasceram em Portugal?

“A língua está em perigo” – disse-me o dr. Carlos Fernandes. Irei até mais longe – direi mesmo que o idioma português, entre os luso-americanos da Califórnia, está a morrer. E não creio, sinceramente não creio que o possamos salvar – pelo menos de um dia para o outro. Mesmo que abrissem escolas, os filhos e netos de portugueses, desinteressados como estão hoje da sua pátria de origem, fascinados como se encontram pelo que tem de fácil e de agradável a vida no grande país em que nasceram, não as frequentariam...

Se quisermos reagir eficazmente contra a tendência, que sobe, para o esquecimento de Portugal, não será por aí, não será pela escola que deveremos começar. Teremos primeiro que ceder, para vencer, depois. Teremos que ir ensinar aos filhos e netos de portugueses, através da Imprensa, da Rádio, da Televisão e do Cinema, não da escola, o que é Portugal – **mas em inglês**. Teremos que lhes dizer por que motivos podem legitimamente orgulhar-se da sua ascendência – e não escondê-la como se dela se envergonhassem. Teremos, além disso, que os convencer de que o conhecimento do português é um capital susceptível de lhes render altos juros no Brasil ou na África; teremos que os interessar nas perspectivas e possibilidades da comunidade luso-brasileira, que os persuadir de que, para quem tenha o espírito dos antigos primeiros, o Far-West de hoje são as selvas do Amazonas e os sertões de Angola. Mas tudo teremos que fazê-lo em inglês – predominantemente em inglês, pelo menos – e tanto quanto possível com a palavra apoiada pela imagem sugestiva.

\* \* \*

---

<sup>34</sup> DNNB, 13 de fevereiro de 1959; JM, 1 de abril de 1959.

O sr. Manuel Reis, outro dos “leaders” da colónia, disse-nos que a Federação Luso-Americana procura sobretudo chamar os jovens a participar nas suas actividades – e que elabora presentemente um programa de bolsas de estudo, graças ao qual todos os anos alguns estudantes luso-americanos da Califórnia possam frequentar pelo menos os cursos de verão das Universidades portuguesas.

Que leve por diante, estes bons propósitos – são os meus votos.

Se perdermos agora a juventude luso-americana, teremos perdida para Portugal, e antes ainda dos quarenta anos de que nos falou o dr. Raul de Campos, toda a comunidade luso-americana.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 33  
**RECUPERAR – UM VERBO QUE É A CHAVE DE UM PROBLEMA<sup>35</sup>**

SAN FRANCISCO, 28 DE NOVEMBRO. – Em contraste com o crescente desinteresse manifestado pelos filhos e netos de portugueses, relativamente a Portugal e ao idioma português, mantêm-se fieis às suas tradições e ao seu portuguesismo as antigas sociedades fraternais.

Há quem diga que essas associações – bem poderosas, algumas – se anquilosaram irremediavelmente, cortaram todas as pontes com a juventude luso-americana, destruíram por isso mesmo todas as possibilidades de sobreviverem àqueles que hoje as dirigem. E há quem pense, na mesma ordem de ideias, que o único processo de se evitar a sua sorte seria, pois, a sua transformação – uma transformação que lhes injectasse sangue novo, que, portanto, as rejuvenescesse.

O problema é daqueles sobre que não será possível a quem quer que seja pronunciar-se com segurança e pleno conhecimento de causa ao fim de meia dúzia de dias passados na Califórnia e depois de se ter ouvido meia dúzia de pessoas, apenas. Em todo o caso, se me é permitido ter uma opinião pessoal a este respeito e dizê-la francamente – opinião do jornalista que é talvez o que mais insistentemente e desde há mais tempo vem chamando a atenção de Portugal para estes portugueses da costa do Pacífico – pois bem, nesse caso sempre direi que não gostaria de ver desaparecer as antigas sociedades fraternais portuguesas, mesmo que fosse para darem lugar a organizações mais vastas, mais complexas e mais eficientes, onde os associados colhessem porventura maiores vantagens, mas onde, por outro lado, o que ainda persiste de português nessas sociedades (e tanto é!) teria de ser sacrificado ou pelo menos posto em perigo. Se essas agremiações tiverem, efectivamente, de morrer, então que morram com o seu último associado, como a fortaleza que só é tomada quando cai o último soldado.

Este heroísmo que me atrevo a preconizar – sem ter, no entanto, a pretensão de conhecer o problema sob todos os seus aspectos – creio, porém, que perfeitamente poderá coexistir com a política que outras agremiações mais novas e acaso dotadas de maior dinamismo e maleabilidade venham a desenvolver, tendo por objectivo atrair os jovens luso-americanos, trazê-los de novo ao convívio com a língua, com a cultura e com as tradições portuguesas.

Mas não basta só atrair os jovens. Há elementos de valor, integrados na vida norte-americana, que não escondem a sua ascendência portuguesa – como, por exemplo, o “mayor” de Sacramento – mas que já nada conhecem de Portugal, que sobretudo nada sabem do Portugal de hoje.

Foi de certeza com o pensamento nesses homens que o dr. Raul de Campos, na entrevista que me concedeu, sugeriu que se realizasse com qualquer periodicidade – de três anos, por exemplo – o Congresso do Mundo Português ou do Português no Mundo. É uma sugestão em que se deve atentar – que merece ser adoptada e levada a cabo. Seria, além do mais, o meio de recuperar essas figuras luso-americanas hoje distraídas de Portugal, mas que, em momentos de crise ou de pressão externa, como

<sup>35</sup> DNNB, 16 de fevereiro de 1959; JM, 5 de abril de 1959.

foram, ainda há bem pouco, os de Goa, podem prestar à sua pátria de origem, em solidariedade e em apoio, os mais úteis e mais altos serviços.

Reparo que empreguei o verbo “recuperar.” Creio que é, na verdade, o verbo mais adequado, o que melhor exprime e condensa o problema da comunidade luso-americana da Califórnia.

Deve, todavia, reconhecer-se que a partir de certo momento, depois de largos anos de completo alheamento, os representantes diplomáticos de Portugal nos Estados Unidos têm prestado a este problema a devida atenção. O dr. Pedro Teotónio Pereira foi, por exemplo, o primeiro embaixador nosso que os portugueses do Vale de San Joaquim viram nas suas terras, o primeiro que entrou nas suas casas, o primeiro que se sentou à sua mesa. E o dr. Esteves Fernandes, actual embaixador, já visitou a Califórnia duas vezes, pelo menos.

Quanto ao interesse que tem Portugal em que não se apague, entre os luso-americanos da Califórnia, a chama do portuguesismo – não há sequer que referi-lo. Esse interesse nunca vacilou. O que talvez em algumas ocasiões aconteceu foi que se desperdiçaram ou se dispersam esforços, na incerteza do caminho a seguir e à míngua de um plano delineado com firmeza e de uma acção em conjunto que a esse plano obedecesse, sem desvios.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 34 NA CAPITAL DE UM IMPÉRIO<sup>36</sup>

WASHINGTON, 29 DE NOVEMBRO. – Disse eu esta manhã “adeus” a San Francisco e antes de me deixar em Washington o avião que nos trouxe desceu por meia hora em Chicago sob uma tempestade de neve. Aqui em Washington a neve ainda não cobre os passeios nem os telhados, mas sopra um vento que enregela e põe desertas as ruas, como se a capital dos Estados Unidos fosse uma cidade morta, uma cidade que os homens tivessem abandonado há séculos, deixando vazios de toda a presença, de todo o sinal de vida, estes edifícios monumentais, greco-romanos, que são bibliotecas, ministérios, museus, tribunais, arquivos...

Foi com pena que parti de San Francisco. Aquela cidade tem, com efeito, qualquer coisa que nos prende, que nos seduz. Talvez por isso é que para San Francisco – como, na outra costa, para a Flórida – convergem de todos os pontos do país milhares de viúvas idosas. Alguém disse uma vez que são as viúvas, nos Estados Unidos, quem efectivamente governa. Não irei tão longe. Mas, em San Francisco, são as viúvas, não há dúvida, quem enche os grandes armazéns e os restaurantes, as pastelarias e os “drug stores,” as “cafeterias” e as casas de chá. Há clubes “só para senhoras.” E a determinadas horas não se vêem, nas ruas, nem um homem, nem uma rapariga – senhoras de idade, apenas, aos grupos de quatro, de cinco, de seis... Senhoras que me fitavam severamente como se estranhassem que um homem se atrevesse a invadir-lhes os domínios, a andar também pela rua às horas a que os outros homens trabalham...

Antes me queria, porém, único homem nas ruas de San Francisco entre milhares de severas damas de avançada idade, do que agora nas ruas de Washington, único homem na cidade abandonada, deserta, por onde cavalga o vento com uma foice de gelo.

\* \* \*

Washington é a capital silenciosa de um país que fala alto e que o ruído das máquinas enche de extremo a extremo. Aqui não há chaminés de fábricas, nem jornais de escândalo. Dizem-nos que o

---

<sup>36</sup> DNNB, 17 de fevereiro de 1959; JM, 14 de abril de 1959.

FBI possui, nos arquivos da Secretaria da Justiça, as impressões digitais de 130 milhões de norte-americanos – e que no Pentágono se guardam os planos de não sei quantas armas secretas, capazes de aniquilar em meio segundo toda a vida à superfície do globo.

Mas o que vemos – são estátuas, monumentos, amplas escadarias, soberbas colunatas de mármore, obeliscos, zimbórios, tudo isto disposto numa ordem perfeita, geométrica, inexorável de harmonia e de clássica beleza.

Sim. Na primavera, Washington tem outro encanto. As árvores reverdejam e afagam os mármore, aquecem-nos, como que os acordam. Mas não se vê como agora o que houve de friamente intencional no desenho da cidade – um desenho que deve ter tido sobretudo por intenção levar os governantes norte-americanos ao gosto pelo equilíbrio e pelo método, neles se inspirar salutaros sentimentos de prudência e de ordem, tranquilizar o seu espírito, atenuar as suas preocupações. Tudo, aqui, está, efectivamente, no seu lugar – e nada a mais ou a menos. Só estranhamos, defronte do Supremo Tribunal, que os juizes não se cubram com a toga, ao subirem aquelas escadas solenes – ao mergulharem na penumbra que cerca aquelas colunas severas.

\* \* \*

Entretanto, nos seus brancos templos de mármore da Pensilvânia, velam sobre os destinos da pátria os deuses tutelares da democracia norte-americana: Thomas Jefferson, de pé sobre um pedestal talhado em granito negro do Minnesota; Abraham Lincoln, sentado, mas na atitude enérgica de quem vai erguer-se e fulminar os povos com os raios da sua indignada eloquência.

\* \* \*

Não há dúvida, os Estados Unidos, ao erguerem esta cidade tiveram a intuição daquilo para que o destino os guardaria. Washington é bem, com efeito, a capital de um império. E apesar do vento que sopra, e que enregela, tudo isto acaba por se animar, para espanto dos nossos olhos – e já não é Washington, é Roma esta cidade que se desdobra aos nossos pés, com os seus templos, os seus imponentes palácios, as suas vias triunfais, os cemitérios imensos, onde dormem legiões de heróis.

Entretanto, um relâmpago de inquietação perpassa no rosto anguloso de Lincoln.

No olhar de Jefferson há, por sua vez, um luaceiro de tristeza.

Não estão contentes os deuses tutelares da democracia. Mas a verdade é que não são as estátuas quem governa os povos.

*DUTRA FARIA*

### JORNAL DE VIAGEM – 35 BAILADOS RUSSOS NA BROADWAY<sup>37</sup>

NOVA IORQUE, 30 DE NOVEMBRO – A Nadezhda Nadezhdina, que foi uma das mais destacadas figuras do “ballet” do Teatro Bolshoi de Moscovo e que depois fundou esta companhia de bailados folclóricos russos “Beryozkn,” agora trazida pelo famoso empresário Hurok à Broadway, um jornalista perguntou se entre a base rítmica tradicional dos seus bailados e a respectiva execução era grande a distância.

A resposta da bailarina e coreógrafa merece que a transcrevamos.

<sup>37</sup> DNNB, 18 de fevereiro de 1959; JM, 28 de abril de 1959.

– “Um bailado num palco não pode ser nem deve ser cópia exacta de como o povo baila. É longo o caminho que nos traz da etnografia à arte. Antes que se possa erguer um bailado desde o folclore até ao palco temos que enriquecê-lo e que banhá-lo numa atmosfera de poesia. Para isso duas condições são indispensáveis: amor profundo pela arte folclórica de um povo e a capacidade de ver o folclore com olhos de poeta.”

Está aqui, nesta resposta, o segredo, cremos, do êxito alcançado pela companhia “Beryczka,” quer na própria Rússia, quer ao longo de todas as suas actuações no estrangeiro, pois estas bailarinas chegaram aos Estados Unidos, com a sua meia dúzia de acordeonistas, depois de terem passado por quase todos os outros países situados para além da Cortina de Ferro e também pela Áustria, pela Suécia, pela Noruega, pela Holanda, pela Bélgica, pela Suíça e pela Inglaterra. O segredo – ou melhor: boa parte do segredo. A outra parte estará, sem dúvida, na beleza, na graciosidade e no encanto das quatro dezenas de sorridentes raparigas que constituem a companhia.

Nadezhda Nadezhkina fugiu à preocupação de se manter fiel às danças tradicionais do seu povo – furtou-se ao escrúpulo de as reproduzir fielmente no palco: pelo contrário, limitou-se a estilizar os seus ritmos e os seus movimentos essenciais – e a tirar das cores dos trajes regionais o máximo partido.

Em alguns dos números do seu vasto repertório – dezasseis números em cada programa – o que mesmo vemos é mais o quadro vivo, aliás admiravelmente desenhado e pintado, do que propriamente o bailado. Noutros números, um fio de canção acompanha e sublinha o movimento das bailarinas, contribuindo assim para enriquecer uma coreografia que, sem esse contributo, nos pareceria talvez monótona.

Ausência total de cenários – apenas uma cortina de veludo cor de cinza, contra a qual se destacam vigorosamente as cores álcres dos trajes regionais russos – as saias de folhos e os casaquinhos de abas das camponesas da estepe, nas danças de roda com que festejam o fim do inverno, e das jovens cossacas do Kuban, no bailado com que saúdam o regresso dos guerreiros à aldeia.

Depois, ausência de orquestra – simplesmente um ou dois acordeonistas, que ora actuam à margem da cena, ora participam no próprio bailado.

\* \* \*

Duas palavras, agora, para o empresário, este velho Hurk (quarenta anos de actividade na Broadway e nos principais teatros norte-americanos) a quem chamam “o Barnum dos espectáculos de arte.”

Foi ele quem trouxe aos Estados Unidos Ana Pavlova, Richard Strauss, a companhia de teatro do Old Vic, o Sadler’s Wells Ballet, Feodor Chaliapine, a Comédie Française, Artur Rubinstein, a companhia de teatro de Madeleine Renaud e Jean-Louis Barrault, a companhia de bailados de Monte Carlo.

Há um ano, Hurok mostrou ao público norte-americano a companhia de bailados russos “Moiseyev” de Moscovo e o “ballet” do Teatro Nacional de Israel. Este ano, além da companhia de bailados folclóricos russos, trouxe de Londres a banda dos Granadeiros da Rainha, da Escócia uma banda de “highlanders” com as suas gaitas de folhos, de Madrid os bailados de Roberto Iglesias, agora em San Francisco, de Moscovo um meio-soprano, Zara Doloukhanova, um pianista, Vladimiro Ashkenazy, e um violinista, Igor Bagrodni, os três desconhecidos por completo – até que Hurok os revelou – das plateias norte-americanas.

A primavera de 1959 será para o dinâmico empresário – a quem Maria Callas deve a celebridade – a data de outra das suas arrojadas iniciativas: uma “tourné” pelos teatros das principais cidades, nos Estados Unidos, com bilhetes a preço de ouro, do “ballet” do Teatro Bolshoi. Em 1959 virão também aos Estados Unidos, trazidos por Hurok, os bailados filipinos e talvez – vá lá uma inconfidência – ainda em 1959, ou no ano seguinte, a nossa companhia de bailados “Verde-Gaio,” acerca de cujo êxito

nos palcos norte-americanos quero dizer que não tenho dúvidas, desde que presenciei, esta noite, o êxito da “Beryozka,” sob muitos aspectos idênticos e sob outros inferior ao grupo de bailados que António Ferro, com a sua intuição e com o seu gosto, soube criar em 1940.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 36  
**NOS ESTADOS UNIDOS, 200 CLUBES PORTUGUESES<sup>38</sup>**

NEWARK, NOVA JERSEY, 1 DE DEZEMBRO. – A meia hora de Nova York no autocarro, está Newark, grande e negra cidade industrial, onde, numa rua igual às outras, com casas iguais a todas as outras casas, há uma tabuleta que de súbito nos prende a atenção – “Lisbon American Grocery.” A redacção do semanário “Luso-Americano” é em frente, no outro lado da rua.

Aqui em Newark vivem cerca de 8.000 portugueses – minhotos e murtoenses, na sua maioria – enquanto, perto, em Elizabeth, predominam as gentes de Ovar e de Ílhavo. Em todo o Estado de Nova Jersey, talvez uns 12.000 portugueses, continentais na quase totalidade, pois açorianos e madeirenses preferiram fixar-se mais ao Norte, nos Estados da Nova Inglaterra – Massachusetts e Rhode Island. Em Newark há dois clubes desportivos portugueses, um dos quais, o Sport Club Português, tem, na sua sede, um curso de português para os filhos dos sócios, o que também sucede com o Clube Instrutivo Português de Elizabeth e com o Portuguese Progressive Club em Nova York. Em Newark acaba de se criar uma paróquia portuguesa – a de Nossa Senhora de Fátima. Em Newark, finalmente, publica-se, dirigido há 19 anos pelo madeirense Vasco de Sousa Jardim, veterano do jornalismo português nos Estados Unidos, este semanário, o “Luso-Americano,” que tem 30 anos de existência e uma tiragem de 4.600 exemplares.

– Hoje – diz-nos o sr. Vasco Jardim – os portugueses residentes nos Estados Unidos estão, sentimentalmente e espiritualmente, mais ligados a Portugal do que estiveram até 1926, quando com humilhante frequência a Imprensa norte-americana publicava notícias desagradáveis, e que tanto nos envergonhavam, acerca do que ia pela nossa pátria...

\* \* \*

Entre clubes recreativos e clubes desportivos, são perto de 200, nos Estados Unidos, os clubes portugueses, instalados uns em sedes próprias, outros, mais modestos, em casas alugadas. Muitos promovem com frequência espectáculos de teatro, para o que possuem os respectivos grupos de amadores. E está aqui, parece-me, um campo onde a Casa de Portugal em Nova York poderá desenvolver proveitosa actividade.

Porque não organizar todos os anos, entre estes grupos, concursos de teatro com prémios para o melhor conjunto, para a melhor actriz e para o melhor actor?

Porque não dar como prémio ao melhor conjunto uma “tourné” pelos principais núcleos portugueses nos Estados Unidos?

\* \* \*

Acompanhou-me a Newark o meu velho amigo sr. Luís Gomes, presidente supremo da União Portuguesa Continental – a mais poderosa, na costa atlântica, das nossas associações fraternais. Fundada há 33 anos, tem hoje 10.000 sócios e 65 sucursais, espalhadas por 7 Estados.

<sup>38</sup> DNNB, 19 de fevereiro de 1959; JM, 4 de maio de 1959.

Durante anos, só admitiu como sócios os continentais.

– Hoje, porém, já podem ser sócios da Continental tanto os madeirenses como os açorianos – diz-me o sr. Luís Gomes.

– E os cabo-verdianos? – pergunto.

A resposta é negativa. Os sócios têm-se oposto a que também se admitam os cabo-verdianos. Por outro lado, alguém me disse que em determinada paróquia portuguesa o padre se viu perante um ultimato dos fiéis:

– Se os cabo-verdianos passam a frequentar a nossa igreja, nós mudamo-nos, em massa, para a paróquia irlandesa.

Assim, a par do muito de bom que os portugueses fixados nos Estados Unidos vieram aqui aprender, algo de mau aprenderam também – o preconceito racial. A verdade, porém, deve dizer-se, doa a quem doer – os cabo-verdianos têm aqui mostrado ser patriotas exemplares e há, entre eles, quer figuras de alto valor intelectual, quer grandes fortunas. Excluí-los das comunidades portuguesas é, pois, além de um atentado contra a tradição portuguesa de convivência étnica, uma ingratidão – e uma tolice.

Estou seguro de que na Continental a situação acabará por se modificar, tanto mais que o seu presidente supremo, o sr. Luís Gomes, é um espírito aberto, liberal no melhor sentido da palavra. Mas o que haverá também que mudar – e para isso se poderá contar, sem dúvida, com o clero português dos Estados Unidos – é este lastimável estado de espírito que, em conflito com o que sempre foi a vocação do lusíada, estabelece, entre portugueses civilizados, absurdas discriminações raciais.

– Não queremos que os norte-americanos possam supor que somos um país de pretos – ouvi a uma indignada senhora portuguesa.

Mas, minha querida senhora, Portugal é, de facto, um país de brancos, e de pretos, e de mestiços, e de homens de raça amarela e de homens de pele bronzeada – aliás como os Estados Unidos, também.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 37 MISSIONÁRIO EM NOVA IORQUE<sup>39</sup>

NOVA IORQUE, 2 DE DEZEMBRO – “Também eu passei fome em Nova Iorque” – diz-nos Monsenhor José Cacella. E recordo o que em 1945 ouvi acerca do Padre Cacella (ele era, então, simplesmente, o Padre Cacella) da boca do Cardeal Spellman:

– É, na verdade, um santo o único sacerdote português da minha diocese.

“Também eu passei fome em Nova York.” Talvez por isso é que todos quantos hoje aqui têm fome sabem que todas as manhãs, no “St. Anthony’s Welfare Center,” há de graça, para os infelizes, café com leite, ovos, pão com manteiga. Pão que todas as manhãs, das mãos nervosas e magras de Monsenhor Cacella, recebem os quarenta ou quarenta e cinco desgraçados – homens de todas as origens, de todas as raças, de todos os credos, quase nunca os mesmos – que diariamente o procuram, lhe batem à porta, naquela inóspita e longínqua centésima trigésima quinta rua por onde no inverno o vento se enfia assobiando e cujos passeios, agora, a neve cobre.

Foi em 1920 que Monsenhor Cacella fundou este “St. Anthony’s Welfare Center,” onde hoje trabalham 16 pessoas. Mas então, há trinta e oito anos, ele era só. Pois não se atemorizou – ele, que também não se atemorizara, quando estivera em contacto com os índios bravos, caçadores de cabeças, no Amazonas. Simplesmente, mudara de selva. Em vez da floresta amazónica, a não menos perigosa

---

<sup>39</sup> DNNB, 20 de fevereiro de 1959; JM, 8 de maio de 1959.

selva nova-iorquina, povoada de gentios. Mas o missionário nunca fez com que Monsenhor Cacella se esquecesse de que é, também, escritor e jornalista. Escritor, foi editado agora, em inglês, o livro onde contava as suas viagens e aventuras na Amazónia. Jornalista, lançou, logo em 1920, um semanário, “Portugal” que redigiu de ponta a ponta e que ele mesmo compunha e paginava. Ao “Portugal” sucedeu, há trinta e seis anos, “A Luta,” que entre os jornais portugueses dos Estados Unidos é hoje o de maior tiragem – 50.000 exemplares.

As actividades editoriais de Monsenhor Cacella, agora, não se limitam todavia, à “Luta.” Ele é, hoje, principalmente o arauto, o infatigável propagandista da mensagem de Fátima. E da sua tipografia – apetrechada com maquinaria mais moderna – saem aos milhões os livros e os folhetos sobre a Virgem que apareceu na Cova da Iria.

Aos milhões – disse eu. E não exagerei. Vinte seis milhões de exemplares de livros e folhetos relativos a Nossa Senhora de Fátima foram até agora impressos nos prelos do “St. Anthony Center.” Vinte e seis milhões – repito – e em nada menos do que uma dúzia de idiomas – português, inglês, francês, alemão, africano, eslavo, espanhol, polaco, concani, tamil, viayan, que é uma língua africana, e chinês: em chinês uma edição de 20.000 exemplares.

Além desses livros e folhetos, Monsenhor Cacella ainda edita, porém, uma revista mensal, que tem a tiragem de 50.000 – “Our Lady of Fatima Magazine.”

Por outro lado, as benemerências do “Padre Cacella” (para muitos Monsenhor continua ainda a ser, apenas, o “Padre Cacella,” o missionário que envelheceu na selva nova-iorquina, o sacerdote que todos os famintos de Nova York conhecem desde há muito) não se circunscrevem a esta cidade.

Se em Alcária, a aldeia do distrito de Leiria onde ele nasceu, a filarmónica tem hoje uma sede e os respectivos músicos têm fardas e instrumentos, a Monsenhor Cacella o devem.

Se Vestiaria, no concelho de Alcobaça, de cuja paróquia foi cura antes de embarcar para o Brasil, possui hoje um centro escolar e social, com a respectiva cantina, pois também a Monsenhor Cacella o deve.

Enfim, se o órgão da diocese de Manaus se compõe e se imprime, hoje, em tipografia própria, essa tipografia comprou-a por 10.000 dólares e ofereceu-a Monsenhor Cacella ao Bispo do Amazonas, D. Gaudêncio Ramos.

Este é um homem, este é o padre que em 1914, quando veio do Brasil para os Estados Unidos, “também passou fome em Nova York,” como os desgraçados que hoje lhe batem à porta, todos os dias.

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 38 ROMEU E JULIETA NO WEST SIDE<sup>40</sup>

NOVA YORK, 3 DE DEZEMBRO – Foram quatro noites de teatro, as nossas quatro noites de Nova York: primeiro, os bailados folclóricos russos de Nadezhda Nadezhdina; depois, anteontem, o “show” sempre admirável, do Radio City Music Hall; ontem, a encantadora Judy Holliday, no Sam Shubert Theatre; hoje, enfim, no United Garden, a perturbadora “West Side Story,” que está em cena simultaneamente aqui e em Londres.

\* \* \*

---

<sup>40</sup> DNNB, 23 de fevereiro de 1959; JM, 10 de maio de 1959.

No Radio City, o “show” principia por uma série de cenas do Natal, criadas por Leão Leonidoff e em que participa um coro infantil, afinada réplica norte-americana dos “Petits Chanteurs à la Croix de Bois.”

Depois dos episódios da Adoração dos Pastores e do Cortejo dos Reis Magos, quadros vivos e animados – de propositada ingenuidade, mas vestidos com esmagadora magnificência e que põem no palco, além de copiosos outros animais, até um irrequieto camelo; depois das fantasias “The Night before Christmas” e “Rocket to the Moon” – o foguetão que vai à Lua buscar os brinquedos para o Pai Natal distribuir – há um intervalo em que Victor Julian exhibe os seus cães amestrados e em seguida qualquer coisa de verdadeiramente extraordinário, “Santa of the Sea”: uma combinação, em planos sucessivos, mas que aos olhos de espectador se confundem, de “ballet,” de acrobacia aérea, de acrobacia submarina e de cinema colorido.

Entre polvos que agitam os seus tentáculos de monstros de pesadelo e tubarões que as fixam com olhos brancos de uma crueldade de vidro, bailarinas, nadadoras e acrobatas cruzam o palco em todas as direcções, vertical ou obliquamente, com uma agilidade de sereias, no mais completo desprezo por toda a lei da gravidade, ora agitando os braços e as pernas, ora com as pernas esticadas e os braços hirtos ao longo do corpo, como estátuas que um caprichoso movimento a elas alheio projectasse no espaço em penumbra...

Efectivamente, qualquer coisa de alucinante.

\* \* \*

Judy Holliday regressou de Hollywood para interpretar, na Broadway, o papel de “uma rapariga qualquer de Nova York” – “just a girl.”

A peça, uma opereta desprezível e agradável, intitula-se “Bells are ringing.” Mas o mais agradável do espectáculo é, ainda, o sorriso de Judy Holliday no seu papel de endiabrada telefonista por quem se apaixonam sucessivamente um jovem autor dramático à procura de inspiração, um canoro dentista italiano e uma espécie de “teddy-boy.”..

\* \* \*

Dos três espectáculos, porém, o único que nos obriga a pensar um pouco – e não, simplesmente, a sorrir e a aplaudir – é “West Side Story.”

Dois “gangs” (em calão de Lisboa: púrrias) de “teenagers” (rapazes e raparigas de menos de vinte anos) num dos bairros mais pobres de uma das mais ricas cidades do mundo – Nova York: o “gang” dos porto-riquenhos e o dos filhos de italianos e polacos.

António, amigo íntimo de Riff, chefe do “gang” dos brancos, apaixona-se por Maria, irmã de Bernardo, chefe do “gang” dos porto-riquenhos, durante um baile, que é o primeiro a que a jovem assiste. Maria também se enamora de António e seguem-se diálogos de amor, com a formosa moreninha debruçada romanticamente da escada de serviço para a rua. Mas Bernardo quer a irmã para “Chino,” o seu imediato, e vai ao “drug-store” onde António trabalha para o desafiar. É, porém, Riff quem chama a si o desafio. O duelo trava-se, de noite, no pátio de uma fábrica abandonada, enquanto se ouvem ao longe as sirenes dos carros-patrulha da polícia. Duelo silencioso e feroz, à navalha. Bernardo anavalha Riff mortalmente, mas este, antes de expirar, entrega a sua arma a António, que, por sua vez, mata o irmão de Maria.

Façamos, agora a transposição. Verona, em vez do West Side. Os nobres Montechi, em vez do “gang” dos porto-riquenhos. Os nobilíssimos Capuletti em vez do “gang” dos italianos e polacos. Espadas, em vez de navalhas. Sedas e veludos, em vez de blusões de coiro e camisolas de malha. Os prejuízos e ódios de família, em vez de preconceitos de raça. Mas a história, não há dúvida, é a mesma.

Maria chama-se, na realidade, Julieta. António chama-se Romeu e é, como o herói da tragédia veronesa, um jovem italiano apaixonado e impulsivo. Nada mudou, afinal. Só as espadas é que diminuíram de tamanho – transformaram-se em navalhas.

DUTRA FARIA

### JORNAL DE VIAGEM – 39 UMA FAMÍLIA PORTUGUESA NO CONNECTICUT<sup>41</sup>

GLASTONBURY, CONNECTICUT, 4 DE DEZEMBRO. – “O caminho daqui até Ludlow é longo, mas faremos uma paragem para almoçar em casa dos Moreiras, no Connecticut,” dissera-nos o rev. dr. Manuel Rocha, que nos viera buscar no seu automóvel a Nova York.

E aqui estamos, terminado o almoço, em casa do sr. José Moreira, a ouvir a história da sua vida: – Nasci nas Corgas, para os lados de Seia, mas fiz a tropa em Lisboa. Era soldado do Regimento de Infantaria 16 quando mataram o Sidónio e uma das imagens que desse tempo guardo, é a do seu cadáver no ataúde, com o rosto de cera entre flores; foi um grande português. Depois, entrei nas revoluções, umas vezes a favor, outras vezes contra o Governo, conforme decidiam os meus oficiais; eu limitava-me a obedecer. Mas aquilo enojava-me. Até que finalmente deixei a tropa... Vim então para os Estados Unidos. Em 1920, com 22 anos.

– Força de vontade e força de pulso não me faltavam – acrescenta – mas a vida, nos primeiros tempos, não foi fácil, não. Ganhava no Ohio 60 centimos por hora e trabalhava 12 horas por dia a abrir alicerces à picareta, quebrando pedra, até que o sangue me rebentou das mãos. O médico proibiu logo que eu trabalhasse mais de 9 horas por dia.

– Passou, portanto, a ganhar por dia pouco mais de 5 dólares, não é verdade?

– Sim. E isso, naquela altura, já não chegava para se viver. Queixei-me, pois, ao capataz, que era um irlandês. Mas sabe a resposta que me deu? “Deixe de comer durante uns três meses (disse-me, a rir) e verá que lhe chega...”

– Seguiu-lhe o conselho?

O sr. José Moreira dá uma gargalhada.

– É claro que não – responde, de bom humor. – Arrumei a um canto a picareta e vim para Fall River, onde estive, como operário, numa fição de algodão. Mas vi logo que ainda não era ali que a fortuna me esperava. Larguei então para o Connecticut, onde trabalhei como fundidor e como electricista, até que comprei, já com as economias que fizera, um “farm,” sobretudo para a criação de porcos. Cheguei a ter uns dois mil e durante o tempo que durou este negócio, cinco anos, não dormia mais do que umas três horas por noite. Aquilo, porém, dava dinheiro e com esse dinheiro eu ia sempre comprando terras, enquanto a mim mesmo ia dizendo: anda, Zé Moreira, não te arrependas, olha que, no mundo, a terra não cresce, mas o povo cresce...

E da terra lhe veio, finalmente, a fortuna: com o saibro fino que extraiu das suas propriedades, para obras do Estado, enriqueceu. A fortuna, porém, não o levou a esquecer-se de Portugal. Sobretudo a ele é que se deve a recente fundação, em Hartford, da paróquia portuguesa de Nossa Senhora de Fátima. A expensas suas ergueu nas Corgas, sua aldeia natal, a Casa do Povo. Com os seus dólares se mantém a Cantina Escolar da mesma aldeia.

Tudo isto, no entanto, não explica os livros que vejo em estantes na sua casa e em cima de um piano: obras de Antero de Quental, de Eça de Queiroz, de Florbela Espanca, de José Régio, de Miguel Torga, lado a lado com os melhores poetas e prosadores da língua inglesa.

<sup>41</sup> DNNB, 24 de fevereiro de 1959; JM, 12 de maio de 1959.

É que o casal dos Moreiras – José Moreira casou, depois de vir para os Estados Unidos com uma senhora madeirense – tem uma filha, Maria Lucinda, rapariga de vinte e poucos anos, bem portuguesa no seu tipo de morena e bem bonita, por sinal. E a Maria Lucinda – perdão, a Dra. Maria Lucinda, bacharel em Literatura pela Universidade de Boston e licenciada em Direito pela Universidade de Yale – é, além de advogada, uma poetisa de alto valor e uma jornalista de garra. Durante um ano, em 1955, frequentou, ainda, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde – diz-nos – seguiu com particular atenção e proveito as aulas do prof. Amorim Girão. E foi em Coimbra que ela principiou a interessar-se pela questão que seria este ano o tema da sua tese de licenciatura na Universidade de Yale – o direito de Portugal à posse de Goa. Agora, Maria Lucinda Moreira acaba de regressar de longa viagem pelo Extremo Oriente – e o jornal de Hartford está a publicar as suas crónicas. Macau, sobretudo, impressionou-a.

– Foi uma coisa extraordinária para mim – confessa-nos – encontrar-me ali de repente em Portugal, apesar de continuar tão longe de Portugal...

Esta é a família portuguesa – tenham paciência, mas digo mesmo portuguesa, não digo luso-americana – que viemos encontrar em Glastonbury, no número 511 da Griswold St., uma porta a que iremos bater sempre que voltarmos aos Estados Unidos, até porque a Senhora D. Clementina Moreira guarda o segredo de um famoso bolo de chocolate e mel, talvez receita de algum velho convento da Ilha da Madeira.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 40 LUDLOW, TÍPICA VILA DA NOVA INGLATERRA<sup>42</sup>

LUDLOW, MASSACHUSETTS, 5 DE DEZEMBRO – Esta não é a América a que nos habituaram os escritores europeus, sobretudo os escritores franceses – os Morand, os Maurois, os Jules Romains; esta não é a América dos arranha-céus. Com a sua população de cerca de 10.000 almas, Ludlow é uma vila de pequenas casas de madeira pintadas de preto ou de cores garridas e com um telhado em duas águas. Quase todas estas casas se erguem isoladas no meio de pequeno jardim ou relvado, agora coberto de neve, e todas têm ao lado, invariavelmente, a garagem.

Embora na vila haja apenas a fábrica de cordas que deu origem à povoação, mas onde hoje trabalham umas 100 pessoas, na população de Ludlow predominam os operários, que se empregam nas fábricas – algumas de têxteis, uma de válvulas, outra de produtos eléctricos, outra de espingardas – situadas nos arredores, por vezes a grande distância. Toda a família tem que ter, por isso, o seu automóvel e mesmo algumas possuem dois ou três – por exemplo, se o pai trabalha numa fábrica, a mãe noutra e o filho, ou filha, noutra, ainda.

Em cada casa há o indispensável frigorífico, o lava-pratos, o lava-roupa, a cozinha eléctrica – ou pelo menos a gás; em toda a vila não existem mais do que uns dois ou três fogões a lenha – em casas habitadas por famílias franco-canadianas.

Simplemente, enquanto na bela casa, novinha em folha, do jovem comerciante José Dias tudo é do modelo mais recente, nos lares mais modestos o fogão e o frigorífico, o lava-pratos e o lava-roupa são de modelos mais antigos – e aqui, sim, é que está a principal diferença, em Ludlow, entre os mais e os menos ricos.

A percentagem de católicos na população de Ludlow é de 75 por cento, divididos por quatro paróquias e um curato. A maior das paróquias é a de S. João Baptista, franco-canadiana, cuja igreja tem anexos um convento e uma escola. Seguem-se as paróquias polaca de Cristo-Rei, portuguesa de

<sup>42</sup> DNNB, 25 de fevereiro de 1959; JM, 13 de maio de 1959.

Nossa Senhora de Fátima e ucraniana de S. Pedro e S. Paulo. O curato – italiano e sufragâneo da paróquia, também italiana, de Nossa Senhora do Carmo, de Springfield.

Agrupa cerca de 500 famílias portuguesas ou de origem portuguesa a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, fundada em Janeiro de 1948 pelo rev. dr. Manuel Rocha.

Os protestantes, em número inferior a 2.500, dividem-se por quatro igrejas – a metodista, a episcopaliana, a congregacionalista e o templo da “União em Cristo” – havendo, também, um núcleo de Testemunhas de Jeová, cujo templo é em Springfield.

Há, em Ludlow, algumas famílias verdadeiramente ianques, quase todas de origem escocesa, que ocupam os altos postos no comércio, no banco e na política locais. Mas no pequeno comércio os portugueses dominam. Laura, a capelista, é portuguesa, assim como Nunes, o joalheiro, assim como Billy Cabral, dono de uma bomba de gasolina. E se a loja de ferragens – “Czerniak hardware” – é de um polaco e se é italiano o barbeiro – “Dino’s barber” – Mário Campora, dono de outra bomba de gasolina, é filho de um italiano casado com uma portuguesa, enquanto o proprietário do “funeral home,” Carmino Moutinho, é filho de um português casado com uma polaca.

Não longe do “Polish Club” e do “Italian Club,” aparece-nos, depois, um café de nome romântico – o “Moonlight Café.” Pertence aos irmãos Ferreira.

Depressa, porém, saímos do centro da vila. Seguimos agora pela Franklin Street – aqui, de ambos os lados da rua, todas as casas são de famílias portuguesas. Passamos, por último, para a Windsor Street – e aqui temos o Grémio Lusitano, cuja equipa de futebol, o Lusitano de Ludlow, é um dos melhores “teams” norte-americanos. Defronte da sede do Grémio ergue-se um pequeno monumento onde se gravaram os nomes de todos os portugueses de Ludlow que se bateram durante a guerra integrados nas forças armadas dos Estados Unidos. Foram cerca de 90, dos quais três caíram no campo de batalha, para sempre, dando assim a sua vida pela pátria, que eles ou seus pais haviam adoptado – e que na verdade sabe mostrar-se generosa para quantos a servem.

Está a terminar a nossa visita à vila de Ludlow. Uma vista de olhos pelo campo de futebol, propriedade do Grémio Lusitano. Depois, em casa do rev. dr. Manuel Rocha, é o almoço – opíparo almoço preparado com mão de mestre pelo sr. José Bolas, que foi cozinheiro a bordo de um dos nossos lugres bacalhoeiros – e, logo em seguida, a largada para Bristol, no Estado de Rhode Island, outra bem típica vila norte-americana, esta, porém, já com as suas tradições de antigo porto de mar.

Em Bristol, com uma população de cerca de 12.000 almas, predominam igualmente os católicos, entre os quais uns 5.000 portugueses e mais de 3.000 italianos. Três paróquias: a da Rainha Santa Isabel, portuguesa; a de Nossa Senhora do Carmo, italiana, e a de Santa Maria, irlandesa.

A paróquia portuguesa, fundada em 1913 e hoje entregue a um sacerdote açoriano, o rev. Henrique Rocha, da Ilha Terceira, primo do rev. dr. Manuel Rocha – que é da Ilha Graciosa – e, como este, velho e querido amigo meu, tem, em moderníssimo edifício uma escola com mais de 600 alunos, confiada às Doroteias.

Em Bristol, os protestantes, apesar de muito menos numerosos do que os católicos, possuem, por sua vez, quatro igrejas: duas anglicanas, uma congregacionalista e uma baptista. Há, também, uma sinagoga.

Enquanto os portugueses de Ludlow são predominantemente de origem continental, os de Bristol chegados aqui, na sua maioria, entre 1910 e 1914 – são quase todos de origem açoriana. Empregam-se, como os de Ludlow, sobretudo na indústria; mas há entre eles também alguns comerciantes – e, ainda, uns quantos pescadores.

Quando casam fora da sua comunidade, os portugueses de Bristol fazem-no principalmente com raparigas italianas.

Nota curiosa: há em Bristol, para os seus 12.000 habitantes, nada menos do que 5.000 automóveis.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 41  
MICROFONES PORTUGUESES<sup>43</sup>

FALL RIVER, 6 DE DEZEMBRO. – Na Nova Inglaterra, em vez dos onze que há na Califórnia, apenas existe um programa radiofónico diário em português. É na Emissora WRIB de Providence, o de Afonso Ferreira Mendes, que organiza também um programa semanal para a Emissora de Taunton.

Este Ferreira Mendes dizem-me, por sinal, que podia estar rico. A verdade, porém, é que não está. Temperamento impulsivo, natureza entusiástica, português dos que não enganam, com um estilo altissonante, uma eloquência torrencial, uma voz de trovão, mas, ao mesmo tempo, com um coração de ouro, generoso como os mais generosos, este serrano que nasceu para as bandas da Estrela passa a vida – sempre com o chapéu às três pancadas na cabeça – a abrir subscrições entre os seus ouvintes, para quantos lhe escrevem de Portugal, pedindo uma esmola. E o seu contributo pessoal para essas subscrições nunca é dos mais pequenos. Por entre os dedos se lhe escoam, assim, os dólares que ganha...

Dos programas semanais, o de Manuel Andrade, um lisboeta de Central Falls casado com uma senhora luso-americana, denomina-se “Voz de Lisboa,” é transmitido pela Emissora de Pawtucket, e destina-se principalmente aos continentais, enquanto o do micalense Luís Raposo, “Voz dos Açores,” transmitido pela Emissora de Middletown, se destina sobretudo aos açorianos. Por sua vez, Alfredo Martins Silvério, de Valley Falls, mantém o programa “Voz da Colónia” na Emissora de Woonsocket.

“Voz de Portugal” é, entretanto, o programa que acaba de criar, em Hartford, um luso-americano debruçado com entusiasmo para tudo quanto lhe chega com o selo português – António Joaquim Pires.

Soldado norte-americano das forças que libertaram a França, Manuel Amaral veio durante a guerra passar uma licença de meia dúzia de dias a Lisboa, terra natal de seu pai. Os jornais publicaram então a sua fotografia no aeroporto de Sacavém e uma entrevista com ele. Hoje, com sua mulher Doris, dirige em Cambridge, às portas de Boston, o programa “Ecos de Portugal.” A mesma Emissora de Cambridge transmite igualmente o programa “Hora Portuguesa,” dirigido pelo micalense João de Melo. E outro micalense, Manuel Borges, mantém na Emissora de Fall River o programa “Hora Açoriana.”

Manuel Borges é, porém, um caso à parte. Os outros organizam os seus programas, preparam-nos, estudam-nos. Não o Manuel Borges – este improvisa e com uma espontaneidade, uma graça, uma “verve” não há dúvida que incomparáveis. Não fala ao microfone, conversa com o microfone, interpela-o, dá-lhe foros e honras de personagem...

Homem já idoso, máscara de grande actor que a cada momento se transforma e o transfigura, Manuel Borges como que é, assim, o imprevisto em pessoa.

Quando entrei no seu estúdio, contava ele aos seus ouvintes:

– Sabem que eu tenho quatro cães? Pois é verdade... Não gostam da minha voz... Talvez por causa da pronúncia micalense.

Interrompeu-se ao ver-me entrar e, sem tapar o microfone, dirigiu-se-me:

– Entre, por favor. Ainda me faltam vinte minutos de emissão, o tempo de ler aqui meia dúzia de anúncios. Compreende, sem os anunciozinhos é que nenhum programa vive...

E de novo para os seus ouvintes:

– Está aqui um jornalista que chega de Lisboa. Veio ver como eu assassino, todas as semanas, a língua de Camões. Ah! Mas também já sei o que vai acontecer, no dia da minha morte. Apesar de só ter um olho, Camões há-de saber descobrir-me entre os mortos, há-de agarrar-me pela gola do casaco:

---

<sup>43</sup> DNNB, 26 de fevereiro de 1959; JM, 15 de maio de 1959.

“anda cá, Manuel Borges, anda cá para o inferno, meu patife; vais pagar agora tudo quanto fizeste à nossa língua, todos os teus erros de gramática, todas as tuas barbaridades do corisco do diabo...”

Há quem não goste do Manuel Borges, há quem lhe chame “palhaço.” Houve mesmo quem achasse que eu não deveria sequer procurá-lo. Mas teimei em vê-lo – e confesso, muito sinceramente confesso que gostei deste homem singular a quem um jornalista norte-americano, Edward Sullivan, chamou “o Arthur Codfrey dos portugueses” e que, já com vinte anos de microfone, explica assim a sua popularidade – e o seu êxito:

– O meu método é fazer primeiro com que se riam de mim. Todos acabam por se rirem comigo.

P. S. – Há ainda na Nova Inglaterra os programas radiofónicos portugueses de Nova Bedford, acerca dos quais noutra crónica se falará.

DUTRA FARIA

## JORNAL DE VIAGEM – 42 NA CIDADE MAIS PORTUGUESA DOS ESTADOS UNIDOS<sup>44</sup>

NOVA BEDFORD, 7 DE DEZEMBRO. – Logo que entramos na cidade, o rev. dr. Manuel Rocha, que nos trouxe de Ludlow no seu carro, pergunta ao primeiro homem com quem nos cruzamos qual o caminho para o hotel. Mas, de propósito ou por distração, formula a pergunta em português. E o interpelado, sem manifestar a mínima surpresa por numa cidade norte-americana desconhecidos lhe falarem numa língua que não é o inglês, respondeu com toda a naturalidade no mesmíssimo idioma em que o interrogam:

– Os senhores vão por essa rua fora, sempre em frente, até encontrarem as segundas luzes do trânsito. Depois, aí, voltam à esquerda e, em seguida, à direita, dois quarteirões adiante.

Ele, porém, não diz “quarteirões”; diz “blocos.” Mas o seu português – marcado embora por acentuada pronúncia micaelense – é são e escoreito, graças a Deus.

\* \* \*

Foi assim que entrámos em Nova Bedford, esta manhã. Cruzamo-nos depois, com um autocarro da “Almeida Bus Lines.” Estes autocarros – de uma empresa de que o proprietário, o sr. Almeida, é português – percorrem as ruas da cidade em competição com os das “Greyhound Lines,” cuja rede abrange todo o país. Atentamos, entretanto, nas tabuletas dos estabelecimentos comerciais. Aqui temos um florista – “Rodrigues the Florist.” Uma barbearia – “Manuel Tavares Barber Shop.” Um “stand” de automóveis – é o da firma José B. Nunes. Uma loja onde se vendem receptores de Rádio e de Televisão – “Medeiros Radio and Television.” Uma agência de viagens – “Oliveira Travel Agency.” Um parque para venda de automóveis em segunda mão – “Macedo’s Auto Sales.” Perto, uma bomba de gasolina – “Cabral Service Station.” Um prédio de apartamentos – “Alves Apartments.” Uma padaria – “Goulart’s Bakery.” Uma garagem – “Feio’s Garage.” Outro Florista – “Vieira the Florist.” Outro, ainda – “Irene’s House of Flowers.” Uma perfumaria – “Adrienne Dutra Beauty Shop.” Um cabeleireiro – “Da Rosa’s.” Outra perfumaria – “Emily Almeida Beauty Shop.” Outra garagem – “John de Andrade Garage.” Uma hospedaria – “Gonçalves Rest Room.” Outra Barbearia – “Joseph Rocha Barber Shop.” Enfim, na Dartmouth Street, um sapateiro de nome surpreendente – “Bandarra Shoe Repairing.” Como se vê, o Bandarra de Nova Bedford mantém-se fiel à profissão do seu antepassado de Trancoso, o das trovas e profecias.

<sup>44</sup> DNNB, 27 de fevereiro de 1959; JM, 20 de maio de 1959.

\* \* \*

Chegamos ao hotel à hora do almoço. Fatigada pela viagem, minha mulher está sem apetite – quer apenas uns ovos, nada mais.

– Mexidos ou estrelados? – pergunta a criada, em português.

É do Pico.

Terminado o almoço, subimos ao quarto. No corredor, dois homens enceram o soalho. À nossa passagem, um deles ergue-se e fita-nos.

– Os senhores são portugueses? – pergunta.

– Somos, sim.

– Bem me queria a mim parecer...

– O senhor também é, já se vê.

– Pois claro. E este outro, também.

Mas ele é açoriano, de S. Miguel. Eu sou continental, de perto de Leiria.

No quarto consulto, por curiosidade, a lista de telefones. Dútras, há 34. Farias, 38. Santos, 220. Silvas, 249. Silvias – corrupção sofrida na Nova Inglaterra pelo portuguesíssimo apelido Silva – talvez outros tantos ora com y (grego) ora com i (latino) na primeira sílaba. E Sousas – umas vezes com s na segunda sílaba, outras vezes com z, conforme os gostos – nada menos de 316.

Entre os dentistas, encontro pelo menos três nomes de inconfundível fisionomia portuguesa – José (Joseph) Goulart, Manuel Camacho, António (Anthony) Carvalho. Entre os médicos, sete – os drs. Madureira e Castro, Vitor Almeida. Manuel de Melo, Roberto de Moura, Carlos Pitta, J. P. da Ponte e Márcio Bueno, brasileiro, este último. Em seguida, por uma associação de ideias que os médicos, espero, me perdoarão, consulte a coluna dos cangalheiros – lá estavam também dois portugueses: o “Manuel da Silva Funeral Home” e o “Faria and Son Funeral Home.”

Onde não descubro muitos nomes portugueses é na coluna dos restaurantes: apenas o “Ester Luisa Restaurant” e o “Lucas Diner and Grille.” Aqui, sim, predominam os nomes italianos e os nomes chineses – os Rossini e os Chung-Chung.

\* \* \*

Visito um dos dois diários que se publicam em Nova Bedford – o “Standard Times.” O outro, que é o “Diário de Notícias,” o único diário em português que se edita nos Estados Unidos, ficará para amanhã.

Na ausência do director, o sr. Brewer, que está na Califórnia, recebe-me o sr. Lewin, director adjunto, que chama um repórter para me entrevistar. O repórter chama-se Elmano Rodrigues e é filho de madeirenses. Vem, depois, o fotógrafo. Compõe o grupo, assesta a máquina e ordena, em português.

– Agora, olhem todos para mim. Com um sorriso, “please.”

À saída, o sr. João Rocha, director do “Diário de Notícias,” que me acompanhou na visita ao “Standard Times,” despede-se cordialmente do fotógrafo:

– Adeus, sr. Rosa.

\* \* \*

Anoiteceu. Acendem-se os reclames luminosos. E na noite, que se incendeia, continuam a brilhar, em letras verdes, em letras azuis, em letras encarnadas, em letras amarelas, nomes portugueses: “Guilherme Luiz Travel Agency,” “Matos Enterprise,” “Almeida’s Texaco Service Station,” “Santos Bakery,” “Antone Amaral Júnior,” “Paulina Rego’s School of Dancing”...

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 43  
**UMA COMUNIDADE FIEL AO IDIOMA PORTUGUÊS<sup>45</sup>**

NOVA BEDFORD, 8 DE DEZEMBRO. – Quando ontem aqui cheguei, o céu estava límpido e azul, batidas pelo sol brilhavam as águas do braço de mar que separa Nova Bedford de Fairhaven, na outra margem destacavam-se, coloridas, entre árvores que o inverno já desnudou, residências de luxo, automóveis corriam velozes na ponte que separa as duas cidades – e eu pensei:

– Isto lembra, efectivamente, Portugal. Compreende-se, pois, que esta seja a cidade norte-americana onde mais portugueses vivem.

Porém esta manhã, ao abeirar-me da janela verifiquei, entre surpreso e confrangido que o céu havia desaparecido; que a neve estava a cair aos flocos; que já não brilhavam, antes eram agora cor de chumbo as águas do braço de mar; e que tudo, à roda, era branco, de uma brancura fofa de algodão em rama – tudo, as ruas ao redor do hotel, os telhados de New Bedford, as casas de Fairhaven na outra margem, a ponte, até os automóveis que deslizavam, mas agora vagarosamente, pela ponte. Branco, tudo. E do lado de fora da janela o termómetro assinalava uma temperatura de alguns graus abaixo de zero...

Nova Bedford não era, afinal, uma excepção na Nova Inglaterra – também aqui neva, também aqui o inverno é duro, também aqui o frio é temível; no entanto, esta é, efectivamente, nos Estados Unidos, a cidade onde mais portugueses vivem.

Incluindo os Cabo-verdianos, que são, ao que parece, uns 10.000, cerca de metade da população veio de terras portuguesas ou descende, em segunda e em terceira geração, de imigrantes portugueses. Aqui, porém, ao contrário do que noutras cidades norte-americanas sucede, mantém-se o uso da língua de origem – e o que acontece é que a influência do português chegou mesmo até o inglês, à semelhança do que se deu na Califórnia com o espanhol: na ementa de todos os restaurantes de Nova Bedford, mesmo na dos restaurantes italianos, mesmo na dos restaurantes chineses, figura, por exemplo, a linguiça – palavra e receita pelos imigrantes trazidos dos Açores.

Esta fidelidade dos luso-americanos da Nova Inglaterra ao português, língua dos seus pais ou avós; esta influência exercida aqui pelo idioma português até sobre o inglês; este fenómeno de uma comunidade que não se dissolveu nem ameaça dissolver-se rapidamente, em contacto com a vida e com a sociedade norte-americana – tudo isto se explica, quando nos lembramos de que só nesta cidade há três paróquias portuguesas, com as respectivas igrejas, a de S. João, que é a mais antiga, a de Nossa Senhora do Carmo e da de Nossa Senhora da Conceição, servidas, as três, por um total de nove sacerdotes.

Depois, além das três escolas paroquiais – onde, dizem-me, se ensina o português, o que, infelizmente, não é regra geral para as escolas das paróquias portuguesas noutros pontos da Nova Inglaterra – há, ainda, uma escola oficial nossa, para não falar já da cadeira de português na High School e das bolsas de estudo atribuídas anualmente aos melhores alunos do curso, por iniciativa e a expensas de uma das grandes figuras da nossa colónia do Rio de Janeiro, Adriano Seabra.

---

<sup>45</sup> DNNB, 2 de março de 1959; JM, 22 de maio de 1959.

Há, também, nada menos do que trinta associações recreativas portuguesas em Nova Bedford e quatro ou cinco de carácter mutualista. Há quatro programas radiofónicos em português: “Ecos de Portugal,” de que são directores Manuel Calado e Alberto Costa; “Hora Portuguesa,” cujo director é o sr. Francisco Oliveira – e dois outros, “Notícias Portuguesas” e “O Aristocrata,” dirigidos, respectivamente, pelos srs. António Pinto de Sousa e Jaime Cunha. E há, sobretudo, o jornal, o “Diário de Notícias,” o único diário que em português se publica nos Estados Unidos.

Só em Nova York os espanhóis têm dois diários – “El Diario de Nueva York” que tira 25.600 exemplares, e “La Prensa,” cuja tiragem é de 20.300; os gregos, dois – o “Atlantis” e o “National Herald”; os russos anticomunistas, três – o “Novoye Russkoye,” o “Russky Golos” e o “Rossiya.” E em Nova York publicam-se, ainda, um diário italiano, um polaco, um húngaro, um alemão, um eslavo, um ucraniano e três jornais que se apresentam como órgãos dos judeus – “The Day – Jewish Journal,” “Jewish Daily Forward” e “Morning Freiheit.” Nós temos, e em Nova Bedford, o “Diário de Notícias,” cuja tiragem não chega aos 10.000 exemplares.

Deve, todavia, dizer-se que este jornal, fundado há quarenta anos pelo banqueiro terceirense Guilherme Luís e dirigido há cerca de dezanove anos por João Rocha, exerce, de facto, uma influência que de modo algum está em relação com a sua escassa tiragem: Por exemplo, um jovem político luso-americano, Edmundo Dinis, concorrera, nas penúltimas eleições, a qualquer alto cargo, sem o apoio, que não solicitara, do “Diário de Notícias” – e perdeu; pois candidatou-se agora (mas desta vez com o apoio do “Diário” a “District Attorney” – e ganhou. É que o “Diário de Notícias” – de que são assinantes, quase todos os estabelecimentos comerciais e todas as barbearias de Nova Bedford, assim como todas as associações portuguesas, de extremo a extremo dos Estados Unidos – deve ter, na realidade, uns 50.000 ou 60.000 leitores. Tornou-se, assim, verdadeiramente, numa instituição. Só é pena que não se veja à venda em Nova York, como se vê “La Prensa,” por exemplo.

DUTRA FARIA

#### JORNAL DE VIAGEM – 44 COMO UMA BANDEIRA QUE SE DESFRALDA<sup>46</sup>

NOVA BEDFORD, 9 DE DEZEMBRO. – Há pouco mais de um mês, João Rocha, director do “Diário de Notícias,” teve que sujeitar-se a perigosa intervenção cirúrgica. No momento de entrar para a sala de operações, voltou-se para a esposa, recomendando-lhe:

– Aconteça o que acontecer, não vendas o jornal.

Um passo e agora já de dentro da sala, antes de se fechar a porta:

– O que é preciso é que o “Diário de Notícias” não acabe.

Recordo estas palavras, ao agradecer, esta noite, as que me foram dirigidas e o jantar em que João Rocha juntou à minha volta os seus amigos mais íntimos e todos os que o ajudam a fazer o jornal – os seus colaboradores Camilo Câmara, Manuel Calado e António Cacella, os revisores, os tipógrafos, até as empregadas da administração. Foram, assim, uns cinquenta – homens e senhoras – os bons portugueses de Nova Bedford que vi, esta noite, reunidos ao redor do jornalista que, se tem, na verdade, algum mérito, é só o de haver chamado sempre as atenções, na imprensa de Lisboa, para estas comunidades onde Portugal se continua nos Estados Unidos.

João Rocha foi quem primeiramente usou da palavra. Disse que não se tratava de um banquete de homenagem, mas, simplesmente, de um jantar de amigos – amigos seus de Nova Bedford, aos quais ele quisera apresentar outro amigo seu, vindo de Lisboa. O dr. Madureira e Castro, nomeado “mestre-

<sup>46</sup> DNNB, 3 de março de 1959; JM, 28 de maio de 1959.

de-cerimónias,” deu em seguida a palavra ao sr. Francisco de Oliveira, que falou em nome dos directores dos programas radiofónicos portugueses da Nova Inglaterra; ao rev. padre Henrique Rocha, que falou, como terceirense, em nome dos terceirenses presentes; ao rev. dr. Manuel Rocha, que lembrou episódios de uma amizade que vem dos nossos tempos de juventude; e à minha mulher, que disse do encanto que está a ter, para ela, esta viagem através de um país tão belo, em contacto estreito com um povo tão caluniado e tão rico de virtudes.

Por último, chegou a minha vez. A uma das cabeceiras da mesa de honra, sentava-se o sr. Guilherme Luiz, terceirense – banqueiro, agente de viagens, homem de mil e um negócios – que há quarenta anos fundou o “Diário de Notícias.” Na outra cabeceira, estava a Joan Rocha, agora a melhor colaboradora de seu pai na administração de jornal. Ao meu lado, João Rocha.

“Ali estavam, pois, reunidos – disse eu, então – o passado, o presente e o futuro do jornal, a demonstrarem que este é já uma instituição, é algo já que não pode acabar, é já obra de três gerações ligadas entre si pelo mesmo fio do amor e Portugal.”

Recordei, depois, que a ANI tem onze anos de existência e que tem precisamente a mesma idade a nossa colaboração com o “Diário de Notícias” de Nova Bedford. Ao longo destes onze anos, nem sempre, evidentemente, estive de acordo com João Rocha e também ele nem sempre estava, por certo, de acordo comigo. Pois nunca o “Diário de Notícias” deixou de publicar regularmente as notícias enviadas pela ANI e nunca a ANI, por seu turno, deixou de distribuir à Imprensa portuguesa telegramas com os editoriais, com as opiniões do “Diário de Notícias” de Nova Bedford. Enfim, João Rocha, ao cabo de trinta anos de ausência, foi a Portugal – e, usando do mesmo desassombro com que duramente criticara o que de longe lhe parecia estar mal, reconheceu que em boa parte não tivera razão no que afirmava. Demonstrou, assim, que era um homem de carácter – e um homem livre. Não hipotecou a sua pena. Decerto não hesitará em continuar a criticar quanto se lhe afigurar digno de crítica. Mas soube dizer: “enganei-me.” E quem sabe dizer isto e francamente o diz é, além de um homem livre e de um homem de carácter, um homem de coragem.

Cito, depois, as palavras de João Rocha já dentro da sala de operações (“o que é preciso, mesmo que eu morra, é que o DIÁRIO DE NOTÍCIAS não acabe”) e concluo:

– Quando um homem que não sabe se daí a momentos poderá estar entre os vivos diz isto do seu jornal, demonstra ainda que é, na realidade, um verdadeiro jornalista. E, quando esse jornal é o “Diário de Notícias,” de Nova Bedford, quando é o único diário que em português se publica nos Estados Unidos, este homem demonstra que é também, sem a menor dúvida, um verdadeiro patriota.

Disfarçadamente, João Rocha enxuga uma lágrima. Na cabeceira da mesa, a Joan está com os olhos tão brilhantes como no dia em que a levei, em Algés, à sua primeira corrida de toiros. E eu próprio sinto-me comovido, até porque, também jornalista, sei avaliar, melhor do que ninguém, o esforço que se exige, a tenacidade a que tem de se recorrer, a persistência que tem de se pôr no trabalho e na luta, para que um jornal como o “Diário de Notícias” de Nova Bedford saia todos os dias, venha todos os dias para a rua, como uma bandeira portuguesa que se desfralda em país estrangeiro, numa serena, discreta, mas orgulhosa afirmação de presença.

*DUTRA FARIA*

JORNAL DE VIAGEM – 45  
**AS PARÓQUIAS PORTUGUESAS NOS E. U.<sup>47</sup>**

NOVA YORK, 10 DE DEZEMBRO. – Nos Estados Unidos há um total de 34 paróquias portuguesas, das quais uma, recente, em Newark, Nova Jersey, cinco na Califórnia e 28 na Nova Inglaterra; há, ainda, sacerdotes portugueses, como coadjutores, em cinco paróquias de língua inglesa.

O clero de língua portuguesa nos Estados Unidos é constituído, na sua maioria, por sacerdotes açorianos; mas há também sacerdotes madeirenses, continentais, como o Rev. Padre Cascais em Cambridge, luso-americanos como, em Nova Bedford, Monsenhor Silvia, e brasileiros, como, em Oakland, o Rev. Dr. Edgar Rocha.

Escolas paroquiais funcionam junto das três igrejas portuguesas de Nova Bedford, das igrejas do Senhor Santo Cristo e do Senhor Espírito Santo em Fall River, da igreja da Rainha Santa Isabel em Bristol e da igreja das Cinco Chagas em San José da Califórnia; todavia, por muito singular que isto nos pareça, a verdade é que o português não se ensina em todas estas escolas...

Por falta de professores? Não o creio. Por exemplo, entre as Doroteias, a que algumas dessas escolas foram confiadas, abundam – mesmo onde escasseiam as portuguesas – as Irmãs brasileiras e luso-americanas.

Por oposição dos respectivos prelados, quase todos de origem irlandesa? Não acredito. E recorde o que ouvi, a este respeito, a um jovem sacerdote continental, aluno de uma Universidade norte-americana: – “É um mito a oposição dos Bispos irlandeses às paróquias portuguesas; é um mito a sua hostilidade ao ensino da nossa língua nas escolas paroquiais portuguesas.” Pelo contrário, ainda há pouco o Bispo (de origem irlandesa) de Springfield, Monsenhor Weldom, exigiu, numa igreja paroquial polaca, que as crianças da catequese rezassem o Pai Nosso em polaco – e não em inglês. É que os prelados não ignoram que acaba por se afastar da Igreja o filho de imigrantes que radicalmente se afasta do idioma dos seus pais.

Por isso é que não há nos Estados Unidos paróquias propriamente norte-americanas; há paróquias de fala inglesa – “english speaking” ou seja: paróquias irlandesas e (em Baltimore, por exemplo) inglesas; paróquias franco-canadianas – ou de língua francesa; e paróquias portuguesas, italianas, espanholas, polacas, alemães, ucranianas, húngaras...

E onde, havendo portugueses, não há ainda – é o caso de Ludlow – uma escola paroquial portuguesa as crianças luso-americanas (uma vez que nenhum pai católico gosta de enviar os filhos à escola oficial, nos Estados Unidos) frequentam a escola da paróquia franco-canadiana e então é em francês (não em inglês) que os filhos dos portugueses aprendem a rezar e nessa mesma língua confessam os seus pecados aos sacerdotes da igreja portuguesa.

– O ensino sistemático do francês prejudica, porém, os filhos dos franco-canadianos – diz-me alguém. – Como, em consequência do seu francês, não conseguem falar o inglês com uma boa pronúncia, vêm-se preteridos, sempre, nos empregos públicos a que concorrem.

É um argumento, mas que não me convence. Primeiramente, porque, se há um país em que os empregos públicos não são positivamente os melhores empregos, os Estados Unidos são esse país. Depois, porque ninguém, nos Estados Unidos, fala o inglês com uma boa pronúncia, nem sequer (dizem os outros norte-americanos) os ianques de Boston.

O argumento, portanto, não colhe. O que há, isso, sim, é uma extrema dificuldade em levar as crianças a aprender, na escola, outra língua, além do inglês. Os sacerdotes e as professoras têm, pois, não que desistir, mas que multiplicar os estímulos, para que os filhos dos portugueses aprendam, na escola, alguma coisa da língua dos seus pais. Esses estímulos, aliás, não devem vir exclusivamente do

---

<sup>47</sup> DNNB, 4 de março de 1959; JM, 1 de junho de 1959.

sacerdote e da professora, mas também da Imprensa de língua portuguesa, por exemplo através de adequadas historietas aos quadradinhos, e da Rádio, através de programas infantis em português.

É em torno da criança que a batalha tem, efectivamente, de se travar – só graças à criança luso-americana de hoje é que poderão manter-se amanhã com vida as comunidades portuguesas nos Estados Unidos. Comunidades que, diga-se o que se disser em contrário, não sobreviverão, por certo, ao completo desaparecimento do idioma.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 46  
“CAFETERIAS,” “CAFFÉS” E “COFFEE SHOPS”<sup>48</sup>

NOVA YORK, 11 DE DEZEMBRO – Em todas as cidades norte-americanas, há “caffés,” “coffee shops” e “cafeterias.” Nota a fixar: nos “coffee shops” e nas “cafeterias” podem entrar senhoras; nos “caffés,” não devem entrar – encontrar-se-iam provavelmente, em má companhia.

A “cafeteria” é, praticamente, um restaurante com dois ou três pratos quentes numa estufa envidraçada e mais as sanduíches e pratos frios que constituem almoço para quase todo o norte-americano que não pode ir a casa almoçar.

Entra-se na “cafeteria,” toma-se lugar numa “bicha” se é hora de grande afluência, pega-se numa bandeja e na bandeja vamos pondo, depois, tudo aquilo de que precisamos – o talher, o indispensável copo de água com gelo, o prato quente ou frio que escolhemos, a salada, a sobremesa [e] a enorme chícara de café. Depois, ao sairmos da “bicha” com a bandeja atulhada, passa-se pela caixa e paga-se. Seguidamente, escolhe-se uma mesa ou espera-se pela vez, se não há mesas livres; em cada mesa, temos à nossa espera quatro frascos – o do açúcar, o do sal, o da pimenta e o de molho de tomate, além da invariável caixa de guardanapos de papel.

Terminada a refeição, deixa-se a bandeja em cima da mesa, com os pratos, o talher – e os restos.

Nas “cafeterias” mais elegantes, há, nas mesas, toalhas de papel; nas outras nem isso.

Quanto ao “coffee shop” ou “coffee house,” é também um restaurante, mas com criados ou criadas.

Com preços inferiores aos do “grill-room” e muito inferiores, mesmo, aos do restaurante propriamente dito, em quase todos os hotéis há um “coffee shop”, com mesas e um balcão de “bar.” Os preços ao balcão, são os mesmos, mas o serviço é mais rápido.

No “coffee shop,” ao contrário do que sucede no “grill-room” ou no restaurante, não se servem vinhos nem quaisquer outras bebidas alcoólicas – apenas água gelada, leite, chá, café e sumo de frutas.

Quem ainda achar, no entanto, altos os preços do “coffee shop” pode alimentar-se mais economicamente na “cafeteria,” no “automático” (onde tudo funciona segundo o sistema de entra-moeda-sai-comida) ou, enfim, ao balcão do “drug store” – e quase todos os hotéis, assim como têm o seu “coffee shop,” têm igualmente o seu “drug store,” onde tanto podemos comer à pressa uns ovos estrelados com presunto ou adquirir pasta dentífrica da nossa preferência, o creme para a barba, os brinquedos para o filho do amigo que vamos visitar, o romance policial para lermos à noite no quarto, o “magazine” que nos entretenha durante a viagem no “subway” ou ainda os comprimidos que usamos para a dor de cabeça.

No “drug store” também não se vendem bebidas alcoólicas. Quem as quiser terá, pois, que ir bebê-las (por ordem crescente de importância social – e de preço) no “bar,” no “caffé” ou então, já em alto nível, no “cocktail-lounge” de qualquer hotel, para não falar no “night-club.” O “bar,” em regra, é frequentado apenas por homens. Nos “caffés” já se encontram mulheres – senhoras, em rigor,

<sup>48</sup> DNNB, 5 de março de 1959; JM, 5 de junho de 1959.

não. Nos “cocktail-lounge,” predominam as senhoras; enfim, nos “night-clubs,” as mulheres, evidentemente.

Por sua vez, as “taverns” são, quase sempre, restaurantes de luxo. Mas também há “taverns” que são mesmo tabernas e “bars” que são luxuosos e caros.

\* \* \*

Com Mr. Joseph Jones, um dos vice-presidentes da United Press, e Mrs. Jones, fomos ontem jantar ao University Club, na Quinta Avenida. O clube ocupa nove andares e inclui três restaurantes: pois, em todo o clube, as senhoras só têm acesso a um pequeno vestiário, uma sala e um dos restaurantes. Mas ali, então, elas vingam-se – nenhum homem pode ali entrar, e ali sentar-se, e ali comer, sem se fazer acompanhar por uma senhora...

\* \* \*

– À mulher que vende jornais chamam os ingleses “newswoman” – diz minha mulher.  
 – Nós aqui é o nome que damos à jornalista – esclarece Mrs. Payette, com quem estamos a jantar num restaurante francês da Terceira Avenida.  
 – E que nome é que dão, nesse caso, à mulher que vende jornais? – quer saber minha mulher.  
 – Chamamos-lhe “newsboy” – responde, tranquilamente, Mrs. Payette, um dos subdirectores da United Press.

\* \* \*

Outra história maluca:

Algures, nos Estados Unidos, há um homem que tem uma grande uma grande “farm” onde engorda perus e um grande lago onde cria trutas. Mas há epidemias que dizimam frequentemente, mas nunca ao mesmo tempo, os perus e as trutas. Assim, as trutas devoram os perus que morrem e os perus que sobrevivem habitua-se a comer, com a mesma sofreguidão, as trutas que aparecem, mortas, a flutuar na lagoa. Por isso, hoje, nos restaurantes de Nova York, dizem-nos, há trutas que sabem a peru e perus que sabem a truta.

... a verdade, porém, é que o peru soube-me apenas a peru, das duas vezes que o comi. A truta, por seu turno, da única vez que a pedi, veio sem o menor sabor a qualquer galináceo – e superiormente fresca.

*DUTRA FARIA*

## JORNAL DE VIAGEM – 47 **APENAS UM TAPUME, OS ARRANHA-CÉUS<sup>49</sup>**

NOVA YORK, 12 DE DEZEMBRO. – Sim, é verdade, o Empire State Building tem 102 andares; sim, é verdade, todos os dias meio milhão de pessoas viaja nos comboios que chegam de manhã à Grand Central Terminal e saem à tarde, depois de encerrados os escritórios e os estabelecimentos comerciais; sim, a Biblioteca de Nova York guarda, nas suas estantes, 13 milhões de livros; sim, o Coliseu de Nova York, que custou 35 milhões de dólares, é o maior do mundo; sim, Nova York, com mais de 8 milhões de almas, é, em população, a segunda cidade do mundo, logo depois de Londres. Isto, porém, não explica Nova York.

<sup>49</sup> DNNB, 6 de março de 1959; JM, 16 de junho de 1959.

Há quem diga: – “Os Estados Unidos não são Nova York; os Estados Unidos são um país, ao passo que Nova York é uma cidade cosmopolita.” Efectivamente, há em Nova York mais judeus do que em Jerusalém ou em Telavive; mais italianos do que em Nápoles; mais pretos, no Harlem, do que em Luanda ou em Lourenço Marques. A criada que me arranja o quarto, no hotel, é porto-riquenha. O porteiro que faz deslizar, para que eu passe, a porta rotativa, é alemão e enverga a sua farda com o aprumo de um general prussiano. O condutor do táxi é russo e está em Nova York, vindo não sei de que campo de refugiados na Europa, ainda não há seis meses. A secretária do amigo a quem visito no seu escritório é polaca. Eis Nova York.

Mas os Estados Unidos são também isto. Simplesmente, para todos quantos vêm da Europa, Nova York, com os seus arranha-céus, a sua fisionomia de cidade desenhada em papel quadriculado, a sua lenda de insensibilidade e de riqueza, é a primeira imagem da América – uma imagem agressiva.

Depois, os que vieram da Europa metem-se por terra dentro, partem à descoberta dos Estados Unidos. E só os que falham é que regressam a Nova York. Todos os outros se espalham por essas vilas e pequenas cidades como Ludlow, no Massachusetts, como Bristol, no Rhode Island, como Glastonbury, no Connecticut, como Hanford ou como Tulare, na Califórnia, vilas e pequenas cidades onde não há arranha-céus, onde ninguém se acotovela, onde as casas são de madeira e não de cimento armado ou de vidro e aço, onde há cortinas nas janelas, onde todos se conhecem e se saúdam: – “Hello, Joe. Hello Mary.” Só os que fracassam é que voltam, mas desiludidos, mas amargos, mas azedados pelo malogro da sua vida e da sua aventura, a Nova York. E voltam porque Nova York é mais perto da Europa, de onde vieram – porque de Nova York podem avistar, a emergir vagamente da neblina do porto a estátua da Liberdade, por detrás da qual o mar é já de todos...

Os outros, os que triunfam, se passam por Nova York, descem dos seus automóveis, defronte do hotel, com as suas malas – e têm para a cidade que os acolheu quando da sua chegada aos Estados Unidos um olhar de gratidão. Mas os que fracassam não têm automóvel, nem bagagens, nem dólares com que pagar sequer um quarto em qualquer hotel. Com as mãos enterradas nos bolsos, os ombros vergados, nos pés uns sapatos cobertos de lama, erram à procura de emprego – e, se o encontram, aceitam-no, mas sem alegria, sem esperança. Por isso Nova York, cidade de um país optimista, é uma cidade mal-humorada, rude, brutal, que não sabe sorrir.

Pergunto à criadinha que me arruma o quarto se gosta de Nova York.

– “No, señor.” E ganho aqui bem mais do que ganhava no Porto Rico. Mas as pessoas não nos falam senão para nos darem ordens: faça isto; vá-nos buscar aquilo. E nem sequer olham para nós.

Faço a mesma pergunta ao porteiro:

– “Nein” – responde. – É uma grande cidade, mas a que falta uma alma.

Deve ser também o que pensa o motorista russo: – “Niet.” Aqui, andamos sempre a correr de um lado para o outro... E para quê, afinal? Todos os dias, aqui, são iguais...

No entanto, os Estados Unidos, sem Nova York, seriam outra coisa – os Estados Unidos precisam de Nova York para serem o que são. Nova York é o indispensável elemento de contraste. Por detrás desta cidade carrancuda, hermética, hostil, há um país admiravelmente jovem, quase infantil que sorri. Estes arranha-céus pretensiosos e de mau gosto – o que está aqui defronte dos meus olhos, no outro lado da rua do meu hotel, tem uma feira de janelas góticas geminadas de 10 em 10 andares, gárgulas e ameias por cima do último andar e no terraço um templo grego em cujo telhado mostra as suas garras de bronze o leão alado dos assírios; estes arranha-céus, afinal, são apenas um tapume. Se espreitarmos pelas fendas do tapume, o que vemos então já não é Nova York – é este país onde existem, na realidade, a alegria e a esperança que desertaram das ruas e avenidas da grande cidade tentacular e sombria.

DUTRA FARIA

JORNAL DE VIAGEM – 48  
**ADEUS, ATÉ À VOLTA!**<sup>50</sup>

NOVA YORK, 13 DE DEZEMBRO. – Estão já fechadas as malas. Terminou esta viagem de quarenta e oito dias – quatro vistos, quatro países – por terras do Novo Mundo. Daqui a poucas horas levantará do aeroporto de La Guardia para os céus da Europa o avião em que seguiremos.

Parti de Lisboa com uma certeza. Levo comigo, agora, a mesma certeza – e novas razões para a manter. Há comunidades portuguesas nas Américas de que Portugal não poderá desinteressar-se sem se mutilar. E há perigos de que essas comunidades têm que se defender. O perigo maior é ainda o da falta de coesão. Trata-se, porém, de um perigo que está hoje a ser combatido, em toda a parte.

No Brasil há uma Federação das Associações Portuguesas. Tem que se fazer o mesmo na Venezuela, nos Estados Unidos e, ainda, na Argentina. Há, também, uma associação portuguesa em Montevideu, outra em Montreal. Poderiam talvez filiar-se, respectivamente, na Federação das Associações Portuguesas da Argentina e na Federação das Associações Portuguesas dos Estados Unidos.

Assim como deviam federar-se as associações portuguesas, deveriam também entender-se e cooperar (sobretudo na Califórnia) os directores dos programas radiofónicos em português. A Rádio portuguesa nos Estados Unidos pode vir a ser uma força, mas não o será enquanto não houver uma coordenação de esforços – e de horas.

Quanto à Imprensa, se o Rio sustenta dois semanários da categoria da “Voz de Portugal” e do “Mundo Português,” julgo que haverá também possibilidades de expansão para um semanário do mesmo tipo em S. Paulo.

Em Caracas, entretanto, há três semanários portugueses. Sinceramente desejo que os três se mantenham e progridam, mas temo que sejam jornais em demasia para uma colónia em que o gosto pela leitura não é excessivo.

Nos Estados Unidos, finalmente, publicam-se, em Português, um diário, dois semanários e um quinzenário.

As comunidades luso-americanas da Califórnia estão ameaçadas na sua existência, correm o risco de se dissolverem na medida em que o uso da língua for desaparecendo. O risco é menor na Nova Inglaterra e na Nova Jersey. Umas das razões será que existem na Nova Inglaterra 28 paróquias portuguesas, enquanto Califórnia há 5 apenas.

Efectivamente, o sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar. Sobretudo quando é açoriano e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos. Mas o sacerdote, por sua vez, tem que saber fugir ao perigo da “americanização.” Não se desempenhará inteiramente da sua missão, julgo, o padre que não reunir ao apostolado de Cristo o apostolado de Portugal. Os que assim não fazem não conseguem afinal, ter, nas suas paróquias, nem bons portugueses, nem bons católicos. Deixar “americanizar” os portugueses é deixá-los perder, ao fim de mais ou menos tempo, para a Igreja. Não pensam assim, é verdade, todos os nossos sacerdotes. Em compensação, é assim que pensam – hoje, pelo menos – os tão caluniados Bispos irlandeses, apenas com duas ou três excepções.

Da nossa parte, nos meios oficiais, nota-se aqui por vezes uma certa timidez em falar dos “portugueses dos Estados Unidos.” Pessoas responsáveis creio que se referem, de preferência, aos “luso-americanos,” não vá Washington alarmar-se... Mas os italianos falam sempre, muito concretamente, das “colónias italianas,” dos “jornais italianos,” dos “clubes italianos.” O mesmo sucede com os polacos. E ninguém se ofende com isso.

---

<sup>50</sup> DNNB, 9 de março de 1959; JM, 19 de junho de 1959.

Nota curiosa: o norte-americano, se a mãe e o pai não têm a mesma nacionalidade adopta, sempre, como sua pátria de origem, a do pai.

Nunca diz por exemplo:

– Sou norte-americano mas filho de um português e de uma italiana.

– Sou português.

Ou então “sou italiano,” se filho de uma portuguesa e de um italiano.

Chegou a hora da partida. Já o moço do hotel veio buscar as malas. A viagem acabou. Agora o que principia é, simplesmente, o regresso, um regresso sem história, sem crónica. Portugueses dos Estados Unidos, portugueses da Venezuela, portugueses do Brasil, adeus, até à volta.

DUTRA FARIA

## II. O PÉRIPOLO DE DUTRA FARIA VISTO PELA IMPRENSA

### 2.1 Dutra Faria no *Diário de Notícias* de New Bedford

Para os antigos leitores deste antigo jornal luso-americano o nome de Dutra Faria não era propriamente desconhecido, visto que, desde meados da década de 20 o mesmo começou a surgir nas suas páginas, em notícias pontuais provenientes da Ilha Terceira, na altura em que era ainda estudante, quer na sua terra natal, quer em Lisboa, onde frequentou o Curso Superior de Letras. A 11 de Agosto de 1939 surge, neste jornal, a primeira notícia subscrita por ele, intitulada “Um príncipe negro”. Em novembro de 1941 o seu nome voltou a surgir numa notícia acerca do tricentenário do primeiro jornal português, referindo que pertencia aos Serviços de Informação e Imprensa do Secretariado da Propaganda Nacional.

Em 1945 Dutra Faria empreendeu a sua primeira viagem aos Estados Unidos, por via aérea, tendo ido até à cidade de San Francisco, na qualidade de enviado especial do *Diário da Manhã*, de Lisboa, o órgão oficial da Legião Portuguesa e da Ditadura, conforme referiu o DNNB de 4 de maio desse ano, juntando-se assim a outros jornalistas portugueses que já lá se encontravam de modo a cobrir a Conferência das Nações Unidas. Ao retornar a Portugal, este terceirense publicou no jornal *Açores* o seu primeiro texto acerca dos portugueses na América, que foi transcrito no DNNB de 12 de outubro seguinte, e que apresentamos seguidamente:

#### **Ao regressar de terras da América**

Açoriano, procurei, durante os dois meses da minha passagem pelos Estados Unidos da Norte-América, ver como viviam por aquelas terras de prodígio, os açorianos; como trabalhavam; como pensavam; de que maneira guardavam e os nossos costumes, as nossas tradições e as nossas virtudes.

Pois devo dizer que desse meu contacto, ainda que breve e ainda que apressado, com os açorianos da Norte-América – com eles, com suas famílias, com seus filhos – trago as melhores, as mais vivas, as mais gratas impressões; direi mesmo até que a recordação desses admiráveis açorianos, do seu esforço, do seu exemplo, figura entre aquelas que não julgo possível esquecer algum dia.

O tempo, por desgraça, não permitiu que eu fosse a New Bedford; o tempo, que era pouco – dados os meus afazeres de jornalista sobretudo atento ao que se passava na Conferência de S. Francisco e à sua volta; mas estive em Oakland e em Fresno; percorri, durante longas horas, as estradas que cortam, em todos os sentidos, o vale de S. Joaquim, onde raro é o “farm” que não seja de portugueses, dos Açores; em Sausalito, no

Domingo do Espírito Santo, assisti a uma Coroação, que à frente levava irmanadas, a bandeira de Portugal e a dos Estados Unidos; num banquete dos Clubes de Cabrilho – falei aos açorianos da Califórnia, exortei-os a que guardassem no íntimo do seu coração, e sem prejuízo da Lealdade que devem ao grande país que adoptaram, a lembrança destas ilhas portuguesas do Atlântico, verifiquei, então, como os olhos se lhes embaciavam de lágrimas de saudade; em seguida, e já na outra costa, fui a Newark, a Providence, a Bristol – a Bristol, quase só habitada por açorianos e com um padre açoriano, da Terceira, o padre Henrique Rocha que ali está a fazer, a levantar, com persistência e com paciência, uma obra louvável e fecunda de portuguesismo e de amor cristão.

Tornando ainda, porém, à costa do Pacífico, outras figuras evoco, entre as quais algumas de sacerdotes, poucos, infelizmente, para tão ampla e tão útil tarefa como a que se lhes apresenta e se lhes impõe; apenas oito, se não erro, para toda essa imensa Califórnia, onde tantas comunidades portuguesas se instalaram e prosperam.

Apenas oito... Por isso, se é verdade que os filhos de portugueses falam português, verdade é também, dolorosa e dura, que os netos já o não falam, à míngua de escolas e de catequese onde se empregue e se aprenda a nossa língua.

Oito... E tendo que velar por mais portugueses do que todos os que há nos Açores. E tendo que vencer distâncias incríveis para ir de igreja em igreja, de capela em capela ou de “império” em “império.” E tendo que multiplicar-se nas obras de assistência social, nas de formação religiosa, nas de educação moral e cívica da juventude.

Nada mais do que oito... como se ali não fossem também como as de África ou as da Ásia, terras de missão – e como se em Portugal, nomeadamente nos Açores, faltassem as vocações missionárias, animadas pela Fé e pelo espírito de aventura e do Sacrifício!

Referi-me aos filhos dos portugueses, aos filhos dos Açorianos.

É que também os procurei e também os conheci: médicos, advogados, notários, comerciantes, industriais: Joseph Mento, advogado na capital da Califórnia, filho de uma família de S. Jorge; Carlos de Freitas, de outra família de S. Jorge, advogado em S. Rafael; John Brasil. Mais um jorgense, industrial em Oakland – e aquele velho e respeitado Seamas de S. Francisco, que alterou a ortografia do seu nome de filho de “picarotos,” Simas, só para que os norte-americanos o não pronunciassem mal; o velho e respeitado Seamas, que já nasceu nos Estados Unidos, que tem mais de sessenta anos sem nunca haver saído da Norte-América, mas que, apesar disso, tomaríamos por um homem do Pico...

Os filhos dos açorianos... mas há que pensar, agora principalmente, nos netos – naquela terceira geração que não deve esquecer o português.

– Quisera eu mais padres portugueses, todos quantos me possam mandar...

Estas palavras – ouvi-as da boca do Arcebispo de S. Francisco.

Aqui as deixo, comovidamente, ao cerrar esta crónica sem pretensões; aqui as deixo como um depoimento – e como um apelo.

Em 1948 o Pe. José da Costa Valério, eclesiástico radicado em New Bedford, foi de viagem a Lisboa e encontrou-se com Dutra Faria, da ANI, e Jorge Simões, redator do *Diário da Manhã*. Desse encontro foi publicada uma fotografia na edição do DNNB de 22 de setembro de 1948, cerca dum mês antes deste terceirense empreender a sua viagem pelas Américas.



A partir de 9 de novembro desse ano, o DNNB passou a publicar regularmente notícias provenientes da ANI, em Lisboa, redigidas por Dutra Faria, e o seu nome passou a ser familiar para os seus leitores. E desde o ano seguinte algumas dessas notícias eram enviadas em exclusivo para este órgão informativo luso-americano.

Em 1949 Dutra Faria deu início a uma colaboração com este jornal, tendo este órgão informativo luso-americano publicado alguns artigos de sua lavra, escritos em exclusivo para o mesmo, tais como os intitulados "Elegia Coimbrã" (5/1/1949), "'Portugal dos Pequeninos' – Mundo de Ternura e de Graça" (6/1/1949), ou "Nunca se encontrou o manuscrito de 'A Batalha do Caia' – Romance que Eça de Queirós teria escrito ou sonhado escrever" (17/4/1950).

Na edição de 5 de fevereiro de 1949 o DNNB publicou uma carta do Diretor da Agência ANI, Dutra Faria, repudiando as declarações do madeirense Camilo Câmara e colaborador deste jornal luso-americano, divulgadas alguns dias antes na rubrica "Notas e Comentários", acerca do candidato presidencial Norton de Matos. Este facto denota que este órgão da imprensa era recebido em Portugal e lido atentamente pelas forças afetas ao regime de Salazar, visto que regularmente o denunciava perante os seus leitores. A 3 de abril de 1950 o DNNB voltou a publicar uma carta de Dutra Faria protestando contra um artigo do seu correspondente em Lisboa acerca do caso de Goa. As suas respostas a artigos publicados neste jornal mereciam, por parte dos visados nas suas observações, a respetiva contrarresposta, gerando-se assim uma espécie de diálogo entre os diversos intervenientes, muito interessante de seguir, por militarem em diferentes campos ideológicos e políticos.

A 12 de março de 1954 este órgão informativo começou a publicar uma série de crónicas de Dutra Faria relativas a uma viagem por ele efetuada através do continente europeu, intituladas "Em vagabundagem pela Europa", textos esses difundidos pelo "Serviço de crónicas ANI". Na edição de 8 de julho do ano seguinte este jornal luso-americano deu início à publicação duma nova série de crónicas de viagem deste escritor, subordinadas ao título "Inglaterra 1955". A 8 de julho de 1958 o DNNB deu início à publicação duma nova série de crónicas deste autor, sob o título "Na Exposição de Bruxelas".

## 2.2 Acompanhando a visita de Dutra Faria às Américas

A passagem deste ilustre terceirense pelos Estados Unidos começou por ser anunciada, em primeiro lugar, de modo telegráfico, na imprensa portuguesa da costa oeste deste país, nomeadamente no

semanário luso-americano *Jornal Português*, de Oakland, Califórnia (JP), na edição de 24 de outubro de 1958, nestes termos: **Visitante Ilustre – Dutra Faria** – *Deve visitar a Califórnia nos princípios de Dezembro o Sr. Dutra Faria, distinto Jornalista português e Director da Grande Agência de Notícias – ANI – cujo noticiário publicamos neste Jornal todas as semanas.*<sup>51</sup>

Na sua oitava crónica Dutra Faria referiu que concedeu diversas entrevistas à sua chegada ao Brasil. Tentámos encontrá-las, para descobrirmos o que teria dito acerca do móbil da sua viagem, mas a nossa tarefa não foi fácil. Contudo conseguimos recolher, através de mão amiga, as notícias acerca da sua passagem pelo Rio de Janeiro divulgadas no *Jornal do Brasil*, um órgão informativo dessa cidade.<sup>52</sup> A 29 de outubro o mesmo divulgou a palestra que este jornalista realizaria naquela cidade, assim como acrescentou mais alguns dados acerca do ilustre visitante:

### ***Diretor da ANI hoje no Rio: palestra***

Em companhia de sua mulher, D. Noémia Gil Faria, conhecida cronista de modas, chegará hoje, às 11 horas, à Cidade, o jornalista e escritor português, Dr. Dutra Faria, Diretor da agência de notícias “ANI” e Redator Principal do diário “A Voz,” de Lisboa.

O jornalista Dutra Faria pronunciará uma conferência na Casa dos Açores, quarta-feira, dia 3 de Novembro, e, depois de permanecer uma semana no Brasil, seguirá para Venezuela e Estados Unidos.

### **QUEM É QUEM**

Antigo militante da imprensa portuguesa, o Sr. Dutra Faria foi colaborador, redator e diretor de várias publicações literárias, artísticas e políticas. Como repórter, teve muitos trabalhos premiados. Ainda no ano passado, em Haia, quando do julgamento da questão entre Portugal e União Indiana, sua cobertura jornalística mereceu prémio e louvores. Como escritor, deu-nos “Navegação de paz e de glória” e “São Francisco e o problema da paz.”

A convite oficial, o Sr. Dutra Faria percorreu inúmeros países, como Inglaterra, Bélgica e Alemanha. Conhece quase toda a Europa e muitos países da África, Oriente e América.

No Brasil, esteve em 1954, por ocasião das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, escrevendo uma série de reportagens que mereceu transcrição em jornais portugueses do Continente e do ultramar.

O Sr. Dutra Faria é proprietário exclusivo, com Barradas de Oliveira, da agência “ANI,” fundada em 1947, e cujos serviços vem procurando ampliar, inclusive os do Brasil para Portugal.

A conferência do Sr. Dutra Faria, na Casa dos Açores, versará sobre o tema “Os açorianos em Angola.” Será presidida pelo Conselheiro da Embaixada de Portugal, Sr. Paulo Coelho.

---

<sup>51</sup> Agradecemos penhoradamente à Prof.<sup>a</sup> Dra. Glória de Sá, da UMass Dartmouth, a gentileza de ter requisitado à universidade californiana que detinha os microfilmes do antigo *Jornal Português*, outrora publicado em Oakland, e de os ter pesquisado por nós em busca desta e de outras notícias sobre a passagem de Dutra Faria pela costa oeste dos Estados Unidos.

<sup>52</sup> Agradecemos igualmente à Prof.<sup>a</sup> Lélia Nunes, da ilha de Santa Catarina, no Brasil, os esforços que envidou para encontrar, através do Presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, Leonardo Soares, seu conhecido, os artigos sobre o Dutra Faria então publicados neste órgão da imprensa dessa cidade, assim como a entrevista por ele concedida ao jornal *O Globo*, que mais adiante apresentamos.

Na edição do dia seguinte este jornal carioca confirmou a chegada, na véspera, deste jornalista terceirense ao Rio de Janeiro, acrescentando mais alguns dados acerca do objetivo principal da sua viagem, obtidos através duma breve entrevista que lhe fez:

### ***Diretor da ANI chegou***

O jornalista Francisco de Paula Dutra Faria, Diretor da Agência de Notícias e Informações (ANI), de Portugal, chegou ontem à noite ao Rio, vindo de Lisboa.

Falando ao JORNAL DO BRASIL, declarou o Sr. Dutra Faria que, no Brasil, estudará as condições de trabalho para os seus clientes, visando a expandir o noticiário para o nosso País.

Disse que com as empresas jornalísticas brasileiras procurará saber a opinião de seus diretores quanto à forma de tratamento que deve ser dada às notícias portuguesas que mais de perto nos interessam.

### **CANAL PRÓPRIO**

O diretor da ANI acentuou que por outro lado é “enorme o interesse que despertam em Portugal as coisas do Brasil.”

Por isso – e levando em conta ainda que nestes três últimos anos cresceram sobremaneira as notícias do Brasil para Portugal – procurará conhecer a possibilidade de instalação de um canal próprio radiotelegráfico para a ANI para a transmissão de notícias diárias, daqui para lá.

No momento, disse, as transmissões para Lisboa estão sendo feitas através da United Press Internacional (UPI), numa linha de telex, ligada em Londres ao sistema operacional da Inglaterra para o Rio.

Os jornais portugueses publicam em média por dia de 15 a 20 notícias brasileiras, finalizou.

Apenas a 4 de novembro seguinte, sete dias após o início da viagem de Dutra Faria e da sua consorte ao continente americano, o DNNB deu-a a conhecer aos seus leitores, assim como ao objetivo da mesma:

### **O dr. Dutra Faria e sua esposa, em viagem pelo Novo Mundo**

LISBOA, (ANI). – O Director Executivo da ANI, Dutra Faria, partiu, com sua esposa, D. Noémia Gil Dutra Faria, também jornalista, para o Brasil.

Dutra Faria – que recebera, dias antes, o prêmio “Afonso de Bragança,” do SNI, pela sua reportagem de há um ano sobre o julgamento da primeira fase da queixa portuguesa contra a União Indiana, no Tribunal Internacional de Justiça – vai ao Rio de Janeiro e a S. Paulo estudar as possibilidades de expansão dos serviços da ANI no Brasil, assim como a intensificação dos seus serviços noticiosos do Brasil para Portugal, seguindo, depois, com idêntico objectivo, para a Venezuela e os Estados Unidos.

Dutra Faria, que é açoriano, proferirá, no Rio de Janeiro, uma conferência na Casa dos Açores sobre “Os açorianos em Angola.” Além disso, fará ainda entrevistas com altas individualidades brasileiras que serão publicadas, simultaneamente, nos vinte diários, que, espalhados por todo o território português, desde Lisboa a Macau, constituem a rede actual da ANI.

Ao entregar a Dutra Faria o prêmio “Afonso de Bragança,” o Secretário Nacional da Informação, dr. César Moreira Baptista, teve para o Director Executivo da ANI palavras de alto elogio, dizendo, nomeadamente, que “a sua reportagem sobre o

juízo do caso de Portugal-União Indiana, no Tribunal de Haia, se é um exemplo de como se faz jornalismo pois na objectividade dos factos lhe cumpria relatar, não deixou de ter também a vibração do autêntico patriota que ele tem demonstrado ser em tantas circunstâncias.”

---

O dr. Dutra Faria e sua esposa, seguirão de Caracas, via México, para San Francisco, a fim de visitar algumas comunidades luso-americanas da Califórnia. Depois dirigir-se-ão a Nova York, donde virão a Rhode Island e Massachusetts.

Os ilustres viajantes devem estar nestas paragens entre os dias 10 e 15 de Dezembro próximo.

As entrevistas referidas neste artigo estão integradas nas suas crónicas de viagem, publicadas em diversos jornais da rede da ANI, entre os quais se contavam o *Jornal da Madeira* e o *Diário de Notícias* de New Bedford, de onde as coligimos. Mas não deixa de ser interessante o facto das mesmas terem sido publicadas à escala global, em todo o mundo português de então.

Refira-se ainda que na edição do dia 5 de novembro do prestigiado jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, foi publicada a entrevista concedida ao mesmo por Dutra Faria:

### **MAIOR INTERCÂMBIO DE NOTÍCIAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

— Não vim lançar no Brasil a Agência de Imprensa portuguesa ANI, visto como ela já transmite para este país um boletim telegráfico de 1000 palavras pelo menos, de que são assinantes quase todos os jornais cariocas, emissoras, casas regionais portuguesas e até bancos — declarou à nossa reportagem o jornalista português Dutra Faria, recentemente chegado ao Rio de Janeiro.

Disse mais o Sr. Dutra Faria, um dos mais conceituados profissionais da imprensa portuguesa, que vem estudar as possibilidades de expansão dos serviços da ANI em nosso país, na execução de planos que considera inadiáveis.

#### **Notícias do Brasil em Portugal**

— A ANI apenas dá notícias de Portugal para o Brasil ou também distribui notícias do Brasil à imprensa portuguesa?

— Das cinco agências que servem à imprensa portuguesa em regime de viva concorrência (duas portuguesas: a ANI e a Lusitânia, trabalhando esta sobretudo de Lisboa para as nossas províncias ultramarinas), duas internacionais (a France Press e a Reuter) e ainda a espanhola Efe, é a ANI, sem dúvida, a que distribui maior número de notícias do Brasil, quer enviadas pelos nossos correspondentes no Rio, em S. Paulo, quer recebidas da United Press International, agência de cujos serviços noticiosos temos exclusividade para todos os territórios portugueses.

#### **A Censura**

— Mas as notícias que nos manda de Portugal são sujeitas — observamos — à censura prévia.

— Não. Há censura prévia para os jornais em Portugal. Porém não há censura para as notícias que se enviam de Portugal para o estrangeiro, nem podia sequer tecnicamente haver, pois duas, pelo menos, das agências internacionais que trabalham em Lisboa, a UPI e a AFP, estão ligadas por linhas diretas de telex a Londres e a Paris, respectivamente.

### Organização

- Quem censura, pois, as notícias que a ANI envia para o Brasil? – perguntamos.
- Ninguém. Temos os nossos informadores, que recolhem as notícias; e um redator, familiarizado com as exigências e os gostos da imprensa do Brasil, que seleciona essas notícias, lhes dá a forma definitiva e, finalmente, as reduz à linguagem telegráfica. Fatos, só fatos. E, quando há necessidade de algum comentário, para tornar mais compreensível qualquer fato, então esse comentário é sempre assinado por um jornalista responsável e categorizado.

### Sociedade Por Quotas

- É a ANI uma agência oficial?
- Nem sequer oficiosa. É uma sociedade por quotas e hoje propriedade exclusiva dos seus dois directores: eu e o Barradas de Oliveira, ambos jornalistas profissionais. Aliás, a melhor prova de que isto é assim está no fato de sermos membros da Aliança das Agências Europeias de Imprensa, organização que inclui as agências nacionais finlandesa, sueca, norueguesa, dinamarquesa, alemã, holandesa, belga, austríaca, suíça, italiana, espanhola, jugoslava e turca, assim como a France Press.

### Intercâmbio

- E mantém intercâmbio noticioso com todas essas agências?
- Não com todas, exatamente, mas com a sueca TT, com a norueguesa NTB, com a dinamarquesa RB, com a alemã DPA, com a holandesa ANP, com a BELGA, com a suíça ATS e sobretudo com a italiana ANSA; e ainda com a agência israelita ITIM e a agência indonésia ANTARA. Além disso, temos, como já disse, exclusividade, em todos os territórios portugueses, dos serviços noticiosos da UPI.

Acerca da preleção realizada por Dutra Faria no Brasil, o DNNB de 7 de novembro de 1958 divulgou a seguinte informação alargada:

#### **Uma conferência de Dutra Faria na “Casa dos Açores,” do Rio de Janeiro**

RIO DE JANEIRO, (ANI) — O jornalista Dutra Faria, director da e redactor principal de “A Voz,” proferiu ontem, na Casa dos Açores, uma conferência intitulada “Os Açorianos em Angola.”

O conferencista foi apresentado pelo jornalista açoriano Raimundo Canto e Castro, que falou em nome dos açorianos, e pelo dr. Pizarro Loureiro, de “A Voz de Portugal,” em nome dos jornalistas brasileiros.

Ontem, também, Dutra Faria e sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, foram entrevistados por Celestino da Silveira para o programa “Portugal em TV,” da Televisão Tupi.

Durante essa entrevista, Celestino da Silveira congratulou-se com a notícia de que está em estudo a visita do grupo de bailados “Verde Gaio” ao Brasil e afirmou: “Queremos isso e muito mais; desejamos a visita de companhias de teatro português.”

Antes, Dutra Faria tinha almoçado no edifício de “O Globo,” com o director daquele jornal, Ricardo Marinho.

Hoje, no Clube Comercial, o jornalista português é o convidado de honra num almoço, a que assistem os directores da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, comendadores António Sarda, Monteiro Guimarães, Horácio Pinto Coelho,

Adriano Seabra, Soares de Medeiros, Joaquim Fernando Bordalo, António Pedro Rodrigues e o dr. Herculano Rebordão, Adido de Imprensa à Embaixada de Portugal.

**“Só por imposição da necessidade  
é que o emigrante açoriano não será pastor ou pescador...”**

Na sua interessante conferência, Dutra Faria falou da vocação histórica do emigrante açoriano para a pastorícia e o mar – pescador e pastor – declarando:

“Pescador, é-o hoje ainda na Nova Inglaterra – os famosos “capitães” de Gloucester, que deram um romance a Kipling, têm quase todos sangue açoriano e muitos dos seus barcos chamam-se ainda hoje (e assim mesmo em português) “Senhor Santo Cristo,” “Senhora dos Milagres,” “Divino Espírito Santo,” “Virgem de Fátima”; pescador, é-o, também, no Sul da Califórnia, em San Diego; pescador, é-o nas ilhas Hawai.

Pastor, é-o na Califórnia. 75 por cento do leite ali negociado provém ainda agora de vacas propriedade de açorianos – e isto lembra-nos de que houve também um tempo em que eram açorianos todos os leiteiros e todos os marchantes do Rio. São de ilhéus, na próspera Califórnia, quase todos os ranchos dos vales de S. Joaquim, de Santa Clara, de Sacramento – e mais para o interior não é difícil encontrar transformado pela pradaria em “cow-boy” o mesmo filho dos Açores que o pampa transformou em gaúcho.

E não será com certeza por acaso que em todo o Portugal há apenas duas regiões onde o toiro bravo e o gosto pela corrida de toiros são tão populares como nas mais “aficionadas” províncias da Espanha; uma é o Ribatejo, evidentemente – o colorido Ribatejo da lezíria e do campino; mas a outra é precisamente uma das ilhas dos Açores, é a Ilha Terceira, uma terra tão “aficionada,” tão profundamente “tauromáquica,” que até a sua Aljubarrota a ganharam aos espanhóis, na Salga, os aguçados chifres dos seus toiros...

Pois bem. O mesmo açoriano que “virou” gaúcho no Sul do Brasil e “cow-boy” na pradaria norte-americana aprendeu em Angola a lidar com o carro “bóer” puxado por três, quatro juntas de bois – mas permaneceu fiel à sua vocação de criador de gado.”

**A epopeia do açoriano em África**

O jornalista fez, depois, uma detalhada descrição, rica de pitoresco e pormenor, acerca da epopeia de trabalho, sacrifício e esperança em dias melhores, duma colónia de açorianos estabelecida em Angola, onde do nada e graças à iniciativa de um emigrante de S. Jorge, surgiu a “Cooperativa de S. Jorge do Catofe.”

Ali, um grupo de famílias cada vez mais numeroso, vive, trabalha e sonha... o sonho de todos aqueles a quem o destino ou as circunstâncias levam a ir procurar vida melhor em outro ponto do globo.

(Dutra Faria, acompanhado de sua esposa, depois de visitar o Brasil e a Venezuela, virá aos Estados Unidos, principiando por visitar as colónias portuguesas da Califórnia. À Nova Inglaterra deve chegar nos primeiros dias de Dezembro, devendo visitar os núcleos lusitanos de New York, Connecticut, Rhode Island e Massachusetts.)

No dia 13 do mesmo mês o DNNB noticiou, nos seguintes termos, o tributo de que o Diretor Executivo da ANI havia sido alvo em terras de Vera Cruz:

**Dutra Faria homenageado por intelectuais do Brasil**

SÃO PAULO, (ANI). – Um grupo de intelectuais da Academia Paulista de Letras homenageou o Director da ANI, Dutra Faria, com um almoço. Promovido pelo

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, dr. Leite Cordeiro, e por Mário Graciotti e Tito Lívio Ferreira, o almoço realizou-se numa típica “cantina.”

A Colónia Portuguesa também ofereceu a Dutra Faria um banquete que se realizou na Casa de Portugal e a que assistiram numerosos representantes das associações lusas de S. Paulo. O Cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho, referiu-se, aos brindes, com elogio, à acção do jornalista e do patriota.

Por seu turno, a 14 de novembro, o *Jornal do Brasil* voltou a referir-se a este ilustre visitante. No início da secção “Visitas,” da rubrica “Sociedade em Revista” foi divulgada, nos seguintes termos, a visita que Dutra Faria realizou a uma antiga instituição portuguesa estabelecida no Rio de Janeiro:

Esteve em visita ao Liceu Literário Português o Sr. Dutra Faria, Diretor da Agência Nacional de Informações (ANI) de Lisboa. O jornalista português, que se fez acompanhar do representante-delegado da ANI no Rio de Janeiro, Sr. Américo Laeth de Magalhães, foi recebido pelo Presidente daquela instituição, Comendador José Rainho da Silva Carneiro, pelo Coordenador Cultural Professor Otacilio Rainho e pelo Chefe da Secretaria e dos Serviços de Imprensa, jornalista Frederico Rosa.

Sob o título **“VISITANTE ILUSTRE – DUTRA FARIA,”** o JP do mesmo dia, 14 de novembro, começou por referir o seguinte: “Conforme anunciámos no nosso número de 24 de Outubro, deve visitar muito brevemente a Califórnia o grande Jornalista português, Sr. Dutra Faria, que actualmente se encontra no Brasil.” Seguem-se as suas detalhadas notas biográficas que, por serem muito extensas, apresentamos em nota de rodapé.<sup>53</sup> Findas as mesmas foram divulgados dois

<sup>53</sup> “O jornalista português Dutra Faria nasceu em 22 de março de 1910, na Ilha Terceira, Açores. Cursou o Liceu em Angra do Heroísmo, nos Açores, e frequentou a Faculdade de Letras (Ciências Históricas e Filosóficas) em Lisboa. Ainda aluno do Liceu, publicou em 1928 ‘Ao Acaso,’ livro de novelas e de poemas em prosa, e fundou um quinzenário literário, ‘Os Novos’ e, mais tarde, em 1929, uma revista ‘de arte e doutrina,’ denominada ‘Cruzada Nova.’ Em Lisboa, foi sucessivamente redactor da revista ‘Política’ (1930), fundador e director (com António Pedro) do semanário ‘Acção Nacional’ (1931), fundador e redactor (com António Pedro, António de Sousa Rego e Amaral Pyyrait) do diário da tarde ‘Revolução’ (1932 e 1933), chefe da redacção do semanário literário (dirigido por Tomás Ribeiro Colaço) ‘Fradique’ (1935), director da secção literária do semanário literário-político ‘Acção’ (1936). Entretanto, publicou (1933) ‘Carta aberta ao director do “Diário da Manhã,”’ panfleto político; (1935) ‘Unidade da Juventude,’ conferência; (1936) ‘De Marinetti aos Dimensionistas,’ conferência; (1936) ‘Roda do Tempo,’ crónicas; e (1936) ‘Diário de um intelectual comunista,’ romance. / A partir de 1936, Dutra Faria, que fora até ali predominantemente jornalista político e escritor, adoptou o jornalismo como profissão, trabalhando activamente na Imprensa diária de Lisboa e escrevendo para jornais do Ultramar. / Em 1940, por uma série de crónicas publicadas no diário ‘Notícias,’ de Lourenço Marques, ganhou o prémio da melhor reportagem das Comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal; em 1957, o prémio ‘Afonso de Bragança (reportagem)’ do Secretariado Nacional da Informação, pelo conjunto das suas crónicas sobre o julgamento, no Tribunal Internacional de Haia, da queixa de Portugal contra a União Indiana, crónicas publicadas por todos os jornais diários de Lisboa, desde o oficioso ‘Diário da Manhã’ até à ‘República,’ órgão da oposição ao regime. / Fez, em 1941, para toda a Imprensa portuguesa, a reportagem da viagem aos Açores do Presidente Carmona; em 1944, a da viagem do Cardeal Patriarca de Lisboa a Angola e Moçambique, viagem sobre que escreveu um livro, ‘Navegação de paz e de glória,’ publicado em 1945; depois, em 1945, a reportagem da Conferência Internacional de San Francisco, que lhe deu também um livro, ‘San Francisco e o Problema da Paz,’ nesse mesmo ano editado; em 1947, a da canonização de S. João de Brito, em Roma; em 1948, a da ida à Espanha do Cardeal Patriarca de Lisboa e da imagem da Virgem que se venera em Fátima; em 1953, a da visita do Presidente Craveiro Lopes a Madrid; em 1954, a da viagem presidencial a Angola; ainda em 1954, a do ministro português dos Negócios Estrangeiros, prof. Paulo Cunha, ao Brasil; enfim, a reportagem da última fase dos acontecimentos de Goa, em 1956. / Entre as grandes figuras internacionais que tem entrevistado contam-se o Cardeal Spellman, o Cardeal Masella, o Emir Façal da Arábia Saudita, o filósofo Jacques Maritain. / Como convidado pelo Governo britânico, visitou a Inglaterra em 1946 e em 1955; como convidado do Governo de Bruxelas, a Bélgica, em 1948; como convidado do Governo de Bona, a Alemanha ocidental e Berlim, em 1955. / Foi subchefe e logo depois chefe da redacção do ‘Diário

despachos noticiosos emitidos pelo correspondente da ANI na capital brasileira, com o intuito de dar a conhecer aos leitores luso-americanos as andanças deste ilustre terceirense por terras de Vera Cruz:

### CONFERÊNCIA DE DUTRA FARIA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 5 – ANI – “Açorianos em Angola” foi o tema de uma conferência do jornalista Dutra Faria, Director executivo da ANI, no Rio de Janeiro.

Encontrando-se no Brasil, aonde se deslocou para tratar de assuntos relacionados com a expansão dos serviços da agência noticiosa portuguesa na América do Sul, Dutra Faria – a quem tem sido dispensado carinhoso acolhimento, não só pelo jornal “O Globo,” cujo director, Roberto Marinho, ofereceu um almoço em sua honra, como também pela Federação das Associações Portuguesas e outras entidades – proferiu, ontem, na Casa dos Açores, e a convite da respectiva direcção, uma conferência a que assistiram elementos de relevo da vida portuguesa no Rio de Janeiro e inúmeros sócios da colectividade.

Apresentado pelo jornalista açoriano Raimundo Canto e Castro, que o saudou em nome da Casa dos Açores, e pelo dr. Pizarro Loureiro, do jornal “A Voz de Portugal,” que lhe prestou homenagem pelos jornalistas brasileiros, Dutra Faria começou por falar, em breve apontamento histórico, sobre as origens dos Açores e da sua colonização, para, em seguida, dando conta dos sonhos e anseios das gentes do arquipélago que as levam à emigração, anotar a facilidade com que os açorianos se adaptam ao meio onde vivem, ao mesmo tempo que guardam fidelidade à terra donde partiram.

“O mesmo açoriano que “virou” gaúcho, no sul do Brasil e “cow-boy” na pradaria norte-americana, aprendeu em Angola a lidar com o carro “bóer,” puxado por três, quatro juntas de bois – mas permaneceu fiel à sua vocação de criador de gado.”

Contou, depois, como nasceu, no sertão do Catofe, uma autêntica colónia açoriana, onde se encontram 60 famílias, cuja vida económica e social descreveu em pormenor. Os promotores da iniciativa, à frente dos quais está Vicente Teixeira de Matos, “querem, porém, mais e melhor,” acentuou, para, depois, dizer:

“Desejariam, acima de tudo, que ao redor de S. Jorge do Catofe outros núcleos de açorianos se fixassem, numa federação de cooperativas. Dessa maneira, a pouco e

---

da Manhã’ de 1944 a 1947; e é redactor principal do diário ‘A Voz’ desde 1951. Desempenhou as funções de chefe dos Serviços Culturais da ‘Mocidade Portuguesa’ (função no desempenho das quais fundou uma escola de locutores da Rádio, criou o ‘Teatro da Mocidade’ e levou a efeito as primeiras experiências de valorização efectuadas em Portugal com os teatrinhos de fantoches e depois inspector dos Serviços de Formação Ultramarina da mesma organização, chefiando, como tal, uma missão de estudos que percorreu toda a província de Angola, em 1951. Fundou em 1947, com outros dois jornalistas, Barradas de Oliveira e Marques Gastão, a agência de Imprensa ANI, sociedade por quotas que é hoje propriedade exclusiva de Dutra Faria e Barradas de Oliveira, seus actuais directores. / Esta agência, que é membro da Aliança das Agências Europeias de Imprensa e possui desde Janeiro de 1956 o exclusivo em todos os territórios portugueses dos serviços noticiosos da United Press International, distribuiu em 1957, à Imprensa portuguesa, 8.713.000 palavras e enviou para o Brasil, na sua ‘press’ diária, 360.000 palavras telegráficas. Na sede da ANI, em Lisboa, trabalham cerca de 50 pessoas, entre jornalistas, tradutores, dactilógrafos, operadores de teletipo e distribuidores ciclistas. / Países que Dutra Faria conhece: Brasil, Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Marrocos, União Sul Africana e Paquistão, além das províncias ultramarinas portuguesas de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, de Angola, de Moçambique e da Índia. / Condecorações que possui: comendador do Mérito Civil da Espanha; cavaleiro pontifício da Ordem de S. Silvestre; cavaleiro da Ordem helénica de S. Jorge. / Desportos que pratica: a pesca à linha de mar e do rio. / Dutra Faria casou em Agosto de 1936 com Noémia Gil Faria, também jornalista, que o tem acompanhado e auxiliado em várias das suas reportagens e na direcção da agência ANI. Mas a actividade mais destacada de Noémia Gil Faria é como cronista de modas, sendo as suas crónicas publicadas por numerosos jornais portugueses e brasileiros. / Noémia Gil Faria (que é Dama da Ordem espanhola do Mérito Civil e tem os cursos de música e de teatro do Conservatório Nacional de Lisboa) acompanha seu marido na actual viagem ao Brasil, Estados Unidos e Venezuela.”

pouco, iriam surgindo, ao redor da igreja e do império e do coreto e das casas de S. Jorge do Catofe, um S. Miguel, uma Terceira, uma Graciosa, um Faial do Catofe... E as nove ilhas dos Açores desdobrar-se-iam em Angola noutras tantas aldeias com os mesmos nomes e a mesma gente humilde, laboriosa e honesta.”

### **UMA MENSAGEM DE SAUDAÇÃO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES**

RIO DE JANEIRO, 7 – ANI – Uma mensagem de saudação dos jornalistas portugueses a Herbert Mosés, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, foi entregue ao prestigioso jornalista brasileiro, pelo Director da ANI, Dutra Faria, que se encontra em missão no Brasil.

Enviada pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas, de Lisboa, a mensagem refere-se ao dr. Herbert Mosés nos mais elogiosos termos e considera a ABI como “a mais expressiva legenda dos laços fraternos que unem os profissionais de Imprensa dos dois lados do Atlântico.”

A 17 de novembro o DNNB referiu-se a outra homenagem prestada no Brasil ao ilustre visitante:

### **Dutra Faria recebeu e Medalha da Imperatriz Leopoldina**

S. PAULO, (ANI) – A “Medalha Imperatriz Leopoldina” foi entregue, no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, ao jornalista português Dutra Faria, director executivo da ANI.

Referindo-se à visita de Dutra Faria a S. Paulo, o jornal “O Tempo” elogia a obra do jornalista e sublinha os serviços prestados pela ANI à causa do intercâmbio noticioso luso-brasileiro.

Na edição do dia seguinte este órgão informativo luso-americano anunciou que este jornalista já havia partido rumo a outro país, acrescentando ainda diversas informações acerca do último dia passado no Brasil:

### **Encontra-se na Venezuela, o Dr. Dutra Faria**

RIO DE JANEIRO, (ANI) – O director executivo da ANI, Dutra Faria, que, acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, veio ao Brasil estudar a expansão dos serviços da agência noticiosa portuguesa, seguiu para a Venezuela em idêntica missão.

Em honra de Dutra Faria, o Conselheiro da Embaixada de Portugal, dr. Paulo Coelho, ofereceu um jantar de despedida, tendo também sido homenageado pela Federação das Associações Portuguesas e pela Casa dos Açores.

No dia da partida, Dutra Faria visitou as mais importantes instituições culturais e de beneficência portuguesas e a Imprensa referiu-se à sua partida com palavras de carinho e estima.

No dia 21 de novembro o DNNB anunciou a chegada deste casal a um novo país do continente americano:

### **Chegou ao México o jornalista Dutra Faria e esposa**

CIDADE DO MÉXICO, (ANI) – O Director executivo da ANI, Dutra Faria, chegou a esta cidade procedente da Venezuela, com sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria.

Em Caracas, onde tratou de diversos assuntos relacionados com a expansão dos serviços noticiosos da sua agência, Dutra Faria foi homenageado com um almoço oferecido pelos directores do Centro Português e pelo jornal “Ecos de Portugal.”

Na edição do JP do mesmo dia foi anunciada, para breve, sob o título **“VISITANTES ILUSTRES,”** a chegada à Califórnia do Comandante José Cabral, assim como do jornalista Dutra Faria. Se em relação ao primeiro foi especificado o dia e hora da sua chegada – agendada para 29 de novembro – relativamente ao segundo foi referido que se presumia que chegasse também por essa altura, frisando no entanto não possuir nenhuma informação concreta nesse sentido. A mesma notícia alvitrava ainda que estes visitantes deveriam ser homenageados pela comunidade portuguesa ali radicada e exortava à colaboração dos interessados em cooperarem na mesma.

Na primeira página da edição seguinte deste jornal de Oakland, datada de 28 de novembro, foi destacada, nos seguintes termos, a chegada e périplo deste ilustre açoriano pela costa oeste dos Estados Unidos:

### **O Jornalista Dutra Faria na Califórnia**

Na quinta-feira, dia 20, chegou a São Francisco o distinto jornalista Dutra Faria, que em missão especial da Agência Nacional de Informação de Lisboa, da qual é muito competente Director, veio até à Califórnia para conseguir uma ligação mais estreita, entre aquela Agência, os jornais portugueses que se publicam nos Estados Unidos e bem assim, todos os programas de rádio portugueses existentes na América.

Aqui na Califórnia, acompanhado de sua Esposa e do Director deste semanário, o dinâmico jornalista procurou avistar-se, no Vale de San Joaquin, com todos os directores dos programas radiofónicos, em casa do Sr. Dr. Raul de Campos, gentilmente cedida para esse fim.

Compareceram a essa reunião os Srs. Joaquim Morrison e Esposa, Joaquim Correia, José Dias de Sousa, Mary D. Sousa e seu marido.

A convite do Sr. Frank Martins visitou rapidamente o seu Rancho em Hanford.

Em Turlock avistou-se também com o Sr. Frank Mendonsa, director dum programa emitido naquela cidadela.

Em San Francisco e no Consulado de Portugal, compareceram à reunião destinada à região da Baía os directores dos programas radiofónicos Srs. Artur Ávila e D. Celeste Ávila, do Programa Castelos Românticos e a Sra. D. Azelina Soares de Azevedo, como representante do Director do Programa “Ecos de Portugal,” Leonel Soares de Azevedo. O Sr. Dutra Faria deve seguir hoje com destino à Costa do Leste aonde vai em igual missão.

Desejamos ao distinto jornalista e sua Esposa boa viagem e o maior sucesso para a sua simpática e patriótica missão.

Na mesma edição deste semanário outrora publicado em Oakland foram ainda publicados dois breves despachos emitidos do Brasil pela ANI, dando conta de duas homenagens de que este jornalista fora alvo aquando da sua passagem pela capital paulista:

### **A Colónia Portuguesa do Brasil Homenageia o Sr. Dutra Faria**

SÃO PAULO, 10 – ANI – Um grupo de intelectuais da Academia Paulista de Letras homenageou o Director da ANI, Dutra Faria, com um almoço. Promovido pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, dr. Leite Cordeiro, e por Mário Garciotti e Tito Lívio Ferreira, o almoço realizou-se numa típica “cantina.”

A Colónia Portuguesa também ofereceu a Dutra Faria um banquete que se realizou na Casa de Portugal e a que assistiram numerosos representantes das associações lusas de S. Paulo. O Cônsul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho, referiu-se, aos brindes, com elogio, à acção do jornalista e do patriota.

### **Dutra Faria Condecorado Em São Paulo, Brasil**

S. PAULO, 8 – ANI – A “Medalha Imperatriz Leopoldina” foi entregue, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao jornalista português Dutra Faria, director executivo da ANI.

Referindo-se à visita de Dutra Faria a S. Paulo, o jornal “O Tempo” elogia a obra do jornalista e sublinha os serviços prestados pela ANI à causa do intercâmbio noticioso luso-brasileiro.

Por seu turno, na edição do mesmo dia, 28 de novembro, o DNNB também divulgou, através dum breve despacho da ANI, a sua chegada aos Estados Unidos através do Estado da costa oeste banhado pelas águas do Pacífico:

### **O Dr. Dutra Faria encontra-se na Califórnia**

SAN FRANCISCO, Califórnia, (ANI). – Os programas radiofónicos em língua portuguesa das numerosas emissoras das comunidades luso-norte-americanas do Vale de San Joaquim – foram objecto de conversações entre o jornalista Dutra Faria, director executivo da ANI, e os respectivos organizadores.

Acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, o director executivo da ANI, que se demora na Califórnia alguns dias, visitou as comunidades luso-norte-americanas e percorreu, com o director do “Jornal Português,” de Oakland, Alberto Lemos, algumas propriedades agrícolas de lavradores portugueses ou luso-descendentes.

---

O dr. Dutra Faria e sua esposa tencionam chegar a Nova York no dia 1 de Dezembro, onde se demorarão três dias, partindo em seguida para a Nova Inglaterra.

No dia seguinte o DNNB noticiou a chegada, em breve, deste ilustre jornalista à cidade baleeira, anunciando ainda a homenagem que o próprio jornal lhe prestaria:

### **DUTRA FARIA**

Depois de uma visita aos núcleos portugueses da Califórnia, deve chegar a esta cidade em meados da próxima semana, o ilustre jornalista e escritor Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação e redactor principal do jornal “A Voz.”

Dutra Faria, que se faz acompanhar de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, será hóspede num almoço a realizar em New Bedford, oferecido pelo “Diário de Notícias,” com a adesão dos directores de programas portugueses de rádio e de outras entidades do nosso meio.

A 2 de dezembro este órgão noticioso divulgou a chegada deste terceirense a Nova Iorque, ocorrida na véspera, assim como refere a grande homenagem que lhe foi prestada pelo Presidente da Câmara Municipal de Oakland:

### Encontra-se em N. Y., o jornalista português Dutra Faria

NEW YORK – Chegou ontem a esta cidade, vindo da Califórnia, onde visitou os núcleos portugueses daquele estado, o jornalista Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação (ANI), acompanhado de sua esposa, a cronista de modas, Noémia Gil Faria.

Os visitantes permanecerão hoje e amanhã nesta cidade, partindo em seguida para a Nova Inglaterra, onde se demorarão cerca de uma semana.

### Na Califórnia

OAKLAND, (ANI) – Em honra do director da ANI, Dutra Faria, realizou-se no Município de Oakland uma cerimónia em que o “Mayor” da cidade, Clifford Rischell entregou ao jornalista português as chaves simbólicas da cidade, seguindo-se um almoço para o qual foram convidados, além da esposa do homenageado, a jornalista Noémia Gil Faria, as autoridades municipais e as figuras mais representativas da colónia luso-norte-americana de S. Francisco e Oakland.

Dutra Faria foi também recebido nos principais jornais, entre eles o “Oakland Tribune.”

Na rubrica “Voz dos Álamos”, da autoria de Celina Conde – sobrinha do Rev. dr. Manuel Rocha, de Ludlow, assalariada da ANI e colaboradora deste jornal luso-americano – inserta na edição do DNNB do dia seguinte, foi publicado o seguinte elogio ao Director Executivo desta agência noticiosa:

*Se ainda for viva, no dia do funeral do Dr. Dutra Faria, hei-de voar a Lisboa, em avião de jacto, de onde quer que me encontre em serviço da ANI, e pedirei licença para fazer o seguinte panegírico:*

Senhoras e Senhores:

Os oradores, que me precederam, desfolharam, sobre esta campa de um grande jornalista e de um ardente português, as pétalas da mais viva saudade. Louvastes as suas excelsas virtudes, que tantas foram. Permiti-me que, em paradoxo de eterna gratidão, relembre o seu maior defeito. Refiro-me, como sua idolatrada esposa bem pode testemunhar, ao seu inquebrantável espírito de contradição.

Adolescente, foi encarregado do discurso de circunstância, em certa comemoração. Quem mandava deu-lhe ordem terminante para inserir determinadas frases na peroração. Dutra Faria não achou bem. O discurso perdia a unidade. Não obedeceu.

\* \* \*

Anos depois, estudava na Universidade. Escrevia já nos jornais. Certo autor francês tomara atitudes ousadas que levaram quem de direito a proibir os seus escritos. Dutra Faria quis verificar com seus próprios olhos. Convenceu-se mais tarde de que nem tudo o que luz é oiro. E dessa vez arrependeu-se de ter desobedecido.

\* \* \*

Anos depois, pensou-se que ANI devia seguir na pegada das suas congéneres e utilizar os automatismos das máquinas que levam as notícias ao tipógrafo, já prontas. Ideia genial? Dutra Faria não a achou viável. E recusou a maravilha das maravilhas!

\* \* \*

Já foi julgado. Mas todos sentimos que, no dia do Juízo Final, ele há-de ouvir, em merecida consagração: “VEM, BENDITO DE MEU PAI. Tinha fome e deste-me de comer. Tinha sede e deste-me de beber. Estava encarcerado e visitaste-me.”

E, o que parecia defeito, há-de fulgir em glória imarcescível: soube dizer que não a todas as tentações da vaidade e a todas as seduções do servilismo!

Na edição do dia 5 desse mês o DNNB anunciou a partida do Diretor Executivo da ANI de Nova Iorque rumo às comunidades portuguesas da costa leste dos Estados Unidos:

### **O jornalista Dutra Faria em visita à Nova Inglaterra**

Partiu ontem de New York, para uma visita aos núcleos portugueses da Nova Inglaterra, o distinto jornalista e escritor, Dutra Faria, director da Agência Nacional de Informação (ANI) e redactor principal de “A Voz,” que se faz acompanhar de sua esposa, a cronista de modas, Noémia Gil Faria.

Os visitantes, que ontem ficaram em Ludlow, como hóspedes do Rev. dr. Manuel Rocha, tencionam avistar-se com os directores dos programas portugueses de rádio, desta região, com vista ao estabelecimento de um intercâmbio de notícias e o lançamento de um “jornal radiofónico,” a fim de reavivar os contactos entre os portugueses da América e a Mãe-Pátria.

A próxima segunda-feira será destinada a New Bedford, sendo os ilustres visitantes alvo de uma recepção e jantar promovidos pelo “Diário de Notícias” e um grupo de amigos desta cidade.

A rubrica “Voz dos Álamos”, de Celina Conde, patente nessa mesma edição deste jornal, foi inteiramente dedicada à viagem deste casal pelas Américas, apresentando a sua agenda para a parte remanescente da mesma:

O meu Director, Dr. Dutra Faria, e sua dedicada esposa vêm encantados da viagem. Visitaram o Brasil, a Venezuela, o México e a Califórnia.

Domingo passado foram ao almoço hóspedes de Sua Excelência o Embaixador de Portugal, Senhor Dr. Luís Esteves Fernandes, que muito se interessou pelas diligências realizadas, para *Bem de Portugal*.

Passaram três dias em Nova York, onde foram homenageados pelo Director da Casa de Portugal, Engenheiro Freire de Andrade.

Mantiveram vários contactos com a UNITED PRESS.

Acompanhados pelo Sr. Luís Gomes, visitaram em Newark o sr. Vasco Jardim, director do LUSO-AMERICANO.

Hoje visitaram em Hartford a família Moreira e à noite chegaram a Ludlow.

Nesta sexta-feira visitam várias Emissoras de Rádio, em Providence e Fall River.

Sábado visitam Boston.

Domingo estarão em Ludlow.

Segunda-feira visitarão New Bedford.

Voltarão a Nova Iorque; e no sábado, 13, regressam a Lisboa, via Paris.

Por seu turno, o JP de Oakland, do mesmo dia – 5 de dezembro de 1958 – divulgou, na primeira página, uma interessante crónica descrevendo circunstanciadamente os passos deste ilustre visitante

pela costa oeste dos Estados Unidos e o caloroso acolhimento de que foi alvo aquando da sua passagem por aquela região:

### **JORNALISTA DUTRA FARIA E SUA ESPOSA D. NOÉMIA FARIA DE VISITA À CALIFÓRNIA**

Vamos tentar dar a conhecer aos nossos prezados leitores, numa breve resenha, o movimento de recepções e franco acolhimento dispensados na região da Baía, ao Director Executivo da Agência Nacional de Informação.

Depois duma recepção afectuosa no aeroporto da cidade de São Francisco, aonde compareceu o Cônsul de Portugal e outras pessoas que já conheciam Dutra Faria, foram os nossos ilustres visitantes hospedados no Hotel Beverly Plaza, em São Francisco.

No domingo 23 a distinta compositora D. Áurea Baptista, que hoje reside em São Francisco, e que conheceu o jornalista Dutra Faria em Lourenço Marques, África Portuguesa, aproveitou o ensejo da sua passagem por aquela cidade para reunir na sua casa, além de pessoas de família, senhoras da sua particular estima e amizade, como a talentosa tradutora de línguas Sra. D. Adelaide Smithers e a poetisa D. Josefina do Canto e Castro.

Num convívio encantadoramente familiar foi servido um chá num ambiente de distinção que muito cativou os ilustres visitantes.

---

Na tarde desse mesmo dia, já com outros convivas, pois acompanhavam o jornalista e sua Esposa o sr. Dr. Carlos Fernandes e o casal Ávila de “Castelos Românticos” – foi-lhes oferecido um lindo passeio pelos mais pitorescos lugares de São Francisco, e chegado ao Fisherman’s Wharf foi a vez do casal Ávila se manifestar oferecendo, num dos melhores restaurantes daquele lugar, um apetitoso almoço.

Seguiu-se o passeio e depois de se admirar as belezas do Muir Woods, de longada se foi até Marconi, aonde fica no Marin County a linda propriedade do sr. Dr. Carlos Fernandes, que fechou numa acolhedora recepção aonde não faltou um opíparo jantar esse domingo, que deve ter ficado de memória aos visitantes.

---

Segunda-feira, 24, foi como já descrevemos no último número deste Jornal, destinada para a visita ao Vale de São Joaquin, Turlock e Hanford, aonde o jornalista e sua esposa foram acompanhados do Director deste jornal. Sr. Alberto Lemos.

---

Na quarta-feira, 26, marcou como nota principal do dia, o almoço oferecido ao jornalista e sua Esposa pelo Mayor [e pelo] International Hospitality Committee of City of Oakland for Portugal, do qual é muito activo Presidente o sr. Marcy H. da Costa. É de notar o entusiasmo e o extraordinário interesse que este luso-americano põe em tudo o que seja para honrar o nome de Portugal. Com uma disposição invejável, põe tudo em movimento e o factor mais importante em reuniões desta natureza – alegria, esse, comunica-se a todos porque Marcy da Costa tem um sorriso permanente que pode pôr a distância qualquer pontinha de tristeza que tente estragar o ambiente.

É um grande animador e por isso pensamos que Marcy da Costa está muito a carácter para o lugar que ocupa no Committee.

O almoço teve lugar numa das mais chics salas do já famoso restaurante Sea Wolf, de Oakland – e cujo menu foi esplêndido (mas vá lá uma nota patriótica) o vinho servido era português legítimo, e como tal, aportuguesou também a ementa.

As saudações de estilo falou em primeiro lugar o Mayor da cidade de Oakland, Mr. Clifford E. Rishell, que de tão amigo que é de Portugal, leva-nos por vezes a julgá-lo português quando o vemos crescer, para falar das coisas que viu em Portugal, e mais agradavelmente o impressionaram. Foi intérprete perfeito do seu feliz improviso o sr. Marcy da Costa.

O Mayor Mr. Rishell quis distinguir o jornalista Dutra Faria entregando-lhe a chave da cidade, gentilíssima lembrança de alto significado por ter sido poucas vezes concedida a visitantes estrangeiros.

Dutra Faria também soube improvisar um agradecimento feliz, porque deixou falar o coração e quando o coração está directamente ligado ao cérebro, não há figuras de retórica, mas sim apenas naquela simplicidade que encanta pela singeleza de palavras que refrescam, porque trazem ideias novas, dum bom entendimento que cada vez mais se intensifica entre os Estados Unidos e Portugal.

Compareceram neste almoço além das pessoas já mencionadas: Mr. David Hop, chefe editorial do “Oakland Tribune,” Mr. Knowland, Sr. Dr. Vasco F. Pereira, Cônsul de Portugal; Sr. Dr. Carlos Fernandes, Mr. e Mrs. Arthur V. Ávila, Mrs. Marie Alves, Mrs. M. Costa, Mr. John Valim, Mr. Alberto Lemos e Mr. Canto e Castro.

---

Os visitantes, na companhia dos seus amigos, visitaram nesse mesmo dia a redacção e oficinas do Oakland Tribune, assim como uma famosa taberna de Oakland, que nos dispensamos agora de descrever porque pretendemos conhecê-la melhor nos seus curiosos e interessantíssimos pormenores para fazermos referência especial à Taberna Museu.

Dutra Faria e esposa ainda na quarta-feira tiraram tempo para visitarem as residências de Mrs. Maria N. Silveira, Dr. Carlos Fernandes e casal Ávila, em Oakland, aonde foram carinhosamente recebidos e tratados.

---

Depois foi a United Press de São Francisco que recebeu com um requinte de atenções o sr. Dutra Faria e Esposa.

No luxuoso Normandie Restaurant, em São Francisco, foi oferecido um jantar aos visitantes pelo Sr. J. Faria em que assistiram os Srs. Artur Ávila e esposa, Mrs. Maria Cabral e Mrs. Maria Carvalho Rogers.

---

Embarcaram os visitantes na sexta-feira às 11:30 na United Air Lines, no aeroporto de São Francisco, com destino ao Leste tendo comparecido à despedida, entre outras pessoas, o sr. Cônsul de Portugal, Manuel Reis, e o Director deste jornal.

Por sua vez, a 9 de dezembro o DNNB destacou a visita que os ilustres visitantes fizeram, na véspera, à Cidade Baleeira, onde foram homenageados com um jantar oferecido por este órgão de comunicação social, que reuniu num hotel as forças vivas da comunidade portuguesa e não só:

**Dutra Faria e Esposa estiveram ontem em New Bedford****Foram recebidos fidalgamente em toda a parte****O “Diário de Notícias” ofereceu-lhes um jantar no New Bedford Hotel**

No “tea room” do New Bedford Hotel, um grupo de portugueses desta região foi ontem hóspede do “Diário de Notícias” e do seu director e Mrs. João R. Rocha, numa festa de confraternização em honra do ilustre jornalista dr. Dutra Faria e de sua esposa, Madame Dutra Faria.

Foi uma festa simples, como convinha, e só há a lamentar que D. Noémia Gil Faria – “Petrónia das elegâncias Portuguesas” – como lhe chamou o dr. Manuel Rocha – não dissertasse mais longamente sobre a defunta linha trapézio, (e nós não sabíamos ainda que havia dado a alma ao criador) ou sobre a clássica “Império”...

No entanto, a sua presença senhoril e simpática cativou todos os presentes e foi, sem dúvida, uma das razões das contínuas despedidas que teimavam em não se materializar...

**Uma viagem de estudo e saudade**

A viagem de Dutra Faria aos núcleos portugueses do leste dos Estados Unidos, foi uma viagem de estudo e saudade. Depois de uma volta pelo Brasil, de um salto à Venezuela e de uma digressão pela Califórnia, os jornalistas não podiam deixar de visitar a “Capital dos Portugueses da América”: New Bedford.

Tanto mais que os portugueses desta costa têm sido mantidos em contacto com a Mãe-Pátria, através das notícias da Agência ANI, de que Dutra Faria é dinâmico director executivo. E, desejando expandir ainda mais as actividades da sua agência de informação, Dutra Faria resolveu alargar o seu âmbito, a fim de abranger as dezenas de programas radiofónicos portugueses do Leste e do Pacífico, e parece-nos ter conseguido o seu objectivo.

**Um acto de reconhecimento**

A festa de ontem foi, antes de mais nada, um acto de reconhecimento por parte do “Diário de Notícias” e seu director. Este jornal muito deve à Agência ANI, desde a fundação desta, há 10 anos.

Independentemente de pontos de vista ou concepções políticas, a Agência ANI, na sua missão de informar, veio completar o serviço de informação do “Diário de Notícias,” mantendo com ele um contacto permanente e inalterável.

E, à parte os inestimáveis serviços profissionais prestados a este jornal, o seu director e Mrs. João R. Rocha tinham, para com o casal Faria, uma dívida de gratidão por todas as gentilezas que lhes dispensaram durante a sua recente visita a Portugal.

**“E os homens, falaram...”**

Em primeiro lugar, o nosso director. Cabia-lhe apresentar os convidados de honra, e dizer da razão da sua presença. O sr. João Rocha teve palavras e encómios para os jornalistas distintos que ali se encontravam connosco, e da mesma forma para o casal gentilíssimo que os recebera em Lisboa, acrescentando, seguidamente, o mestre-de-cerimónias, sr. dr. Madureira e Castro.

Depois de se referir aos visitantes, e ao papel da ANI, na difusão de notícias e no estreitamento dos liames que unem o imigrado ao torrão natal, o sr. dr. Castro falou também do “Diário de Notícias” e do seu director. A existência de um jornal diário em língua portuguesa na América, era um facto de que todos os portugueses conscientes se

orgulhavam. A imprensa de língua portuguesa tinha o seu lugar marcado, por constituir uma inestimável manifestação cultural daqueles a quem o destino trouxe a viver em terras estranhas, mas que jamais se divorciaram completamente da sua língua, cultura e tradições.

E depois de algumas palavras de Francisco Oliveira, que falou em nome dos programas radiofónicos portugueses locais, falou o convidado de honra, Dutra Faria.

“Colaboramos há dez anos, e nunca eu perguntei ao sr. João Rocha quais eram as suas ideias, nem ele me perguntou quais eram as minhas” – disse o Director da Agência ANI, em síntese feliz. E na verdade, tem sido atitude humaníssima de colocar o homem acima das suas concepções, que vem caracterizando as relações entre a ANI e o “Diário de Notícias.”

E o orador, em palavras cheias de graça e de sentimento, disse do prazer em se encontrar ali no meio de um grupo de portugueses, gente que, embora vivendo em país estranho, continuava a sentir como verdadeiros portugueses.

E falou do interesse e da sua emoção, ao ouvir falar a língua portuguesa na rua, no campo, no elevador do hotel, “como se realmente estivéssemos em Portugal.” Nós havíamos criado – disse ele – com o nosso trabalho, a nossa perseverança e o nosso apego ao passado, um pequenino mundo português, no meio deste portentoso mundo que é a América.

### **Palavras de Evocação**

Para Guilherme M. Luiz, fundador do “Diário de Notícias,” e que ali se encontrava, como não podia deixar de ser, Dutra Faria falou como português e como terceirense, visto que ambos viram a luz do dia nesse pequeno pedaço de terra atlântica. E falou a saudade. Guilherme Luiz fora amigo de seu pai, e isso era razão de sobra para ser seu amigo também.

### **“Hei-de mandar notícias boas e más...”**

Assim disse Dutra Faria ao referir-se a uma frase de Francisco Oliveira, pedindo que nos enviasse sempre “boas notícias.”

Procurarei ser objectivo, e por isso não prometo que todas as notícias que enviar para a América, serão sempre boas notícias. Serão boas e serão más. Mas todas elas serão notícias da nossa terra, da terra que, embora pequena e modesta, vive, estou certo, no vosso pensamento e na vossa saudade. Serão notícias da terra portuguesa, onde nascestes ou os vossos pais, onde tereis parentes e amigos, gente do mesmo sangue, da mesma cultura e com um passado histórico comum. E oxalá que um dia chegue a hora do regresso, e que, como o sr. João Rocha, possais ver com os vossos olhos, o que se fez e o que falta ainda fazer.”

Dutra Faria referiu-se depois ao passado, presente e futuro do “Diário de Notícias,” porque, “este não é um homem mas uma instituição que deve sobreviver os homens.” E contou, sensibilizado, o gesto humano do sr. João R. Rocha que, pouco antes de entrar na sala de operações – “para onde se vai como para uma batalha, de onde nunca se sabe se se regressará” – a última recomendação que fizera a sua esposa, fora esta: “Nunca deixes acabar o “Diário.”

### Fala Madame Faria

Madame Faria, que o dr. Castro apresentou seguidamente, foi breve nas suas considerações e nas suas expressões de gratidão e agradecimento. Sem dúvida demasiado breve, pois as numerosas senhoras presentes dariam o “cavaquinho” por uma dissertação sobre esse eterno problema que tanto as preocupa: a moda. E D. Noémia, como cronista das elegâncias internacionais, era a pessoa indicada para falar dos gostos e preferências das senhoras portuguesas, com aquela graça e aquele *tic* humano que caracteriza todas as suas crónicas da especialidade.

E a sessão de discursos encerrou com mais algumas palavras evocativas do dr. Manuel Rocha, pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Ludlow. Falou nele o terceirense, o condiscípulo, o amigo e o Português, evocou passagens da vida de Dutra Faria, desde os primeiros versos escritos com o arroubo próprio da idade, às grandes reportagens de Haia, sobre a crise Portugal-União Indiana, que lhe valeram o prémio “Afonso de Bragança.”

Além das entidades já referidas, recorda-nos ter visto, entre outras, as seguintes pessoas:

Sr. António A. Costa e esposa; dr. e Mrs. Mário Bueno; dr. e Mrs. John Barrows, presidente da Sociedade Pedagógica Portuguesa; Rev. Henrique Rocha, pároco de Santa Isabel de Bristol; Luís Gomes, presidente da União Portuguesa Continental; Manuel Calado e esposa; Camilo Câmara, antigo Cônsul de Portugal; Manuel Rodrigues e esposa; António Cacella e esposa; Ferreira Mendes; Frank Ferreira e esposa; Frank Mendes e esposa; José Carreiro e esposa; D. Maria Alves, Francisco Oliveira, Guilherme Luiz e esposa, Gregory Luiz, Carlos Morais e esposa, Miss Helen Miguel, D. Maria Laurinda Vasconcelos Paulo, Raymond Luiz e esposa, Serafim Cardanha e esposa, Frank Cavanaugh e esposa, D. Emily Alferes, José Luiz, Miss Helen Athouguia, Miss Amy Andrews, John F. Martins, Miss Joan I. Rocha.

Na mesma edição deste jornal luso-americano foi ainda destacada a visita efetuada ao principal jornal em língua inglesa dessa cidade, através da seguinte peça, ilustrada com uma fotografia obtida no decorrer da mesma:



O escritor e jornalista Dutra Faria e sua esposa, D. Noémia Faria, visitaram ontem o “Standard-Times”, sendo recebidos pelo sr. Charles J. Lewin, (à esquerda), Editor e “General Manager” daquele jornal.

### A visita de Dutra Faria ao nosso colega “Standard-Times”

O jornalista Dutra Faria, director da ANI e sua esposa, visitaram ontem, cerca das 2.30 da tarde, acompanhados do nosso director e Mrs. João R. Rocha, de Luís Gomes, presidente da U. P. C, e do rev. dr. Manuel Rocha, o nosso colega “Standard-Times.”

Os visitantes foram recebidos com a maior deferência – na ausência do seu director, sr. Basil Brewer, que se encontra em Los Angeles, onde tem uma irmã doente – no gabinete do sr. Charles J. Lewin, editor e “general manager.”

Os jornalistas portugueses tiveram oportunidade de trocar impressões sobre vários assuntos e aspectos da vida internacional, inclusive as amistosas relações existentes entre Portugal e os Estados Unidos.

Seguidamente, o dr. Dutra Faria foi entrevistado pelo redactor do “Standard-Times,” Elmer Rodrigues, acerca desta sua visita e das impressões colhidas durante a sua digressão pelas Américas.

Na rubrica “Voz dos Álamos” da mesma edição deste jornal luso-americano foi divulgada uma nova crónica da autoria de Celina Conde, redigida a 9 de dezembro, o mesmo dia em que saíra esse jornal:

O meu Director da ANI e o Pároco de Bristol, Rev. Pe. Henrique Rodrigues da Rocha, são amigos de infância.

O Rev. Pe. Henrique Rocha já nesse tempo revelava o espírito matemático que o havia de levar às cumeeiras da relatividade, para lhe esboroar os fundamentos fictícios que as maravilhas da técnica em nada confirmam.

Francisco de Paula Dutra Faria já ensaiava os primeiros voos no firmamento da poesia.

O Rev. Pe. Henrique Rocha nunca fez versos, mas apreciava os trabalhos literários do amigo.

Francisco de Paula não sofria dessa doença que ainda hoje arruína os estudos: o abismo que muitos vêem entre Letras e Ciências. Nessa mentalidade una em que ambos foram exímios, está o segredo do futuro: homens práticos, grandes realizadores, e, ao mesmo tempo, dados à Contemplação.

\* \* \*

Encontraram-se aquando da assinatura da Carta das Nações Unidas.

As suas rotas continuavam com rumo certo.

Um matemático.

Outro poeta.

Ambos, homens práticos.

\* \* \*

Nunca mais se viram. Nunca se escreveram.

\* \* \*

Domingo passado o casal Dutra Faria foi à Festa da Irmandade do Rosário de Bristol.

O Rev. Pároco levou-os ao palco. Na presença de 300 Senhoras!

O meu Director teve medo (diz ele). Falar a 300 Senhoras!

Deu a palavra à sua gentil esposa, que falou maravilhosamente de modas (é árbitra de elegâncias!) mas sobretudo rectificou um conceito. Pensa-se na Europa que a mulher americana é Rainha em trono magnificente!...

D.<sup>a</sup> Noémia Gil Faria, nesta rápida digressão, viu quanto equívoco há nesse conceito.

A mulher americana é uma colaboradora sacrificada, generosa, cheia de optimismo. O espírito contemplativo da Matemática e da Poesia, no sentido prático da vida dura ao serviço de um grande ideal.

Nem é Rainha nem é escrava.

É mulher.

Noiva.

Esposa.

Mãe!

A aludida entrevista concedida por Dutra Faria e sua esposa ao *Standard-Times*, de New Bedford, foi publicada na sua edição 9 de dezembro, acompanhada por uma foto da visita a este jornal de língua inglesa da cidade baleeira, e ocupa quase uma página inteira. Apresentamo-la seguidamente, mantendo a língua em que foi publicada:

### **Noted Portuguese Journalist, Wife Feted in City**

A distinguished Portuguese journalist wound up a 45-day North and South American tour with a stop in New Bedford yesterday, including visits to the Portuguese Daily News and The Standard-Times newspapers.

"My visit to America wouldn't be complete without coming to New Bedford – the largest Portuguese community in the United States," said Dr. Francisco Dutra Faria, executive manager of the Portuguese National Press Agency (ANI).

"Neither would it be worthwhile without a visit to the Standard-Times, of which we have heard and know so much about in Portugal," he added.

### **Given Party**

Here with his wife as guests of Joao R. Rocha, Publisher of the Portuguese Daily News, [the] only Portuguese daily newspaper in the United States, Dr. and Mrs. Faria were feted at a dinner party at the New Bedford Hotel last night by more than 50 persons from the Portuguese community here.

As director of the Portuguese Government news agency, similar to the British counterpart, Reuters, Dr. Faria has traveled widely in journalistic endeavors. The agency is a member of the European Press News Agency and since 1936 has held exclusive franchise among all Portuguese territories for the United Press International.

A novelist and political analyst, Dr. Faria's important works include a novel, "The Diary of an Intellectual Communist," and a report on the 1945 San Francisco Conference. During his 1945 visit to the United States, he interviewed many notable Americans, including Cardinal Spellman, Henry Wallace, Sumner Welles and Walter Lippmann.

The Portuguese Government has conferred two awards on him, the first in 1940 and one this year. The latter was for his report on the "Complaint of Portugal Against the Indian Union in the International Court of Justice at The Hague."

### Published Here

His daily column, including dispatches of his American impressions, is published in the Portuguese Daily News here. A fashion column by his wife, Mrs. Noemia Gil Dutra Faria, also a noted journalist, is run daily in the Portuguese newspaper.

Dr. Faria's goodwill visit to Brazil, Venezuela, Mexico and the United States primarily was to strengthen ties with Portuguese newspapers, radio and television stations in these countries. His agency serves these news media, which includes 40 Portuguese radio programs, a daily newspapers and three weeklies in the United States.

Following visits to Rio de Janeiro and San Paulo in Brazil, Dr. and Mrs. Faria also toured Caracas, Venezuela, Mexico City and cities in California before coming East.

"It is gratifying to see how persons of Portuguese descent have retained the character, customs and love for their mother country," Dr. Faria noted. "That's what has made them good American citizens."

He said he experienced an emotional uplift when he saw a World War II memorial monument in Ludlow with names of Portuguese-American dead inscribed.

### Starts Magazine

His agency, which serves 50 daily newspapers in Portugal and its territories, from Mozambique to Goa in India, and also 11 dailies in Lisbon, "stresses news with the international flavor."

The Portuguese newspaperman, who at 18 published his first book of short stories, received his Doctor of Philosophy Degree in 1936 from the University of Lisbon. He started his first magazine in 1928, a literary bimonthly publication, and then in 1936 turned to the newspaper field, working for a Lisbon daily.

He leaves Friday for Lisbon from New York, regretful, he said, to leave "such a cordial, friendly country."

Mrs. Faria, who also is dispatching daily columns on her first American visit, said she was amazed at the misconception she had of life in the United States.

"Your movies depict Americans as living a very synthetic life," she noted. "How untrue that is, I am most impressed by the family life in America, there is such a love of family, a deeply religious bearing."

### "Slave to Gadgets"

She added that another misconception was that modernization places the American woman on the level of a "queen," with gadgets and equipment to do her work. "Actually, the American woman works very hard, and, in fact, is more a slave to all her gadgets," she said.

The charming Mrs. Faria, who travels regularly to Paris, London and Rome in line with her fashion column writing, noted that women in the United States are as well dressed as any in Europe. She particularly stressed the chicness of women in San Francisco and New York as second to none.

Commenting on the weather, Mrs. Faria gave a delightful analogy on the impression it made on her.

"In Lisbon, where it is always warm, I never saw snow except on the Christmas cards my American and English friends would send me. Now, seeing it snow here, it seems I am receiving hundreds of Christmas snowflake cards."



PORTUGUESE VISITORS to New Bedford, Dr. and Mrs. Francisco Dutra Faria, third and fourth from left, scan an issue of the Standard-Times during a visit to the newspaper here yesterday. Left are João R. Rocha, Publisher of the Portuguese Daily News in New Bedford, and Mrs. Rocha, who were hosts for the journalistic couple. At right is Luis Gomes of the Casa de Portugal of New York City, a Portuguese public relations agency. Dr. Faria is executive manager of the Portuguese National Press Agency, for which his wife writes a daily fashion column. Their stop in New Bedford was part of an American tour.

Na rubrica “Voz dos Álamos” do DNNB de 10 de dezembro a colaboradora Celina Conde voltou a referir-se ao casal visitante, debruçando-se, desta vez, sobre o tema do jantar de homenagem com que tinha sido distinguido:

Através da cintilante reportagem do DIÁRIO e pelo que me contam alguns dos convidados, a festa de Nova Bedford ao casal Dutra Faria teve aprumo: esta marca admirável de uma sociedade pluralista em que espontaneamente se evitam os temas que podem magoar qualquer dos elementos presentes.

O Sr. Dr. Madureira e Castro não fez um discurso a respeito de cada orador. Disse tudo. Sem uma palavra inútil.

Dutra Faria, nem sequer por deduções implícitas, fez desta o ensejo de apologéticas. Não teve medo nenhum do “que dirão.”

Prestou homenagem ao DIÁRIO e ao seu director. Um homem que entra na sala de operações (donde não sabe se volta) a recomendar à esposa que não deixe morrer o jornal, é incontestavelmente um grande jornalista e um grande português.

Há onze anos que a ANI e o DIÁRIO colaboram.

Desde que a ANI começou, deu as notícias ao DIÁRIO sem lhe perguntar quais eram as suas ideias. Nunca seleccionou as notícias.

Mandou sempre todas as notícias.

E o DIÁRIO publicou-as sem averiguar das ideias de quem as escrevia.

\* \* \*

Por isso, quando o casal João Rocha e a Joaquina encantadora chegaram a Lisboa, Dutra Faria e esposa (que não tem um momento livre) estiveram totalmente ao seu serviço.

Uma das primeiras palavras de João Rocha, ao sair do clorofórmio (ou lá o que é) foi: estão aí a chegar o Dr. Dutra Faria e a Esposa; vão estes médicos deixar-me sair de casa nessa altura?

\* \* \*

Não há dúvida.

A Festa de New Bedford teve aprumo.

Na mesma edição deste jornal foi ainda referido, telegraficamente, que os ilustres visitantes já se encontravam de novo em Nova Iorque, a aguardar o regresso a Lisboa: **DR. DUTRA FARIA** – *Encontra-se em Nova York, acompanhado de sua esposa, D. Noémia Faria, o jornalista e escritor português, Dr. Dutra Faria, os quais regressam a Portugal, via Paris, de avião, no próximo sábado.*

A 15 de dezembro, o DNNB referiu-se do seguinte modo ao seu retorno a Portugal, ocorrido dois dias antes:

### **Dutra Faria partiu no sábado, com destino a Lisboa**

NOVA YORK – Acompanhado de sua esposa, a cronista de modas D. Noémia Faria, partiu no sábado, de avião, com destino a Lisboa, via Paris, o ilustre escritor e jornalista, dr. Dutra Faria, director da agência noticiosa ANI.

Aos dois simpáticos e distintos portugueses, que deixaram amizades em toda a parte por onde passaram, desejamos que tenham um feliz regresso a Portugal.

Na edição do dia seguinte foi publicada uma fotografia obtida no jantar de homenagem a Dutra Faria e esposa, realizado a 8 de dezembro, acompanhada da respetiva legenda:



VISITANTES ILUSTRES — Esta foto foi tirada por ocasião da recente visita a estas paragens do escritor dr. Dutra Faria e de sua esposa, a cronista de modas D. Noémia Faria. Sentadas, a contar da esquerda: D. Zulmira Cordanha, D. Noémia, D. Maria M. Rocha, D. Ana Maria Castro, e o rev. dr. Manuel Rocha. De pé: Luís Gomes, Serafim Cardanha, dr. Faria, e o dr. António Madureira e Casto.

A 26 de dezembro o DNNB divulgou uma notícia enviada da capital portuguesa pela ANI confirmando a chegada ali do seu responsável:

### **Dutra Faria Regressou a Lisboa**

LISBOA, (ANI) – O director executivo da ANI, Dutra Faria, acompanhado de sua esposa, a jornalista Noémia Gil Faria, regressou a Lisboa, depois de haver visitado as

colónias portuguesas do Rio de Janeiro e de São Paulo, de Caracas, da Califórnia e da Nova Inglaterra, aonde se deslocou para tratar da expansão dos serviços da ANI e estudar a intensificação do intercâmbio noticioso entre Portugal e o Brasil.

### 2.3 Opinião dos luso-americanos acerca deste “Jornal de Viagem”

Enquanto foram sendo publicados estes textos no DNNB são praticamente inexistentes comentários aos mesmos nas páginas deste jornal. Só no final da sua publicação surgiram algumas observações a alguns deles, que nos permitem aferir o impacto que tiveram junto do público luso-americano. Seguidamente iremos expor tais opiniões.

A primeira encontra-se inserta na rubrica “Escreve o Leitor” na edição de 26 de janeiro de 1959, no artigo intitulado “Responde ao Sr. Joaquim Nogueira”, da autoria de António Marques da Silva, residente em Nova Iorque. No seu texto refuta as acusações de parcialidade deste jornal, expressas pelo seu antagonista, e a dado momento registou a seguinte opinião: “E assim como tenho lido com agrado alguns artigos de Dutra Faria, especialmente as suas crónicas de viagem, não tenho concordado com a doutrina que ele expressa em outros.”

Na rubrica “Coisas do Arco-da-Velha”, patente na edição de 4 de fevereiro, surge o seguinte comentário à opinião deste terceirense acerca dos cemitérios americanos, expressa na crónica n.º 24, de permeio com a defesa do exercício físico:

É preciso andar, irmãos! É preciso esticar as canelas, num passeio diário por essas ruas, parques e cemitérios. E cemitérios também, pois porque não? Que, embora o sr. Dutra Faria deplora o abandono dos cemitérios americanos, nós, que fomos criados debaixo do terror da morte e do horror ao cipreste, à tumba e ao portão com uma caveira no cimo, preferimos a “passagem” filosófica, o “passed away” do americano, ao desalentado carpir, à horrenda choradeira das carpideiras profissionais. Mas como íamos dizendo, é preciso andar, correr, fazer exercício, e o cemitério, à falta de melhor, pode servir de pista de treino. (...)

Na crónica n.º 45 Dutra Faria refere-se às paróquias portuguesas na América e citou o nome do Pe. Cascais, radicado em Cambridge, a quem terá feito uma pergunta. Ciente de não lhe ter dado a melhor resposta, este eclesiástico reformulou-a e deu-a a conhecer na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 2 de março:

Senhor Director:

Permita-me uma rectificação. Quando o Dr. Dutra Faria, na sua passagem por Cambridge, me deu a honra de perguntar, à sua despedida, o que eu Queria para Portugal, eu disse-lhe que desejava que dissesse ao Governo Português que desse escolas aos grupos coloniais, para ensinar a nossa língua à geração nova.

Como o meu pedido fosse um pouco confuso, por impropriedade de palavras, eu desejo esclarecer a minha intenção: quando me referi a escolas, não tinha, de maneira alguma, em mente o desejo de pedir edifícios escolares, mas sim professores, subsidiados pelo erário português, para ensinarem a língua, a história e o amor a Portugal, à gente moça da nossa Colónia. Até se poderia julgar a minha pretensão um pouco ofensiva, por não faltarem bons salões que possam servir, como salas de aula, para ensinar a nossa querida língua, tanto nas igrejas, como noutras instituições portuguesas.

Em resumo: é de professores e não de edifícios que precisamos, por ser desnecessário pedir sacrifícios que não são precisos.

A meu ver, para nosso brío e honra de Portugal, teremos de conjugar todos os nossos esforços, boa vontade e poder político, para conseguirmos aula de português nos liceus oficiais. Isto sim. Isto é que será honroso para nós.

Já vai sendo tempo de nos deixarmos de utopias.

Enfrentemos a realidade como ela se nos apresenta e não como, a sonhamos. E haja prudência, porque, por me parecer imprudente a minha pretensão, é que eu me apresso a rectificá-la a bem do brío da Colónia e do erário português que não deve despende um centavo que seja, para satisfazer a vaidade ou conveniências pessoais.

Com desejo de muita saúde e felicidades e muitíssimo obrigado pelo espaço tomado, me subscrevo Amigo e V.or Mto. Obgdo.

Pe. Manuel J. Cascais  
Cambridge, Mass.

Dois dias volvidos, Ana Silva divulgou, na mesma rubrica, alguns reparos ao texto n.º 40, alusivo a Ludlow, corrigindo algumas observações deste ilustre terceirense sobre o monumento ali existente, dedicado aos portugueses daquela localidade que combateram na guerra:

Senhor Director:

Esta carta diz respeito a um artigo publicado pelo “Diário” no dia 25 de Fevereiro.

Nesse artigo, (Jornal de Viagem – 40) o sr. Dutra Faria conta as suas impressões da nossa vila de Ludlow, da qual temos muito orgulho. Foi um bom artigo, e nós agradecemos-lhe sinceramente. Porém, ao referir-se ao nosso monumento aos combatentes da Segunda Guerra escreveu:

“Defronte da sede do Grémio Lusitano, ergue-se um pequeno monumento onde se gravaram os nomes de todos os portugueses de Ludlow que se bateram durante a guerra, integrados nas Forças Armadas dos Estados Unidos. Foram cerca de 90, dos quais três caíram no campo de batalha, etc.”

Foi chamada a minha atenção pelo presidente da comissão do monumento, o qual declarou que tal descrição não corresponde à verdade. A comissão é constituída por quatro cavalheiros que abnegadamente e sem qualquer remuneração cuidam do arranjo do terreno que circunda o monumento, e que são os srs. Anicete Ferreira, José Carolo, Afonso Nascimento e Manuel Varão. Esta comissão deseja informar os leitores deste jornal, do seguinte:

1. Que o monumento mede 14 pés de altura e 12 de diâmetro, e que, portanto, não pode ser considerado um “pequeno monumento.”

2. Há 199 nomes inscritos no monumento – 190 homens e 9 mulheres – e não apenas 90, como se diz no artigo.

A Comissão tem o maior orgulho no seu monumento aos combatentes da guerra, e agradecerá que estas correcções fossem feitas no “Diário de Notícias.”

Agradecemos ao sr. Dutra Faria, pelas suas amáveis palavras, bem como a V. e ao “Diário,” pela publicação deste esclarecimento.

Atenciosamente

ANA SILVA  
473 Winsor Street  
Ludlow, Mass.

Na última crónica deste ilustre jornalista o mesmo refere-se ao clero português e elogia o papel desempenhado pelos padres oriundos dos Açores junto das comunidades portuguesas da Califórnia, constituídas sobretudo por gente dessas ilhas. O modo como se expressou suscitou algumas duras críticas por parte de alguns eclesiásticos portugueses naturais do Continente radicados na América, que viram isso como um insulto e fizeram questão de expressar o seu desagrado em três missivas publicadas na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 12 de março:

### UM ESCLARECIMENTO

SENHOR DIRECTOR:

Nós, abaixo assinados, repudiamos, muito magoados, em desagravo do nosso brio de sacerdotes portugueses, o velado insulto com que nos acaba de mimosar o jornalista português Dutra Faria, Director da ANI, de Lisboa. Aquele culto senhor estabelece infeliz distinção entre sacerdotes continentais, madeirenses e açorianos quando se refere ao apostolado do clero português nos Estados Unidos da América do Norte.

Na sua crónica de 13 de Dezembro do ano passado, mas publicada no “Diário” no dia 9 de Março do corrente ano, última série de impressões pessoais, faz a seguinte afirmação (até nos parece prosa encomendada: “Efectivamente, o sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar. **SOBRETUDO QUANDO É AÇORIANO** e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos.”

Como é que o jornalista na sua rápida passagem, teve tempo para comparar o trabalho apostólico de cada comunidade ou de cada paróquia, e como soube ele avaliar o resultado, para estabelecer diferença entre continentais, madeirenses e açorianos? O facto de dar notícias para os jornais, não o torna infalível nas suas afirmações que, a avaliar pela que fica acima, deveras falha de sinceridade, de imparcialidade e, sobretudo, de prudência, não honrariam nada o Director da ANI.

Lembraram-nos ter ele apelado para a união da comunidade portuguesa, por ter notado bastante desunião, e comete a imprudência de tentar cavar a desunião entre o clero? Seria só por falta de prudência ou revelará isto bairrismo estreito? Nós sempre nos considerámos clero português e não clero desta ou daquela parte.

A cegueira do bairrismo pode levar-nos a fazer figura de pouco educados.

A afirmação do jornalista Dutra Faria não o honra nada, nem nos parece ser gesto digno do lugar que ocupa.

Ele não fechou com chave dourado, como se costuma dizer, as suas crónicas, porque terminou insultando todo o clero, visto que todo ele se julga português, sem distinção.

Temos para nós que ninguém o tenha tratado, em Lisboa, como açoriano, mas sim como português que é.

Desculpe, Senhor Director, o espaço tomado, mas não podíamos deixar passar sem correcção a afronta de que fomos vítimas.

Com desejo de muita saúde e felicidades, nos subscrevemos V.ors A.os e Mto. Obgdos.

Pe. Manuel J. Cascais – Cambridge

Pe. João F. Silva – Lowell

Pe. Joel D. Oliveira – Cambridge

**FALA NEWARK**

SENHOR DIRECTOR:

Só a falta de tempo, que não a falta de vontade ou de brio, me tem impedido de escrever de vez em quando, umas linhas para o “Diário de Notícias,” não a justificar atitudes minhas, ou de outros que comigo trabalham, ou que com o meu trabalho se relacionam, mas para pôr alguns pontos nos *iiii*.

O mesmo motivo, e esse apenas, me tem levado a deixar a caneta de lado e antes ignorar esses “escritores” e “escritoras” que por vezes por aí aparecem a dizer, por escrito, o que pensam, ou a assinar, umas vezes aquilo que outros escreveram, outras vezes a escrever e a publicar coisas que os outros nunca assinaram, mesmo ainda quando a assinatura devia vir de um organismo oficial português.

Mas hoje, com ou sem tempo, não posso deixar de levantar o meu protesto acerca de certos escritos do sr. Dutra Faria, que por aqui andou em romagem e que, em pouco tempo, devido à sua grande inteligência, ou a qualquer outra fonte de informação onde foi beber, que não a ANI, tem dito coisas de nós já conhecidas, assim como outras que nos surpreendem bastante, que há já tantos anos estamos metidos neste meio. Lemos com paciência as primeiras, mas as segundas são difíceis de digerir. Tenho pena de Deus não me ter dotado com uma memória de elefante, para poder recordá-las todas. Mas é melhor assim – Deus sabe o que faz – e por isso não roubarei tanto espaço ao seu e nosso jornal. Tenho apenas as duas últimas crónicas daquele Senhor.

Que ele diga que em New York o condutor do táxi é russo, o porteiro alemão, a secretária do amigo polaca e por aí fora, está bem ou podia estar. Mas que diga também que “só os que falham é que regressam a New York” (e até talvez tivesse também no seu pensamento, New Jersey, dá vontade de gritar em inglês americanizado: “Are you kidding, Sir?”

Mas não é esta, nem outras como esta, tal como os que fracassam, andar em New York com sapatos nos pés cobertos de lama (!) que me levou hoje a apresentar o meu protesto, apesar do pouco tempo que tenho para tudo isto.

O que me faz hoje levantar a minha voz, é a mágoa que sinto da má informação que lhe deram a respeito dos padres continentais, e a pouca prudência que teve em publicar no seu “Jornal de Viagem” tamanho insulto.

Respeitei, respeito e sempre respeitarei a acção e obras apostólicas e sociais dos meus reverendos colegas portugueses açorianos, mas não vejo razão nenhuma para “casaco” ou “capote,” que fará agora para “sobretudo.”

Esse “sobretudo quando é açoriano,” cheira a cera de vela torta ou torcida. E já não é a primeira vez que esse cheiro passa pelas máquinas do nosso querido jornal, o “Diário de Notícias,” ou mesmo outros jornais portugueses.

Lembre-se, sr. Director, que água benta e presunção cada um toma a que quer. Todavia, para se estarem sempre a banhar, eu recomendo água fresca e sabão.

Renovando uma vez mais o meu protesto, e com votos de muita saúde, subscrevo-me, reconhecidamente

Pe. José L. Capote  
Padre Continental  
Newark 10 de Março de 1959

### ESCREVE O PADRE CALDAS

SENHOR DIRECTOR.

É deveras magoado e ofendido, que lhe peço um pouco de espaço no DIÁRIO.

Senhor Director, como sacerdote nascido e criado no Continente, mas que sempre me esqueço do lugar onde nasci e me criei, excepto quando me pedem a identificação deste, para me considerar apenas português, e do mesmo modo considero qualquer português, indistintamente do lugar da sua origem: Continente, Açores, Madeira, Cabo Verde, etc, sinto-me profundamente magoado com o INSULTO que me foi dirigido pelo Senhor Dutra Faria na sua crónica no. 48 publicada no DIÁRIO de 9 de Março do corrente ano. Por isso, sem desconsiderar os meus colegas e mais portugueses não-continental, por quem nutro a mesma consideração e respeito como se tivessem nascido a paredes-meias comigo, REPUDIO ENERGICAMENTE ESSE INSULTO, QUE TÃO INSOLENTAMENTE ME FOI ATIRADO, bem como aos meus colegas do Continente.

Lamento profundamente que o insulto, tão injusto como parcial, tivesse partido do Director da ANI. Pois sempre pensei que lugares desses fossem ocupados por homens de mentalidade bem esclarecida, e que, pelo menos quando escrevessem, especialmente quando o fazem como pessoas públicas, deixassem no tinteiro os bairrismos mesquinhos, só próprios de mentalidades tacanhas ou incultas, que bem longe de fomentarem o espírito de união e cooperação, lançam somente a desordem no seio das comunidades.

Muito agradecido, Senhor Director, pela sua gentileza, e, se me for permitido, voltarei ao assunto, porque a maior parte das crónicas de Dutra Faria bem precisavam de três ou mais Contra-crónicas cada...

Com a maior consideração

O AMIGO

**Pe. Constantino R. Caldas**

Bridgeport, Conn.

Conforme se pode aferir pelo teor destas cartas, estas respostas ao alegado insulto foram bastante contundentes e o visado teve conhecimento das mesmas, apesar de já se encontrar em Lisboa. A 17 de março o mesmo exerceu, na mesma rubrica, o seu direito de resposta, onde se redimiou das acusações contra si apontadas:

### A RESPOSTA DO DR. DUTRA FARIA

Reverendos Senhores P. Manuel J. Cascais, P. João F. Silva e P. Joel D. Oliveira – Respondo à carta de Vossas Reverências publicada no “Diário de Notícias” de Nova Bedford em 12 de Março, embora não me tivesse sido dirigida e, sim, ao meu querido amigo sr. João Rocha, ilustre director do jornal.

Foi humildemente – a humildade é uma virtude cristã e eu sou cristão – que verifiquei, pela vossa carta, haver pecado por falta “de sinceridade, de imparcialidade e, sobretudo, de prudência,” e mesmo de haver tentado (com qualquer misterioso e feio propósito) “cavar a desunião entre o Clero” português nos Estados Unidos. Perdoai-me e absolvi-me.

No entanto, é minha convicção íntima – mais uma vez, perdoai-me – ter sido sincero, ter sido imparcial e ter sido até prudente na crónica que mereceu – ai de mim! – tão indignados reparos a Vossas Reverências. E mais: ainda mesmo que fosse verdade,

ainda mesmo que animado de sombrias e sinistras intenções eu tivesse chegado aos Estados Unidos para “tentar cavar a desunião entre o clero” português, não o conseguiria. O clero é uma unidade. E, se isto é assim em toda a parte, com sobrada razão o será no caso de sacerdotes portugueses em país estrangeiro.

Assentemos, pois, em que não tentei cavar a desunião entre o clero português, nos Estados Unidos. Assentemos, depois, em que, mesmo que o quisesse, saíam ingloriamente baldados todos os meus esforços.

Posto isto, permiti-me que recorde o que escrevi na malfadada crónica, por Vossas Reverências tão severamente acoimada de insincera, de parcial e de imprudente.

Eu disse:

“O sacerdote desempenha, junto das comunidades portuguesas, um papel em que ninguém mais o poderá igualar.”

Prestei, assim, incondicional e justíssima homenagem ao clero, incondicional e merecidíssima homenagem a Vossas Reverências, sem excepções.

Foi, então, aqui, neste passo, que fui imprudente?

Parece que não. Parece que foi no que se lhe segue e é o seguinte:

“Sobretudo quando (o sacerdote) é açoriano e nas comunidades predominam, como na Califórnia, os açorianos.”

Evidentemente, onde nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos predominam os continentais, melhor se desempenhará da sua missão o sacerdote continental; e melhor o sacerdote madeirense, onde predominam os madeirenses. Ou não será assim?

Os açorianos, por exemplo, têm, entre as suas tradições mais queridas, as festas do Divino Espírito Santo. E posso garantir a Vossas Reverências que nos Açores – eu também seu açoriano – vi muita vez como reagem, perante essas tradições, perante essas festas, sacerdotes continentais, incluindo um prelado que foi, aliás, dos mais notáveis que teve a diocese de Angra.

Não expliquei, no entanto, o meu pensamento, naquela crónica, com a necessária clareza? Admito-o. E só me resta repetir o pedido: perdoai-me. Estou certo de que o fareis, na vossa grande bondade.

E, se alguma vez tornar aos Estados Unidos não deixarei de bater à vossa porta, senhor Padre Cascais, e à vossa, senhor Padre João Silva, e à vossa, senhor Padre Joel, para um abraço (a) DUTRA FARIA.

P. S. – Também li a carta do Reverendo Padre Capote e a do Reverendo Padre Constantino Caldas.

Estes dois, porém, fazem mais do que protestar contra a minha infeliz crónica e contra o infeliz jornalista que em infeliz hora a redigiu – desancam-me, positivamente reduzem-me a fanicos... E um homem desancado, desfeito, partido miudamente em bocadinhos, não responde, não contesta, não argumenta – geme, quando muito. É o que eu faço perante essas duas cartas de bem pouco misericordiosos sacerdotes – gemo, nada mais...

Apresentamos ainda o seguinte artigo, enviado da filial da ANI na Ilha Terceira e publicado a 19 de março no DNNB, onde é referido novamente o nome do seu Diretor Executivo e a viagem por ele realizada à América:

## O “DESAPORTUGUESAMENTO” DOS PORTUGUESES DA AMÉRICA

ANGRA DO HEROÍSMO, (ANI) – Sob o título “Desaportuguesamento” e comentando não só as conclusões a que chegou o jornalista Dutra Faria, Director da ANI, depois da visita que fez a diversos núcleos de portugueses das Américas do Sul e do Norte, como também as declarações, na Assembleia Nacional, do deputado dr. Peres Claro, escreve o “Diário Insular” desta cidade:

“Na sua viagem às colónias portuguesas da América, o Director da ANI, Dutra Faria verificou a necessidade de se adoptarem diversas medidas com vista a evitar o desaportuguesamento daqueles núcleos lusíadas.

“Talvez pela constatação do ilustre jornalista, talvez por conhecimento directo do problema, o deputado dr. Peres Claro, acaba agora de solicitar à Assembleia Nacional elementos que lhe permitem tratar da necessidade da existência de escolas de língua e cultura portuguesa junto das colónias lusas em países estrangeiros.

“Quer isto dizer – acentua o “Diário Insular” – que o assunto passando das colunas dos jornais à tribuna da Assembleia Nacional, fez jus à necessária oficialização e que, uma vez de posse dos elementos indispensáveis, aquele deputado pugnará pela concretização da ideia.

“Do facto ressalta não apenas a ideia do cuidado com que Portugal encara os múltiplos problemas relacionados com os seus emigrantes, a atestar o conceito em que tem o seu trabalho, mas também o papel decisivo da Imprensa, quer neste, quer noutros problemas de interesse nacional.”

Na rubrica “Escreve o Leitor” do DNNB de 1 de abril de 1959 voltaram a ser publicadas duas missivas ainda relacionadas com o conteúdo das crónicas de viagem de Dutra Faria, a primeira das quais da autoria de Albert Sousa, residente no Estado de Connecticut, que teceu algumas críticas ao teor das mesmas:

### ALBERT SOUSA DIZ DE SUA JUSTIÇA

SENHOR DIRECTOR:

Permita-me que por este meio manifeste o meu desagrado quanto a algumas apreciações do jornalista Dutra Faria acerca dos portugueses da América. Algumas delas podem comparar-se ao “show” de Ed Sullivan sobre Portugal, anunciado com grandes parangonas, como se ele tivesse realmente “descoberto” Portugal. Quando afinal deu a todos os que o viram e não conhecem o nosso país, uma ideia pobrezinha do que realmente é Portugal.

Habituara-me a considerar o sr. Dutra Faria como jornalista de envergadura, mas não sabemos o que lhe aconteceu durante a sua passagem pelos Estados Unidos, que influências o teriam dominado, que lhe não deixaram ver o que realmente deveria ser visto.

Aqui em Waterbury, Conn., existe uma comunidade portuguesa, que se orgulha da sua ascendência e conserva como poucas, as suas tradições, a sua língua e o seu amor à nossa terra.

Realmente, temos sido esquecidos algumas vezes e já se deu o caso de convidarmos o nosso Embaixador, e este recusar o convite por não ter ordens do governo português... e quer o sr. Dutra Faria fazer com que os portugueses se não esqueçam da sua Pátria de origem! (...)

**ALBERTO SOUSA**

52 Madison St., Waterbury, Conn.

Segue-se, no mesmo espaço, o comentário dum leitor de Fall River acerca do alegado insulto deste jornalista aos padres continentais na América, apresentando o mesmo a sua opinião, mais moderada, acerca desta temática:

### **SOMOS OU NÃO, TODOS PORTUGUESES?**

Senhor Director:

Cá venho mais uma vez moer-lhe o juízo com uma das minhas cartas. É possível que me enfastie em breve, mas, entretanto, cá vamos dizer alguma coisa sobre o que pensamos de uma “polémica” que recentemente se travou nesta mesma coluna. Fiquei calado até agora, para ver onde paravam as modas, pensando no sumo de todo aquele fraseado, nas palavras assanhadas dos molestados, e cheguei à conclusão de que tudo aquilo não passava de uma tempestade num copo de água.

Desde já declaro que não sou continental, mas não tenho quaisquer reservas contra os continentais, porque a todos considero como portugueses, e mais nada. Foi por isso que não encarei como um “insulto” a afirmação de Dutra Faria, sobre os padres açorianos, para os núcleos açorianos. Quem escreve tem que dizer alguma coisa. A afirmação, da maneira que estava feita, não me parece que desejava atingir fosse quem fosse. Pareceu-lhe que um padre açoriano estava mais preparado para apascentar um rebanho açoriano do que um continental, e estava no seu direito de exprimir o seu pensamento.

Porém os Revs. Continentais saltaram-lhe em cima de cajado no ar, e deram bordoadas de criar bicho. A coisa não era para tanto, e ademais, tratando-se de pessoas que não vieram para o nosso meio apenas para dizer missas, mas para servirem de exemplo de bondade, de tolerância, de compreensão. Reagindo dessa maneira impiedosa, foi o mesmo que dizer aos seus fiéis, que eles se devem atirar à garganta uns dos outros, por dá cá aquela palha.

O dr. Dutra Faria foi comedido e cristão na resposta, pelo que lhe tiramos o nosso chapéu. Só não aceitamos a sua teoria paroquialista, e com boas razões que podemos citar, que um padre açoriano fará melhor farinha numa colónia de maioria açoriana; o continental entre continentais, e o madeirense entre madeirenses. Pode ser assim, mas não devemos permitir que assim seja, se quisermos que a família portuguesa da América seja uma só. E o exemplo mais frisante contra a teoria do sr. Dutra Faria, está em que o Rev. Dr. Manuel Rocha, de Ludlow, depois de andar pela Califórnia, no meio de açorianos como ele, nada pôde fazer entre os seus, e onde havia de vir ele construir a sua igreja? Precisamente na comunidade mais continental dos Estados Unidos: Ludlow! Se a teoria de Dutra Faria é certa, então que alguém tenha dó dos fiéis açorianos da Califórnia.

Está bem ou não está?

A. F.  
Fall River

Na rubrica “Escreve o Leitor” da edição de 7 de abril foi publicada a correspondência dum emigrante radicado na Califórnia, manifestando o seu descontentamento pelo facto de Dutra Faria não ter sido devidamente elucidado acerca do trabalho dum padre micaelense ali radicado e denotando o mal-estar reinante no seio da comunidade portuguesa do Condado de Fresno:

## PROTESTANDO E CRITICANDO

Senhor Director:

Há falhas inconcebíveis que induzem à crítica...

Aquando da visita oficial do sr. dr. Dutra Faria ao condado de Fresno (que abrange Tulare, Hanford, Laton e outras vilas) a comissão de recepção não teve em consideração a apresentação de S. Exa. a um zeloso sacerdote micalense que, em prol dos açorianos muito tem diligenciado para o bem da comunidade nestas paragens. O nosso modo de ver leva-nos a protestar junto de quem de direito, por não apresentarem o jornalista ao dito sacerdote, a quem certamente, feriram na sua humildade e modéstia. A dois passos da casa aonde se realizou a sessão de boas vindas, poderia “alguém” levar S. Exa. a observar *in loco* a Igreja que os açorianos, com as suas dádivas construíram, dando assim ensejo ao ilustre director da ANI, de que nas suas crónicas, enaltecesse a obra dum ministro católico que no condado de FRESNO se tem empenhado pelo bem-estar espiritual dos portugueses. Mas não! Não houve a mais pequena reflexão dos senhores e senhoras da comissão que movidos, talvez, por um espírito de represália, malevolamente rebaixaram com este infeliz procedimento o nosso lusitanismo.

Porque não houve mais prudência e entendimento quanto ao programa das visitas? Ofenderam ou não o referido pastor? Se houve quaisquer mesquinhices entre alguns da comissão opostas à visita a Laton, essas mesquinhices não teriam razão de ser, visto que o dr. Dutra Faria veio aos Estados Unidos contactar com os portugueses e respectivo clero, não tendo ele culpa alguma dos desentendimentos havidos entre os Srs. da Comissão. Parece-nos que é assim. Se Zorro, o famoso esgrimista dos filmes de aventuras um dia aparecesse subitamente por aqui, decerto que com a sua espada mágica marcaria com um “Z” alguns petulantes do Condado de Fresno que, engrandecendo-se na sua soberba, nos prejudicam, mormente, como no caso presente, em que não existiu sequer um pouco de compreensão. Oxalá casos destes não se repitam mais, e se no futuro alguma entidade PORTUGUESA nos visitar em missão especial, como o sr. Dutra Faria, esqueçam-se inimizades e coopere-se mutuamente.

**Um residente do Vale de S. Joaquim,  
Califórnia**

Foram estes, em suma, os comentários publicados neste importante jornal luso-americano acerca das crónicas de viagem de Dutra Faria aos Estados Unidos em 1948, sinónimo da liberdade de expressão reinante neste país e também neste órgão informativo. Muito dificilmente as críticas aos seus textos seriam publicadas em Portugal, onde imperava o “lápiz azul” da censura.

## III. NOTAS FINAIS

As 48 crónicas de Dutra Faria, correspondentes ao igual número de dias que demorou a sua viagem pelas Américas, revestem-se duma grande importância pois registaram para a posteridade o sentir deste ilustre jornalista natural da ilha Terceira ao visitar diversos núcleos de emigrantes portugueses, e não só, nos diversos países por onde passou, em missão oficial, na companhia da esposa, no último trimestre de 1958.

Podendo ser considerado o porta-voz do Estado Novo, através das notícias que enviava para todo o mundo português através da ANI, que estabelecera mais de dez anos antes, nestes seus textos, que redigiu diariamente, em jeito de diário, quase que lhe passa ao lado a apologia ao regime então vigente em Portugal, cingindo-se praticamente o autor a narrar o que viu e sentiu no seu périplo americano.

Contudo, aqui e ali notam-se alguns indícios da expressão dessa sua ideologia, quer ao fazer por diversas vezes a apologia das antigas colónias portuguesas em África, de acordo com o discurso oficial da época, quer ainda ao referir-se aos “bons portugueses”, isto é, aos apologistas de Salazar, que deveriam ser uma minoria nos Estados Unidos dado que a grande maioria dos emigrantes portugueses radicados na América defendia a democracia para o seu país natal. Ainda no campo político, e fazendo jus ao aforismo de que no melhor pano cai a nódoa, não nos passa despercebida a sua tristeza ao saber da morte do ditador italiano e também do alemão, elogiando ainda o “soberbo Terceiro Reich.” Visto pelos olhos da atualidade, tal elogio a um regime que causou tanta destruição e morte na Europa não nos parece nada correto.

Ao longo da sua viagem Dutra Faria foi muito bem acolhido pelos portugueses com que se deparou no seio das várias comunidades pois, regra geral, estes acolhem muito bem quem os visita, para o que decerto também teria ajudado a empatia que lhes transmitia. O facto de ter viajado na companhia da esposa, também ela jornalista, e que também terá escrito as suas crónicas de viagem – divulgadas em fonte que não conseguimos apurar – também terá contribuído para espalhar um certo charme à sua passagem, assim como para merecer o bom acolhimento deste casal junto dos nossos patrícios emigrados.

Um aspeto digno de nota nestas suas crónicas é a sua habilidade para burilar, de modo exímio, a língua portuguesa. E, aqui e ali, alguns trechos dos seus textos poderão ser mesmo considerados como sendo prosa poética.

Para os estudiosos da diáspora portuguesa no mundo, nomeadamente no Brasil, na Venezuela e nos Estados Unidos, este “Jornal de Viagem” reveste-se duma grande importância porque revela-nos dados muito importantes acerca dessas comunidades lusas espalhadas pelo grande continente americano.

## Bibliografia

Imprensa madeirense:

- *Jornal da Madeira* (Funchal)

Imprensa brasileira:

- *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro)
- *O Globo* (Rio de Janeiro)

Imprensa luso-americana:

- *Diário de Notícias* (New Bedford, MA)
- *Jornal Português* (Oakland, CA)

Imprensa norte-americana:

- *The Hanford Sentinel* (Hanford, CA)
- *Newport Daily News* (Newport, RI)
- *Standard-Times* (New Bedford, MA)

## *Diário da epidemia, Parte I<sup>1</sup>*

João Bendito

### **NOTA EXPLICATIVA**

Desde 19 de março do corrente ano que venho escrevendo um “Diário da Epidemia”. Até hoje, 5 de setembro, ele já conta com 121 crônicas, espalhadas por 263 páginas com 93.000 palavras. Desse conjunto, da *Gávea-Brown* foi-me pedido que enviasse 40 páginas, que seriam porventura reduzidas para metade.

A minha escolha não obedeceu a grandes regras. Fui simplesmente lendo os textos e separando o que me parecia ser mais interessante, de forma a poder manter uma sequência coerente. Algumas das crônicas foram incluídas na totalidade; de outras retirei apenas parágrafos. Tentei fugir à temática da política, embora esse assunto apareça mencionado em algumas das crônicas. Entendo que não se pode escrever um Diário da Epidemia e não falar na resposta ou nas ações que as entidades responsáveis têm (ou não) desenvolvido para colmatar os efeitos da calamidade.

Não modifiquei praticamente nada no conteúdo dos textos desde que foram escritos, nem sequer eliminei os nomes das pessoas da minha família. Assim fica registada a minha vivência e a da minha família durante estes últimos meses. Espero também que me desculpem de algum erro que encontrem e agradeço a sua correção.

Incluo também um pequeno número de fotografias, com indicação a que texto se referem.

J. B.

---

<sup>1</sup> As crônicas incluídas neste volume constituem a primeira metade de duas partes deste “Diário da epidemia” a serem publicadas pela *Gávea-Brown*.

**N**unca na minha vida escrevi de propósito para um Diário. Assim de repente, pensei que, a partir de hoje, 19 de Março de 2020, poderia tentar alinhar umas frases todos os dias, apenas uma meia-dúzia delas ou quando muito dois ou três parágrafos, para ir registando os acontecimentos que envolverão a nossa vida de súbditos às nuances ou ocorrências desta Epidemia.

... Para que, no futuro, possa recordar factos, situações e conversas.

## **MARÇO 19, 2020**

8.40 PM

O que despoletou esta minha ideia foi o anúncio, há poucas horas, do Governador da Califórnia em ordenar às pessoas que, a partir de amanhã, não saiam de casa. **TODOS!** Ficará o Estado completamente “fechado”, à exceção de supermercados, farmácias, hospitais e pouco mais.

Por minha parte, já venho respeitando esta regra há dias. Ontem até pedi ao meu patrão que me dispensasse pelo menos pelo período de um mês. Nem sei o que vai acontecer à Loja onde trabalho, se cumprirem a ordem do Governador, a Loja vai ter que fechar.

Hoje havia muita gente nos trilos, pais acompanhados por crianças que, com as escolas fechadas, requerem mais atenção e cuidados. Continua também a guerra nos corredores dos supermercados. Por enquanto ainda não precisei de fazer compras drásticas, temos o frigorífico bem recheado, mas há outros artigos que já nos vão fazendo alguma falta. Terei que planear uma visita e preparar-me para umas horas de espera e de inquietação.

O que nos tem custado mais, desde que começou esta trapalhada: o afastamento dos netos e das filhas, principalmente da Lisa, do Dominique e da Mia Isabel. A Carla e a Olívia, agora a viver aqui ao lado, estão mais à mão de uma conversa rápida. A garganta apertada, mas há que fazer este sacrifício, pelo menos para bem deles.

Hoje telefonei para a Terceira, falei com o meu irmão J.G. Situação comparável à nossa, atendendo à diferença geográfica.

Melhores dias virão!

## **MARÇO 20, 2020**

10.00 AM

Aventurei-me a uma rápida ida ao supermercado. Tinha pensado ir bem cedo, às 6 da manhã, mas só lá cheguei às 7.30. Ouvi uma caixeira dizer que, às 6, havia uma fila bem grande em frente do edifício. E notava-se no interior, muitas prateleiras vazias, nem um ovo sequer! Há que fazer adaptações à dieta normal e, parece, já se notam diferenças em alguns preços.

A ouvir, em som de fundo, a conferência de imprensa diária que Trump e seus acólitos promovem todas as manhãs. O homem parece cada vez mais um papagaio num pedestal. Olha para todos os lados às cabeçadas, espera pelos piropos do vice-presidente e responde a eles com olhares de soslaio, antes de brigar com os repórteres das estações mais esquerdistas...

Todos os seus acompanhantes preocupam-se em afirmar que tudo é obra dele, que é o responsável por todas as ideias, que é o cérebro desta operação de resposta ao vírus. O que me parece, para já, é que ele nem precisava aparecer todas as manhãs. Já está a preparar a bandeja para receber os louros.

Na minha rápida saída nem me apercebi se houve diferenças de comportamento depois das novas normas propostas pelo Governador do Estado. A Loja onde trabalho está aberta, encontrei o mesmo movimento de carros nas ruas. Andando e vendo...

9.30PM

Conversei com a nossa Lisa. Foi fazer hoje um teste ao Coronavírus, por inerência da sua profissão e por ter um pouco de tosse. Parece estar tudo em ordem, embora só saiba resultados definitivos dentro de dias. Oxalá seja o primeiro e único teste a que sejamos sujeitos na nossa família.

**MARÇO 21, 2020**

7.30 AM

Primeiro dia completo de Primavera, deste Ano da (des)Graça de 2020. De propósito, não li nem ouvi notícias... ainda.

Fui direito ao quintal. Se o meu Pai estivesse ao meu lado, teria dito, “Está um dia fresco”. Primavera, nada de vento, mas no ar aquela frescura que se enche com o perfume das flores e com o cântico dos pássaros. A luz reflete-se nas gotas de orvalho encanteiradas nas lâminas da relva, projetando-se contra o azul celeste, cortado por riscos de desfeito algodão.

A Natureza nem se apercebe que nos envolve neste mistério, invisível e medonho, com garras do tamanho do Mundo. Que Natureza é esta, afinal... Mãe ou madrastra? Tela de pintor famoso ou precipício negro e infinito? Partitura dolentemente sensual ou maremoto violentamente catastrófico?

Serve-me o pequeno quintal de refúgio, em contraste com as paredes dos quartos e a luminosidade artificial dos ecrãs informativos. Amanhã será diferente o cenário na minha minúscula tela, verei a chuva escorrer nos vidros da janela, mas sei que o canto dos pássaros estará lá fora, pendente do regresso do sol. E haverá saúde!

7.00 PM

A Olívia veio trazer-nos umas fatias de bolo de banana. Serviram para acompanhar o prato de galinha com arroz que o Brandon cozinhou e nos veio trazer esta manhã. Mas quanto mais eu não preferia tê-los, todos, sentados à nossa mesa!

**MARÇO 23, 2020**

8.30 AM

Parece-me que já é há uma eternidade que escrevo estas entradas diárias, mas, afinal, este é apenas o quinto dia. Cheguei à beira da vedação metálica no quintal – diferente das grades de uma prisão apenas porque esta clausura é, tecnicamente, voluntária – e senti o vento-Sul no rosto. Abanam os ramos das árvores na parcela do vizinho. Se o meu Pai estivesse ao meu lado, diria “Está um dia arisco!”. Na escala de valores dele, a diferença entre um dia *fresco*, *arisco*, *porco*, *bonito* ou *ameno* poderia ser ínfima. Se calhar vão ser factos permanentes nestas notas, o meu olhar através da grade metálica e a “presença” constante do meu Pai e as suas classificações climatéricas.

Lá fora, no Mundo, tudo no mesmo. Lugares a piorarem, outros a melhorarem. Tenho *medo* que este contínuo *medo* se vá transformando em empatia, talvez mesmo em desleixo. Abaixaremos as armas, encolheremos os ombros, enfraqueceremos as defesas. Oxalá me engane. Quase que vejo isso na atitude do DDT (Desatrelado Donald Trump, o nome que uso quando me refiro ao Presidente americano), que hoje, no Twitter, diz que já está quase na altura de voltarmos ao normal, para bem do Stock Market. No Senado continua a discussão, os Republicanos puxam montes de dinheiro para meter no cu das grandes companhias e os Democratas aguentam-se com a finalidade de protegerem os trabalhadores e o sistema de saúde. Não é difícil de prever quem vai ficar por cima.

Valham-nos os gestos das crianças. Despoletou por aqui um movimento que pôs as crianças a desenharem e escreverem, com giz colorido, no pavimento dos “driveways”, mensagens de simpatia e de conforto. Algumas bem originais e artísticas. Até ouvi (mas não vi nenhuma ainda) que há gente que já iluminou as suas casas com as luzes de Natal. Penso que não será no sentido de festa, mas sim num elo de Esperança.

Dois dias seguidos em que a palavra *Esperança* me vem à ponta da língua...

## MARÇO 29, 2020

4.50 PM

O sossego do meu pátio foi cortado pelo ruído da máquina voadora de um dos meus vizinhos. É uma daquelas motas com umas asas grandes, nem sei como aquilo se chama. Mas sei que faz um barulho desalmado e deixa desalmados os gansos canadianos. Aliás alguns deles já estavam num berreiro terrível e só depois é que vi por que era: um desavergonhado estava a tentar meter-se onde não era chamado, a perturbar a paz de um casal de seus confrades. Levou um arraial de pancadaria e safou-se, voando, diria talvez com a vergonha debaixo das asas. O vizinho também aterrou sem problemas e a calma voltou à ribeira e arredores.

Com o juízo meio roído pelo ruído dos patos e do aviador, decidi ir dar uma volta sozinho, já que a Alice não me quis acompanhar. Os céus não estavam muito seguros, ela não gosta de caminhar com ameaça de chuva.

Dei por mim, no outro lado da ribeira, em frente a uma arvorezinha que me chamou a atenção.

Roída de fresco, a árvore, estava como o tempo, não estava muito segura. Os labregos que fizeram aquele trabalho, não devem ter feito muito ruído porque sempre se aproveitam da calada da noite. E são pretos como tição, quando raramente os vejo, de dia, a nadarem só com os olhinhos de fora, eles desaparecem depressa. Amanhã tenho que lá passar, a ver se terminaram o servicinho. Imagino que são gulosos e imagino que aquele interior acastanhado da polpa do tronco lhes deve saber a... chocolates! Ou serei eu que já tenho o cérebro roído pelo ruído que me fazem nos miolos os pensamentos nos chocolates que ainda não fui comprar?

Ao abrir o televisor esta manhã, li a legenda por debaixo da imagem mesmo antes de levantar o som. E apaguei logo o televisor e não o abri mais. A legenda recitava uma opinião do agora famoso Dr. Fauci, o simpático velhote que nos ensina como proceder com este maldito vírus e que também tenta ensinar o DDT a ser mais cauteloso com aquilo que diz. Sem resultado, diga-se de passagem. Dizia então o cientista que calcula que deverão morrer entre cem mil a duzentos mil americanos vítimas desta Epidemia. É muita gente! Em percentagem, serão apenas qualquer coisa como 0.5 por cento da população, mas em números reais, é povo c’ma bicho!

Roído de raiva, tenho a certeza que, amanhã de manhã, o DDT vai fazer um ruído desalmado e até, quem sabe, afastar o Dr. Fauci dos microfones. Ele não quer que se digam (todas) as verdades. Não que seja mau dar umas certas esperanças ao pessoal, como o presidente tenta fazer, mas as esperanças têm que ser baseadas numa mínima dose de realidade.

[...]

## MARÇO 31, 2020

8.30 AM

Ontem falhei no meu propósito de alinhar umas linhas diárias a memorizar alguns detalhes do nosso dia-a-dia desde que entrámos nesta quarentena.

Aqui estou, portanto, na manhã seguinte, a última do mês de Março. O dia de ontem foi um pouco preenchido de mais – pelo menos se comparado com as calmas forçadas das últimas semanas – mas isso não é desculpa, eu poderia muito bem ter usado uns minutinhos para redigir umas frases.

Conseguimos criar a coragem necessária – a necessidade obrigava – para sairmos do ninho e ir às compras. Preparámo-nos com luvas e máscaras, planeámos o percurso, para minimizar tempo e exposição e escrevemos uma longa lista de géneros e artigos que nos faziam falta. O facto mais saliente que notei foi que eu era o único com uma máscara (N95, for sure!) a cobrir a fronha! Mas não me importei, embora usar uma máscara não seja uma das coisas que me dê mais gozo, e isso já vem dos tempos em que era obrigado a fazê-lo quando tinha que passar horas seguidas a lixar paredes.

Notei os supermercados razoavelmente bem fornecidos. Claro que as falhas são sempre as mesmas: rolos de papel-higiénico e pacotes de toalhas desinfetantes. Conseguimos riscar praticamente todas as linhas da nossa lista e gastámos um monte de dinheiro, tanto quanto já não gastávamos nas compras normais de há muitos anos a esta parte. Assim, sem açabarcamentos estúpidos, podemos permanecer mais tempo sem sair de casa.

Ontem celebrámos o aniversário da Alice. Como sempre, ela nem se quer lembrar que faz anos e então quando a conta vai (felizmente!) crescendo, muito pior para ela. As nossas filhas, genros e netos não se esqueceram dela e cantaram os “Happy Birthdays” à distância, através de comunicação virtual. Recordei-me também que já passaram 48 anos desde o dia em que festejámos o 18º aniversário dela, numa sorveteria em Lisboa, com um saboroso banana-split de chocolate. O chocolate tem sido uma constante presença neste constante namoro. As viagens de fim de curso a Lisboa permitiam estes primeiros passos na vida dos jovens açorianos...

LOVE YOU, Alice!

[...]

Fui, como tinha pensado, ver o estado em que ficou a pequena árvore que as marmotas (ou lá o que é que elas são) tinham roído. Pobre da árvore, não resistiu aos maus tratos! Penso que não devo condenar os animaizinhos, eles só fazem aquilo que a Natureza os obriga a fazer. Nós, os Humanos é que invadimos o território deles e depois ficamos zangados quando vemos algo que não nos agrada.

Será que podemos falar do mesmo modo acerca dos vírus? Será que a natureza os criou para que pudessem ter algum benefício? Ou serão eles como que o nivelador da nossa espécie, o prato da balança que poderá pender a nosso favor ou contra nós?

Depois deste, haverá mais vírus, haverá mais árvores e mais lontras para as roerem. E haverá mais rapazes para saltarem de bicicleta na margem da ribeira.

E mais banana-splits para celebrarmos mais aniversários. Com muito molho de chocolate, de preferência.

**ABRIL 1, 2020**

3.45 PM

[...]

Contudo, quando penso em números, fico com a cabeça a andar à roda. Que calamidade temos entre mãos neste momento! Há quatro dias, escrevi neste Diário que os Estados Unidos tinham 100.000 infetados e 1.500 pessoas tinham perdido a vida; em apenas quatro dias, estes valores mais do que duplicaram: 212.000 infetados e 4.700 mortos. O dia ainda nem acabou, estes números serão maiores dentro das próximas horas. Só de pensar que, só hoje, faleceram mais de 870 americanos. Assustador! Infelizmente, não podemos escrever acerca desta Epidemia sem mencionar os astronómicos números. E eles vão piorar. E não podemos, de maneira nenhuma, deixar de atirar à cara desta administração o facto de não terem feito nada de jeito quando o problema começou a tomar corpo. Andam agora às

voltas, começam a tentar dizer que o assunto é muito sério, mas não admitem as coisas que diziam antes. Cambada de... mentirosos!

A vida não está fácil para ninguém, embora muitos nem se apercebam da gravidade da situação. Numa mensagem que recebi hoje de outro amigo, ele dizia-me como está a ficar preocupado com a sua esposa, que mostra sinais alarmantes de depressão e nervosismo. A mim, tem-me ajudado muito os momentos que passo no quintal e nas longas caminhadas que fazemos pela vizinhança. E, aqui e ali, vejo coisas que me fazem pensar que melhores dias virão. Na frente da casa de um vizinho estava um cabaz cheio de limões, à disposição de quem os quisesse levar. Eu agarrei quatro, eram bem grados e cheirosos... Na ribeira, também vejo sinais de que a vida continua, hoje encontrei uma grande família de cágados, coisa rara por estes lados. E, para me entreter, vou saltar a tal vedação metálica do meu quintal e começar a roçar as ervas daninhas que já estão a crescer em demasia. As florinhas que delas despontam dão um colorido engraçado à pequena ravina, mas são perigosas porque trazem muitos sintomas de alergias. Agora, não estamos em tempos de andar aos espirros!

Continuo a não ver ninguém a usar máscaras de proteção. O Estado da Califórnia está há dias pé atrás, pé à frente, sem saber para que lado cair sobre esse assunto. Eu acho que deveria ser, se não obrigatório, pelo menos recomendado. Sabemos que, nesse aspeto, os povos orientais têm uma cultura diferente da nossa. Estão habituados às máscaras e usam-nas com muita frequência. Mas, claro, na América, forçar alguém a uma nova rotina, mesmo que seja para benefício de saúde, é um cabo de trabalhos, levará muito tempo.

Mais depressa chegam os cágados ao outro lado da ribeira!

### **ABRIL 3, 2020**

5 PM

A nossa filha Carla deixou-nos uma mensagem a dizer que a Olívia tinha passado o dia, por sua iniciativa, a colorir pequenas pedras e que, quando o pai chegasse do trabalho, queria que eles fossem com ela distribuí-las pelas casas da vizinhança.

Pois como agora somos vizinhos, pensámos que talvez nos ia calhar uma. Fomos vigiar à entrada e, de facto, lá estava uma pedrinha colorida, num vaso de flores. A Olívia e os pais já iam quase no fim da rua, mas ela resolveu vir atrás, só para nos dizer que a nossa era uma pintura de uma joaninha. Já aprendeu a manter uma certa distância e nem nos abraça...

Esta atitude da Olívia deu-me um toque na garante, não mais parei de engolir em seco. Tenho a certeza que a Mia Isabel, a outra nossa neta e prima da Olívia, se vivesse aqui mais pertinho também havia de arranjar maneiras de nos vir surpreender com as suas criações, ela que é mais inclinada para a doçaria. Talvez já não digo o mesmo do Dominic porque os seus treze anos já lhe deixam a cabeça cheia de outros interesses, o que aceito perfeitamente. Mas estas são as coisas que nunca vou perdoar a este Coronavírus e a esta forçada quarentena: o tempo que perdemos de convívio com filhas, genros e netos! Má-fogo te abraça, Epidemia estuporada!

[...]

### **ABRIL 4, 2020**

4.30 PM

Voltou a chuva, com alguma intensidade. E está frio, eu pelo menos tenho os pés frios. Detesto ter os pés frios! OK, a culpa é minha, poderia ter calçado uns sapatos mais quentes, mas a malandrice não deu para mais. Daqui a pouco, ao jantar, bebo um copinho de vinho tinto e isto passa.

A Alice faz troça de mim quando eu protesto por sentir os pés frios. E tem razão. Ela, por seu lado, deve ter... as mãos quentes! Para se distrair e passar o tempo, este tempo lento e tristonho, ocupa-

se com duas coisas: ou lê ou põe-se a experimentar receitas. Ontem fez umas rosquilhas secas; hoje fez bolachas de chocolate e blueberry muffins. Ainda não provei nada, mas fiquei a saber, por informação do meu amigo Google, que blueberries se chamam, em português, mirtilos! Nunca tal tinha ouvido. Se calhar esse é um nome brasileiro, o meu pequeno dicionário de português nem traz essa palavra.

Não sei qual designativo usaria o meu pai para qualificar o dia de hoje. Está escuro, pastoso, chato, peganhento, eu sei lá. Só sei que não gosto nada de dias assim mas, para mal dos meus pecados, amanhã vai estar igual. É a Mãe Natureza a dizer-nos que ela é que manda e, se inventámos o adágio que diz que *um mal nunca vem só*, então tenhamos o proveito dele. Não bastava o não poder sair de casa por causa do maldito vírus, ainda temos que sofrer com a chuva em cima das costas. Afinal, que mal é que fizemos à Natureza?

Resta a consolação que terei umas bolachinhas e uns bolinhos de mirtilo (?) para degustar. E, quando a Alice se sentar a ler, vou fazer-lhe companhia, já que a cozinhar só sirvo para lavar a louça. Já li o «Tribuna Portuguesa» de ponta a ponta, mas tenho as minhas revistas do costume para ler e quero acabar o livro que está entre mãos, «A Long Petal of the Sea», de Isabel Allende.

Penso que vou ficar por aqui. Tentei (e consegui!) escrever estes parágrafos sem mencionar os horríveis números da pandemia e sem criticar a atuação da Administração Trumpista. Já foi uma vitória para mim. Não que não me faltassem assuntos, mas não quero encher a boca de fel. As papilas gustativas estão de quarentena, à espera dos sabores dos mirtilos e do chocolate.

Até amanhã. BE SAFE!

**ABRIL 7, 2020**

8.10 AM

[...]

Pois ontem até bem tarde, não consegui que o meu juízo produzisse algum tema que valesse a pena trazer ao Diário. De repente, à hora do jantar, a Carla telefonou a dizer que tinham encomendado uma pizza, mas como havia uma promoção, acabaram por receber duas em vez de uma, se queríamos umas fatias. Não quisemos ser desagradecidos e a Alice teve logo uma ideia: “Acabei de fazer um tabuleiro de enchiladas. Troco duas enchiladas por duas fatias de pizza. Tá bem assim?” Claro que estava. Eu pensei que até nos poderíamos encontrar a meio caminho, no canto da rua, cada um com a sua porção de comida e aí mesmo fazíamos a troca.

Afinal acabei eu por fazer a viagem de ida e volta. São só três minutos e é a andar devagar. Eles comeram pizza com enchiladas e nós comemos enchiladas com pizza! Cada um nas suas casas, infelizmente. Nem deu para me inteirar bem como é que a Olívia ficou com um olho negro, “Não para quieta, deu com a cabeça contra a parede”, respondeu a mãe e ela, Olívia, acrescentou, trocista, “E foi mesmo à hora de ir para a cama!”, sabendo perfeitamente que é a hora de estar calma e preparar-se para o repouso noturno. Ainda a meio do caminho, tive que contar a estória a uma vizinha que, sentada no seu alpendre, indagou o que é que eu andava a fazer de um lado para o outro, a transportar comida.

[...]

Só mais uma pequena nota, que não quero deixar sem menção. Recebemos a visita dos Bendito-Rodrigues. Eles pararam o seu pick-up em frente da nossa casa e, sorrateiros, foram dar um passeio pelo trilho que eu e a Alice usamos todos os dias. A Mia Isabel pedalou na sua trotinete e o Dominic deve ter visto pouco da paisagem, sempre de capucho na cabeça e com os olhos enfiados no telefone. Mas disseram que gostaram da caminhada e tiveram gosto em ver o primeiro rebanho de cabras, que já anda lá longe, no fim do trilho.

Depois bateram-nos à porta e lá fomos, distanciados e tristes, manter um bate-papo durante uns largos minutos. Estariam, agora, em férias da Páscoas da escola e tinham planeado uma viagem à Disneyland que, claro, tiveram que adiar. Quantas outras coisas não tiveram que ser adiadas nas nossas vidas? Quando voltaremos ao normal das nossas rotinas?

E, principalmente, quando poderemos voltar a abraçar e beijar os nossos amores?

**ABRIL 8, 2020**

8.30PM

Aqui estou, outra vez um pouco tarde, mas mais vale tarde do que... amanhã!

Pelo menos faço hoje o que tinha para fazer hoje. Smart guy!

Vamos dar uma volta ao passado: O meu tio-avô Cirino e o irmão dele, o meu avô Guilherme, eram uns tipos espertos. Talvez por isso ficaram com a alcunha dos “Ratos”, que lhes assentava bem. Já ouvi duas versões porque eram conhecidos dessa maneira. Dizem uns que um familiar deles, talvez um tio, tinha uma deformidade na boca, de modo que os dentes lhe saíam pela boca fora, tal qual um rato; por outro lado, há quem os conheceu bem e que afiança que eles, ainda rapazes novos, apanharam a alcunha porque eram malucos para irem para o calhau e, como ratos, procuravam coisas que davam à costa, principalmente troncos de árvores ou pedaços de madeira que até poderiam ter tido origem no outro lado do Atlântico, levados até à costa da Graciosa pelos ventos e pelas correntes marinhas.

O meu avô Guilherme especializou-se como vinhateiro e cuidador de pomares; por seu lado, Cirino aprendeu o ofício de tanoeiro e esmerava-se também a construir violas e guitarras. Tinham pelo menos mais um irmão, Manuel, que imigrou jovem para a América, viveu no Oregon e depois na Califórnia a cortar madeiras. E tinham também três ou quatro irmãs. A Rosinha era professora, a Diolinda imigrou também para a América e a Ricardinha, bem essa foi beata profissional, passava o dia nas igrejas. Da outra irmã, Maria, eu nunca soube nada dela.

Mas, como é que eu me fui lembrar deles agora e que relação tem esta gente com o meu Diário da Epidemia? Pelo menos uma coisa é certa, todos eles sobreviveram a algumas calamidades, a mais forte delas a grande Epidemia da Gripe Espanhola, de 1918–19. E muitos dos descendentes deles ainda por aqui andam, envolvidos nesta Epidemia do Coronavírus. Do meu avô Guilherme, já não há filhos vivos, apenas todos os netos, à exceção de uma neta brasileira, que faleceu já há anos num acidente de carro; Ricardinha nunca teve filhos, foi apenas “casada com Nosso Senhor”, como ela gostava de dizer; de Diolinda, a filha Maria da Guia, muito velhinha e doente, ainda a sobrevive, em Peabody, MA. E de Cirino, restam Manuel, em Massachusetts e Reinaldo, que andou pelo Brasil e agora vive na Florida.

Ora bem, uma filha de Reinaldo, Anna, é doutorada e professora na Colorado State University. Através da irmã dela, Glória, vim a saber que a Anna já recebeu ordens dos seus superiores para começar a preparar as aulas do semestre de outono que, de novo, vão ter que ser ministradas à distância, isto porque os modelos de estudo do Coronavírus indicam que as vagas de propagação da Epidemia vão continuar durante mais cinco ou seis meses.

Dei esta volta toda na história da minha família para vos vir confirmar o que muita gente já desconfia: esta Epidemia está aqui para ficar. Vamos ter que lidar com ela por muito tempo, com todas as consequências que isso acarreta. Espalhou-se por todo o Mundo esta serpente invisível e traiçoeira. Até na ilha Graciosa, uma ilha tão pequena e isolada, já foram detetados 3 ou 4 casos de contaminação... Toda a gente traz às suas páginas do Facebook os últimos resultados de números de vítimas, as últimas estatísticas, as mais recentes notícias – boas ou más – e até as mais variadas anedotas e memes, algumas sem graça nenhuma. As senhoras mais inclinadas para a doçaria, empanturraram as suas páginas com centenas de receitas de bolos e pudins; os músicos, amadores ou não, cantam-nos os seus mais recentes temas, a contar-nos das suas nostalgias; e os poetas, esses leem-nos poemas

sentados nos seus sofás ou recitam versos com a cabeça metida quase dentro dos telefones celulares. Adaptamo-nos a esta realidade e, segundo dizem os especialistas da Universidade onde a Anna, a neta do Ti Cirino leciona, vamos ter que seguir com esta ladainha meses a fio.

**ABRIL 9, 2020**

4.30 PM

[...]

Anda por aí uma discussão grande sobre remédios que poderão ser milagrosos para combaterem a Epidemia. O nosso presidente é grande fã de um deles, nem sei pronunciar o nome. Já há quem diga que ele ou membros da sua família têm ações na companhia que o fabrica, o que, na verdade não me surpreende a razão por que ele anda a fazer tanta força. Por outro lado, se o dito cujo remédio for aprovado e se prove que foi a salvação de muita gente, o homem então vai querer colher os louros da vitória, embora eu me pareça que ele está a apostar forte e feio, a pôr todas as fixas na mesa, num produto que, até agora, ainda não mereceu a aprovação dos especialistas. Durante a História da humanidade, muitos foram os remédios e as técnicas de tratamento que usámos e depois passaram ao esquecimento ou descobriu-se que não faziam bem nenhum.

Lembrei-me de trazer para aqui uns parágrafos de uma das crónicas que escrevi já há anos, onde falava de ventosas e clisteres. Vamos recordar:

*“... Mas vejo uma diferença muito grande em relação ao tempo em que a minha Mãe, para nos tirar a febre do corpo e a tosse dos pulmões, nos aplicava meia dúzia de ventosas no peito ou nas costas. Estas modernas não usam chamas ardentes para se apegarem à pele, ao contrário das antigas. E era isso que eu tinha medo que me pelava! Ao ver a Mãe meter um pedacinho de algodão embebido em álcool e chegar-lhe um fósforo, eu e os meus irmãos tremíamos ainda mais. Depois, passado o susto, víamos as carnes a crescerem para dentro da ventosa e a pele a escurecer, a escurecer... Quando era altura de as tirar, discutíamos a ver qual tinha ficado com a maior empola. Até hoje ainda duvido da sua utilidade, nunca dei por terem feito algum bem, embora a minha Mãe jurasse pelos seus benefícios.*

*Contudo, eu antes preferia a aplicação das ventosas ao uso dos clisteres. Aí sim é que eu penava os olhos da cara, para ser simpático e não mencionar o outro olho. Só de ver aquele frasco cilíndrico de vidro, com uns riscos para marcar a quantidade de líquido e uma mangueira de borracha ligada a um corninho preto com uma torneira, dava-me quase para desmaiar. Tal tormento! Sentir aquela água quente, muitas vezes misturada com malvas, a percorrer-me as tripas e estar ali o mais quieto possível, era mesmo uma tortura. Ao que uma criança se sujeitava. Era tudo feito com boa intenção, baseado nas práticas e crendices antigas, mas lá que era um martírio, lá isso era.*

*Uma vez por outra os meus protestos eram atendidos. Então, em vez dos clisteres, a Mãe usava o saco da água quente em cima da barriga. Desse eu já gostava mais, dava um aconchego muito suave, apetecia sentir aquele calorzinho contra o corpo, para mitigar o desconforto e as dores.*

*O saco da água quente – um saco de borracha com uma rosca preta a servir de tampa – servia também para aquecer os pés nas noites frias de Inverno, quando não havia cobertores que ajudassem. Cheio de água (quase) a ferver, deixava-se uns minutos entre os lençóis, antes do pessoal se deitar. Ia-se passando de cama em cama e renovando a água com outra acabada de aquecer na chaleira de ferro no fogão de lenha. Era o consolo dos pobres!”*

Vejam lá o que uma pessoa penava, naquele tempo! Não tenho saudades nenhuma das ventosas e muito menos dos clisteres. Imagino que, quando tiver a minha idade, o Dominic também não vai sentir saudades nenhuma dos dias que passou, prisioneiro em casa, sem poder sair e conviver com os seus amigos. Tudo por causa de um maldito vírus, uma das piores desgraças que atingiu a nossa geração. Que nunca nos falte a *Esperança* em melhores dias.

**ABRIL 12, 2020 – DOMINGO DE PÁSCOA**

10 AM

Gostaria de ter levado um folar de massa, com um ovo dentro, para cada um dos meus netos, mas não os há à venda pelos meus lados.

Ainda me lembro que, quando a minha mãe já não os cozia, o meu pai encomendava-os na Padaria Angrense e, entre os grandes e “porfeitos”, alguns com três ovos, vinham sempre cinco pequeninos, um para cada um dos filhos. Era (e é) um dos meus pitéus preferidos: uma fatia de folar da Páscoa, bem barrada de manteiga e acompanhada de dentadas do ovo que tinha sido cozido mesmo no folar.

Em vez de folar de Páscoa, vou levar-lhes um coelho de chocolate, dos mais banais que há, talvez feito na China. Essa tradição(?) dos ovos pintados e escondidos por um peludo coelho, não entra cá bem na minha cabeça. Mas é o que esta gente gosta de ver neste dia, por estas bandas.

Hoje o percurso de passeio foi diferente. Espero que o meu trilho nos perdoe a traição, aproveitámos uma passagem rápida por casa da Lisa – para ir deixar o coelhinho ao Dominic e à Mía Isabel – e fomos experimentar um lugar lá perto, um trilho que foi aproveitado nos terrenos de um antigo campo de golfe. Nada de especial, mas é lugar para regressar, contudo terá que ser pela fresquinha da manhã, já que é lugar com poucas árvores.

E agora é altura de ir até ao pátio e sentar-me a ler um pouco. O meu pátio também se deve estar a sentir algo abandonado, já há dias que não aproveito para escutar os pássaros e ver os voos dos gansos. Esta manhã, fui até à beira da grade de metal e ali estive uns minutos, só a ouvir o único melro que estava a balançar-se no mais alto galho da árvore que me fica mesmo em frente. A água corria de mansinho, nem fazia ruído, apenas notava o seu movimento porque via uma pequena ondulação, como se alguém tivesse atirado uma pedra e daí resultassem uma série de círculos concêntricos que se desfaziam nas margens. Nem vi nenhum ganso, devem estar atarefados nos derradeiros cuidados do choco, mais dia menos dia começam a aparecer mais ninhadas. Ou estão a ver se lhes nascem os filhotes antes que o rebanho das cabras chegue a este lado.

No trilho não passava ninguém àquela hora. Num dia de Páscoa normal, as pessoas deveriam estar nas igrejas; hoje, estavam a aproveitar mais uns minutos de sono. Lá dentro, já ouço a Alice a levantar-se, está na hora de ir pôr a mesa e preparar a fruta para o pequeno-almoço.

Tal pena não haver um folar, com ovo dentro... manteiga eu tenho!

Acabei de “postar” no Facebook um comentário com duas fotografias. Uma de 2016, com os meus netos, sentados no meu colo; a outra, de hoje, a imitar a mesma posse, mas apenas comigo a segurar fotografias deles. Vamos a ver se, para o próximo ano, conseguimos repetir a de 2016 e, quem sabe, se fazemos disso uma tradição. Pelo menos enquanto eu tenha força nos joelhos para os aguentar!

O Facebook, no meio da porcaria que por lá crassa, dá-nos, de longe em longe, uns relâmpagos de clarividência e de descrição. A Carla partilhou connosco um pequeno texto que alguém lhe mandou. Diz assim:

***“just talked with my mom, who is 84 and has advanced dementia, on the phone. She told me at the end of the conversation, «I think about you when I’m not even thinking», which I thought was a pretty profound way to express how we feel about those we love”.***

Thanks, Carla. Love you too!

**ABRIL 19, 2020**

2.30 PM

Quero crer que o Diário de hoje vai ser muito curto.

A não ser que isto comece a desenriçar por caminhos que não estão agora no meu destino.

Fizemos mesmo vida de Domingo. Eu ainda acordei cedo, mas a patroa deixou-se levar pela malandrice até mais tarde. No silêncio da manhã, respondi a emails de alguns amigos, li jornais e mexeriquei no Facebook. Neste último, não aprendi nada, é sempre a mesma mixórdia de entradas e comentários. Há alguns dos meus “amigos” que eu nem preciso ler o que eles “postam”, é sempre a mesma coisa. Se calhar eles dizem o mesmo em relação àquilo que eu ponho à disposição. Por isso tenho participado pouco, coloco as minhas crónicas, geralmente espaçadas em duas semanas ou ponho um likezinho aqui e ali.

ÁH, esquecia-me de dizer, nem sequer fomos dar a volta do costume. Talvez eu vá sozinho mais tarde, depois do jantar. Esse mesmo (o jantar) também vai ser improvisado hoje, “Temos que dar apoio aos restaurantes que estão a viver com dificuldades”, diz a Alice, como que a desculpar-se de não haver jantar feito em casa. Por minha parte, não há problema, problema seria se eu me visse obrigado a ter que cozinhar o jantar. Ia sair uma coisa bonita!

Portanto, fomos cedo para os poisos do quintal. No céu, uma pequena quantidade de nuvens algodoadas tapava o sol a espaços, criando uns minutos de momentânea quebra de luz e originando uns arrepios de frio que incomodavam os cabelos das pernas, aquecidos que estavam pelos raios do Rei Sol.

O sossego, cortado pelas correrias loucas da «Tixa» e da «Liza» (as lagartixas residentes no nosso quintal), era também perturbado pela algazarra momentânea de ciclistas e caminhantes no trilho, mesmo abaixo do quintal. Estive a ler um artigo na última edição do «National Geographic», uma muito boa descrição da viagem em carros elétricos que dois jornalistas fizeram através da Route 66, desde Santa Monica, Ca. até Washington, DC. Pensei que seria uma viagem que eu gostaria de fazer um dia, mas é melhor esperar que a Epidemia desapareça e que os carros elétricos venham a ter mais autonomia, para não estar sempre preocupado à procura de um carregador apropriado.

E, por outro lado, era a minha leitura interrompida pela senhora minha acompanhante que, quando lia, nos jornais celulares, um título que ela achava pertinente, lá mo anunciava para eu ficar a saber também. Como hoje é “dia santo de guarda”, como se dizia antigamente, as notícias não são em catapulta, como acontece nos dias de semana. Pelo menos temos essa pequena brecha, embora a calma seja aparente, já que, em muitos lugares dos EUA e do Mundo, continuam a morrer pessoas em quantidades impressionantes, contra a vontade de doutores e outros técnicos de saúde que se esforçam para salvar mais vidas.

Como já assinaei em diários anteriores, andamos por vezes num vaivém de pequenas porções de comida de nossa casa para casa das filhas e vice-versa. Hoje, num pormenor que sempre nos toca onde sentimos mais, a Carla veio trazer-nos um pequeno jarro com algumas flores que colheu mesmo na frente da sua casa. Rosas amarelas, vermelhas, brancas... e bem cheirosas. Com gestos destes, fico com a certeza de que, por mais terrível que seja esta Epidemia, há sempre lugar para o amor familiar.

Hoje não me apetece dizer mais nada. A Carla disse tudo.

**ABRIL 21, 2020**

8.45 PM

ÉH pá, já é tarde que mete medo!

Tem sido um dia intenso. Foi até o dia em que nos levantámos mais cedo, desde que... desde que nos andamos a levantar tarde! E desde que não tenho ido trabalhar, já há cinco semanas. A intenção era ir aos grandes armazéns do Costco e atafulhar as despensas. Estas condições de semi-prisioneiros já nos habituou a concentrar as compras, de forma a diminuir as idas às lojas e evitar exposição a infeções. Sabíamos que a loja abria às 8, de forma que saímos às 7.30 e, ao chegar lá, deparámos com

uma multidão enorme, já dava umas voltas no parque de estacionamento. Mas andou depressa, não enfadou muito. O caminhar lentamente, a passo de caracol, fez-me parecer o andamento de uma procissão, até disse à Alice que devia de ser “DIA DE SÃO COSTCO”, e o povo estava a participar na procissão do “SENHOR DOS CARRINHOS” (das compras). Ninguém usava opas ou carregava andores, a única peça de vestuário comum a (quase) todos os fiéis penitentes eram as máscaras brancas a tapar as fronhas.

Depois dessa, e no caminho de casa, ainda parámos noutra loja, a gastar umas dezenas de dólares em mais uma dúzia de miudezas. Um dos problemas que esta Epidemia me atirou para cima das costas foi o crescimento da parte da frente das ditas costas. O raio da barriga tem crescido à proporção da quantidade de comida que há em casa. E olhem lá que nem temos tido muitos chocolates, esses não podem ser considerados culpados. A sério, uma das causas tem sido a maior quantidade de tempo que tenho passado sentado ao computador a alinhar este Diário. E também a falta de ir para o trabalho, passear para baixo e para cima ao longo dos corredores da Loja.

Uma coisa mais, para fechar este Diário de hoje. Finalmente chegou o dia da publicação digital do # 41 da Revista da Gávea-Brown. A pedido do Dr. Onésimo Almeida, enviei para lá uma crónica a contar a história (romanceada) da vida do avô do meu amigo Tony Machado, o jovem graciosense que andou a balear pelos mares do Alaska e que acabou por se fixar no Hawaí. Levou uns meses, mas acho que valeu a pena, a revista está recheada de bons artigos, todos de gente das escritas – menos eu, simples cronista de meia tijela – alguns mesmo “sumidades” a nível nacional. Fico contente de estar assim a ombrear com tão douta gente, mas, modéstia à parte, tenho que dizer que me orgulho do meu trabalho, esta estória, mesmo com alguma falha que possa conter, foi das melhores que escrevi.

E pronto, ponto final por hoje. Amanhã temos que levantar cedo de novo, a Alice quer ir dar um passeio às margens do American River, em Auburn. Se calhar...

De repente as ideias mudam com o sono da manhã.

## **ABRIL 25, 2020**

8.30 PM

Foi a primeira vez que aconteceu nestes trinta e poucos dias de Diário da Epidemia.

Ontem esqueci-me de escrever!!!

Já estava na cama, a ler o «National Geographic» quando me deu a pancada. Ainda estive para me levantar e vir cumprir com a obrigação. Mas, pensei, eu não fiz promessa a ninguém de que tinha que manter esta assiduidade, apenas, quando enunciei as normas com que me ia reger, eu disse que tentaria ser pontual. Aliás, já não é a primeira vez que acontece e não veio mal nenhum ao Mundo.

Portanto, hoje fazem-se duas (entradas) em vez de uma. E vão ser rápidas porque... doem-me as costas.

Não sou muito dado a essas maleitas, trabalhei muitos anos num trabalho que me fazia puxar pelos costados e nunca me queixei muito. Tive sorte, alguns dos meus colegas “sheet-rockers”, homens até bem mais valentes do que eu, ficaram empandeirados para o resto da vida. Ok, não vou falar agora do meu passado de trabalhador da construção, ficará para outra altura. Mas posso dizer que a leve indisposição muscular que agora me aflige, vai passar depressa. A que se deve? Pois estive todo o dia a trabalhar – se é que se pode chamar aquilo trabalho – no projeto dos medidores de altura para as netas. Comecei anteontem, como anotei nesse dia, num que seria destinado à Olívia. A meio-caminho, reparei que a tábua estava torta, não se ia acomodar bem à parede. Mas continuei, apenas com a

intenção de ver como ia ficar. A Carla aprovou, mas sugeriu que deveria usar uma tábua um todo nada mais larguinha. Então pensei que, como ia começar de novo, porque não perguntar se a Mia Isabel também gostaria de ter uma. Que sim, ela vai gostar de ter uma. E pronto, fui comprar mais uma tábua e fui fazendo as duas lado a lado. Resultado: fiquei derreado, mas satisfeito. Se as “clientes” não gostarem, não faz mal, pelo menos tive um dia bem ocupado e, na verdade, não tenho intenção de passar o resto da vida a pintar tabuinhas.

Ora bem, o dia inteiro de garagem serviu para comemorar o 25 de Abril à minha moda. Para começar, nem ouvi notícias da Epidemia, não sei se o DDT e sua corte continuaram a inventar mais desculpas para se defenderem das atribuladas poucas-vergonhas que ele deixa escapar pela boca fora. Vim ao escritório e acartei para a garagem o gira-discos e passei o dia a ouvir os antigos baladeiros portugueses do ante e pós-Revolução dos Cravos. Algumas daquelas músicas eu ainda sou capaz de as cantarolar sem me enganar, são mesmo peças de grande qualidade musical. Não estou dentro do panorama musical português da atualidade, mas desconfio que haja gente como aquela. Outros tempos, outras músicas. Ou como dizia um dos cantores, MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES.

Resumindo, foi um dia bem passado. Não incomodei a Alice, que se consolou sem eu estar a sarilhar à sua volta e fiz alguma coisa de jeito. Isto é, se o produto passar a inspeção das minhas clientes...

E agora vou deitar as costas na posição horizontal. Boa noite.

**ABRIL 30, 2020**

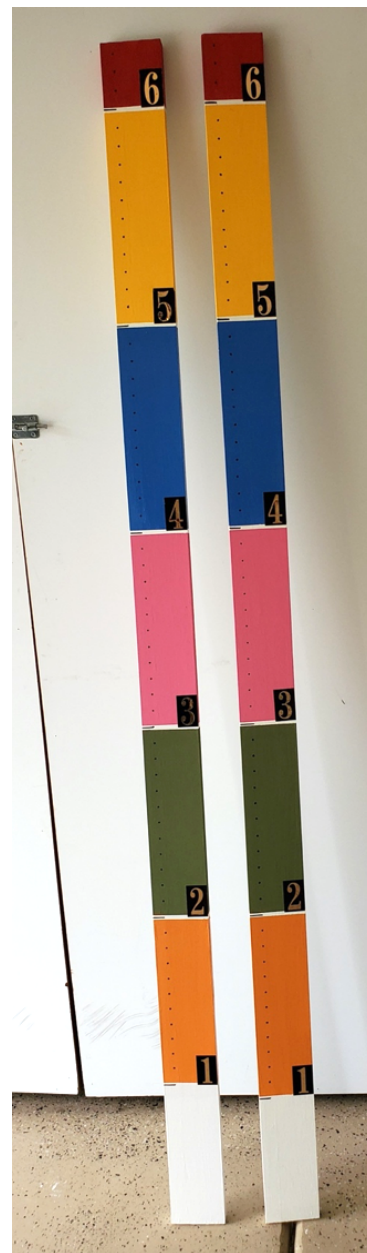
8.30 PM

Tinha muita coisa para dizer hoje, mas vou tentar ser breve.

E nem estou a pensar em “atirar-me” ao presidente e à administração, mesmo atendendo a tudo o que estou a ouvir na TV em background, um rosário de misérias que me fazem sentir o estômago embrulhado. Voltarei, talvez, a esse aspeto amanhã, conforme a disposição.

Nem sei se escrevi ontem que pensámos, eu e a Alice, ir hoje ao tal parque em Auburn, que já está nos nossos planos há dias. Levantei-me bem cedo, fui-me preparando, mas como não ouvi movimento vindo do quarto de cama, desconfiei logo que ela tinha adormecido de novo. Fiz as malas e abalei sozinho.

A viagem para o meu destino não é muito longa, à roda de uns 40 minutos. Só que, a meio caminho, o carro “disse-me” que o pneu do lado esquerdo, atrás, estava a perder ar. Saí da autoestrada e vi que o pneu ainda tinha ar bastante, contudo detetei um parafuso bem espetado na borracha. Se não fossem as novas tecnologias com que os carros modernos estão equipados, eu só ia dar por isso quando o pneu estivesse todo vazio. E, voltando a fazer uso de tecnologia moderna, procurei no Google, no telefone, onde havia uma garagem para reparar a roda. É mesmo aqui perto, viras à direita e depois à esquerda.



**Figura 1.** Tábuas para medir o crescimento dos netos

Levei uma tampa, na garagem. Que estamos muito ocupados, vai demorar duas horas para te arranjar o pneu, disse-me o empregado, bem refastelado contra o balcão. Experimenta aqui logo abaixo, há outra oficina. E lá fui, já com poucas esperanças e a ver o ar a escapar-se na roda. Sempre tive mais sorte. O funcionário disse-me que os mecânicos estavam todos a tomar conta de outros carros, mas que ele próprio ia fazer o serviço. E assim foi, em dez minutos estava pronto para seguir viagem, não sem ter dito ao amável funcionário que gostaria de ter a garagem dele perto da minha casa, passaria a ser seu cliente.

Passei pela baixa da aprazível cidade de Auburn e desci a sinuosa estrada até à confluência dos dois braços do American River, uma zona muito procurada por caminhantes e ciclistas de montanha. Aqui levei a segunda tampa do dia, eu tinha pesquisado ontem na internet e julguei que ia estar tudo em ordem. Contudo, mal me ia aproximando do meu destino, fui vendo as barreiras que bloqueavam o acesso aos espaços, nas bermas, onde se pode estacionar, já que este parque não tem estacionamento próprio. Desiludido, resolvi conduzir um pouco mais para norte, só pelo prazer de disfrutar da paisagem de uma bonita estrada. E, desta vez, tive sorte, dei de caras com a entrada para uma zona de trilhos onde, recordei-me, eu já havia estado há anos. Só estavam dois carros à entrada. Conversei com um casal que vinha de saída e, pelo que eles me disseram, a entrada era grátis e não encontraram ninguém nos trilhos, que tivesse cuidado para não me perder. Perder-me, eu???

Meti-me a caminho e fui, no início, regalando os olhos com as cores da natureza. Clicava fotografias, ora com o telefone, ora com a minha velhinha Canon. O dia estava mesmo no ponto, não muito calor, mas com uma luminosidade perfeita, quase que não havia sombras. O amarelo das papoilas brilhava contra o verde da vegetação e contrastava com o azul de outras flores silvestres. Troncos caídos e já a apodrecer lembravam-me que a vida e a morte também passam pela floresta. Imagino que muitos destes carvalhos já serão centenários e não há sinais de ter passado fogo por esta mata. O silêncio era completo, apenas os meus sapatos, a resvalarem nos vermelhos cascalhos do trilho, produziam ruídos que afugentavam as centenas de borboletas pretas que esvoaçavam de ramo em ramo. Confirmei a tal teoria que diz que o bater das asas de uma borboleta aqui, pode causar uma tempestade na China. Eu não sentia o movimento no ar mas via, quando se juntavam duas ou três numa espiga de verdura, ela balançava mal as borboletas se mudavam para outro poiso.

Cheguei ao alto de uma ravina e desfrutei de uma vista maravilhosa sobre o rio, lá em baixo, no fundo do vale. Fiquei com pena de não ser pintor, este era o lugar ideal para um artista criar um soberbo quadro. E tive pena também de não ser um bom fotógrafo, para poder tirar partido daquilo que a Natureza ali deixava à disposição dos meus olhos... o azul do céu, o branco das nuvens, os verdes das árvores, o arco-íris de cores das flores silvestres, o vermelho do solo, o preto das borboletas...

Caminhei, a descer, pelo que eu pensava era o caminho que me ia trazer de volta à entrada. Mas, às tantas, parece que o trilho desapareceu debaixo dos meus pés. Fiquei à nora e resolvi regressar pelo mesmo atalho que vinha seguindo. O pior é que já tinha descido bastante e agora para trepar até ao cimo foi um cabo de trabalhos. Tive que ir parando à sombra das árvores, para recuperar o fôlego e descansar o tambor do peito. Felizmente não estava muito calor e eu tinha a uma garrafa de água bem fresca, mas deu para entender que, quando se tem 67 anos e 10 meses de idade, ir para um lugar destes sozinho não é boa ideia. Num instante pode acontecer uma caída, torcer ou partir um pé ou a “máquina” decidir que foi altura de ver o último rio, a última árvore, a última borboleta.

Tenho algumas fotografias para rever o lugar por onde andei. Não saíram mal, a Canon colaborou, assim como o telefone. Pena que só consegui captar uma borboleta.

Regressei a casa e dei por mim no meio de uma Epidemia. Durante três horas nem pensei nela, poderia ter ouvido notícias no telefone, mas preferi ensurdecer-me com o silêncio da luz do sol e com o perfume das papoilas. Os velhos carvalhos vão estar lá à minha espera. Os vírus que os possam tombar são diferentes dos que tombam os humanos.

Será que vou arranjar companhia para uma próxima visita?



**Figura 2.** American River em Auburn, Califórnia

**MAIO 3, 2020**

11 AM

Pois, para variar, temos uma notícia diferente: O Marco veio cortar-me o cabelo. Já estava mais do que a precisar, a lâ já era muita e saiu baratinho, nem gorjeta ele aceitou.

O cabeleireiro desenrascou-se bem, ele tem experiência de cortar o cabelo ao irmão, de forma que me senti confiante no resultado. Aliás, não deve ser difícil, a minha só tem metade do cabelo (ou menos ainda) do que uma cabeça normal. E foi a primeira vez que tive um genro a puxar-me pelas orelhas!

Parece que anda tudo na mesma onda quanto à vida nesta América. Continua a luta entre os “sim” e os “não”, os que se acham confiantes numa abertura parcial ou mesmo total da economia e os que pensam que ainda é prematuro tal aventura. Veremos o que vai dar. Claro que há Estados onde os números fazem crer que tudo está resolvido, que o vírus está controlado; mas noutros, os especialistas, mais preocupados, tentam explicar que esta Epidemia poderá renascer durante o Verão e Outono e com mais força do que se manifestou agora. Temos luta para muitos meses.

Está a chegar-me um cheirinho delicioso vindo da cozinha. Fui mexericar: vamos ter ervilhas guisadas com linguiça para o jantar! Hoje não é dia de festa, mas como a Alice só se resolve a cozinhar

esta iguaria lá de longe em longe, é o mesmo que ser dia de festa. Talvez será para celebrar o meu corte de cabelo! Se assim é, eu peço ao Marco para me vir tosquiar mais amiúde.

E cabelo? Onde é que o vou arranjar?

E ervilhas frescas, onde é que as vou arranjar?

Quero com isto dizer que o pitéu estava mesmo no ponto! A cozinheira, embora não execute esta receita há muito tempo, ainda não se esqueceu de como combinar e condimentar os elementos necessários para que o prato fique divinal. Quando como ervilhas assim, lembro-me de duas coisas: primeiro, ainda tenho lembranças de quando acompanhava o meu avô José Bailhão aos “serrados” da Canada do José Albino e ele me explicava, para eu me sentir importante, que deveria deixar cinco ou seis ervilhas em cada coveta. Eu, também com cinco ou seis anos nessa altura, seguia atrás dele e fazia como recomendado. Gostava também de debulhar ervilhas, quando a minha mãe as cozinhava, eu consolava-me a abrir as vagens e passar o dedo para as separar e entornar dentro de uma pana.

A segunda memória que me trazem as ervilhas é de quando, já na Califórnia, íamos em passeio familiar ou, mais tarde, só eu e a Alice, até Half Moon Bay onde as comprávamos nas barracas dos produtores. Aliávamos o útil da compra de frutas frescas ao agradável de um passeio pela costa, para ver o mar e as gaivotas. Agora, metidos aqui no meio da Califórnia, tenho que investigar para saber onde posso comprar ervilhas frescas, apanhadas na hora. As que comemos hoje eram congeladas, mas, mesmo assim, bastante saborosas.

Pronto, já dá por hoje. Amanhã, segunda-feira, veremos como vai começar a semana que, por enquanto ainda não é de trabalho. Sei que o DDT aproveitou o fim de semana para se estender com várias dezenas de Tweets destinados aos seus apaniguados e a provocar e ofender os opositores. Nisso o homem é mestre. Deve ter seguido o conselho do meu avô, mas como não entende português, pode ter percebido: “Deixa cinco ou seis *mentiras* em cada coveta”.

**MAIO 8, 2020**

3.45 PM

[...]

Daqui do sossego da minha “caverna”, posso ouvir o sossego do resto da casa. Da sala-comum, o silêncio (afora o zum-zum do AC) é cortado apenas pelos bocejos da Alice que, invariavelmente quando se senta a ler a meio da tarde, dá-lhe sono. Esta noite passada ela dormiu bem, ao contrário de ontem, quando acordou bem cedo com o estafermo do cão do vizinho a ladrar às 6.30 da manhã! Fui lá fora e pendurei-me na vedação, a gritar bem alto, a dizer ao cão que se metesse em casa, que era ainda muito cedo para estar a ladrar aos patos. A conversa não era para o cão, que não me entende, mas dirigida aos papalvos dos vizinhos. A culpa não é dele (cão) mas sim dos seus donos. Já lhes pedi várias vezes que não deixassem o cão vir fazer o xixi matinal tão cedo, mas eles distraem-se. Os meus vizinhos falam com este cão como se ele fosse um filho, o que não me incomoda nada. Contudo, se pensam que o cão é assim tão esperto, então deviam ensiná-lo a usar o sifão do quarto de banho. Ou aprender a ver as horas...

A meio da manhã, a Alice disse que estava a pensar fazer umas fajitas para o jantar, mas que ia desistir porque lhe faltava um pimentão-verde. Prontifiquei-me logo para o ir comprar, era a desculpa para ir dar uma volta. Passei primeiro pela casa da Carla e deixei, no Castelo das Fadas da Olívia, uma bugiganga. Ela construiu, cortando um garrafão de plástico e decorando-o com stickers coloridas, um Castelo onde as suas Fadas lhe deixam pequenas lembranças. Eu penso que ela está desconfiada que eu sou uma das fadas, hoje deixei lá um aparador em forma de peixe. Talvez mais tarde a mãe vai trazê-la aqui à porta e ela, com os olhos cerrados e o nariz torcido de desconfiança, vai perguntar-me se eu é que fui lá fazer o depósito. E eu consolo-me com estas brincadeiras. Vou ter que o fazer com

cuidado porque não quero que ela se deixe levar numa onda fictícia e depois tenha uma decepção. Já basta a estória do Pai Natal e do Coelho da Páscoa.

Ia-me esquecendo de dizer que, em vez de ir ao mercado mesmo aqui ao pé de casa, fui ao que fica bem perto da casa da Lisa e assim, por *distração*, fui lá bater à porta dela e entregar à Mia Isabel um saquinho com biscoitos que a Alice fez e um aparador igual ao que a “fada” deixou à Olívia. Com a Mia Isabel a brincadeira das fadas já não pega. E com o Dominic muito menos, estava ele era atarefado com problemas de matemática e... a crescer! Como o vejo agora poucas vezes, parece que o rapaz está cada vez mais alto e com o bigodinho a escurecer. Carne nos ossos é que não se vê nem pisca!

No supermercado passou-se um episódio que já não é a primeira vez que me acontece, nestes tempos de caras tapadas com máscaras. Até já não me lembro se relatei aqui nos Diários quando me aconteceu a primeira vez. Cruzei-me com uma senhora, sem máscara, que estava a olhar para os tomates enquanto eu escolhia os pimentões verdes. Ela sorriu para mim e eu disse-lhe que também tinha sorrido de volta, talvez não se notasse por causa da minha proteção facial. A senhora disse-me, simpática, que tinha reparado nos meus olhos que eu não ignorei o cumprimento dela. Lembrei-me disto quando, durante o jantar, vi uma reportagem na TV que documentava que muitos doutores e enfermeiros colaram fotografias suas nas batas e equipamentos de proteção, para que assim os seus doentes os possam identificar, já que andam constantemente com as caras tapadas com máscaras. Outros profissionais de saúde até colaram fotografias nas próprias máscaras, de modo que se possa ver uma versão mais aproximada das suas caras. Grandes ideias que ajudam as pessoas a recuperarem melhor e a voltarem ao normal.

Com estas conversas de cães a ladrar, de castelos de Fadas e de sorrisos ao desbarato, esqueci-me de falar nas atrocidades da Epidemia. E tanto que havia para dizer!

Haja saúde!

**MAIO 15, 2020**

7.15 PM

[...]

Ora bem, descobri que hoje se celebra o Dia Mundial da Família. Estes Dias Mundiais disto e daquilo dão-me vontade de rir. Quase que aposto que os inventores destas celebrações foram as companhias que desenham e vendem cartões celebrativos aos milhões e toda agente compra para enviar ou oferecer. Mas também me está a parecer que essas companhias devem estar a ter grandes prejuízos porque os *memes* das redes sociais já devem ter ultrapassado os cartões reais em quantidades e até em qualidade. Para não ficar atrás dos outros, aproveitei para *meter* mais uma dezena de fotografias das minhas filhas e netos, num álbum dedicado à minha família e assim ficou a celebração feita.

Já o escrevi aqui que espero que as mudanças que este Coronavírus veio trazer às nossas vidas não se vá refletir num afastamento ou num descurar das relações entre familiares. Estamos, momentaneamente, espero, distanciados e com poucos contatos, mas havemos de retornar a convivência e as trocas de abraços e beijos. Porque senão, a nossa história familiar vai toda por água abaixo! Em resposta a um comentário do meu primo Fernando brasileiro, eu inventei mais um provérbio. Já outro dia inventei um – “Sábado Encalorado, Corpo Alagado” – se calhar ainda vou arranjar um trabalho numa dessas companhias de cartões. O de hoje dizia assim: “Família Unida, Vitória Garantida”. Poderei substituir a palavra “Vitória” por outra melhor que me venha a ocorrer, mas por enquanto fica assim. Quem sabe “Felicidade”, ou “Alegria”... vou pensar nisso.

Neste Dia Mundial da Família, foram poucos os encontros diretos aqui à volta. Fui num pé e vim no outro, à casa da Carla, para ver como vão seguindo as obras no quintal dela. Falei de raspão com a Olívia, que até me disse que estava a preparar para amanhã o Dia de Apreciação aos Pais! Ela nem tem seis anos, mas já está a fazer-me concorrência para me roubar o trabalho de inventar cartões! Lá

estava atarefada, a desenhar bonecos coloridos, para fazer a decoração que tem planeada para surpreender os pais. Entretanto a Carla, como sempre, perguntou-me como vão as coisas aqui pela nossa casa, como está a mãe. E eu, ingenuamente, só respondi: “Nem sei se já trocámos alguma palavra hoje!” Eu e a mãe da Carla não somos de muitas conversas, entendemo-nos muito bem no silêncio, se não é preciso gastar palavras, pois fica assim mesmo. Até sou “acusado” de não ouvir quando ela fala comigo algumas vezes, mas isso é defeito antigo.

Do resto da minha família, a que está espalhada pelo Mundo, vou sabendo aos solavancos. Vigio as páginas deles do Facebook, ocasionalmente trocamos uns telefonemas ou uns e-mails e pronto, está o contato feito. Não é falta de interesse ou qualquer tipo de inimizade, apenas já nos acostumámos assim. Quando há más notícias, elas chegam depressa, portanto se não há notícias é sinal que... não há más notícias. Tenho que inventar um provérbio para explicar melhor esta situação.

Não me vou virar hoje para as notícias trumpetistas porque, essas, são sempre todas más. Apenas anotar que tirei uma fotografia através das grades do quintal. Surpreendi um senhor que estava, porventura, muito contente com a sua bicicleta nova e ali se quedou, mesmo em frente à *minha* árvore, a tirar fotografias ao que poderá ser, quem sabe, o membro mais importante da sua família, a sua reluzente bicicleta.

Se calhar posso atribuir-lhe um provérbio, mesmo sem o conhecer de lado nenhum: “CADA UM TEM A FAMÍLIA QUE MERECE!”

Por minha parte, eu penso que tive a melhor família do Mundo. E esta afirmação encaixa tanto na família onde fui criado, como na família que criei mais a minha companheira de vida.

Love you guys!

**MAIO 18, 2020**

4.50 PM

Ainda os ouço perfeitamente, embora já mais à distância.

Parece que São Pedro anda a arrumar a mobília lá no alto e deve ter pedido ajuda a Todos os Santos, o clube lá do seu bairro. Se eu os tivesse visto quando vigiei pelos buracos das negras nuvens, teria sugerido que tivessem embrulhado uns pedaços de Cúmulos aos pés das mesas e cadeiras que estavam a arrastar. Fizeram tanto estardalhaço que até deu faíscas!

Era (e ainda anda por aí) o que eu ouvia chamar de trovoadas secas. Não vi os relâmpagos porque estávamos a meio do dia e ao longe, por debaixo da camada de negridão, podia ver réstias de azul celeste e brancos Stratus, se não estou enganado, nunca fui bom nefrologista.

Eu tinha trabalho para fazer, não era uma ruidosa trovoadas secas que me ia deter. Fui à casa da Carla para trazer no meu carro uma quantidade de pedras quadradas, das que se usam para servirem de passadiço. Com as obras no quintal deles, as pedras ficaram a mais, e eu aproveitei para as usar no espaço no lado da minha casa, vão facilitar o meu andar naquele corredor. Suei as estopinhas para as acartar e comecei a instalá-las... mesmo na altura que começou a chover, a trovoadas deixou de ser seca para se transformar num aguaceiro daqueles que te atingem com uns pingos grossos como balas. Tive que arrumar as botas e o resto das ferramentas, fica o trabalho para terminar amanhã. O que até é boa ideia, se eu fizer tudo hoje, amanhã tenho que arranjar outra obra.

Aqui ao lado, a televisão vomita trapalhadas dos trumpistas a toda força. É a notícia que o DDT diz que anda a tomar o tal medicamento que ele já tentou vender antes e que até nem foi aprovado pelo FDA; é a notícia que ele, no período de 2 meses, já despediu quatro dos inspetores de organismos governamentais. E, de certeza, os restantes, pelo menos os que foram instalados por Obama, vão levar com a tábua no traseiro da mesma maneira; são as notícias que as ordens para se voltar às normais atividades económicas e sociais poderão ser precipitadas e provocarem a perda de muitas mais vidas;

e, as alarmantes notícias que as tribos Navajos estão a sofrer cada vez mais mortes, a fazerem subir o número de vítimas a nível nacional, que já ultrapassa 1 milhão e 500 mil infetados e 91 mil defuntos.



**Figura 3.** Trovoada seca, sobre o meu quintal, Lincoln, Califórnia

No meio desta miséria toda, foi a minha escrevinhação distraída por uma barulhada medonha de buzinas de carros. Pensei que estava na Rua da Sé da minha juventude, quando passava um cortejo de casamento. Fui a correr à porta e vi um espetáculo engraçado, que já tinha testemunhado antes em vídeo: um dos meu jovens vizinhos, talvez os dois rapazinhos gémeos que vivem duas casa abaixo da nossa, fez anos hoje e os pais organizaram um cortejo onde os amigos os vieram saudar com cartazes coloridos, trazer ofertas e cantar o “Happy Birthday” à distância. Foi engraçado de ver, embora a Alice tivesse ficado com a lágrima no olho, a pensar na tristeza desta situação, e a imaginar que o nosso Dominic faz anos na próxima semana, talvez os amigos vão surpreendê-lo com algo semelhante.

E tem razão, a “Vólice”. Ficou ainda mais triste quando viu uma série de fotografias que a Carla lhe mandou. Mostravam o modo como as nossas duas netas, a Mia Isabel, com 8 anos e a Olívia, com 5, separadas fisicamente por uma distância de 15 km, mas unidas nas suas brincadeiras via Skype. Deitada no chão do seu quarto de cama e rodeada por caixas com bonecas e outros brinquedos, a Olívia, muito atenta, mirava o computador portátil que tinha à sua frente e via e ouvia a Mia no ecrã. Só posso imaginar o que terá sido dito naquela conversa: falaram de palácios de fadas, dos filmes que gostam de ver repetidas vezes, do que fizeram durante o dia...

Eu ia escrever que espero que elas se lembrem no futuro, destas experiências de brincarem à distância. Mas não, não quero que elas se recordem destes tempos de epidemia. Não quero que as lembranças da meninice delas incluam imagens ou memórias dos dias em que nem se puderam ver ou correrem juntas ou andarem de bicicleta nas ruas ou irem nadar e saltar nas piscinas. Perderam meses da sua infância.

O que realmente espero é que este pandemónio nos deixe em paz e não interfira mais no crescimento dos nossos netos. Eles merecem melhor do que têm passado.

*Los Angeles: Um monólogo*

Helder Araujo

*Aqui não há ruas apertadas,  
Nem passadeiras concorridas.*

Há amores grandes que nos arrebatam de repente, e todo o corpo é testemunha. Há outros que são mais calmos, que crescem insidiosamente, entre avanços e recuos, gostos e não gostos. Quando se revelam, já são realidades inegáveis e de uma grandeza e complexidade que surpreende. O meu amor por Los Angeles foi deste segundo tipo. Uma cidade tão estranha, com pouco ou nada que lembre uma cidade. E tudo o que tinha para lembrar uma cidade, a baixa, era enganador porque em 2008, quando cheguei, era uma baixa que morria depois das quatro da tarde. Como se ama uma cidade assim?

*Mas prende-nos a alma  
com a força de raízes.*

Como se constrói uma casa numa cidade como Los Angeles, a milhares de quilómetros de onde se nasceu? Até o oceano é outro. Curiosamente Cabrilho, talvez português, talvez não, terá tido a mesma proveniência do que eu, a Cabreira, um lugar onde tudo são quadras em azulejos que revestem paredes de um pesado branco.

*Esta casa aqui  
É mais casa  
Do que a casa  
Onde sempre vivi.*

Quando saís da tua casa, deixas de ter casa. E jamais sabes de que casa és. Vives à deriva. Talvez nunca chegues a estar bem em lado algum. Deste lado, faz-se assim, mas do outro não. Do outro, faz-se assim, mas deste não. Uma ambiguidade agravada pelos aeroportos e pela brevidade dos encontros. Tudo tem um fim. Uma semana só tem sete dias e o voo está marcado para o dia 29. O avião traz-te de volta. Já num carro, vês o *skyline* dos prédios da baixa, chegaste a *esta* casa e tudo se torna outra vez mais leve.

*Há neste lugar a leveza  
de quem se reconstrói  
a cada pulsação.*

A capacidade de (re)construção requer liberdade plena. Como se pode ser livre com as amarras do que se espera de nós? Nasce-se homem, e espera-se isto. Nasce-se mulher, e espera-se aquilo. Tem-se esta a idade, e espera-se isto. Tem-se outra idade, e espera-se aquilo. Cada espera prende-nos mais e mais. Ora, a liberdade de um estrangeiro que se despe da sua língua e de todas as associações e expectativas que traz consigo, pode, contudo, chegar a níveis de liberdade quase plena. Não fossem as pessoas serem pessoas em todo o lado. Não fosse o estrangeiro ter memória...

*Aqui, sonha-se  
e deixa-se sonhar.*

*Sonha-se tão alto,  
que se flutua,  
sem correntes ou amarras  
do que já foi,  
sem muros ou barreiras  
do que não será.*

Para se sonhar em pleno, tem de se ser livre. Os olhos têm de estar fixos no futuro. Não pode haver amarras do passado, que nos lembrem do que fomos e que nos obriguem à continuidade. Todos nós temos de ter asas se for preciso voar e guelras se for necessário mergulhar. Não pode haver *nuncas* ou *nãos* no futuro. O futuro tem de ser uma verdadeira página em branco que se redesenha ao bater do coração. Só assim, se é livre. Só assim, se sonha alto. Mas quem sonha assim? E quem deixa o outro sonhar assim? Aqui, alguns. Há sonhadores em todo o lado. Aqui, há mais. E há sobretudo a aragem de sonhos que puxa até o menos ambicioso dos sonhadores a sonhar um pouco mais alto.

Todos aqui são qualquer coisa, mas falam sobretudo do que querem ser e do que acreditam que serão. Descremem-se e comportam-se como querem ser. Que liberdade essa de não se estar preso ao que se foi, ou ao que se é, e de se viver para aquilo que se quer ser. Sonhar e deixar o outro sonhar são das formas mais sinceras de liberdade. Não importa o que acontece a cada sonho, se se concretiza ou não, porque se trata apenas de *sonhar*.

*Ama-se com cautela  
porque amar  
afronta a liberdade.*

Quem ama assim tanto a liberdade e o sonhar, não ama como se ama nas terras de lá. Aqui, não há mães, nem filhos como os nossos. Não há avós, nem abraços tão fortes que nos apertem a alma. Não há terços, nem novenas que nos pesem no coração. Como poderia explicar os versos tão altos de Amália, “*Por uma lágrima tua, que alegria me deixaria matar*”? Aqui ninguém ama ou sofre por amor assim.

Não se ama o outro de um modo maior do que a si mesmo. Não se ama para se prender. Talvez nem se chegue a amar, mas dizem-me que se pode amar de formas diferentes.

*A noite ouviu suspiros  
e corações apressados.*

*Viu abraços e beijos,  
corpos entrelaçados.*

*Mas sentiu-se lograda:  
um coração batia por tudo,  
o outro batia por nada.*

Raramente, se ouve falar de lágrimas ou de coisa alguma que fira a alma. No pior dos dias e com o pior dos interlocutores, a intolerância ao sofrimento é tal que o sofrimento do outro nem chega a ser escutado. Arrumam-no para o lado, dão uma solução rápida e esperam que, assim ignorado, o sofrimento do outro não atrapalhe o dia de sol e o céu azul. Há portugueses também assim, mas os meus olhos estão agora do lado de cá.

*Descen,  
despreocupada,  
a lágrima,  
coitada.*

*Rompeu por um sulco  
e encontrou jeito de cair,  
redonda,  
só,  
esmagada  
num pedaço de chão  
que enchia o nada.*

*Os olhos,  
que a viram parir,  
fixaram-na e  
perceberam lamentos  
ainda por contar...*

*Outros olhos,  
que não lhe sabiam a dor,  
viram o molhado do chão:  
Faz chuva em pleno verão?*

Em Los Angeles, é quase sempre verão. Talvez também por isso o tempo seja outro. Há tempo para ignorar o tempo e refletir antes e depois de agir. Introspeção. O tempo mais valioso de todos. Com esse tempo, viver passa a ser de uma vida diferente que ultrapassa a dos calendários.

*The time in between  
was counted in calendars,  
pages of life lost  
to the life that days  
always bring.*

Com o tempo, a distância. A distância que permite perceber que as intenções são uma marca indelével que se pode até sobrepor às ações. Intenções, boas ou más. Tantas dirigidas ao próprio e tão poucas relacionadas com o outro. Pecados por omissão. Em Los Angeles, tantas são as pessoas que se movem por boas intenções, mesmo quando as ações ficam aquém do que seria esperado. Até na cidade dos anjos, somos gente que erra e vê errar. E, quando o globo gira, também aí vejo as boas intenções. Enchem as casas de paredes brancas, como aquela em que nasci. Resta-me, um terceto, ou talvez apenas uma quadra inacabada, num vaso de alecrim.

*Contas feitas e tudo acertado,  
Ponho de lado todo o pecado,  
Por saber da tua boa intenção.*

## *The Stones of Yesterday*

paulo da costa

**T**he rain-fed torrent leaps off the granite lip of this Serra da Freita escarpment where, concealed by the dense vegetation in the gully bottom, the waterfall will drop into the three terraced pools I swam in during my youth.

“The highest cascade in the Iberian peninsula.”

The claim to tallest fame does not etch an impression on your four-year-old mind.

Little by fast, dark by wide, arriving from the mountain range across, a spill of clouds stains the horizon until it smears the faraway thread of the Mizarela waterfall on its seventy-five-meter dive.

“Here is the snow I promised you, Koah.”

“Brrrr...” you say as you shake. Unannounced, the weather is dropping in on us. I help you zip up the wind jacket and the first flakes of cold land on your nose. You screech and jump in delight.

The snow arrives, albeit two months late and not for Christmas, when it was in every child’s imagination. You are not complaining. Any geography, any season is timely for snow in your limitless universe.

“How come this white stuff colors my hands red?” You gather handfuls of white, surprised at the immediate red imprint it makes on the skin. Your hands mold a frosty ball and hurl it at me. It is ironic that you, a Canadian boy, travelled to the Portuguese highlands to experience your first snow toss.

We rush for shelter in Castanheira, the nearby village, across from the quarry of biotite nodules—a rare geological occurrence of golden scaly-stones embedded in granite, which the locals named birthing stones, for they pop out of their mother-stones. Last year, an interpretive center officialized the site as a tourist attraction. The future has arrived. Twenty-two years ago I wrote a short story that anticipated the commercialization of the birthing stones site and the myriad of stone souvenirs to arise.

We walk down the steep cobbled lane, careful not to slip on the wet stones polished by centuries of passing hooves and feet, now waxed by the sleet. The village’s black slate roofs glisten. The vicious wind that finds us will also find the gaps in those stone house walls and bite the villagers huddled around fireplaces inside.

The ding-a-long, gong-a-song of brass bells, crisp and resonant, reverberates off the stone surroundings. We stop at the fork in the lane, then tilt our heads, tuning our ears two octaves above the whistling wind. The cattle sound their return from a day of roaming freely in the meadows and will find their corrals on the ground level of every house. They sensed the premature disappearance of daylight and the advancing storm. We press our backs against a wall, not knowing from where the



photo by paulo da costa

cattle will approach.

The castanets of hooves on stone signal their proximity. From such a narrow lane, where I imagine widowers could lean rosy cheeks across bedroom windows and kiss, a bull twice your height stops. He stares, surprised at the visitors in his path. After a brief snort, he essays a few steps toward us. “Ohhh...” you say, as your eyes widen and your body nudges closer to mine.

Even I hold my breath, admiring the long, twisting bull horns ending in a sharp duo of deadly spears. The eyes well above your height meet your gaze. “They are ginormous,” you say, unusually slowly, imparting reverence to your voice. I guide us to an exterior stone stairway in a crumbling house. We climb three steps. The orange on the bull’s fur glistens, polished by the falling snowflakes. Their presence brightens the uniform grey of the surrounding granite stone that frames the street. The luxuriant black of the slate roofs no longer steals our eyes’ attention.

The bull snorts, then moves its chiming song along, followed by six more cattle filing behind him. One by one they disappear inside separate home corrals the way a human would on their return home after a day of earning their daily bread. Soon after, someone in each house ambles down from their living quarters above the corral to drop the crossbar across the heavy wooden door, sealing the animals in for the night. A custom from a time these hills could still hear the wolf’s howl on the full moon.

I tap your shoulder again. You are staring down the lane where the cattle have disappeared into each house, as if the promenade of bulls had not stopped, as if the bells had not silenced. The snowflakes pile on the brim of your hood. I flick a snowflake on your face. Startled, you laugh, grab a handful from the step above us and find my bull’s eye. I place my splayed hands upright on my head and roar, “Run for your life!”

We run with the wind behind us to a meadow by the road displaying a brown historical marker. You are not interested in hearing me read the legends on the interpretive signs. Instead we play tag, leaping back and forth over the low wall of a dolmen, our feet finding the occasional puddle hidden among the heather. The snow is too wet to pile on the ground.

“What’s this mess of stones doing here?” you ask between laughs, attempting to catch your breath in the crosswind that slaps our faces and robs the air. The fierce wind requires me to shout. We lean toward the invisible force, walk onward.

“These are the remnants of structures from people who lived here long, long ago.” These hills have been a crossroad of many waves of peaceful and forceful occupations.

Behind, we find cultural tracks such as this Bronze Age chamber tumulus and the cromlech walls we are hopping over in a game of tag. From the Celts and Romans to the Arabs, these meadows still hide traces of their passage. Soon we will walk the quaint stone bridge on the Roman road built in the second century AD.

In the first century BC, the Celts would have felt at home when they reached the crest of these hills, climbing a thousand meters into the sky, and were offered a glimmer of the sea. This granite-quilted land, this gorse-infused air echoed another highland left behind on the British Isles. Your genetic roots link the Celtic people who inhabited these hills in the second century AD with your highland Scottish roots on your maternal grandfather Robert’s side. Across the Atlantic, a thousand miles’ ride on the back of a raven, your far-off Celtic ancestry intersects in these hills. In landscape and in flesh, your ancient past meets you for the first time.

In a few short years, backpacks on our backs, I will bring you to these hills again for an extended pilgrimage through the ages to find *citânias* (Celtic fortified villages), menhirs, and Neolithic rock art scattered through this landscape. Together, our fingers will trace the circles, spirals, triangles, and other symbols etched on these boulders. I’ll explain that two thousand years ago these hills sheltered a runaway branch of your distant Scottish past, and they have waited for you to arrive and meet your

Portuguese present. These stones mark the place where the DNA of your past has met the DNA of your present through your mother and me. In a cosmic dance of human migrations, the separated tribes have entwined again twenty-two centuries later. So today, on the hills of northern Portugal, one encounters blond and light-eyed people like you.

Your stone age began on the day you left the cradle to crawl in rapture, on knees and hands, over the pebbled beach of Clover Point in Victoria. Perhaps in your genes, perhaps in close-eyed proximity to the land, the texture, shape, and color of stones at once enthralled you. From that first day, you became invested in living closer to stones—and since your mother and I are no longer nomads among stone landscapes—you bring your treasures home to hide under your pillow, your dinner table mat. When collecting the laundered clothes from the dryer's tumbler, we find striking black basalt or green agates, yellowish green epidotes or rust-red jasper, a variety of rock shapes and colors living in your pant or shirt pockets. In our home's foyer, a stone pile grows by the shoe rack as a result of our parental *confiscation* after a park outing. Inside tiny pockets, you have smuggled stones through airport security. The guards shrug and smile after evaluating the efficacy of a small stone weapon in your hands on a long-haul flight.

"It's freezing, Koah. Let's hop in the car." I bend low to fool a knock-down wind gust. As usual, you are crouched over the ground; your fingers dig. You stand up and wave.

You found one of the quartz stones abundant in this range. A tiny one. Sometimes, I notice those angelic shells by their returning glimmer in the sun, watching me. Both your Portuguese great-grandfathers collected quartz from these mountains. I remember those pumpkin-size stones embedded with purple crystals. They lined the corn-threshing patio, and my child hands could not lift them. Your heavenly gaze, while holding up your prize among this sea of rock, may indeed have ancestral resonance, as megalithic and Celtic peoples venerated their stone.

The dance of hand and stone survives today in this country of skillful stonemasons reshaping the hard stone into contemporary visions of beauty. You see it every day in the blue basalt designs against limestone-cobbled sidewalks where you enjoy skipping and hopping along patterned anchors and stars, flowers and mermaids.

One day, I will tell you that your paternal grandmother's side of the family, now settled on the Cambra valley bottom for five generations, also walked down from these hills in the 1800s, hailing from the village of Rocas do Vouga. My childhood blond hair might be a genetic echo of that lineage map. Perhaps mountains and stones are embedded in our bones and that is why, when my eyes set on the Canadian Rocky Mountains for the first time, my feet turned into stone, and I stayed in Alberta. I married that first time in the wilds of Banff National Park by the Bow River; the justice of the peace, huffing and puffing, climbed the hoodoo trail, stopping often, pleading to know if the marrying spot was much farther. After the vows, the clothes slid off and I dove into the glacier-fed waters for the true shivering and blessing. I settled in the Rockies, or its foothills, for years, and like your great-grandfather Matos in his Freitas stomping grounds, I disappeared into the mountainous silence in the company of my thoughts, and with which I conversed, wrestled and argued. Those weekly incursions into the towering cathedrals of stone populated by bears, porcupine, and elk were a treasure hunt to find the hidden parts of my spirit buried beneath the human culture that had insisted that I suit and tie my body, lipstick my mind.

My exposed hands quickly rust out in this Freitas snowstorm. My fingers move in slow motion. They find the car door handle. I call you again. You arrive running, the quartz prize clutched high above

your head. The blizzard lands upon us in full force, and I drive with caution along the twisting, slippery road toward the valley bottom. We make slow progress through one of the many passes on this mountain range, marveling at a granite church signaling the latest sequence of people to leave a marker of their beliefs on this landscape. In a thousand years, our descendants will also admire the seven enormous crosses chiseled from granite marking the walking route to the church and recreating Calvary.

This is the sea-bound land that makes Portugal, a meeting place at the beginning of what is now called Europe; a crossroads of sailors whose people have Phoenician, Greek, Roman, Celtic, Carthaginian, Swabian, Arab, and African blood in nearly every body walking these political boundaries, since even before the navigators sailed away in the XV century to further mix the genetic pot of the planet. In 700 BC, when the Celts arrived, these ranges belonged to a county called Portucalae. This land and this people are a hymn to crosspollination and the genetic impetus for receiving and expanding into newness, despite the blood atrocities of history committed in the process. All these people, all this past history is also you, my son. This vast heritage of peoples is your strength, sorrow, and beauty. A tapestry that is not woven of one thread only. These are the true roots of any false claims of purity, here or anywhere.

You eat your picnic of bread and cheese, yogurt and orange in the backseat of your grandfather's car, marveling at the whiteout that envelops us. Halfway down, the storm vanishes into another dream. The green, terraced fields return without a hint of the icy winds and the blistering snow curtains that settled at the top.

Two days later, we return to these Serra da Freita hills. There are no traces of the snowstorm that touched this landscape. It is another day and another dream of living. The sun, wind, and heather, the stones and earth drank the moisture. We sit between tall boulders on the edge of the Caima River, which in a hundred meters will become the Mizarela Waterfall. After tossing stones into the rapidly moving water and cheering the loud plonks, you climb these boulders that lift you higher than your fears. You enjoy the wider view of the wind turbines on the distant ridges. Arms spread, your blue jacket billows. A curious swallow sweeps near your head.

"The swallow mistook you for a juicy mosquito," I wink.

After you tire of scrambling up and down the boulders that make you slip and cling to conquer their top, you settle below me, digging the ground again for stones.

"Did you know your great-grandfather Matos walked these hills every autumn tracking wild animals?"

"What for?"

"To hunt them."

"That is not very nice." You look up from your stone digging, your nose shrivels up in concurrence.

Most of his life, your great-grandfather Matos retreated to these Freita hills to be alone with his hunting dog, Chancas (Clog Shoe), and to be true to his family name, which means *of the Woods*. After a steep day's climb from the valley bottom, he would tramp about for days. Once among the heights, he would crisscross these gullies and escarpments hunting for partridge, fox, wolf, hare. This is how some men demonstrated their love of solitude and of the outdoors. By harming it.

Throughout my childhood I cringed at the splayed fox pelts on the dining room floorboards, with hollowed sockets, toothless, agape mouths, which your great-grandfather encouraged me to pet and admire. I always avoided those macabre rugs, and tiptoed past that chilling corner of the house.

Hunting evolved as a socially accepted justification of your great-grandfather Matos and preceding generations to disappear and commune with the earth. To others, it was sport. His son, your great-

uncle José Maria, followed his hunting footsteps on these Freita hills, and expanded his firing range further afield into the southern plains and the northern border hills of the nation. He has already introduced you to the stuffed birds, badgers, and other creatures in his hallway glass display. He is proud to point to the royal eagle shot near the Salamanca province border as it glided out of its protected Spanish nature park. In Portugal, this eagle species had vanished for some time, and now it is nearly extinct in the Iberian Peninsula. The hunting family tradition has died, now that your great-uncle José Maria is in his eighties and too weak to climb the rugged terrain with shotgun in hand. The family hunting mind survives in the video games your cousins play, where the stakes have evolved to hunting humans and monsters in fast-moving bytes.

At last our family has left the animals in peace at Serra da Freita. Although, to arrive at this mountain range in a gasoline-powered vehicle, and not on foot, we too have caused far-reaching harm to nature, to creatures near and far, to other peoples and lands elsewhere on the planet. Nevertheless, you and I invent less harmful games in these mountains today. Or no games at all. We sit in and with the quiet, learning from the stillness and the courageous winged or lizard visitors that arrive full of curiosity to teach us belonging and co-existence. The quad- and motorcycle-chewed trails on surrounding landscape paths still demonstrate that these hills are held ransom by the mind that seeks the away, yet brings along its restless longings and poisonous machines to pollute the silence. It is with the unstill mind that pollution begins.

“Come up to eat our picnic and enjoy this magnificent view.”

In the distance, the cinder-bone mountain ranges hem in the horizon beyond the Caima waters gurgling below us. White, gigantic windmill blades churn the westerly in the heights, and help make this country’s electric power grid run fully on renewable energies.

You continue digging on the rocky ground and sliding those mineral discoveries into your jacket pockets, now bulging with the stones you must bring home. “They are special,” you assure me, climbing up the boulder to join me. The black-freckled granite, the fish-shaped basalt in your hands, you bring closer to my eye. Your delighted grin in sharing your treasures meets my delighted grin in sharing your delight. Each stone holds a story, carries a meaning you alone have attributed. One day you will recognize you love stones like you love a best friend. In holding silences, they amplify the little voice inside you, the stone foundation of your being. That little voice that needs surrounding quiet to be heard, to be listened to the way stones know how. Stones teach you the practice of listening to the interior landscape that you can map best. The rest of the world, from school to church, will make you listen to the outside, force your own voice silent, so as to be talked to, to follow and be molded.

Another day ends on the crest of this mountain. The breeze arrives to tickle the clouds to bed, to push the sun toward the sea and out of sight behind us. There, it shall sleep among beds of seaweed. While we finish our cornbread and sheep’s cheese, the birds linger in the wings awaiting our inadvertent gifts. We have let the landscape see us and our peaceful intentions become part of it. We have gone inside ourselves to find our place in the universe, and we have returned. You have also returned holding one more quartz lump in your hand, so that your stone-filled pockets shall anchor your memories to these hills.

Reluctantly, we rise to our feet atop the boulder in this land once trod by an ancient tribe we call the Lusitanian people. Few today follow the maze of trails to our ancestral tribe of Celtic origin. These hills are our sanctuary, my son.

We shall return.

We shall return often.

## *Alberto de Lacerda em Longes Terras*

Luís Amorim de Sousa

A minha amizade com o poeta Alberto de Lacerda, iniciada em Londres no começo da década de sessenta, mudou com a minha ida para os Estados Unidos. O Alberto lecionava então na Boston University e eu ia ocupar o cargo de Conselheiro de Imprensa junto da nossa embaixada em Washington D.C. Em Portugal, o primeiro governo constitucional começava o seu mandato.

Tudo era vago, prometedor, e excitante ao mesmo tempo.

Em Londres, o Alberto e eu marcávamos encontros, geralmente no West End, e partíamos os dois para as voltas do costume: museus, galerias de arte, livrarias e os cafés que o Alberto frequentava. Nesse domínio, a escolha era resolutamente do Alberto. Nunca frequentei cafés, e para ele os cafés eram “uma exigência do mundo civilizado”.

Na América, não tendo essa facilidade de encontro, a nossa amizade entrou na “fase eletrónica”.

A frase era também do Alberto, que detestava toda e qualquer espécie de “máquina, maquinaria ou maquineta”, exceto o telefone e o gira-discos, a Kodak Baby Brownie que o punha “em competição com Cartier-Bresson” e, posteriormente, a fotocopiadora, que “na verdade, faz imenso jeito”.

Entre Washington e Boston, a partir de certa altura, instituímos o telefonema das onze, e com um drink ao lado e livros de poesia sempre à mão, ficávamos à conversa até à hora de recolher. Víamos-nos muito menos, mas conversávamos muito mais. E, naturalmente, havia temas que vinham sempre à baila. Um deles era a distância imposta pelo exílio. Os efeitos da distância.

A América, para nós, não era um ponto de exílio. Nem para mim nem para o Alberto. Mas era um passo a partir do mundo que nos tinha dado abrigo. Estávamos ambos mais longe. E para nós, viver na América complicava outra questão que é subjacente ao exílio. E essa questão é o regresso. Não propriamente voltar, mas pisar o chão da língua.

Nem o Alberto nem eu correspondíamos de todo ao padrão universal do português ausente do país.

Estar ausente, para nós, era viver noutro sítio. Viver sem ficar retido no tradicional “assar da sardinha lusitana da saudade” no dizer de Jorge de Sena. O nosso convívio em Londres decorreria sobretudo num mundo que já era nosso. Um mundo fértil de achados, interesses e amizades.

Na América, para mim, havia um cargo a preencher. O Alberto, já desde Londres, mantinha relacionamentos no mundo literário americano. Figuras destacadas como Marianne Moore já o tinham lido e citado.

Desses relacionamentos resultou a certa altura o convite que o levou (sem formação académica) a lecionar literatura portuguesa e brasileira na Universidade do Texas, em Austin. Numa carta que enviou em 1967 à sua grande amiga Vieira da Silva, o Alberto escreveu:

Imagine o meu topete em aceitar uma coisa dessas. É só por seis meses a princípio, mas talvez fique uns meses mais [...] Às vezes sinto-me apavorado com a responsabilidade.

Mas numa carta posterior, escrita de Londres, adiantou:

O maior risco ainda é deixar Londres: os trabalhos que eu aqui tenho e alguns que talvez venha a perder. Mas ao mesmo tempo a América abre-me perspectivas imensas: traduções, possivelmente tournées de conferências de vez em quando (que são bem pagas) etc.

Essa expectativa tornou-se realidade. Os seis meses de contrato deram lugar a três anos.

Em Austin, e a mero título de exemplo, o Alberto colaborou entre outras, e desde o primeiro número, na prestigiosa revista *DELOS* com poemas originais e traduções. Colaboravam no número inicial figuras como Roger Shattuck e Robert Lowell. Ao lado de Octavio Paz, ajudou a coordenar e participou também num célebre festival internacional de poesia que reuniu poetas como Jorge Luís Borges, Robert Duncan, Louis Zukofsky, Czeslaw Milosz e Robert Creeley. “An ecstasy of poet’s company”, escreveu Duncan.

No que respeita a traduções dos seus poemas, o Alberto, que se estreara numa edição bilingue lançada pela editora britânica Allen & Unwin, em Londres, continuava a ver os seus poemas traduzidos por poetas em seu redor, desde nomes consagrados como Paz, à jovem Harriett Watts, autora de um livro que me encantou quando o descobri em Londres: *Three Painter Poets: Arp, Schwitters, Klee*, lançado pela editora Penguin.

A experiência americana, iniciada a meio de uma fase de agitação política e social, levou-o a enveredar também pelo caminho de contestação. Na revista alternativa *The Rag*, publicou, no auge da crise do Vietname, o poema “Peace March”, mais tarde incluído num livro essencial que nunca teve “vida própria”: *Mecânica celeste*. Escrito entre 1967 e 1970, esse livro só veio a sair em Portugal no ano de 1994, no volume *Oferenda II*. Em Austin, publicou também uma bela edição de *Selected Poems*, lançada pelo Humanities Research Center da Universidade do Texas, livro saído em 1969.

Das amizades que entretanto foi fazendo resultaram não apenas convívios mas convites. Convites para colaborar em revistas essenciais, como *The Partisan Review*, cujo responsável pelas páginas de poesia era na altura o poeta John Ashbery, e leituras como a que fez na primeira sessão da série *Voices of Dignity*, que decorreu em Cambridge, Massachusetts, ao lado de Joseph Brodsky, Amy Clampitt, Gary Soto e Derek Walcott.

Por essa altura Alberto lecionava já em Boston, onde reencontrou velhos amigos e foi fazendo novas amizades, algumas delas especiais. Destaco os nomes de Jhumpa Lahiri, então sua aluna, e Anne Sexton, cuja morte o abalou profundamente. Dela guardou, com especial carinho, livros de poemas com expressivas dedicatórias como esta, escrita por ocasião de uma ida do Alberto a Londres:

Dear dear Alberto – You are missed by so many of us – Hurry Back –  
Last time I saw you we hugged at street corners at BU.

O desenho de uma flor e a palavra *bug*, encerram a dedicatória. E de tudo isto, o Alberto me dava conta e tudo isto nos transportava a um Portugal distante.

Pouco depois da minha chegada a Washington, foi-me atribuído também o pelouro da cultura.

Constateei de imediato que, por cultura, a embaixada entendia uma atividade inerte, para lá de um simples serviço de encaminhamento para Lisboa de raríssimas perguntas, que qualquer enciclopédia poderia esclarecer. Escusado será dizê-lo, o telefonema das onze abriu-se imediatamente ao meu desejo de dar presença à cultura portuguesa. O Alberto encorajou-me, mas avisou-me também: “Prepare-se. Vai ter problemas!”

Havia nessa frase bastante mais que um aviso. Havia uma dor antiga. Porque aos convites que a América lhe fazia para ler, traduzir, participar, não correspondia nada chegado de Portugal. Chegavam

cartas de amigos contendo recados, queixas, pedidos de alguns favores, mexericos e saudades, mas nada que o reclamasse para um convívio continuado com a língua e o país.

Na embaixada, o meu trabalho no pelouro da cultura não partia de instruções, não tinha apoios institucionais, não dispunha de verba nem contactos. Não era sequer sentido como instrumento de ação. Muito mudou desde então. Mas nessa altura, por muito que me custasse, percebi nitidamente que o que eu tentasse fazer ia ser visto como um entretém pessoal.

A promoção da cultura exige espaços próprios, orçamentos, especialistas, contratos e garantias. E nesse aspeto a embaixada era um reino submarino. Mas a incumbência era minha e era preciso agir. Para isso precisaria de um projeto de fácil execução e um palco de qualidade. Algo que nos desse entrada no circuito cultural e não custasse dinheiro à embaixada. E recorri ao prestígio do Alberto.

Munido de referências que pudesse utilizar em apoio do meu plano, fui propor à direção da Biblioteca do Congresso uma leitura pública do poeta português Alberto de Lacerda, que... Não foi preciso explicar coisa nenhuma. O poeta em residência, nessa altura, William Meredith, era amigo de amigos do Alberto e conhecia a sua poesia. A proposta foi aceite e Alberto encheu a plateia. Da plateia para o estúdio, a sua voz transitou para os arquivos sonoros da grande biblioteca americana.

Uma breve antologia compilada pelo Alberto a pedido da American Portuguese Society deu-me inspiração também para tentar divulgar mais vozes dos nossos poetas. Esse trabalho foi feito com a ajuda institucional da National Public Radio. Entusiasmado com os resultados obtidos, regressei à Biblioteca do Congresso para propor nova leitura de poesia portuguesa, desta vez com a presença de uma figura maior da poesia americana.

Lembrando-me do seu livro de traduções de poetas brasileiros, livro esse que a própria autora tinha confiado à apreciação crítica do Alberto, convidei Elizabeth Bishop a participar com ele na apresentação dos poetas da antologia.

Para minha grande alegria, o convite foi aceite. Com tudo acertado e pronto, a sua morte súbita pôs termo a esse projeto. Mas de aí vieram convites para mais conferências em Washington e entre elas, uma delas integrada num programa que me fora confiado pela agência cultural Smithsonian Institution. O tema proposto foi “On being Portuguese”. “Tema difícil”, protestou o Alberto. Mas o Alberto brilhou.

No ano de 1980 fui surpreendido com um convite para participar no júri do prémio literário Neustadt Prize, atribuído pela Universidade de Oklahoma. Cabia a cada membro propor o seu candidato. O meu foi naturalmente, o poeta português Alberto de Lacerda.

Entre os outros candidatos figuravam Yves Bonnefoy, Günter Grass e Yannis Ritsos. Alguns dos membros do júri eram já conhecedores da poesia do Alberto. Não foi ele o vencedor. O prémio foi atribuído ao romancista checo Josef Škvorecký.

E quando lhe telefonei para lhe dar o resultado da votação do júri, o Alberto riu-se e disse:

“Olhe que pena! A massaroca do prémio, teria feito um jeito!” E noutro tom, inteiramente diferente, acrescentou: “Peço-lhe que agradeça a todos em meu nome.”

Fez uma pequena pausa e disse ainda: “Para lá das compensações que o exílio possa oferecer, não nos livramos nunca de problemas, carências, espaços em branco. Mas apesar de tudo o que passei, dos sacrifícios que fiz, de tudo o que ainda me espera, o mundo por onde andei tratou-me bem. E o poeta português que existe em mim continua a viver na sua língua.”

Esse poeta está connosco. Não irá perder a voz. Voz que celebra “A língua portuguesa”.



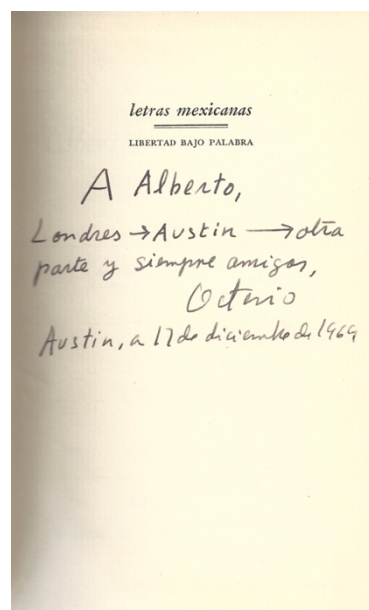
**Figura 1.** A primeira é na companhia de Harriett Watts, especialista em literatura Dada, e tradutora de poemas do Alberto publicados em *DELOS* e *The Rag*.



**Figura 2.** Foto tirada durante uma sessão do Festival de Poesia em Austin. Jorge Luís Borges, Alberto e Robert Duncan.



**Figura 3.** Chegada de Louis Zukofsky a uma festa dada por Alberto em Austin no fim do festival de poesia. Zukofsky entre Alberto e Robert Duncan.



**Figura 4.** Dedicatória de Octavio Paz num exemplar do seu livro *Libertad Bajo*.



Figura 5. Com Octavio Paz em Cambridge, Mass.

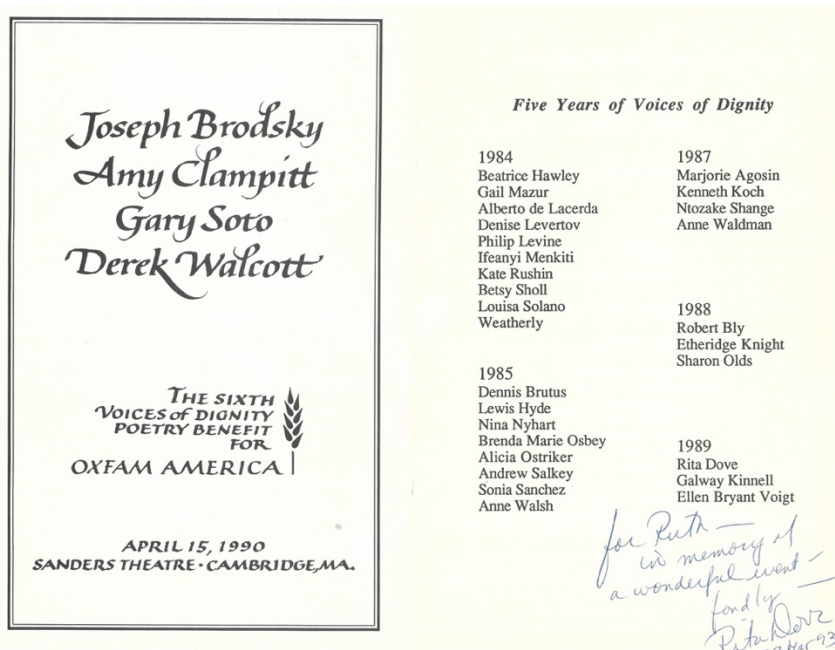
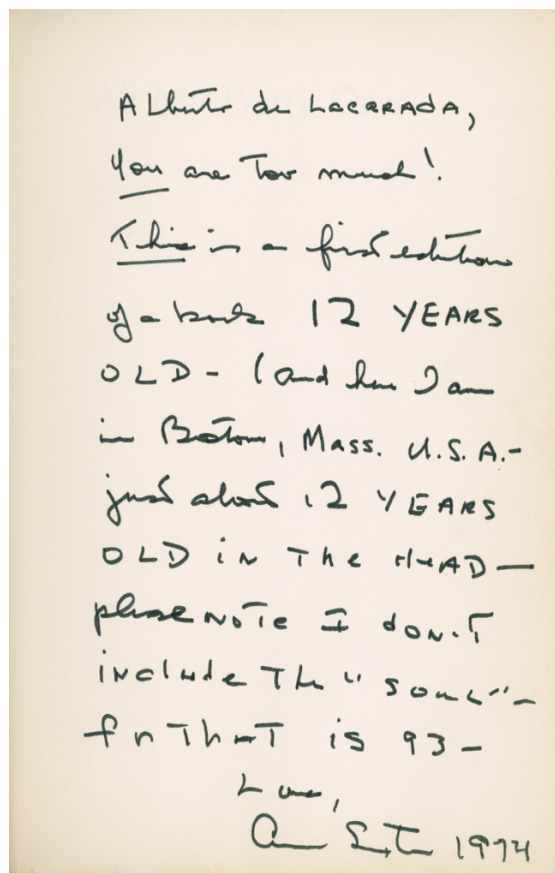


Figura 6. Recordação do Alberto de um poeta para outro poeta. Oferta de Rita Dove, amiga do Alberto, a Ruth Lepson, amiga ainda mais próxima do Alberto. O nome dele aparece indicado no folheto como participante na primeira sessão de *Voices of Dignity*. A oferta teve lugar depois da morte do Alberto. Ruth Lepson, que o conheceu em Boston, ofereceu-me esta recordação para que figurasse no espólio do Alberto.



**Figura 7.** Dedicatória de Anne Sexton para o Alberto num exemplar de *All My Pretty Ones*.



**Figura 8.** Com a escritora Jhumpa Lahiri, amiga muito querida e autora de dois textos de evocação do Alberto: “Closing the Circle”, publicado na revista *Poetry* (jan. de 2008) e *Alberto de Lacerda: A Remembrance*, edição especial de *Pressed Wafer*, março de 2008. Este último texto foi concebido como oferta da autora ao público da homenagem que a Boston University dedicou ao Alberto em março de 2008.

## *Remembrances of My American Experience*

Fernando Aidos

### **Arrival in Houston<sup>1</sup>**

**A**rminda and Francisco arrived in Houston in 1977, called by Uncle Fernando, who was then living in that city. He always wanted to see all his family living in the US and close to him. They were not young. Francisco was born in 1912 and Arminda in 1919.

Their lives until then had been a sequence of moves. From Portugal to Brazil before the end of WWII, back to Portugal in 1951, to Mozambique in 1961, only to have to return to Portugal after Mozambique became independent in 1975.

At the time, Portugal was in turmoil. It was trying to absorb some 500,000 Portuguese people, returned from its previous African territories. There was no work for two high school teachers. For a year they had been posted to Trás-os-Montes, but now they had nowhere to go. Uncle Fernando had always wanted them to move to Houston. He was able to call them under the US law.

For a few months they lived with Uncle Fernando but soon found a house to rent just across the street. Uncle Fernando found Arminda a job at Neiman Marcus. She had very good sewing skills and was admitted in the fur coat department, doing repairs and alterations to very expensive fur coats. Uncle Fernando was the sales manager in that department. This was not the high school teacher's work she loved, but Arminda was happy to have a job. She loved sewing and loved her brother.

Francisco was not so lucky. He ended up finding some work in a local hardware store as a shelf filler. Luckily it was not heavy work. Francisco was a small man, and the store manager made sure his tasks would not break his back (literally). His wife was happy, and he took his fate with resignation, if not with a bit of good humor. Sometimes he even joked about his occupation in the US.

Arminda was born in Albergaria-a-Velha, studied arts in Coimbra, and was not attached to her birthplace. Both her brothers had emigrated at the end of WWII. Her eldest brother, Afonso, was living in Caracas. Her mother had passed away. And now she was living close to her brother Fernando. Besides, she had always wanted to live in the US. She had been to the US in 1954 as a representative for the Portuguese women. She had attended numerous conferences, met lots of people, was offered presents to take home, visited the home of a number of Portuguese immigrants, and was welcomed with sincere hospitality wherever she went. Her stay was only three months, but she took back with her a dream of one day returning and living in the US.

Francisco was not so sure. He was a European man. In his youth he had been a seminarian at the Catholic Seminary in Évora. Later he received a degree in Social Sciences from the university of Toulouse in France. All his life he taught History, Portuguese, and French. English was not his cup of tea. His family was back in Portugal, and he had been away from them way too long, he thought. Some six years in Brazil and then some fourteen years in Mozambique. He really wanted to be back in Portugal. His eldest brother, Teófilo, and his family, to whom he was very close, were all living in

---

<sup>1</sup> The original entries included below were edited lightly for inclusion in this volume.

Tondela. In his heart he would have liked to have a family like that, all close together in a fixed place. Now he was in the US, his younger son was living in Cape Town, South Africa, and his eldest son, Fernando, was living in São Paulo, Brazil. Yet he took his move to the US in stride. If nothing else, it made his wife happy, even though he knew very well there was no way he could have made a living in Portugal. He knew that he really was unemployable as a teacher in Portugal at the rather advanced age of 64.

At Neiman Marcus, in recognition for her skills and productivity in the women's fur coat department, Arminda moved up to supervisor. She worked well with her brother and was making more money than she had ever dreamed of. There was plenty of work. Every year before the winter season, local women from wealthy households brought in their expensive fur coats to be altered, repaired, or modified to match the latest fashion trends. And they loved what was being done to their investments.

Sometimes Arminda brought home some work and Francisco, out of curiosity or perhaps boredom, engaged in some stitching to help her. Sometimes extra work showed up from Antonio, the Portuguese tailor whom Uncle Fernando had brought to the US. Antonio had been a tailor back in Portugal in the small village of Alquerubim, where he had made a humble living out of his work. After arriving in the US, he started doing work that Uncle Fernando had brought to him from Neiman Marcus. This led to a side business for Uncle Fernando, in parallel with his job at the big department store.

Francisco started to help Antonio and was actually paid for it. Life was good. Arminda was happy. Francisco adapted as best he could. His ability to adapt to his new life was amazing. He seldom complained, but he often expressed his desire to visit his family in Portugal.

They were living in a small, rented house across the street from where Uncle Fernando lived with his wife, Mary, an American with Italian blood. They furnished the house with used furniture that Francisco repaired. He loved carpentry work and all his life had built small pieces of furniture—sometimes with way too many nails and not enough glue, but they were functional; that was all he cared about. Arminda had reupholstered an old couch and an armchair. Their house was simple but comfortable, and nothing was missing. They had also been able to buy a car, a necessity anywhere in the US, and particularly in Houston.

When the house was put on the market, they made an offer with the money they had managed to save. The offer was accepted, and now they had their own house. They could now afford the mortgage, and this was a first in their lives. Wherever they had lived they had never been able to buy a house of their own.

Life was once again smiling at them.

## **Frank arrives**

Francisco José (Frank for short) was Arminda and Francisco's youngest son. He was born in Ponta Delgada, São Miguel, Azores, in 1953. When he was fifteen, he was sent to South Africa to finish high school and college. He had pursued an architecture degree at the University of the Witwatersrand in Johannesburg but decided to abandon his higher education to pursue his passion: photography. He moved to Cape Town, where he became a professional photographer working for some well-known local artists and sometimes traveling with the Boswell Circus as their photographic reporter.

An atmosphere of fear and anxiety had invaded South Africa after the Portuguese Carnation Revolution in 1974. The two Portuguese territories of Angola and Mozambique were no longer buffers to the violent independence movements brewing in the north. Young men were being drafted to go

to the war front at the Namibian border with Angola. Frank became afraid he would be drafted. His parents in the US were very aware of the situation, and this was a source of great anxiety for them.

Fernando (the author), their eldest son, who had also lived in Johannesburg, South Africa, had already left with his wife and two small children for São Paulo, Brazil, in early 1977. He had been transferred by Hewlett-Packard, the company he was working for at the time. Arminda and Francisco had lived in Brazil and were not fond of the country. Besides, like every father and mother, they dreamed of having their children live close to them—in other words, having them also live in the US. But this was not a concern to them for now. The big concern was Frank.

Feeling the pressure of the political situation, Frank decided to leave South Africa in 1976 and return to Portugal. As a professional photographer he was able to find work in a photography studio in Lisbon. The owner of the studio was very fond of Frank and his work. They would hit the town after work and have good times together, like many young men in their twenties did. Frank was enjoying his work and the proximity of cousins he had not seen since he last had been in Portugal, when he was thirteen years old. He had had good times with his cousins then. All teenagers at the time, the bonding was strong and had survived the test of time while he was absent in Africa. This was very apparent when they met him again, all of them now in their twenties, some single, others already married—they did still enjoy each other's company. For Frank, the Portugal of the 1970s, after the Carnation Revolution, was a good and fun place to be.

Unbeknownst to Frank, Arminda and Francisco had been pursuing an entry visa to the US for him under the parents-calling-their-children rule which the law then allowed. Like all parents, they thought they knew better what was good for him, even though he was past his twenty-first birthday and had been living away from home for a number of years. Truth be told, though, in this case they were right.

When Frank received the letter from Arminda saying that they had obtained a US visa for him, he was really not enthusiastic at the news. He was having fun in Lisbon. He had good friends and cousins who loved to play with him. He had a fairly well-paying job and his work was highly regarded by his boss and his customers. Why would he leave all this behind to pursue a new life in the US? On the other hand, he felt he could not say no to his parents after all the trouble they must have gone through to obtain this visa that would be the envy of many of his friends.

He decided to talk to his boss about it. The conversation was very short. His boss told him that he should not throw away such an opportunity. How many of his colleagues would have given an arm and a leg to have this opportunity! Besides, if Frank did not like it in the US he could always return to Lisbon, where his job would be waiting for him.

Frank went to the US consulate in Lisbon, collected his visa, bought a plane ticket to Houston (via Newark), bid farewell to his friends, cousins, and work colleagues, packed his few clothes and personal belongings, and left Lisbon on the way to the US.

It was a sweet and sour time for Frank. He was heading one more time for the unknown, to restart his life yet again.

## **Leaving Brazil**

I had been working for the Hewlett-Packard Company in Johannesburg, South Africa, when it became apparent that the country was entering very difficult times. The country was at war with the ANC, the independence movement that had sworn the elimination of the white government. South Africa had just lost its two strategic buffers against insurgent incursions, Angola and Mozambique.

I started to fear that sooner or later I might have to leave the country with my family (my wife and two small children) with only two suitcases, as had just happened to my parents, who had to leave Mozambique in a hurry the previous year.

This fear led me to pursue a move to Brazil. Brazil because that was the country where my wife had some family and where quite a few friends and ex-colleagues had moved to from Mozambique after the country became independent. Some people tried to reassure me that this possibility would take twenty years to come to fruition. Twenty years... yes, that would put me exactly in the same position as my parents, a whole life lived only to have to abandon everything. At that age I would have great difficulty finding a job.

We did move to Brazil in 1977, transferred there by Hewlett-Packard, the company I was working for in Johannesburg. Hewlett-Packard was also present in Brazil, and business there was growing. They must have seen in me someone who could speak Portuguese and English, and who had desirable professional international experience.

I was placed at the company headquarters in Barueri, a municipality on the outskirts of the city of São Paulo. This was a new commercial and industrial development. The family settled fairly quickly. But within six months I started to feel that Brazil was not for me. Something was not giving me confidence in the country. Maybe it was the bureaucracy that overwhelmed me. I was used to an Anglo-Saxon way of working with a strong "can do" attitude, an attitude I did not find in Brazil. The inflation rate was around 100% and this scared me. How could I build a future when my money was devaluing at such an astronomical rate? Soon I made it clear to my manager that I was not going to stay for long. He was not happy at all. He made the point that the company had just spent a lot of money on my transfer and it was clear in my mind that I had to pay my dues for my transfer from South Africa.

Soon after, in conversation with a company executive who was visiting from the company's headquarters in Palo Alto, California, we came to the agreement that I needed to stay for three years. After that the company would consider transferring me to the US. We shook hands on that, and I started to prepare my life for a move to the US within the next two and a half years.

The first step was to move my children from the Brazilian school system to one of the existing American schools. The school fees would be much more expensive, but I was determined to find a way to cover the additional expenses. Mercedes, my wife, took a job in order to supplement our cash flow. She loved Brazil, but she also feared raising our children in a place where the ground did not feel firm under our feet.

We saved every penny and sent all our savings to the US. We could send money to my Uncle Fernando, who would open a bank account for us. All by mail. And so we did.

Time went by, and we stuck to our plan. We had a good time with friends, many of them immigrants from Mozambique where they, and their parents, had lost a lot of their life savings. We also had the opportunity of making acquaintance with people who had fled Portugal after the Carnation Revolution. They had been members of the previous regime and did not feel safe in Portugal after the regime was toppled. It was a bit unnerving to be face to face with people who had had connections with PIDE, the feared secret police created by the Salazar regime.

In late 1979 I managed to arrange a few interviews with hiring managers from different Hewlett-Packard manufacturing divisions in the US. Having secured these interviews I made a trip that took me to Houston, then to Colorado Springs, Colorado, and finally to Palo Alto, California. In California I was also interviewed by an individual who had flown in from Eugene, Oregon, just to interview me. I felt honored.

There were no decisions made during or immediately after my interviews, and I returned to Brazil in the hope of succeeding in firming up a job offer in the very near future. This came a month or so

later from the Colorado Springs division. I was offered a position in the marketing department of the Logic Systems Division, LSD for short, an acronym that gave rise to quite a few jokes.

We sold our furniture. I gave some household tools to a friend who loved building his own furniture but did not have the money to spend on tools. We said goodbye to our friends, and in February 1980 we boarded a flight that took us to Houston. We stayed in Houston for a couple of days. This gave us an opportunity to visit with my parents, Arminda and Francisco, my brother Frank and my uncle Fernando, all people we had not seen for a very long time. From there we headed to Colorado Springs via Denver, Colorado.

At the airport in Colorado Springs we were greeted by a Hewlett-Packard Human Resources employee. He gave us the keys to an Avis rental car the company was sponsoring for two weeks. We were taken to a hotel where all expenses were paid for the same two weeks. At the hotel we were introduced to the real estate agent who would assist us in finding a home. And I was to show up at work after these two weeks. Until then, I was given free rein to take care of myself and my family.

We could not believe our luck. These were details that I had never bothered to discuss during my interviews a few months earlier. Actually, these details had never crossed my mind. I learned later that this was how Hewlett-Packard treated their new hires or transferred employees.

The WELCOME mat had been put out for us.

### Settling down

The Avis rental car we were assigned upon our arrival at the Colorado Springs airport was an enormous American car. It was not a Ford Edsel, but it surely was that big, if not bigger. An authentic old-style gas guzzler. At least that is the impression I still carry with me today. I had never driven anything that big. The roads were icy, and I had never driven in snowy conditions in my life. I was terrified I would crash that thing. I could not feel the road. I was used to small cars that transmit to the driver, through the steering wheel, every wrinkle on the road, no matter how small. But with a lot of anxiety I managed not to make even a dent on this road yacht.

We had a means of transportation. Now we needed to find a home to buy. Uncle Fernando had told us that we could not find a house to rent in the US. If we wanted a place to live, we had to buy. After a few visits with the very friendly real estate agent Hewlett-Packard had found for us, we found a home in Village Seven, a nice and quiet neighborhood, near schools. We put in an offer and closed before I had to show up at work in a few days. We had our savings from two and a half years of preparation in Brazil for this new life in the US.

The next task was to buy everything: furniture, kitchen utensils, a vacuum cleaner, brooms, a lawn mower, you name it, even clothing. We had just arrived in Colorado in the winter. Our Brazilian clothes were not suitable for such cold weather.

We chose that specific house, on Enchanted Circle, in Village Seven, because across the street there was a public park and on the other side of the park, there it was: the local elementary school where we had just enrolled our two children, Hugo and Claudia. Come rain or shine our two children could walk to and from school like all the other children in the neighborhood. This was bliss for them and for us. In Brazil they had to endure a one-hour school bus ride to the American school every morning and another hour back home in the afternoon. It was hell for them for almost three years. Claudia often felt sick from the smell of diesel fumes in the bus.

We also put down a deposit and bought a car on credit, a 1980 Chevrolet Citation, not very fancy but big enough for the family, and the price was within our budget. The fact that we just drove out of the dealer with the car was a novelty for us. No bureaucracy, no credit checks, just the fact that I was a Hewlett-Packard employee was all I had to prove. Hewlett-Packard was one of the largest employers

in town, right up there with the Air Force Academy, Digital Equipment Corporation, NORAD, and maybe one or two more. We could drive with our international driver licenses, but soon we would have to go for driver's test to get a US driver license, the identification document one cannot live without in the US.

Next stop: the bank. The local bank issued us a couple of credit cards, a must in the US, and we walked out with a checkbook. And we had just arrived in town with no credit history whatsoever!

Every so often I called the human resources individual who was my contact at Hewlett-Packard to ask him if we were not being taken for a ride. We were not used to these simplifications. We were used to heavy doses of Brazilian bureaucracy and used to question every simplified solution or offer because there always was the danger of being taken for a ride by some Brazilian expert preying on a newcomer.

Garden of the Gods Road was a major thoroughfare running east to west. The Hewlett-Packard factory was on Garden of the Gods Road. The hotel was on Garden of the Gods Road. The bank, well, you guessed it. And then there was Academy Blvd. at the other end of town. Academy Blvd. was the main north-south thoroughfare. A wide avenue running more or less parallel to Interstate 70. It was very busy and conducive to speeding because it had two or three lanes and traffic lights were few and far between. There were cars with bumper stickers that read "Pray for me, I drive Academy." We soon learned that all prayers were welcome when one drove Academy.

At the end of the two weeks we were pretty much settled in. We had a home, we had a car, Hugo and Claudia were enrolled in school, and we had found a tennis club with an indoor-outdoor swimming pool we could join.

The following Monday I would be showing up for work. I had already met with Sam, my future boss, a Texan that I thought must have been operating on a good dose of caffeine. He did not have that slow drawling conversation so typical of Texas natives that I had heard during my visits to Houston. He did have a Texas accent, though. I soon learned that he had the habit of chewing on plastic soda straws. It occurred to me that maybe plastic was now replacing the real straw cowboys are often pictured chewing on.

Our visa, an A1 temporary worker visa, if I recall correctly, was a one-year working visa, renewable for another year. After that, Hewlett-Packard would pursue permanent residence for me and the family. But this was not a given; I would have to prove myself!

The challenge was risky, but I took it! I was determined to make the US my home.

## **Life at Hewlett-Packard**

I started working for the Hewlett-Packard Company (HP) in Johannesburg, South Africa in 1971. The Johannesburg office was right across the street from where I lived, and I knew about their products. I had worked with HP equipment at the University of the Witwatersrand (Wits) when I was an engineering student. I joined the company as a Systems Engineer in the computer systems division. I moved to Brazil and started working as a Sales Engineer for the instrumentation division in the HP Brazil São Paulo office.

I had great familiarity with HP computers and electronic instrumentation when I arrived in Colorado Springs, where I joined the marketing department of the HP Logic Systems Division (LSD). I was given the task of writing a series of technical application notes. These were aimed at customers who had purchased our systems. They described different and innovative ways of using their HP systems in various technical tasks.

Writing these application notes was, for me, an easy way to apply my knowledge about HP products. Notes for a number of applications were published and distributed through all HP sales offices in the US and Europe.

I recall the first note I wrote. I finished what I thought was a first draft and gave it to Sam, my boss, to read and comment. The following day we sat down to review his comments. I will never forget his first comment. “Fernando, the note is good, but you have spent way too much time on a preamble that doesn’t need to be that long. Cut to the chase, don’t wax poetic, and get on with the actual technical stuff.”

I was taken aback, but I took it in stride. I cut off all the rambling and the following day I showed Sam a new version. “Much better,” Sam said. “I like it!” Lesson learned: Americans do not like to read poetic preambles like the Portuguese or the Brazilians like to do. They like to get to the point. Sam’s comment has shaped my professional life in more ways than he can imagine.

The Colorado Springs LSD division office space was organized in an open space format. Movable partitions separated the spaces occupied by groups of people. Software and hardware development engineers were given individual office space, also separated by movable partitions. The marketing manager and the two development managers also had individual office spaces delimited by movable partitions. Some partitions were around 1.5 meters high, but there were some that were barely 1 meter in height. This arrangement was not a surprise to me. I was used to it. HP had propagated this open office format throughout the different HP offices where I had worked before. I felt at home.

There has been a lot of discussion about the merits and problems associated with open office space. In the LSD division where I worked there was always a certain proliferation of information. We could overhear conversations, particularly among technical people, and I found all this eavesdropping extremely beneficial. I learned a lot by just listening in. We called this “learning by osmosis.”

Products were developed to address various electronic measurement needs brought to us by customers as well as our own engineers. Many HP products were developed by listening to the requests brought forward by development engineers in other HP divisions. We called this the “next bench syndrome.” Funny name. It simply meant that if the engineer in the next workbench had a certain measurement problem, then, ipso facto, other engineers the world over would have the same problem. It sounds very far-fetched; it sounded like a massive leap of faith, but the truth is that it worked.

At 10:00 a.m. every day, coffee, tea, and doughnuts were brought in on a cart. People would stop work and serve themselves while chatting about work, or about the upcoming weekly softball game between the software and the hardware development folks. I loved the chocolate-covered doughnuts. Smoking was not permitted in the building. I was surprised to find that there were not many smokers in this division. It did please me, as I had stopped smoking a number of years back. At 2:30 p.m., there was another cart with coffee and tea. No doughnuts this time.

Office hours were flexible, but the vast majority of people came in early and left pretty much at 5:00 p.m. Lunch break saw everyone at the in-house cafeteria except for a few on some strict diet. The food was very inexpensive and varied. This was a first for me. What a treat! On occasion, for someone’s birthday or for no reason at all, a group would go out and have lunch at some local restaurant, but the local restaurant business was not thriving on HP employee business, that is for sure.

Colorado Springs was a small town then. I somehow recall a count of 70,000 inhabitants then. There was one tennis club and a golf club. One would often find the same faces in all of those places. Sometimes a couple of people would schedule to play tennis at 7:00 a.m. and then head to work. This was more frequent in summer. To head out at 7:00 a.m. on a cold, snowy winter morning was not very appealing.

Mercedes had joined a tennis-playing group of women at the tennis club. They played almost every day. Many were married to HP colleagues of mine.

Life here was very different from what I had known, but it felt pretty good.

### **Hugo adapts to life in the US**

We arrived in the United States in February of 1980. We settled down in our new home, I went to work, Mercedes stayed home since our entry visa did not allow her to work, and the kids enrolled in the Village Seven Elementary School. The kids were Hugo, who was 10, and Claudia, who had just turned 8.

Both had started school at one of the American schools in São Paulo, Brazil. They were familiar with the American school system and were fluent in English. Their adaptation to their new school was not too hard. Little by little they made friends. Hugo was perhaps the oldest kid in his class. With the transition from the southern hemisphere school system in South Africa, the short but traumatic period during which he attended the Brazilian school system, and then the US school system, Hugo had effectively lost one academic year.

Gradually they made friends. I do not recall Hugo having been victim of any bullying or the kind of rite-of-passage harassment that is often aimed at new arrivals. He applied himself to his school work. I was surprised that neither of them had much homework to do.

Quickly Hugo got the idea he could make some money like some of his friends in school. Like some other kids, he started distributing newspapers in the neighborhood. He would get up very early, put on some clothes and, on his new bike, go around a few neighborhood streets delivering newspapers door to door.

I am not sure he enjoyed the early hours or the cold, as it was still winter in Colorado, but he surely enjoyed the extra dollars that he earned in this simple occupation. I was really surprised at how he got into his new life in the US. He had never before had the opportunity to earn some money on his own. There were no such opportunities in the countries where we had lived.

He wanted to join the Boy Scouts. Some of his friends belonged to a neighborhood troop that met in a church building a few streets away from where we lived. He was very keen on joining, but his enchantment was short lived. Not long after joining, he left the troop. We were not concerned with his decision. We wanted Hugo to find his way around, and there were many opportunities for kids his age. We belonged to a tennis club, and maybe he would be interested in taking up tennis.

We had gone skiing a couple of times, and it was clear that this activity was much more appealing to him. We were confident that there was no harm in Hugo leaving the Boy Scouts.

In our neighborhood nearly every home with kids had a dog, and soon enough Hugo and Claudia wanted a dog, too. We had a black Labrador in South Africa but, much to our sadness, it had to be left behind. This was the time to replace the black lab. Hugo was very keen on having a dog. The dog they fell in love with was a cross between a Labrador and some furry Alpine or Pyrenean dog—very gentle, very fluffy, and very cute. Not so cute, however, when Fluffy needed to go out to the backyard in the middle of the night to do her business and found it very exciting to romp around in the fresh snow while I had to wait for her to decide to come back in the house, fur full of snow. Hugo, of course, was always fast asleep in his bed. And so was Claudia.

But Fluffy grew fast and needed more attention than either Claudia or Hugo had ever bargained for. The trouble really started when we had to impose a schedule for feeding the dog and for cleaning the backyard. All of a sudden, like all other kids with dogs, the enthusiasm waned.

Winter in Colorado turned into spring and soon the school year came to an end. There were end-of-school-year celebrations and student awards ceremonies to attend. The principal had made a point

of calling to let us know that we should attend the student awards ceremony because Hugo was receiving an award. This had never occurred at any of the other schools that Hugo or Claudia had attended.

On the evening of the ceremony we showed up at the school. There were many other parents in attendance. We did not know anybody and just sat down, waiting for things to happen. The session started, the school principal started calling kids, one by one, and soon enough Hugo was called to the stage. I am not sure if he was excited or embarrassed at being in the limelight. A strong feeling of paternal pride surged inside me, and I felt like smiling and crying at the same time. I was really happy for him and very proud of his accomplishments.

Hugo had just been named the student with the highest level of development in the whole school. To this day I still think I did not hug him enough that evening. And I think Hugo was a bit embarrassed with my expression of love.

### **Uncle Fernando has a business in Houston, TX**

Uncle Fernando was Arminda's brother. He was the only one who had chosen not to attend university. He always wanted to be a businessman and so he decided to attend the Escola Comercial. When WWII broke out in Europe, he decided to leave Portugal and move to Brazil, where he became a business manager at one of the elegant department stores in Rio de Janeiro.

Before he landed this job, he had to work as a waiter at a local restaurant, where he met the woman who later became his wife, a Brazilian from an established Italian family. To capture her interest in him, a mere waiter at a local restaurant, he told her he was a spy. I am not sure if they eventually divorced because she found out he had lied to her, but their marriage ended pretty quickly, and Uncle Fernando emigrated one more time. This time he moved to Chicago, where he got a job as a salesman in the women's fashion department.

It did not take much time for Uncle Fernando to move to the women's fur coat department as a salesman. He quickly acquired a very solid knowledge about furs, their sources, and their specific characteristics, and they made him a buyer. In this position he had the opportunity to travel to the most important fur wholesale markets in Canada, the north of Europe, and Russia.

This was a very successful time of his career. Uncle Fernando was repeatedly offered job opportunities in other competing market department stores, not only in Chicago but also in New York.

One day an offer came from Houston. Houston is not necessarily a city whose climate requires fur coats, but oil had brought a lot of wealth to Houston and people there had money to travel to New York, Boston, Chicago as well as Europe, and fur coats were the unequivocal mark of wealth.

We met up with Uncle Fernando at Neiman Marcus in Houston towards the end of the decade of the seventies. At this time, he was the sales manager in the women's fur coat department whose business was the sale and remodeling of very expensive fur coats.

But Uncle Fernando was a businessman, and with good business acumen he identified the need for a less expensive fur coat repair and remodeling service in Houston. And so he decided to start a fur coat repair and remodeling business from his home. He knew Antonio, a very talented young tailor who lived in Alquerubim, Portugal. Antonio could hardly make ends meet with the proceeds of his work. Uncle Fernando arranged for a US entry visa for Antonio and his wife.

Antonio's eyesight was very poor. I once saw him stitching a fur coat. He had to keep his work within a few inches of his eyes in order to see what he was doing. But despite his handicap, Antonio was a very good professional and soon learned the tricks of the trade.

Uncle Fernando bought Antonio a used sewing machine, specially designed and built to sew fur. These sewing machines are sturdier than the average sewing machine designed for cloth but less sturdy than a shoemaker's sewing machine. They are expensive professional tools and not easily available in the used sewing machine marketplace. But Uncle Fernando had many contacts, and this one was found in Chicago, where he had worked for many years before settling in Houston.

In the meantime, Uncle Fernando continued to work at Neiman Marcus. After hours, however, he ran his personal business. He would collect and deliver fur coats directly to the homes of his customers. Since he was also a salesman, he did the fitting required for any remodeling or alterations right at his customers' homes. Many of his clients were women who would not do any more business with Neiman Marcus for some reason or other. Others were women who could not afford the prices set by this well-established department store.

Conflict of interest seemed to have been resolved, and Uncle Fernando was bringing home some very respectable additional income in addition to his salary as a sales manager at Neiman Marcus.

Antonio was also benefiting immensely. He and his wife worked hard for their money. Antonio would start working before 7:00 a.m. every morning. His wife also helped sewing and stitching. I recall Antonio still working after sunset. Business was brisk. Both were making more money than they ever thought was possible with their skills. They managed to buy the house where they were living, right next door to Uncle Fernando's house. They also managed to send money back to Portugal, where they eventually bought their retirement home—something they had never thought possible.

I last saw Antonio and his wife in 1980. I cannot remember her face. I can remember Antonio. With myopic vision, almost blind, his thick-rimmed glasses enlarging his eyes made his face look a bit grotesque. He was forever thankful to Uncle Fernando for the opportunity of working in this new trade, so far removed from what he had done back in Alquerubim.

Arminda and Francisco also did a lot of work for his private business. He always paid them for the work done. Uncle Fernando was bringing in so much work that Antonio often could not cope and any help he got from Arminda and Francisco was welcome.

Uncle Fernando was a man full of energy. He was in his early sixties when he started his business in Houston. He was a very religious man who conducted his life according to the dogmas of the church, to which he donated a lot of money. I cannot imagine he would have run his business the way he did if there had been a conflict of interest with his full-time employer. His heart and his beliefs would not have allowed him to defraud his employer.

Uncle Fernando ran his business until he was in his mid-seventies, if not older. Antonio and his wife moved back to Portugal to retire. They never had to work again, forever indebted to Uncle Fernando. Arminda and Francisco had already moved to Colorado, where their children lived.

### **The first snowstorm**

It had been a month since we had arrived in Colorado Springs, CO, in 1980. It was early March, and some ominous clouds were not promising sunny weather. (Colorado can be very sunny even in winter.) We had seen snow on the ground, Hugo and Claudia had already gone to school in snowy conditions, but this time things seemed to be a bit more serious.

By lunchtime at Hewlett-Packard, word had started going around that the plant would probably close early that day. Around 2:30 p.m. confirmation came. The weather forecast was for a major snowstorm to hit Colorado Springs and the whole front range before the end of the day. Hewlett-Packard and every other major employer in the city were closing down for the day to allow people to get safely home before the storm hit.

I arrived home around 3:30 p.m. The snow had started to fall, but I had made it home safely. The intensity of the falling snowflakes was increasing, and by nighttime it was snowing very heavily.

None of us had seen snow like this. It did not take very long for the street to be completely covered with snow. The front yard and the backyard were completely white. Everything was very quiet. I had seen some heavy rainfall in Africa. Rain would fall in buckets and the noise of the rain sometimes would be deafening. But this was very quiet. Not a sound.

There were no cars on the streets, and it was apparent that the roads were becoming impassable.

We had supper. Every so often we would look out the window to see how the snow was accumulating on the driveway, the sidewalk, and the pavement. By the time we went to bed there must have been close to a foot of snow on the ground. I wondered how I would be able to drive to work the following day.

Hugo and Claudia acted as though this was old hat for them. I am sure it was not cool for kids their age to act surprised or excited. They went to bed just like on any other day.

I woke up as usual around 6:00 a.m., and the first thing I did was to look out of the bedroom window. I could not believe my eyes. There must have been three feet of snow on the ground. There were snowdrifts against the backyard fence. I went to the living room to try and take a look at the driveway, still thinking that, somehow, I would have to go to work. Same thing. About three feet of snow.

Neighbors' cars parked overnight on their driveways were completely covered in snow. There was no way one could clean all that snow and free the cars to drive anywhere. By this time everyone was up. We turned on the TV. Colorado was on the national news: three to four feet of snow; I-25, the big north-south highway, was closed—Colorado Springs was closed down. All major employers in town were closed. No supermarkets were open.

Everything was buried in a thick blanket of white. No way one could go out, much less drive anywhere. Our car was in the garage, and that is where it stayed for three days.

That first day after the big snowstorm the municipality had placed all snow clearing equipment on I-25 and the city's major thoroughfares. Residents were advised to stay warm at home. The news images showed cars scattered along Academy Blvd. and Garden of the Gods Road, among others. People who tried to venture the storm during the night had ended up in some ditch or snow drift. They had to abandon their cars and walk home.

For many city residents this was old hat. Every year, we learned later, one could expect one or two storms like this. For us, who had missed the previous year's big storm, this was an event.

On the second day after the storm our street had not been cleared yet. There was too much chaos in town, and residential neighborhoods like ours were not yet a priority. But we managed to walk out of the house and walk along our street. It was like an obstacle course, and after sinking into a couple of snowdrifts up to our waist, we gave up and returned home.

There were people on cross country skis and kids on toboggans. We promised ourselves we had to get some of those toys so we could be ready for the next snowstorm.

On the fourth day, all roads and streets had been cleared enough and I went back to work. This had been a baptism by snow for someone who had lived all his life in mostly tropical climates.

### **The USA with different eyes**

Reflecting on my 30 years in the US, it is interesting to compare my perceptions as a visitor and later as a citizen of this large, varied, and amazing country.

I first visited the US in 1971. At the time was working for Hewlett-Packard in Johannesburg, South Africa. On this trip, which lasted over a month, I was mostly in Palo Alto, CA, a hub of high

technology in the heart of the famous Silicon Valley. I was attending a series of workshops and training sessions on the company's newly introduced computer systems.

Everything around me was new to me. Everything looked brand new. Everything looked modern. Everything looked big to me. The car, the apartment, the parking lot, the avenues, and the highways. People seemed to have everything they needed. I felt as if I was living some Hollywood movie. Everything looked too good to be real.

All workshop participants were lodged in fully-furnished apartments. The two-bedroom apartment I stayed in with a colleague from Australia was bigger than my three-bedroom house back home in South Africa. Each one of us had a large bedroom with a private bathroom. I would venture to say that the living space that included a living room area, a dining area, and a small kitchen was larger than my previous two-bedroom apartment back home in South Africa.

These apartments were located in a new residential development designed for temporary occupants like us. This was new to me. People would relocate from somewhere else in the US and spend a month or two in a comfortable apartment like this with all expenses paid. How different this world was from what I had known all my life.

The second time I visited the US was in 1977. I had been relocated from South Africa to work in the Hewlett-Packard office in São Paulo, Brazil. This trip also lasted about a month. I was participating in a variety of technical workshops and training sessions. It was all new technology for me. At the time, Hewlett-Packard was very diversified. The company had many manufacturing divisions. It dealt in computers and computer peripherals, electronic measurement equipment, medical equipment, and land surveying tools. These manufacturing units were located in many different cities in the US, Europe, and Japan.

The training sessions I had to attend took place in a number of these Hewlett-Packard manufacturing divisions. In California I attended training sessions in Palo Alto, Santa Clara, Santa Rosa, and San Diego. In Colorado the training sessions were held in Colorado Springs, Fort Collins, and Loveland. Participants from various Hewlett-Packard offices in South America, Australia, and Japan were also attending all training sessions.

We would spend one week in one location, the following week or even just a few days in another location. We travelled by car or by plane, depending on the distance between the various locations. We were lodged in hotels and provided rental cars to move around.

I confirmed what I had observed during my first trip to the US: in this country you had to have a car. And things looked big and plentiful just like I had observed during my previous trip to the US some seven years before. Cars were a bit smaller, though. The 1972 oil embargo had taken its toll and made an impact on people and their car choices. But there were still lots of large cars around.

One weekend I rented a Chevrolet Camaro to visit some points of interest around the Pacific Ocean coast. I was a young man and had to have this experience of driving a big muscle car, something I could have never dreamed of back home. Apart from the big engine, the detail that caught my attention was the quietness of the interior. I could hardly hear the road noise. I could hardly see the road ahead of me with that enormously long hood in front of me. I was definitely a child of a culture where cars were much smaller.

Fast forward, now to the year 1980. I was now living in Colorado Springs with my family, holding a job and trying to make a living with high hopes of making the US the country of my future.

This was in many ways a very different experience and a very different feeling, but in many other ways a *déjà vu* of my previous experiences as a visitor with all expenses paid.

I lived with my family (my wife and two children) in a 1,200 square-foot house with a double car garage in a quarter-acre plot. Not a large house by local standards. Many of my colleagues lived in 2,000 square-foot houses on very large plots and some were making plans to move to larger homes.

One particularity that I had always noticed: people in the US thought nothing of driving sixty or eighty miles to go have dinner at a restaurant in a nearby city. In Colorado Springs people would often drive to Denver, some sixty miles away on the highway, to go to a restaurant to have some local delicacy, like rocky mountain oysters. More on this delicacy later.

Thinking back, I can say that none of my experiences as a resident ever disappointed me in comparison with my previous experiences as a visitor. We know very well that there is always the possibility that a new place can look divine for a visitor but can turn out to be not so good once you move and live there on a permanent basis. Mine was not this case.

I was able to clearly understand what my mother felt when she first visited the US in 1954, literally falling in love with the country and making up her mind that one day she would permanently move to the US.

### **Getting promoted**

This was the third year I had been working for Hewlett-Packard in Colorado Springs, CO. All this time I had been in the Marketing Department, in a marketing support position. The company had always supported internal moves to provide employees with different perspectives of the company's business.

One day my manager approached me with the opportunity to be promoted to a management position and make a move to the Technical Support Department as Product Support Manager of one of the two technical support groups in the manufacturing division. I was excited about this offer. I would be managing a group of six support engineers.

This opportunity sounded to me like a step into the diversification of skills the company was so fond of developing in its employees. I accepted the proposal. There was a lot to be learned and grow professionally. I ended up staying in that position for about three years.

The first year was a steep learning curve for me. To market and sell the computerized equipment was one thing.

The engineers working for me were responsible for providing their technical expertise to the support and service engineers working in Hewlett-Packard offices all over the world. Time zone differences were not much of an issue, as everyone involved did their best to optimize their work hours.

I soon found out that to manage technical support was another world altogether. There were product warranty issues to be addressed. Spare parts inventories to be organized. There was shipping of spare parts and modules to attend to some emergency situation in the field. The equipment we supported was critical to the company's customers' product development strategies. If a piece of equipment happened to have had a failure it had to be brought up to its original working condition as soon as possible.

As a support manager I found myself buried in day-to-day logistics issues. I soon realized that my days as a creative individual were on hold. However, I was enjoying this golden opportunity to understand this critical aspect of the company's business.

About three years into this job I realized I needed another challenge and started looking for a job outside Hewlett-Packard.

ROLM Corporation had just opened a manufacturing operation in Colorado Springs. ROLM was a manufacturer of telephony equipment and a fierce competitor of AT&T and Northern Telecom. The divestiture of AT&T as the monopolistic holder of telephone services in the US had just taken place. This drastic change in the legislation opened up great opportunities for ROLM. In Colorado

Springs ROLM was hiring engineers, and they needed technical support people for their soon-to-be-announced telephone system aimed at small businesses.

I could see a career move as an opportunity to get my feet wet in the telecommunications business. I had been in computers a number of years and telecommunications sounded like a great way to round up my technical skills and become more competitive in the job market.

I applied for the Technical Product Support manager position and was hired. The technical support group was built up. It consisted of six telecommunication support engineers and their supervisor, and a group of four product planners responsible for logistics and inventory planning and management.

The day-to-day work that awaited me was not strange to me. The company was about to take to market a small PABX (private branch exchange) telephone system, and the company's support organization needed to be trained and equipped to provide technical support for this new system. There were a lot of internal politics involved. I found out that new products did not get accepted at ROLM without a fair amount of power plays by the existing field management.

ROLM was a much younger company than Hewlett-Packard, and procedures were rather fluid. New procedures were a subject of much argument about who was going to pay for what—a different world from what I had known.

When the new system was finally introduced and started to be shipped to customer sites, I soon realized that day-to-day logistics, warranty issues, spare parts, and other details were no different from what I had experienced before in my career. All this work was not creative work. It required hands-on management of lots of small details. I also started to realize that I was not the man for this job. I was not, and I am not, a hands-on detail manager. I am a creative person.

My performance was not what was expected of me. My relationship with my superior and with my colleagues in marketing and product development was gradually deteriorating. I decided to make a move back to marketing and planning where I could apply my creativity.

There are times in life when we need to recognize we are not cut for a specific job. At those times we owe it to ourselves and to our employers to change course and find another job or another company that meets our skills, our beliefs and inclinations.

This experience at ROLM was a very valuable lesson for me. In retrospect I am glad I was taught this lesson so early in my professional career.

## **Innovating technology**

I had been working for Charles Schwab for about four months. I had been hired into the Information Technology (IT) department to lead a new technology initiative required in the company's call centers and branches to support a new business initiative.

Charles Schwab was at the time, and continues to be, a very successful discount services provider in the financial investments arena. The company had a business unit to manage its 250 branches and another business unit to manage all five call centers. In addition, it had the IT department that was equipped and staffed to develop, deploy, and support all the required technology. Schwab prided itself on being at the cutting edge of technology for financial services.

In the Schwab business model, a customer could walk into any branch and obtain financial investment assistance from highly trained professionals. All call centers could provide the same level of financial services assistance that was provided by the branches to customers calling by phone into Schwab. The function of the IT department was to develop, deploy, and support all the required technology. For that purpose, the department was adequately equipped and staffed. There was no Internet Web presence at the time.

The technology required to implement the new business initiative involved an innovative combination of telephone, data, and telecommunications systems properly configured to assist any call center or branch agent in providing faster response times to any customer interaction. It was for the design and implementation of this new technology that I had been hired into Schwab.

There had been a previous attempt at defining the required new technology, but it had not been accepted by the business units due to the elevated cost of the proposal. The proposed solution offered everything the business units wanted but turned out to be too expensive. The only solution was to reduce some of the wanted capabilities in order to simplify the system and make it less costly. But which capabilities should be eliminated?

Together with my technical team, we came up with a solution that eliminated some features the team considered less important and addressed the primary objection: the excessive cost of the previous proposal. It turned out the revised design cut the cost by half. But would the company business units accept this compromise? I did what was obvious to me—I went to talk to Tom, the Senior Vice President (SVP) in charge of both business units, the branch unit and the call center unit. Tom liked the idea, thought that the compromises were very acceptable, and told me that the new design needed to be presented to Dave, the CEO of the company.

The meeting was set up for the following day with Dave, Tom, and the two other SVPs reporting to Tom, the heads of the branch and the call center business units. The meeting was held in the big board room. I arrived early, as I normally do, and found myself a place not too close to the head of the table. My assumption was that Dave would sit at the head of the table, Tom would be doing the talking and I would be providing any necessary technical clarifications.

I had no idea how wrong I was! Dave, the CEO, was the last to arrive. Tom indicated to Dave that he should sit right in front of me. I could have sincerely benefited from a hole in the ground into which I could simply vanish. Dave was a big man. He had been a wrestling college champion in the heavyweight category. He sat down and indicated to me to start my presentation.

I looked at Dave and started to describe... but, lo and behold, Dave had been almost bald and had just had a hair implant. All I could see in front of me was this line of very visible hair puffs sticking out of Dave's forehead. A clean curved line running from one temple to the other. It took all of my will power to keep from looking at that line of hair implants. But, somehow, I managed after all.

I made the presentation I had prepared for the meeting. I was not interrupted once. Apart from my voice one could hear a pin drop. And that made me very nervous. Not a single reaction. Why? When I finished, Dave turned to Tom and asked him what he thought of the new proposal. Tom said he liked it a lot, to which Dave replied that he liked it too. I was given instructions to proceed. I couldn't believe my ears.

What a relief! It was only then that I reassured myself that my efforts to keep my eyes away from Dave's hair implants had been successful.

After a year of development and testing, the team delivered the new system within schedule and within budget. The business units were happy.

And so was I.

## *From Soup to Nuts: How a Family Recipe Drove Me Crazy Searching for My Azorean Roots*

Katharine F. Baker

I confess that as a child I was a picky eater: if I'd never tried a food, I was positive I wouldn't like it. So of course I had no interest in the watercress soup my mother fixed once or twice each spring as a special treat for my father. Washing grit-filled cress was hard work, yet she did it because she loved my dad and he loved the soup. But uncharacteristically, my parents made no effort to get me to try any, unlike our epic battles over lima beans and especially liver.

Then, as my palate began evolving in my teens, I asked my mother if I could sample a little of the soup while she was making a batch, thinking she'd be pleased. To my surprise she said no, adding that I wouldn't like it. Being savvy enough to suspect parental reverse psychology, I persisted. Still she refused, lashing out that if I had some I wouldn't like it anyway, so it would just go to waste—*and don't ask again!* I had no idea why I'd upset her so, but to keep family peace I realized I needed never to mention it again.

Once I married and left home, I had little exposure to watercress for decades—other than as the occasional restaurant garnish that I'd dice and scatter over an entrée, or a bit tucked inside a gourmet sandwich, or a few sprigs I added to my pile of mixed greens at a salad bar. I found it a slightly peppery treat but never bought any because it was expensive and not always available.

What I could not have guessed then was that decades later this barely-recalled dish from childhood would pinpoint my paternal grandparents' birthplaces in a locale I'd scarcely heard of. In hindsight, I believe my mother's motive for not letting me try watercress soup was a small piece in a greater family conspiracy to eradicate my heritage, in a misguided effort to shield me from any residual anti-Portuguese prejudice they might have known a generation earlier.



**Figure 1.** Family portrait (left to right): Daughter Mary and husband Joseph Fredericks, with baby Victor; parents Isabel and Manuel Noronha; daughter Armina and husband Enos Dana, with baby Blanche. Circa August 1900.



**Figure 2.** Surviving children of Joseph and Mary Fredericks: Joseph (the author's father), Victor, Beatrice, Gilbert, George (father of Don), New Year's Eve 1967. Bertrand died in 1919, at age 18.

Meanwhile, whenever I'd ask about my father's ancestry, my parents would always claim his mother and father were born in Northern California of Flemish origin but that since Grandpa always insisted he was an orphan, they knew nothing further about his family history. Then they would promptly order me to drop the topic, threatening that if I pursued it further, *I could cause trouble*—a reply defying logic, but out of a sense of self-preservation I eventually quit asking.

After my widowed father died in 1996 in Berkeley, however, among his papers we found official death certificates for some of his older relatives, listing their parents' birthplaces as the Azores. All I knew was that those were islands somewhere in the Atlantic, so I began by consulting my parents' world globe in order to locate them. This made me wonder how many other Americans had roots in such a tiny remote archipelago, and whether my family retained any cultural vestiges

despite their apparently total obliteration of what I'd just realized was my own half-Portuguese ancestry.

My next step was to telephone my much older only first cousin with what I figured would be earthshaking news. To my amazement, Don confessed he'd always known. As a child he had lived with his divorced father for several years at our paternal grandparents' house just over the Berkeley city limits in north Oakland—where, he added, all the elders (including our dads) spoke Portuguese when they didn't want him to understand what they were discussing. He said our grandfather specified to him having been born on the island of Flores, although he recalled nothing further about it.

Grandpa would take Don to Catholic church on Sunday mornings, providing him with a Hershey's chocolate bar to nibble during the Latin service—which Don, who attended public school, didn't understand. Out of boredom he would use the edge of his candy bar to sketch on the back of the pew in front of them, prompting Grandpa to reprimand him with a swat. *Only Grandpa went?* I asked. Grandma stayed home, Don revealed to my surprise.

One of Don's few distinct childhood memories of our Portugueseness were trips with his dad and Grandpa (who didn't drive) back to our fathers' small hometown of Benicia to attend the annual Holy Ghost festival. (Incidentally, U.S. Census enumerations show that the town and its environs had a substantial Luso-American population in the first half of the 20th century.) Part of the extended Noronha-Fredericks clan had remained behind there when our branch moved to the city of Oakland in pursuit of better jobs for the men and schools for the younger children.

Don asked if I'd ever heard of the Holy Ghost festival. I hadn't. He recalled a parade through town, and a *sopas* feed for the crowd on Sunday. *What's sopas?* I asked. Big vats of delicious beef soup, he replied, cooked over wood fires that he got to join the menfolk in tending all night. This combination of male bonding, lack of a bedtime, and fire was clearly the highlight of a boyhood weekend. However, World War II fuel and tire rationing apparently brought these and most other family road-trips to an end for the duration. The only known exception was for our great-grandmother Isabel Noronha's funeral in Benicia in 1943 (following her death in Oakland, where she'd been staying with my grandparents), at which her grandsons were among the pallbearers.

In response to my inevitable query, he confessed that the reason he never told me was in order to keep family peace: after returning from military service in his early 20s, his casual mention of the P-word to an uncle, despite its not having been taboo before, provoked an unexpected rebuke never to raise the subject again. He admitted his principal curiosity now was about how our family came to have such an obviously un-Portuguese surname as Fredericks.

When I proposed taking our aunt—the last member of our parents' generation—to lunch a couple of days later so I could ask her more about this hidden family history, Don sounded hesitant. But I had too many questions that needed answering, and time was short before I had to return home to Pittsburgh, Pennsylvania.

At lunch I discovered the reason for Don's reluctance: our aunt at first flatly denied we were Portuguese, and tried to bulldoze me into dropping the subject. Even after I pointed out that on death certificates her father had listed her mother's birthplace as the Azores, and a decade later her eldest brother had given the islands as their father's, she dismissed both men as having been misinformed. She was positive Grandma had been born in San Francisco, and took umbrage when I pointed out she couldn't possibly know for certain because she wasn't present at the birth.

Then I divulged details that Don had told me two nights earlier, which caused him to squirm but forced our aunt's hand. She grudgingly admitted our Portugueseness, but claimed not to recall the reason for the cover-up. However, she revealed that the plan was hatched when I was young, at a family meeting convened at her house in which both of my parents participated, although she couldn't recollect the exact year or reason, only that I wasn't there.

She said that previously the family had considered claiming to be Swedish. Once I stopped laughing at the absurdity of our dark-haired, suntanned family trying to persuade anyone we were Scandinavian, she admitted they'd opted for Flemish instead—and I later learned there had in fact been early Dutch settlers on both São Jorge (where we had Noronha family roots) and Flores (Grandpa's island), so that was ostensibly the inspiration. My aunt closed by declaring no one wanted to hear about our being Portuguese, and ordering me

*never to mention it again.*

Ha!

Once back home, I devoured library books about Azoreans and their emigration. With the advent of Google I discovered early Azor-American websites, one of which on Geocities had a section devoted to recipes typical of each of the archipelago's nine islands—including, under Flores, my mother's watercress soup, as well as *vinha d'albos* (similar to her vinegar-and-garlic marinated pork chops). I surmised that as a bride my mother must have obtained directions for both dishes from her mother-in-law, in order to fix them for my father.



**Figure 3.** Cousin Don with our great-grandmother Isabel Noronha at the Fredericks family house in Oakland, circa 1935.



**Figure 4.** The author, with aunt Beatrice Isabel Fredericks Roehl, in Berkeley, April 2004. Bee died the next year, at age 94.

Four years after discovering my hidden ancestry, I enrolled in Portuguese 1 at the University of Pittsburgh, in hopes of acquiring sufficient linguistic proficiency to research my paternal roots. After two years of study, I booked a tour of several islands in the Azores.

On Flores I dropped by the Tourism Post in the main town of Santa Cruz, where I related to its director, José “Zé” Silva, my concealed half-Azoreanness. Since “Fredericks” clearly isn’t Portuguese and Zé knew of no one with a similar surname, he couldn’t guess my grandfather’s native parish. But as soon as I began describing the family watercress soup, he instantly surmised that since wild cress grows in abundance on the island’s remote west coast around Fajãzinha and Fajã Grande [a *fajã* is an alluvial fan], my grandfather surely hailed from near there. However, I had no given name for Grandpa other than possibly the very common José (since he was called Joseph in the U.S.), so I feared his trail had gone cold.

Back home, a few months later, I suddenly recalled my dad’s first cousin John Fredericks in Fresno, whom I’d once met along with his father (Grandpa’s much younger brother John) when I was little during a family dinner at my aunt’s house in Berkeley. I’d later been told that the old men had a history of animosity, so this occasion had evidently been a last-gasp effort by their adult children to reconcile them—in vain. By late 2002 my great-uncle and his son were long dead, but I wondered if any of their family might still be residing around Fresno.

An online telephone directory listed John Jr.’s widow, so I called to introduce myself. We conversed at length about our respective recollections—including several relatives on my side whom she recalled meeting long ago—thus establishing our bona fides with one another, because no scam artist on either side could have known as many details as either of us did. When I mentioned that Grandpa said he was born on Flores, Maxine replied that she never knew her father-in-law’s home island, but that one day toward the end of his life he confided that his Portuguese birth name had been João Frederico Henriques, although in the U.S. he’d anglicized it to John Henry Fredericks, flipping his second and third names.

I called my aunt to report this discovery, since she and her late husband were among the relatives Maxine recalled; my aunt confirmed numerous details she recognized. Then she told me that my grandfather’s parents had come from the Azores to Folsom, California, when he was young, but after two years they’d failed to make a go of their immigration, so they returned home, leaving him behind with another family (whose surname I forget, except that it sounded French, not Portuguese) in a nearby town. She added that Grandpa stayed in correspondence with the head of that family, and my relatives even drove him up to visit the old man decades later. I cannot confirm her account; in private my father used to describe his sister as “devious,” and I already knew she was an unreliable narrator.

One fringe benefit of this line of research was that I became phone and email buddies with Maxine’s daughter, as we share several interests. Carol further probed her mother (as well as a niece in Sacramento), which yielded the information that John Sr.’s mother-in-law, who had a Portuguese name, was buried in a Folsom cemetery. Carol and I continued making discoveries, filling in our extended family tree further, and finally met on my next California visit.

As internet genealogy burgeoned, I began researching ancestors online. In the 1880 U.S. Census I found 14-year-old schoolboy José Fredrico, as well as 12-year-old Antone Fredrico (the latter unknown to me), both born in Portugal. They were boarders on the farm of a Joseph Sylvia—doubtless originally named José Silva, like the central protagonist of Álamô Oliveira’s novel *I No Longer Like Chocolates*—and his siblings. Joseph was age 37, and born in the Western Islands (a common term then for the Azores). They were listed as residing in Denverton, eight miles outside Benicia, where Grandma’s parents had settled with her in 1877, and another daughter was born in 1879. But it proved a huge challenge detecting the Noronhas in the Census, because Ancestry.com had grossly mis-

transcribed their surname in its online index—but once I found them, I saw that Grandma and her parents were listed as having been born in Portugal.



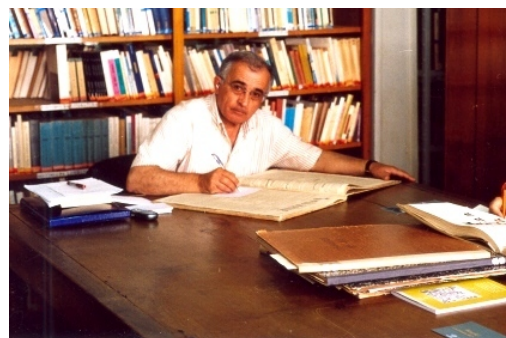
**Figure 5.** The author's grandparents Mary Victoria and Joseph Fredericks, flanking Mary's widowed mother Isabel Noronha, in the back yard of the Fredericks home in Oakland on Mother's Day 1942. Isabel died the next year, at age 89.

On my second Azores trip in June 2004, after two more years of Portuguese language study, I scoured Fajãzinha's baptismal logbooks in the Regional Archives at the Horta Public Library on Faial. There I soon discovered the parish register listing my great-uncle João Fredrico Henriques' baptism on the correct date, the first find in my family; unexpectedly, I broke down weeping from emotion, prompting a kind library staffer to comfort me as I explained the source of my tears. A retired Horta history teacher who was doing research there generously explained the many abbreviations in the handwritten record to me.

However, there was no listing for José Henriques. The closest I could find was a José Fredrico near Grandpa's age, with the same father as João but a different mother. My most reasonable guesses,

considering how great-uncle John Fredericks later switched his middle and last names, are that: a) José Fredrico was my grandfather; b) perhaps his mother died when he was little (lending partial credence to his orphan claim), so John was only his half-brother; and, c) Grandpa hadn't known his exact age or birthdate.

The following week at the Regional Archives in Angra do Heroísmo's Public Library on Terceira, I began searching old São Jorge island baptismal records for my grandmother Maria Victória Noronha and her father Manuel Noronha. I started with Topo and nearby parishes (from which other documents in my possession suggested he hailed), because it seemed logical that if he was born there, she might have been as well. I located Manuel, born to a mother surnamed Noronha in Topo and a father listed as unknown—so illegitimacy could reasonably explain why the Noronhas I'd met on São Jorge in 2002 had never heard of him—and then his mother's baptismal record (she was only 17 years older). But searching every São Jorge parish register for Manuel's wife Isabel Jorge (born 1854) and their daughter Maria (1874) yielded only long days of exhaustion and frustration. I resigned myself to having hit another dead end.



**Figure 6.** Retired teacher Fernando Ribeiro, who assisted the author in deciphering her Flores ancestors' baptismal records in the Regional Archives at the old Horta Public Library, June 2004.

During my aunt's final years, I discovered during phone conversations that I could pry bits about our Portugueseness out of her surreptitiously by asking about family stories without using the P-word (which would prompt her to clam up). One day I mentioned the watercress soup recipe, which she confessed she still occasionally made in small batches for herself. She said that when my widowed great-grandmother Isabel Noronha would stay with my grandparents in Oakland back in the 1930s, she'd pitch in with washing the large amounts of watercress, while Grandpa thin-sliced potatoes into

disks for a batch of the soup big enough to feed the eight of them. She also confirmed that Grandma marinated spareribs the same way my mother did pork chops—with vinegar, garlic, ground cumin and cracked coriander seeds.

She adamantly enumerated the soup ingredients as small amounts of onion, garlic and potatoes, and large volumes of water and watercress, plus stale bread torn into rough chunks to add when serving. What about chicken or vegetable stock instead of water, for more flavor, I asked? *No*. Or beans, to increase protein? *No*! Diced carrots, for color and nutrition? *No!!* Bits of cooked *linguiça*? *Absolutely not!!!* She resented my challenges to her authority, brooking no substitutions or additions to her sacred recipe.



**Figure 7.** Ponta da Fajã Grande, Flores. Screenshot from RTP *Açores* video, August 28, 2020.<sup>1</sup>

During one of my last visits, my aunt fetched from her basement a packet of musty old letters in Portuguese that she dismissed as being of no interest to anyone else, so unless for some reason I wanted them she was going to throw them out. Yes, she was that disrespectful, and often worse, of my interest in our genealogy. They were written between 1913 and 1936, mainly obsequious pleas to my great-grandmother for money, from relatives in a place I'd never heard of called Ponta da Fajã Grande das Flores, which I surmised to be near Fajã Grande (which I had visited in 2002). I now realized my logical assumption that Isabel had hailed from São Jorge like her husband was incorrect. Online maps showed that, logically enough, Ponta is a tiny settlement on a point of land just outside Fajã Grande.

One day while idly trawling Ancestry.com for traces of relatives (as amateur genealogists are wont to do), I was stunned to find a 22-year-old farmer named José Frederico—a native of the Azores and resident of California, listed in the forward area of the ship with two pieces of baggage—on the manifest of the Barque *Kennard*, among 114 passengers arriving in the Port of Boston from the Azores on October 7, 1887. My hypothesis is that as a young adult my grandfather had managed to save enough money to afford to visit his family of origin on Flores, where among others he would have met his younger brother João. From records cousin Carol had already supplied to me, I knew that João immigrated to America in 1892 at age 18, so I inferred that perhaps my grandfather's visit greased the skids for my great-uncle's immigration to California, with Grandpa as sponsor.

After my aunt's death in 2005, Don and his adult children came across a small box in her house containing old family letters and mementos—including a yellowed religious card [*santinho*] with the drawing of a saint, bearing the imprinted message *Verdadeiro retrato da imagem de / S. José / Que se venera na Igreja da Fajã Grande Ilha das Flôres*) [authentic portrait of the image of Saint Joseph, who is venerated at the Church of Fajã Grande, island of Flores] on the front—and on the back *José Frederico Henriques / Lembrança / de Sua Mãe / Marianna Apollonia Gonsalves / 1º de Janeiro de 1893* [José Frederico Henriques / Remembrance / from His Mother / Marianna Apollonia Gonsalves / January 1, 1893]. Marianna Apollonia had been listed on João's baptism registration as his mother, but not on the one I'd surmised was José's.

<sup>1</sup> The video: [www.rtp.pt/acores/local/populacao-impedida-de-usar-casas-da-ponta-da-faja-grande-som\\_67592](http://www.rtp.pt/acores/local/populacao-impedida-de-usar-casas-da-ponta-da-faja-grande-som_67592)



Figure 8. New Year's 1893 card to Grandpa from his mother on Flores

Unfortunately, I didn't get another chance to research my grandmother's ancestry until May 2008 on my next visit to Horta. I readily located both Maria and my great-grandmother Isabel's baptismal records in the parish of Fajã Grande. One curiosity, though, was that on Maria's, her mother was listed as unwed (and Isabel would have been only 20 years old at the time):

*"Maria... filha natural primeira do nome de Izabel Thomasia solteira... e de Pai incognito"* [Maria... first out-of-wedlock daughter of this name of the never-married Izabel Thomasia... and an unknown father].

Only genetic testing, which I have not undergone, can reveal whether Manuel Noronha was my biological great-grandfather. Maybe he was, but he and Isabel were unable to wed due to his own illegitimacy (or for lack of authenticated church paperwork in his possession). Or Isabel already had a young child, not his. Or Isabel and Manuel never wed, but lived in a common-law marriage. I do not judge. Regardless, the 1880 U.S. Census enumeration shows that the family of three had arrived in California in 1877.

Nearly twelve years after my first trip, I finally had the chance to revisit Flores, and this time even to spend a couple nights at a guest rental in the middle of Ponta da Fajã Grande—in a restored old stone building that had been gutted, repaired, and renovated into a studio apartment appointed in late IKEA (a sensible decision). Walking around the tiny semi-abandoned settlement of ancient stone structures, some long-since tumbled down, in a community whose population had dwindled to fewer than a dozen (of whom at least four were outsiders), I imagined the poverty, primitiveness and isolation in which my ancestors most likely lived.

They would have been almost totally cut off from the rest of the world, save for an occasional whaling ship picking up Azorean laborers to supplement its crew—which could plausibly explain how a mariner like Manuel Noronha (a ship's captain, according to family lore) met a local girl during a stop in Fajã Grande. In fact, California author Alfred Lewis (né Alfredo Luís) recounted in his novel *Home is an Island* how residents of the fictionalized version of his native Fajãzinha were so isolated as to be unaware of World War I until they rescued sailors from a German vessel wrecked offshore.

It also dawned on me that the meager amounts of garden crops called for in the soup recipe, as well as stale bread, were a way for impoverished people leading a subsistence lifestyle to stretch precious ingredients raised in their kitchen gardens, especially stored produce such as potatoes and dried braids of onions and garlic—combined with abundant volumes of watercress and fresh water foraged from riffles below the waterfalls that plunged down the cliffs above the *fajã* at Ponta. What irony, I reflected, that this peasant dish would one day become a luxury elsewhere, and lead to my finding so much buried family history there.

**POSTSCRIPTS:** Buildings in Ponta da Fajã Grande das Flores continue to be threatened with governmental destruction, prompted by a fall of scree from the cliffs behind the settlement more than thirty years ago. Nonetheless, some homes are still occupied in defiance of the order.

The population of the county of Lajes on the island of Flores sees no danger in living in Ponta da Fajã Grande. But a law over 30 years old forbids it. And now, a new report from the Regional Civil Engineering Laboratory advocates demolition of Ponta's buildings. The Lajes county chamber wants to amend the 1989 law.<sup>2</sup>

*Email from fourth cousin John Vasconcelos, whom I met in an online genealogy group, re my family's watercress soup recipe:*

That's pretty much the way my mother used to make it except that she did not immerse the bread in it.

A little bit of trivia... When I first visited Flores in 1963, Uncle Joe Freitas went with me, which was very convenient since he knew who all the relatives were and where they lived. On our way to Flores, we had to stay over in Horta, Faial, a couple of days because of a missed connection. While there, we visited the police chief of Horta who was a Gomes (don't recall his first name) who was originally from Flores. Chief Gomes said that he really missed the watercress from Fajãzinha and asked if we could bring some back on our way back thru Horta. So the morning we left, Uncle Joe went out and picked some. (We were staying at Tia Filomena's house in Fajãzinha.)

*Email from fourth cousin John Freitas (whom I met through his first cousin John Vasconcelos):*

My total experience with watercress consists of two episodes. When I was about 7 years old I accompanied my dad, my uncle and a cousin in a search for it in some foothill streams near Fresno. We never found any.

The other experience was in Fajãzinha, where I had some delicious soup at the home of one of the cousins of John Vasconcelos, at least I think she is his cousin. If I remember correctly the name was Valadão, and Frank Valadão was the cousin who accompanied us on the watercress search.

---

<sup>2</sup> "População impedida de usar casas da Ponta da Fajã Grande" [Population prevented from using houses in Ponta da Fajã Grande]. RTP Açores video, 28 Aug 2020.  
[www.rtp.pt/acores/local/populacao-impedida-de-usar-casas-da-ponta-da-faja-grande-som\\_67592](http://www.rtp.pt/acores/local/populacao-impedida-de-usar-casas-da-ponta-da-faja-grande-som_67592)

### MY FAMILY'S FLORES-STYLE WATERCRESS SOUP

1-2 Tablespoons vegetable oil or butter  
 ½ cup onion, peeled and chopped  
 1 clove garlic, peeled and chopped  
 4 cups water  
 1 bunch watercress, washed very thoroughly  
 ½ pound potatoes, washed and peeled  
 Salt and pepper to taste  
 Crusty bread, torn in chunks



1. In a medium-large non-corrosive saucepan (I use a 4-quart All-Clad pan), sauté the chopped onion and garlic in oil or butter over low heat until translucent.

2. Add the 4 cups of water to the onions and garlic, then heat to boiling.

3. While the liquid is heating, finely chop the stems of the watercress and thin-slice the potatoes ⅛" thick; then add them to the boiling liquid and cook until done, about 15–20 minutes. Test for doneness by gingerly forking a slice of potato—when pierced, it should not fall apart.

4. Season to taste with salt and pepper.

5. Serve the soup in individual bowls, poured over chunks of crusty bread.



**Figures 9a - 9e.** The author making her family's watercress soup. Photos by John J. Baker.

4 Poems

Irene Marques

*Churches, Cathedrals, and Us*

Taken by the magnificence of the moment, we visited churches and chapels, sanctuaries and cathedrals. Roamed the city aimlessly trying to connect with the thing in us that yearns to get out of the straight jacket that the corporations have put us in. We stared at the ceilings of St. Helen's, its curves and intertwined colors, and dwelt in bliss and sorrow: imagining the pains and the loves of the world, the baptisms and the weddings, the masses on Sunday, women in veils and men serenely looking at the altar with eyes candid, in expectation of that which is higher than them. Then we knelt on the cold floor, our hands elevated in a silence that spoke. I held your hand, you held mine, and in that moment we felt less alone, less small, the corporations bounding our beautiful earth disintegrated into nothingness, and the children of the future appeared to us: free, boisterous, enveloped in clandestine clothes brought from faraway places where there is no border and no frontiers and where we are all migrants, sons and daughters of gods, beings in their full right, fulfilling a destiny that always calls. I slept well that night: entered the void of the cosmos and then reached for the air and the clouds, that hollowness that gives and gives, bathing my soul into a mellow light—the spectacle came and it was stunning. The transcendent walls of Don Quixote that feed upon wonder and the dark mines of South Africa and Ghana, where children-men labor endlessly—all became the same wells of love, white luminous teeth opening in a smile, the darkness suspended by the rainbows, those circles of life that are the magic of enlightened theologians. We were saints and the world was saved. I kissed you on the forehead: that center without equal where the third eye resides, where we lose bone and gain marrow.

*My Toenails*

My toenails are growing, too rapidly  
I cut them every day: I want to walk unimpeded  
By my own clumsiness  
To look self-assured, neat—easy to the eye  
Of men I am (still) trying to impress

My sandals are sexy: they have holes and straps  
I dance with them, bouncing to the rhythm of my body  
This cave that holds me down  
Even when I want to suppress the jargon of everyday rubbish  
And scribble a new clean alphabet  
Through the spectacular ink that rivers my starved lymph nodes

*There Are No Words*

There are no words. If there were words, I would see their salt and light and bright yellow cooper temper me with the eternal lingering of a scintillating life. There are no words: you babble them out in a semi-awaken state putting your feet where your mouth is, playing dangerous, deadly games with the soul. Not just yours, but ours too, for how can the eagle fly alone and build a mansion in the faraway land without the aiding rope that you put out? There are no words: you babble them out, entangled as you are in the corporate game of the land whose rhetoric Socrates and Aristotle had warned us about a long time ago—and before them, many others. There are no words: the ears have gone blind. And then you go to sleep and the flying dreams don't come: you are stuck to the piercing fence by the lowland, your body incarcerated, incapable of dancing through the universe, unable to fulfill its destiny, your destiny, our destiny. There are no words. What saves you then?

### *I Do Not Speak*

I do not speak in the original  
 I speak an adulterated language  
 That you passed on to me  
 You—who are also a fake,  
 Mumbling syllables that do not tell the truth,  
 The whole truth and nothing but the truth

I speak things that you and the world passed on to me  
 Scrappers that you all are  
 But I am not content with this charitable language  
 I dream and search for the tongue before I took in yours  
 Allowing it to ravage my insides and break the vines of my heart  
 Before you stole it from me when you gave me a hand and  
 Thought me your alphabet  
 And then syllables and words and sentences...

Before I knew, I was mastering entire texts  
 Elaborate rhetorical schemes  
 Laws about the eternal and the universal  
 The earthly, the worthy and non-worthy  
 What a rose is what it is not  
 Why dogs are on the street  
 The local and the transnational  
 The Mexican and the Russian and the Nigerian  
 And the hypothetical creature on the Moon

I do not speak in the original  
 I spew a tongue infected by melanomas  
 Scientific and objective shortcomings that codify the mystery

I do not speak the original  
 Though I may occasionally, in distraction, enter the terrain  
 Of my *língua pura*  
 And babble ad infinitum

Until you wake me up

It is the night that saves me

*A Poetry Collection*<sup>1</sup>

Michael Garcia Spring  
translated into Portuguese by Maria João Marques

*beneath the plum tree*<sup>2</sup>

I play dead  
beneath a plum tree  
as a breeze begins to bury me  
with blossoms

crows in other trees—raucous  
and weary—  
are not fooled

a dog  
shoves its nose against my cheek  
bone and licks my face  
I almost crack  
a smile—I'm not sure  
if I can stay dead like this  
much longer

I want someone  
to touch my shoulders to see  
if I move—put an ear  
to my chest—shake me!  
slap me! jab me in the ribs!

I want someone to gasp—  
take hold of my wrists  
and pull me out

*sob a ameixoeira*

faço de morto  
sob uma ameixoeira  
uma brisa começa a enterrar-me  
por entre as flores

os corvos nas outras árvores – ruidosos  
e exaustos –  
não se deixam enganar

um cão  
empurra o focinho contra a minha bochecha  
e lambe-me a cara  
quase deixo escapar  
um sorriso – não sei  
se consigo fazer de morto  
por muito mais tempo

quero alguém  
que me toque nos ombros para ver  
se me movo – que encoste o ouvido  
ao meu peito – me sacuda!  
me bata! me golpeie as costelas!

quero alguém que se sobressalte –  
que me segure nos pulsos  
e me tire daqui

---

<sup>1</sup> All of the featured poems in this collection will appear in Spring's forthcoming book (with translations by Marques), *dentro do som/inside the sound* (2021), Companhia das Ilhas, Azores, Portugal.

<sup>2</sup> The English version of "beneath the plum tree" first appeared in *West Wind Review* and was later published in Spring's book *blue crow*, published by LitPot Press in 2003.

*indecision*<sup>3</sup>

I've walked most of the way  
to my car but now

I'm stuck in the middle  
of the street watching  
a leaf the size of my hand  
fall as it holds  
an answer for me

my car is full of sun  
and the idea  
of a room of people  
I'll have to greet with  
scrap apologies and excuses  
as to why I'm late

no doubt I'll be pulled  
into a small group of people  
and conversation will come to be  
jewelry around throats and wrists

it's the suicide of the day  
for me to consider anything

more than my friend  
behind me in the park  
sitting in his shadow  
as if it were a boat

I'm interested in his fingers  
hooking into the sounds  
between brain and guitar

and the simple  
act of watching  
leaves fall

*indecisão*

agora que percorri a maior parte do caminho  
até ao carro

dou comigo parado no meio  
da rua observando  
uma folha do tamanho da minha mão  
caindo com  
uma resposta

o meu carro está cheio de sol  
e a ideia  
de uma sala repleta de pessoas  
que terei de cumprimentar com  
desculpas esfarrapadas e pretextos  
para o meu atraso

sem dúvida serei arrastado  
para um pequeno grupo de pessoas  
e a conversa girará como  
jóias envoltas em gargantas e pulsos

é o suicídio do dia  
impedindo-me de pensar em algo

mais do que o meu amigo  
atrás de mim no parque  
sentado na sua sombra  
como se fosse um barco

interessam-me os seus dedos  
enganchados nos sons  
entre cérebro e guitarra

e o simples  
acto de ver  
as folhas cair

---

<sup>3</sup> The English version of "indecision" first appeared in *Raintown Review* and was later published in Spring's *blue crow*, published by LitPot Press in 2003.

*lust*<sup>4</sup>

a blue wind  
 lifts the cat's head  
 to watch the revolving  
 doors the maple leaves  
 have become—wondering  
 how many birds  
 are inside and what  
 they'd taste like

*desejo*

um vento azul  
 ergue a cabeça do gato  
 para ver as folhas de ácer  
 transfiguradas em portas  
 giratórias – imaginando  
 quantos pássaros  
 estariam lá dentro e a que  
 saberiam

*saudade*<sup>5</sup>

twelve strings  
 from the roots

of anguish  
 stir the ocean

making a nest  
 for the moon

*saudade*

doze cordas  
 brotam da raiz

da dor  
 e agitam o mar

fazendo um ninho  
 para a lua

---

<sup>4</sup> The English version of “lust” first appeared in *The New Imagist* and was later published in Spring’s *blue crown*, published by LitPot Press in 2003.

<sup>5</sup> The English version of “saudade” first appeared in *Poetry Now* and was also later published in Spring’s book *Mudsong*, published by Pygmy Forest Press in 2005.

*approaching the Azores*<sup>6</sup>

finally the gulls like fat moths  
float from the basalt cliffs

I stand in the whiplash winds full of salt and sting

one hand shields my eyes  
and the other grips the schooner's railing

I'm finally looking at Pico Island  
and its mountain peak  
rising out of the mists and clouds

and below the mountain the clusters of houses  
the *freguesias* the *adegas* the rocky ledges  
the harbors the colorful fishing boats  
my ancestral home

I'm standing on a surging deck  
in the smell of grease and fish  
where the slick boards below my feet  
creak as I shift my weight  
under a flapping sail

I'm leaning toward the island  
squinting for perspective  
over the blue-green map of water

*chegando aos Açores*<sup>7</sup>

finalmente as gaivotas como traças gordas  
flutuam das falésias de basalto

enfrento o golpe dos ventos salgados e ardentes

com uma mão protejo os olhos  
com a outra apoio-me na balastrada da escuna

vejo finalmente a ilha do Pico  
e o cume da montanha  
elevando-se para além de neblinas e nuvens

e sob a montanha o amontoado de casas  
as “freguesias” as “adegas” as rochas à beira-mar  
os portos os barcos de pesca coloridos  
a minha morada ancestral

estou no convés sinuoso  
por entre o cheiro de gordura e peixe  
onde por baixo dos meus pés as pranchas  
rangem ao deslocar o meu peso  
sob uma vela ondulante

inclino-me em direcção à ilha  
semicerrando os olhos para ganhar perspectiva  
sobre o mapa de água azul-turquesa

<sup>6</sup> The English version of “approaching the Azores” first appeared in *The Pedestal Magazine* and was later published in Spring's *blue crown*, published by LitPot Press in 2003.

<sup>7</sup> This translation (“chegando aos Açores”) first appeared in *Açoriano Oriental Arts & Letras* on April 10, 2017.

*fado*<sup>8</sup>

with lost love the Portuguese guitarist  
soaks in a bathtub on a rooftop  
pours himself another glass  
of vinho verde

then salutes twilight's last bawling gull  
in a sky heavy with clouds

orange earth tones of rooftop tiles  
give way to the darkening blues  
of cobbled streets

the guitarist can hear café chairs  
scuffling, the alley below  
with laughter and voices  
and ice clanking in glasses

garlic and salt rise into the belly of air  
octopus sizzles on the grill

the guitarist knows it's time  
to climb out  
of this bathwater and tune the strings

tonight Severa will sing fado: a moon  
will emerge  
from the haze of the Tagus river  
and because of fado

because it embraces fate and despair  
the guitarist will sink  
into sound

he'll become the enchanted  
fisherman, once again, casting  
his interpretations of nets  
and hooks into her songs

*fado*<sup>9</sup>

de amor perdido o guitarrista português  
mergulha numa banheira no terraço  
serve-se de mais um copo  
de vinho verde

e saúda o guincho da última gaivota do crepúsculo  
num céu carregado de nuvens

os tons alaranjados de terra das telhas cimeiras  
dão lugar à escura melancolia  
das calçadas

o guitarrista ouve as cadeiras dos cafés  
inquietando-se, a viela lá em baixo  
o som das gargalhadas e das vozes  
e o gelo tinindo nos copos

alho e sal sobem ao ventre do ar  
o polvo sibila na brasa

o guitarrista sabe que chegou a hora  
de sair  
da água do banho e afinar as cordas

esta noite a Severa vai cantar o fado: a lua  
surgirá  
da neblina do Tejo  
e pelo fado,

que abraça o destino e o desespero,  
o guitarrista irá afundar-se  
na melodia

e uma vez mais tornar-se pescador  
encantado, lançando  
os seus acordes de redes  
e anzóis à voz da Severa

<sup>8</sup> The English version of "fado" first appeared in the magazine *Crannóg*, issue 46 (2017), out of Galway, Ireland.

<sup>9</sup> This translation ("fado") first appeared in *Açoriano Oriental Arts & Letras* on September 25, 2017.

*Uma entrevista com Manuel Calado*

Manuel Adelino Ferreira

**M**anuel Calado, 97 anos, é o decano dos jornalistas portugueses nos Estados Unidos. Natural de Soza (Sosa), aldeia do concelho de Vagos, Aveiro, Manuel Nunes Brito Calado, ou simplesmente Manuel Calado, emigrou para os Estados Unidos em 1948, aos 25 anos de idade. Tempos depois, ingressou no *Diário de Notícias*, de New Bedford, o “único jornal diário” em língua portuguesa, fora de Portugal e do Brasil, onde ao longo de mais de duas décadas – até ao desaparecimento do jornal, em 1973 – desempenhou as funções de “chefe de redação” com uma eficiência tão grande que deixou o seu nome indelevelmente ligado ao jornal. Hoje em dia, falar do *Diário de Notícias* e falar de Manuel Calado é uma e a mesma coisa.



Com quase cem anos de idade, tem uma memória privilegiada, como constatámos no decorrer desta entrevista, em que recorda episódios da sua infância e outros da sua vivência nos Estados Unidos relacionados com a sua vasta experiência “de jornalista, e não só”.<sup>1</sup>

**Conta-nos como foi o ingresso no *Diário de Notícias*:**

Morava na Rivet Street, que era a mesma rua onde se localizava o jornal, e estava desempregado na altura. Como gostava de escrever, gosto que desenvolvi desde muito novo através da leitura de vários livros, um dia lembrei-me de enviar um texto para o *Diário de Notícias* a que dei o título de “Crónica da Minha Rua”. No dia seguinte, ao comprar o jornal, deparei, para espanto meu, que a minha crónica vinha publicada na primeira página e a duas colunas. Mediante isto, dirigi-me ao jornal para entregar a segunda Crónica. Foi então que João Rocha, que era o proprietário e diretor, me convidou para ingressar no jornal. Ainda hesitei, argumentando que não percebia nada de jornais e nem sequer sabia escrever à máquina. Mas, João Rocha insistiu no seu convite e eu acabei por aceitar e continuei a publicar “Crónica da Minha Rua” semanalmente, até ao desaparecimento do jornal, em 1973.

<sup>1</sup> Esta entrevista passou por uma leve revisão e foram reorganizados alguns excertos para sua inclusão neste volume.

### **Tem alguma memória da sua infância?**

Nascido e crescido na vila de Soza, distrito de Aveiro, no longínquo ano de 1923, este “caladinho”, como o tratava a D. Odete, sua primeira professora, ia para a escola descalço, como todos os rapazitos da minha idade, e só calçava sapatos para ir à missa das onze, com o meu pai. Descalço era melhor para correr, jogar à bola, ir caçar grilos, ir aos ninhos e tudo mais que era próprio dos garotos da minha idade.

### **E na escola, sempre foi bom aluno?**

Não, nunca fui grande coisa, e muitas vezes era o Adriano, um ano mais velho, que me ajudava a fazer os problemas. Tinha horror aos “quebrados”, e os números tinham dificuldade em entrar-me na cachola. Quando era o momento de pedir ajuda, tratava o Adriano, (por alcunha o “roubaco”), por “adrianinho.” E ele, depois das minhas lamúrias, cedia.

Quero dizer aqui num à parte, que o Adriano, que faleceu o ano passado, veio a casar com a minha primeira namorada, a Dionilde, que era minha comadre e filha do senhor Agostinho, que era secretário da Junta da freguesia, de que meu pai era presidente. Estão a ver como as coisas da vida se enleiam?

E aqui, tenho de pedir perdão à memória de meu pai, por me esquecer dos seus conselhos, de não ir à forja de ferreiro do Ti Sebastião, onde estavam homens de barbas que diziam asneiras e mais coisas que era pecado ouvir. E ele chamava, da nossa porta da rua, em voz alta, MANUEL, e eu, aterrado, saía a correr, sabendo que ia apanhar umas fortes palmadas no rabo. Quando era possível procurava refúgio debaixo do avental de minha mãe, que ela nunca me bateu uma única vez. Mas a minha memória era tão fraquinha que, ao outro dia lá estava de novo caído na forja do Ti Sebastião. Meu pai berrava o meu nome da porta da rua, e eu largava a correr. Minha mãe não me batia, mas também não me ajudava, porque isso seria faltar ao respeito ao pai. Era esta a maneira antiga de dar educação aos filhos.

Quando fui fazer exame da quarta classe, em Vagos, na volta, juntamente com os companheiros, atirei ao chão o livro de leitura, dizendo que não queria ver mais livros na minha frente. Os outros colegas ficaram meio aterrados com o meu deslante. Quando, afinal, estava destinado por “alguém” que não eu, que os livros seriam a parte mais importante da minha vida. Naquele momento, eu queria ser lavrador como meu pai, e noventa e nove por cento da gente da minha terra. Mas, o misterioso “livro” espreitava o momento certo da sua intervenção. E a leitura, até altas horas da noite, apossou-se de mim, como uma droga benfazeja, que me levava em busca de mundos desconhecidos. E assim cheguei à etapa dos vinte e cinco a agora?

*[MAF – E, sem que o tenhamos interrompido, Manuel Calado prossegue na invocação das suas memórias do passado.]*

A visita à Batalha, a Fátima e a vontade de urinar... episódios que mais marcaram as “memórias da minha infância”.

Ao ver, aqui há tempos, na RTPi, o Mosteiro da Batalha, uma das maravilhas arquitetónicas do nosso torrão de nasença, veio-me à memória o primeiro dia em que, com os meus 9 anos de idade, apreciei aquela joia de pedra lavrada, pela primeira e única vez. E a viagem foi-me oferecida pelo pároco de Soza, o Reitor Pericão. Porque nessa altura eu era um dos três rapazotes que ajudavam o Reitor à missa. Os meus colegas eram o Chico, por alcunha o “rolhas”, e o Adriano, o “roubaco”. Eu era conhecido como “minerro”. E o Reitor era um dos que, nos meses frios, juntamente com o professor e farmacêutico, Manuel Costa, e o primo Manuelzinho Brito, vinham aquecer as pernas ao lume em nossa casa, onde meu pai fazia uma fogueira enorme com achas de eucalipto. Que o meu pai

foi o primeiro a plantar eucaliptos em Soza. Assim como foi também o primeiro a ter bicicleta na terra. E eu, que lia o meu livro ao lado, presenciei um dia uma discussão séria entre o professor e o padre, sobre religião, e os humores cresceram de tal modo, que a certa altura o professor levanta-se fora de si, e agarra no mexedor da gamela da broa que minha mãe estava amassando, e queria-se ir ao Reitor, se não fosse meu pai intervir. Mas, no fundo, os dois homens eram amigos e, ao outro dia o padre estava caído na farmácia com os amigos pontuais.

Não havia café nem taberna, e a farmácia era o ponto de paragem dos intelectuais da terra.

E, um ano, o Reitor organizou uma pequena peregrinação ao santuário de Fátima, com meia dúzia de mulheres, e pediu ao meu pai para eu ir também, que ele pagava a despesa do comboio, que fomos a pé tomar, de madrugada, à estação de Quintãs. E eu, como ia só, fui entregue aos cuidados da Aidinha, uma das filhas do primo Manuelzinho Brito, um dos que iam aquecer as pernas às fogueiras de meu pai. E, quando passamos na Batalha, é sempre obrigatório visitar o Mosteiro da Vitória de Aljubarrota, que conhecia dos livros que havia lido. E podem imaginar a impressão do garoto de Soza, ante a imponente milagrosa daquele monumento fantástico de pedra rendilhada. E perguntava-me: como foi possível construir esta joia arquitetónica, ali, naquele local, junto duma pequena aldeia sem importância? Mas foi. A construção levou anos e estiveram envolvidos três reis. E as magníficas capelas imperfeitas, de tão belas e misteriosas, ficaram imperfeitas para sempre.

E hoje, com quase um século de vida, tenho gravada dentro da alma essa visão magnífica de algo que estava para além da minha capacidade de compreender o significado da luta sangrenta que levou à sua construção. Compreender isso, a mim, como ser pacífico, é tão difícil como compreender o mistério da chamada “Canção Nacional”. Ambos estão ligados à raiz da árvore humana que nós somos. E somos quem somos, e não há voltas a dar-lhe.

Da Batalha, seguimos até Fátima. A visita ao santuário de Fátima, onde fui pela primeira e última vez, causou-me a emoção natural de quem, vindo da sua pacata aldeia, fica como quem entra num mundo à parte, sem compreender a força misteriosa que impele multidões a agirem como um corpo único, movido pela força imutável da fé. Eu, rapazinho, não pensava ainda nestes termos. Tudo aquilo era mistério e, pela mão da Aidinha, para não me perder no meio daquele oceano humano, lá assisti, sentado no chão, à procissão do Adeus. Mas o pior foi durante a noite, tentando dormir na terra ao relento, quando me deu vontade de urinar. A Aidinha estava junto de mim, mas eu tinha vergonha. E quando julguei que ela estava a dormir, levantei-me devagarinho e corri, para uma moita de arbustos, junto da Capela original das Aparições, e estava em processo de esvaziar a bexiga, quando a Aidinha, não me vendo junto dela, vem a correr, aflita, para me retornar ao pequeno rebanho das mulheres do nosso grupo. E esta operação física foi a marca maior que a minha memória registou. Das cerimónias de pouco me lembro. Mas a visita à Batalha, e o ato de me levantar de noite, como coelho espavorido, para urinar, ficaram para sempre gravados no espólio da minha memória.

### **Como foi a sua vinda para os Estados Unidos?**

Um dia, de repente, aparece em Soza uma americana, neta de família da ilha Terceira, com uma criança de três anos, para mostrar aos avós, meus vizinhos, visto o pai da criança, ter sido ceifado pelas balas nazistas, no assalto das tropas americanas à Normandia. E, tudo de acordo com o destino, estava escrito que devia ser ela o meu passaporte para as terras do Novo Mundo. Casámos em 1947, e eu cheguei a New Bedford, na noite de 3 de maio de 1948. Havia bastante desemprego. Os soldados vindos da Europa exigiam os trabalhos que haviam deixado, que as companhias eram obrigadas a restituir aos ex-combatentes.

### Como se deu o ingresso no *Diário de Notícias*?

Quando cheguei a New Bedford, sem profissão específica, passei a viver na Rivet Street, na companhia de minha mulher e sogra, que estava já viúva. E assim, enquanto aguardava que o destino me dissesse qualquer coisa ao ouvido, ia lendo o que se passava no mundo no *The Standard Times*, de que minha sogra era assinante, e comprando o *Diário de Notícias*, que tinha a redação precisamente ao fundo da mesma rua. E um dia, servindo-me da frase que ouvira a um operário açoriano, perguntando a outro: “*tás trabalhando?*”, resolvi apanhar o momento e escrever uma crónica para o jornal, a que dei o título de “Crónica da Minha Rua”. E qual não é a minha surpresa quando no outro dia, ao comprar o jornal, vejo a minha crónica na primeira página, e a duas colunas.

Como podem calcular, fiquei fora de mim. Escrevi outra história, com o mesmo título de “Crónica da Minha Rua”, escrito à mão, claro, e fui entregá-lo ao jornal. Foi então que o diretor, o minhoto João Rocha, chamou-me ao seu gabinete e perguntou-me se eu queria trabalhar no jornal como redator. Eu disse-lhe que não tinha preparação, não sabia escrever à máquina, e que o meu inglês era rudimentar. O Rocha insistiu dizendo, sente-se aí, vá praticando em traduzir e escrever à máquina. E vamos ver o que sai daí. E eu assim fiz. Sentei-me a uma secretária, junto de António Cacula, que então estava na lista como redator-editor. E comecei a matraquear, a medo, numa velha máquina de escrever, um tanto acanhado, pois sempre fui um bocado tímido, “envergonhado”, como se dizia. Entretanto, chegou do serviço militar o redator que eu fora substituir, e eu disse ao diretor Rocha que, uma vez que ele tinha de admitir o empregado que havia ido para a tropa, eu estava disposto a dar-lhe o lugar que lhe pertencia. Mas João Rocha tinha o seu plano formado para despedir o outro redator, e eu ficar no seu lugar. Mas, como não queria fazer isso de caras, decidi promover-me a Chefe de Redação. Quando o outro empregado viu aquilo no canhenho do jornal, entendeu a vontade do diretor, e despediu-se.

E assim começou a minha jornada no *Diário de Notícias* de New Bedford, o único jornal diário em português, que jamais se publicou fora de Portugal e do Brasil.

Trabalhei no jornal por vinte e cinco anos. Como redator, cronista, comentador e tradutor das notícias internacionais, do *New York Times*, do *Boston Globe* e de todos jornais onde houvesse gente nossa, pois tínhamos correspondentes em todos os núcleos portugueses, desde Massachusetts à Califórnia. E assim, o lavrador de Soza, feito por suas próprias mãos à custa da leitura de imensos livros de todos os tipos, incluindo a revista *Vértice*, do grupo dos jovens neorrealistas de Coimbra, onde pontificavam os escritores jovens daquele tempo, opositores disfarçados da ditadura salazarista, da Pide e do Tarrafal.

### Como nasceu o jornal?

O *Diário de Notícias* foi fundado pelo emigrante da ilha Terceira Guilherme Luiz que, não sendo jornalista, era um homem de iniciativa, tendo fundado, além do jornal diário, uma casa bancária, e uma agência de viagens e de seguros. O jornal foi comprado, alguns anos depois, por João R. Rocha, um minhoto aventureiro, que partiu para o Brasil sozinho, com apenas doze anos de idade, e veio para os Estados Unidos na década de crise de 1930, e por aqui se amanhou como pôde, como vendedor de publicidade, tendo publicado um jornal semanário e uma revista, antes de adquirir o *Diário de Notícias*. Quando eu entrei, o jornal tinha uma dúzia de trabalhadores, seis na redação e escritório, e seis na tipografia. Tinha três linótipos de composição – uma máquina complicada para o tempo, e dispendiosa, onde as letras são fundidas em chumbo. E além de outros materiais, havia uma rotativa de impressão, que ocupava o espaço de uma pequena locomotiva. Tudo isto materiais que hoje só existem em museus. Quando iniciei a minha carreira no jornal, este já tinha vinte e cinco anos de

publicação. A minha carreira foi também de vinte e cinco anos, pelo que coube a mim, a triste função das exéquias finais, do último comentário e da última “Crónica da Minha Rua”.

Antes da minha chegada, o jornal teria sido influenciado, segundo me disseram, pelos portugueses foragidos, oposicionistas do governo de Salazar, como o escritor Rodrigues Miguéis (que pessoalmente não cheguei a conhecer), o ex-cônsul Abílio Aguas, residente em Taunton, o ex-ministro da Instrução da Primeira República, dr. João Camoesas, de New Bedford e outros. Nessa altura o jornal tinha uma linha de oposição combativa. Quando eu vim, essa linha era moderada, e o jornal publicava artigos de ambos os lados, desde Dutra Faria, um dos propagandistas do regime de Salazar, a Rocha Martins, fundista do jornal República, da oposição democrática.

Diziam os democratas locais que João Rocha se havia vendido à ditadura, por publicar os artigos e comentários da Agência ANI.

A mim, disse-me algumas vezes que o dinheiro que recebia da Casa de Portugal, em Nova Iorque, era para pagar os anúncios de meia página que o jornal publicava todas as semanas, de Portugal e dos produtos portugueses, como vinhos, sardinhas de conserva, turismo e outros. Quanto ao montante desses pagamentos, é segredo que o João Rocha levou consigo.

### **Quantas pessoas trabalhavam no jornal, na altura?**

Ao todo, éramos 12: seis em cima e seis em baixo. A sede do jornal era num prédio de dois pisos. Em baixo, no primeiro piso, ficavam as oficinas de composição. Em cima, ou seja, no segundo piso, ficava a redação do jornal, e duas secretárias, encarregadas de todos os aspetos da contabilidade.

### **Recorda-se de algum comentário em particular que tenha escrito?**

Os que nunca conheceram o *Diário de Notícias* de New Bedford que, depois de 50 anos de vida, deu a alma ao criador, dias depois da Revolução dos Cravos, em Portugal, perguntam como era esse “porigui paper”, que nasceu e morreu na cidade de New Bedford. Ora eu que nessa altura, por capricho do diretor, João R. Rocha, era “chefe de redação”, vou dar-vos um esboço da primeira página do dia 12 de novembro de 1957.

O ‘headline’, a toda a largura da primeira página, rezava assim: “O Homem lança-se na conquista do Espaço”, em letras garrafais. E em subtítulo, “São precisos biliões para um programa de tal natureza. Esse plano levará anos a realizar, declarou ontem um perito americano”.

Estávamos no princípio da era tecnológica em que nos encontramos hoje. E estas notícias saíam de New Bedford de camião ou de comboio ate à Califórnia, depois de passar pelas comunidades portuguesas onde havia correspondentes que, em troca, nos mandavam as notícias das festas e procissões, juntamente com os aniversários dos “nossos prezados assinantes”. E, juntamente com as notícias locais, de Portugal e do mundo, na última coluna da primeira página, obra do lavrador de Soza que, além de ser calado, gostava de dizer coisas, e que, nesse dia 12 de novembro de 1957, disse de sua justiça nestes moldes:

Os termos ciência e educação são palavras de ordem neste momento. Nós, nos Estados Unidos havíamos-nos de tal forma habituado à ideia de sermos superiores em tudo, que dávamos de barato todas as conquistas que pudessem ser feitas lá fora. Servido por uma imprensa profundamente regionalista – que entre as mordeduras de um cão na esquina do lado e as metamorfoses biológicas de um Jacques Benoit, não hesita entre as primeiras – o povo americano tem criado nos últimos anos, uma mentalidade estreita e exclusivista, que por falta de informação e cultura, só admite, como ponto de partida, o seu próprio ego. Este processo de desvirtuação do panorama humano, no sentido universal do termo, ajudado por

uma prosperidade extemporânea, deve ter criado aquele complexo egocentrista de que nos viríamos a arrepender um dia. E parece-nos que esse processo de arrependimento está já em marcha. Os comentadores da imprensa parece terem acordado de repente desse sonho de superioridade em que se embalavam. Afinal o mundo – constatam agora – não é apenas o nosso mundo do automóvel e do ice-cream. Todavia é preciso cuidado com este acordar estremunhado em que se fala de ciência e mais ciência. Evidentemente que precisamos de cientistas, pois a hora pertence à tecnologia. Mas devemos lembrar-nos que o cientista não é apenas uma coisa, mas um homem também. A preparação do cientista e, afinal do povo americano em geral não pode ser feita à pressa sem levar em linha de conta os elementos que entram na preparação do carácter. A ciência, só por si, não supre todas as necessidades humanas. A literatura, as artes e humanidades são elementos constitutivos da personalidade, do verdadeiro homem americano, predomina a lei do menor esforço. O ensino de línguas não se pratica. Depois a preparação académica, tem apenas um fim prático em mira: um emprego rendoso. Precisamos de mais cientistas, é verdade, mas também de pessoas mais cultas, com uma visão mais vasta dos problemas do mundo e da sociedade, dividida ao longo das linhas da raça, da religião, e do dinheiro.

### **Sabemos que esteve ligado à rádio. Conte-nos como começou essa ligação.**

Depois do fecho do jornal, ingressei na estação de rádio que hoje é conhecida como WJFD, fruto de um programa de rádio fundado por mim e por António Alberto Costa, a que demos o nome de “Ecos de Portugal”, o primeiro programa de rádio em português que transmitia simultaneamente nas bandas AM e FM. E, devido à minha experiência jornalística, passei a ser, além de locutor, noticiário, cronista, comentador e poeta. E, se não é pecado pôr mais uma flor na lapela do meu casaco, direi que não vejo ainda por aí alguém, em rádio portuguesa ou americana, que faça outro tanto. Mas, tudo tem o seu princípio e o seu fim. E o pequeno lavrador de Soza, autodidata, nonagenário, humilde e “envergonhado” parece estar cada vez mais sensível aos sofrimentos da humanidade, e qualquer gesto de bem fazer me sensibiliza até às lágrimas. Este é o lado da minha mãe, a quem lembro todas as noites.

### **Quantas pessoas trabalhavam na redação do jornal?**

Para além do diretor, João Rocha, do redator António Cacela, que era mais velho do que eu, e do empregado que eu fora substituir, tínhamos colaboradores que nos enviavam regularmente os seus escritos. Acrescento que senti pena que o redator que eu fora substituir optasse por se despedir. No reduzido tempo que trabalhamos lado a lado, eu até estava simpatizando com ele. Íamos almoçar juntos, trocávamos opiniões e, durante as conversas, ele me disse que era sobrinho, ou primo do célebre almirante Henrique Tenreiro, um homem rico, amigo de Salazar, que controlava então o negócio do bacalhau em Portugal. Verdade ou não, o apelido era igual, e eu tinha-o como tal. Quanto a qualquer coisa escrita em que ele pudesse pôr o nome por baixo, não era com ele. Mas eu gostava da sua companhia. Porém, o diretor Rocha, talvez por razões económicas, viu que ele estava a mais no seu orçamento, e o estratagema de me promover a mim, o mais pexote na casa, a chefe de redação foi um insulto que ele não podia tolerar. Mas teve sorte, porque conseguiu um lugar no escritório de uma empresa local, e esteve lá até à reforma.

O outro companheiro, talvez até mais velho do que o Rocha, e que figurava como editor, era o António Cacela, irmão do padre Cacela, que tinha uma espécie de igreja em Nova Iorque, onde ministrava aos portugueses e latinos daquela cidade. Mr. Cacela era um homem simples e simpático, que conversava comigo sobre coisas da ciência e do futuro. A era da televisão estava em processo de

vir à luz, e no intervalo das traduções nós conversávamos sobre o fantástico futuro que estava prestes a nascer. E a sua curiosidade era tal que comprou um pequeno telescópio, para ver “as terras do céu”. E um dia à noite fui a sua casa, para ver a lua. Era uma noite de luar intenso, e digo-vos que fiquei admirado com a nitidez do espetáculo. Via-se nitidamente a superfície do astro lunar toda escavada de crateras. E como vem a talhe de foice, digo-vos uma coisa, que até tenho remorsos em mencionar. Segundo as regras do João Rocha, as traduções que Mr. Cacula fazia eram passadas para mim, para qualquer emenda. E digo aqui o que nunca disse a ninguém, que às vezes, as emendas que eu fazia eram quase tantas como a escrita. Talvez devido à idade, o simpático homem estava a desfazer-se. E eu pensava, naquele momento, que alguém, algum dia, me ia fazer a mesma coisa. No escritório, havia duas empregadas, que mandavam “os bêlos” aos assinantes, desde o Atlântico ao Pacífico.

**É verdade que, a partir de certa altura, o governo português intervinha financeiramente no jornal e tentava controlar a informação veiculada?**

Não sei se isso é bem assim. A mim, que me considero do centro esquerda, e os meus escritos isso refletiam, posso garantir que nunca ninguém me tentou controlar.

Além da agência ANI, órgão do governo, e de jornalistas como Dutra Faria e outros, todos ligados ao homem de Santa Comba, tínhamos o padre Alves Correia, refugiado político, escritor e professor na Universidade Duquesne, na Pensilvânia, que nos mandava um artigo todas as semanas, e o padre Dinis da Luz, jornalista açoriano em Lisboa. Aos comentários diários que eu fazia, imprimia uma linha “nem muito ao mar nem muito à terra”, de cunho liberal e humanista, de acordo com o que havia absorvido dos intelectuais neorrealistas e da sua revista *Vértice*. É interessante notar que o João Rocha nunca me censurou os comentários. O que eu escrevia, ia para a redação sem passar pela sua secretária.

**Fale-nos do conflito entre os “lisboas” e os açorianos e a “caça aos comunistas”.**

Nesse tempo a comunidade portuguesa estava mais dividida. Os açorianos dividiam-se ao longo da terra de cada ilha. Reuniam-se na sua igreja, nos seus clubes, nas suas celebrações tradicionais. Cada ilha mantinha a sua individualidade própria. Ainda hoje isso se dá, mas sem rivalidade. Nesse tempo os continentais e os madeirenses eram estrangeiros. Os continentais eram conhecidos e malqueridos, como “lisboas”. Disseram-me que alguns dos mais velhos açorianos diziam que preferiam ver as suas filhas num caixão do que casadas com um “lisboa”. Por seu lado, os madeirenses mantêm vida própria e diferente, ainda não admitem na direção dos seus clubes ou organizações alguém que não seja da Madeira. E essa tradição continua a manter-se.

A quezília contra os “lisboas” nasceu também da atitude gabarola com que aqui chegaram alguns continentais, que se julgavam superiores aos açorianos, e estes ressentiram-se, e com razão. E depois tinham a mania de ser “engatatóes”; causaram alguns estragos entre as moças açorianas, coisas que os ilhéus não podiam admitir. E a solução foi criar clubes continentais. E nasceu o Clube Republicano, para acolher os refugiados políticos da ditadura salazarista, clube que anos mais tarde foi forçado a encerrar, quando a América foi tomada por uma onda anticomunista, e alguns dos antissalazaristas foram investigados. Uma portuguesa foi deportada, e alguns temeram pela sua segurança. E muitos continentais antissalazaristas foram obrigados a baixar a crista. O jornal *The Standard Times*, que era republicano, chegou a contratar um espião português para identificar os “comunistas” da comunidade portuguesa. Claro, não havia comunistas, apenas antissalazaristas. Eu, que estava no *Diário de Notícias*, devido aos meus escritos de caráter um pouco à esquerda do centro, sobre mim recaíram algumas suspeitas, insufladas pelo cônsul Vilela, que era inimigo do João Rocha. E um dia, o dito espião português foi a minha casa, para me conhecer e apoiar os meus artigos no jornal, e começou por falar-me nos “nossos amigos”, para a direita, os “nossos amigos”, para a esquerda; chegou a

mentonar o escritor Rodrigues Miguéis (que não conheci pessoalmente, e que antes do meu ingresso no *Diário de Notícias* terá publicado algumas crónicas no jornal), e eu fiquei indeciso, sem saber qual fora a finalidade da sua visita. Só depois me disseram que o visitante, que por acaso, era irmão do meu barbeiro, era espião.

Ainda acerca dos “lisboas”, chegaram realmente aqui alguns caracteres de maus fígados, tiveram encrencas sérias com a polícia. Alguns eram homens de navalha de ponta e mola, e quando havia bulhas, alguém ficava sangrando. Não tive conhecimento direto de nenhum desses incidentes. Mas, segundo o João Rocha, os homens que tiveram lutas com a polícia fugiram para a zona de Ludlow, onde existe uma numerosa comunidade continental, e nunca foram apanhados.

**Conte-nos um episódio, ou vários, que mais o marcaram na sua vida jornalística, de preferência das décadas mais antigas.**

Há variados e muitos episódios que passo a recordar:

*Presidente da Sociedade Pedagógica Portuguesa*

Quanto à “vida social” não foi por aí além. Fizeram-me presidente da Sociedade Pedagógica Portuguesa, criada para dar bolsas de estudo a alunos que tencionavam seguir a carreira universitária, e durante o meu mandato, de quatro anos, foram galardoados dez alunos todos os anos, com mil dólares cada. A festa de entrega realizou-se sempre no salão do New Bedford Hotel.

Devo acrescentar que o meu papel de presidente foi facilitado pela professora Laurinda Andrade. Ela é que era a presidente real. Era uma mulher inteligente e portuguesa dos quatro costados. Deve-se a ela a introdução do ensino da língua portuguesa no liceu de Bedford. Nas reuniões que haviam de vez em quando eu era o único homem entre um numeroso grupo de mulheres. Eu, com o maço na mão, para assinalar o princípio e o fim da reunião, e a Laurinda, com sua voz possante, é que dizia o que se estava planeando, e eu dava a martelada final, e pronto.

Mas as festas que estas senhoras faziam eram acontecimentos sociais importantes, pois havia sempre um convidado especial, como o embaixador português ou brasileiro, ou alguém da política americana, como John Kennedy, quando foi candidato à presidência dos EUA.

Havia um industrial português, no Brasil, que quando vinha ao médico, em Boston, contribuía sempre com mil dólares para o fundo de bolsas de estudo. Mas, como tudo tem princípio e fim, já não sei se a Sociedade Pedagógica ainda existe. Que eu saiba, não.

A propósito de uma dessas festas no New Bedford Hotel, lembro-me que os convidados vinham entrando, entre eles a esposa do embaixador brasileiro, toda espampanante, num casaco com penas de pavão. Eu, e outros mirones estávamos apreciando o espetáculo e, ao pé de mim, estava o Abílio Águas que, embora careca, era uma figura de autêntico diplomata, e quando a senhora ia a passar, ele cumprimentou-a e beijou-lhe, cerimoniosamente, a mão. E eu, que ia atrás do Águas, peguei também na mão da senhora e, com o meu melhor sorriso, dei-lhe um beijinho de imitação. Mas não me senti bem, com a minha mão esguia de lavrador, na mão fina e macia da senhora embaixatriz. O Águas, embora careca e surdo, ocupara cargos diplomáticos no continente, em África e aqui, e era casado com a filha do académico que interpretou os “gatafunhos” da conhecida Pedra de Dighton, que atribuiu a navegadores portugueses.

*A ligação a António Alberto Costa e a “gorjeta” do Dinis*

Parece-me que chegou o momento de mencionar um homem que esteve diretamente envolvido no meu percurso como elemento da “onda” ciclópica da informação social. E esse homem, com quem estive ligado por mais de duas décadas, foi António Alberto Costa. O António trabalhava com um dos linótipos de composição, logo à entrada da porta da oficina do jornal. Foi a ele a quem entreguei a minha primeira “Crónica da Minha Rua”. Mais novo do que eu, com seu verniz lisboeta, mais

desenvolto, mais atiradiço, tinha uma costela de “showman”; gostava do espetáculo, de se mostrar em público e alcançou popularidade entre a nossa gente. Organizava festas e espetáculos, teve um programa na televisão, além do programa na rádio, que nós fazíamos, primeiro juntos, e depois separados, ele iniciou uma “linha aberta”, e eu lia, além das notícias, os meus comentários e poesias, juntamente com a publicidade que cada um conseguia junto do comércio, pois sem dinheiro não havia música pra ninguém.

O António era um rapaz de sonhos e iniciativa, e quando decidiu sair do jornal montou uma casa de importação de faianças portuguesas e teve algum sucesso. E quando o programa inicial se transformou numa emissora de 24 horas por dia, ele tentou comprá-la, mas o seu advogado, Edmundo Dinis, achou que ele é que devia ser o proprietário, e assim aconteceu. E o programa “Ecos de Portugal”, por nós fundado, é hoje a maior rádio portuguesa na América, a WJFD. Com o fim do jornal, continuei ligado à rádio, como diretor de notícias, até à minha aposentação. Ao mesmo tempo colaborava no *Portuguese Times*, com uma crónica semanal, a qual era lida todos os domingos no *Portuguese Channel/Canal Vinte*. No tempo de Edmundo Dinis, ele dava-me um subsídio extra, pois além das notícias, ele queria três crónicas semanais, à segunda, quarta e sexta. Não sei se o seu português percebia tudo o que eu dizia, mas, aparentemente, os sons das minhas falas caíam-lhe bem, e para isso, além do salário, dava-me uma “gorjeta”.

#### *“Falando fiz a minha vida” e outras histórias*

Tenho aqui mais meia dúzia de notas sobre um indivíduo que, calado, fez a sua vida falando. Sim, sempre falando. Foi este o meu emprego, o meu fado e, sem dúvida, o meu fim será mesmo ficar calado. Já fiz publicamente os convites para o meu último almoço que, mesmo calado, quero partilhar com todos vocês. E seria talvez interessante se os ovos e o bacon fossem acompanhados com alguns dos meus poemas, com música suave que, decerto, não vão interferir com a vossa digestão. Dito isto, vou ver se tiro da memória já um tanto desmiolada, algumas das primeiras impressões da chegada. Minha mulher era descendente de gente da ilha Terceira, e sua mãe, que faleceu com 104 anos de idade, chegou aqui com dois anos e meio. Veio com o pai e mais quatro irmãos. A mãe e esposa do pai ficou lá na ilha, e mais tarde veio com mais cinco filhos. Ao todo, dez irmãos, cinco rapazes e cinco moças. Estas distinguíam-se pela cor do cabelo, não loiro, mas vermelho. Descendentes, decerto, de imigrantes do norte da Europa. O pai, João, conhecido como o “carcereiro”, para manter a numerosa família, trabalhava como estivador, doze horas por dia. Contava a minha sogra que, no inverno, saía de noite e entrava de noite, pelo que só o viam ao domingo para ir à missa. Por aqui se pode avaliar o sacrifício desses primeiros imigrantes.

E eu, que sempre gostei de estar na cama de manhã, arrepia-me só em ouvir minha sogra contar a sua vida de criança, e os sacrifícios do pai. A vida da comunidade portuguesa em 1950 era muito diferente. Nesse tempo, a maioria dos imigrantes eram analfabetos. Viviam como sabiam e com todos os preconceitos que haviam trazido no saco do queijo e da linguiça. Muitos haviam chegado no tempo da grande depressão, das décadas de vinte e trinta, e alguns foram forçados a regressar a penates por caridade, e perderam tudo o que haviam conseguido amealhar. Muitas famílias utilizavam a banheira para salgar o porco.

#### *Amália Rodrigues e o (não) gosto pelo fado*

Recordo um episódio que estava perdido no canto da memória. É que, ainda antes de trabalhar no jornal, eu havia escrito uma crónica contra o fado, que o Rocha publicou na primeira página. Era coisa nova cá na “colónia”, e como ele gostava de atizar os humores, e criar algum interesse à volta do “papel”, a resposta à minha ousadia de garoto não se fez esperar. Saiu-me ao caminho o então secretário-geral da União Portuguesa Continental, antigo jornalista e funcionário do Consulado de Portugal, de Boston, homem inteligente e simpático com quem mais tarde vim a contactar de perto,

porque ele escrevia uma página-anúncio, todos os meses sobre o movimento da associação, que tinha sucursais em todos os núcleos portugueses de Nova Inglaterra. E com os argumentos normais de quem percebe de fado, deu-me uma sova mestra.

Ora eu, que tinha ainda a fervilhar no bestunto as teorias e conceitos humanistas dos neorrealistas de Coimbra, através da sua revista *Vértice*, não respeitei o meu apelido e volto à carga com novo artigo, expondo as minhas razões anti-fadistas. O Aníbal Branco volta a responder, e andamos ali umas semanas debatendo a essência da nossa “canção nacional”. Que eu, nessa altura do meu crescimento intelectual, considerava o fado como uma “canção decadente”, de taberna, faca e alguidar, amores traídos, desgraças, e tudo de mau que pude imaginar. E que as verdadeiras canções nacionais, eram o corridinho, o bailinho, a chamarrita e todas as canções do povo. E citei a frase de um filósofo espanhol, de que os portugueses eram um povo triste, com o destino escrito na palma da mão: “Para los portugueses, el sol no nace nunca, muere siempre.”

E foi com esse mesmo sangue na guelra que, quando Amália Rodrigues veio à América pela primeira vez, contratada por Francisco Oliveira da “Hora Portuguesa”, eu, armado em jornalista, fui entrevistá-la, e disse-lhe logo entrada, “olhe que eu não gosto do fado”. Amália, que era ainda uma jovem donzela, sorriu, acanhada, e tivemos depois uma breve conversa amigável cujo conteúdo não me recordo. O meu colega, António Alberto Costa, lisboeta ferrenho, percebia mais de fado do que o provinciano que eu era. Mais tarde vim a perceber que havia no fado mais qualquer coisa do que amor, pinga e faca. Hoje considero o fado como uma espécie de filosofia astral, parente do sangue e da raça do povo que nos gerou

#### *Agradecimento e “pé na poça”*

Depois da nota sobre o fado, parece-me que é tempo de encerrar esta breve história de alguém que, vindo da terra lusa, procurou na terra de índios de além-mar, o sonho dos “sem terra” do mundo em redor. E, em vez de terra, encontrei na palavra escrita e lida aos microfones da rádio e televisão, instrumentos máximos da era da informática, de uma carreira que se prolongou até aos 85 anos da minha já longa existência, e dela fiz a minha vida, o meu espaço e maneira de estar no mundo. E além de tudo o que disse e fiz nessas dezenas de anos de convivência com os meus irmãos da diáspora, pouco resta, além de algum velho jornal que resistiu ao destino de ir para o lixo embrulhado em cascas de batatas e escamas de peixe, e duas dezenas de Placas, “Resolutions”, “Citations”, do estado de Massachusetts e de clubes e organizações de New Bedford e Fall River, do *Portuguese Times*, do *Jornal*, de Fall River e do *Jornal da Bairrada*, e ao centro de todos esses enfeites, a Comenda da Ordem de Mérito do governo de Portugal. Tudo isso não é dinheiro, mas simplesmente a prova de que alguém na plateia bateu palmas ao lavrador, armado em homem de letras e palavras, que encontrou o sonho que procurava, de ser jornalista.

E depois de tudo isto, que mais vos posso dizer? Em primeiro lugar, agradecer a uma pessoa ilustre que se interessou em que eu dissesse algo de minha justiça para a sua revista literária. E eu, que estava em processo de fechar definitivamente o saco das palavras, não muito entusiasmado, cedi, porque uma memória batida e danificada por noventa e sete longos anos de uso, já não possui a agilidade iconoclasta de dizer na cara da nossa rainha da canção nacional, que não gostava de fado. Hoje, neste estádio da minha carreira, sinto-me às vezes envergonhado por muitas coisas e situações em que estive envolvido, e um rubor sobe me às faces como se tivessem acontecido agora. A Dona Memória, tão velha como eu, gosta de pregar partidas, e coloca-nos diante dos olhos da alma, situações ocorridas há dezenas de anos, em que metemos a “pata na poça”, como diria Raúl Solnado.

#### **Ainda continua ligado à comunicação social?**

A rádio e televisão já não. Mas continuo a publicar crónicas no *Portuguese Times* e no *Jornal da Bairrada*.